

DAPHNE  
DU MAURIER



REBECCA

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

DAPHNE DU MAURIER

(1907-1989)

# *Rebecca*

Romance

1938

Tradução

Lígia Junqueira Caiuby

e Monteiro Lobato

## Sinopse

Todo o estranho encanto de Manderley tinha sido obra de Rebeca, a primeira mulher de Max de Winter. Max voltara a casar. E a sua segunda mulher, jovem e indefesa, sentia-se uma intrusa. A cadeira em que se sentava pertencera a Rebeca, o serviço de louça que utilizava também havia sido de Rebeca, os rododendros, de um vermelho-vivo, no jardim, eram as flores preferidas de Rebeca. Apesar de ter morrido, Rebeca continuava presente como um fantasma, a dominar a enorme casa e, pouco a pouco, à medida que o tempo passava, a jovem e tímida recém-casada sentia que o destino tecia uma trama de mistério e perigo iminente que ameaçava toda a sua vida e mesmo o seu casamento.

Daphne du Maurier vivia na Cornualha, no imponente solar que inspirou sua descrição de Manderley. Além de Rebeca escreveu outros best-sellers, como Jamaica Inn, Frenchman's Creek e My Cousin Rachel.



**NA NOITE PASSADA** sonhei que tinha ido novamente a Manderley. Pareceu-me ter ficado por algum tempo diante do portão de ferro, fechado a cadeado. Chamei, no meu sonho, pelo porteiro; não obtive resposta; olhando com mais atenção por entre as grades enferrujadas, vi que a portaria estava deserta.

Nenhuma fumaça na chaminé; as janelazinhas se abriam numa atitude de tristeza infinda. Então, como acontece nos sonhos, senti-me de súbito possuída de poderes sobrenaturais, e transpus, qual um espírito, aquela barreira. O caminho serpenteava à minha frente, com as mesmas curvas de outrora; à medida que avançava, porém, notei mudança; mais estreito e descuidado; não era mais o caminho que tínhamos conhecido. Fiquei perplexa a princípio, sem nada compreender; e só quando tive de baixar a cabeça para não roçar um galho de árvore percebi o que acontecera. A Natureza havia reconquistado os seus direitos, e pouco a pouco, na sua maneira insidiosa, ia abafando o caminho. A vegetação invasora triunfava. Plantas sombrias e rebeldes sobre ele debruçavam seus ramos. As faias de troncos lisos e esbranquiçados, crescidas muito próximas umas das outras, entrelaçavam a galharia, fechando-se em abóbada sobre a minha cabeça. E havia ainda outras árvores que eu não reconhecia: carvalhos atarracados, olmos tortuosos, emersos da terra silenciosa em conjunto com outras plantas que me pareciam monstruosas e de que eu não tinha recordação.

O caminho de outrora transformara-se em simples trilha, com o pedregulho desaparecido sob a invasão de musgos e grama. Galhos rasteiros embaraçavam-me a marcha; raízes nodosas pareciam garras macabras... Dispersos aqui e ali, em meio a essa

vegetação desordenada, eu reconhecia arbustos que nos tinham servido de marcos em nosso tempo; criaturas de beleza e graça, famosas hortênsias de tufo azuis. Como nada lhes houvesse embaraçado o desenvolvimento, asselvajaram-se, tornaram-se primitivas, elevando-se a alturas incríveis, mas sem flores, de folhagem sombria e feia como a das parasitas anônimas que ao lado cresciam.

Mais e mais, agora para leste, depois para oeste, desdobrava-se a simples trilha que fora outrora o nosso caminho. Sumia-se às vezes, para ressurgir de novo de sob um tronco deitado, ou para além de pequenos brejais criados pelas chuvas do inverno. E nunca me pareceu tão longa a distância, como se as milhas também se houvessem multiplicado. E a senda conduzia provavelmente a algum ermo labirinto selvagem, não mais à casa que eu tinha em vista. Não obstante, dei de súbito com ela: o crescimento louco da vegetação a ocultara até o último momento. Entreparei. Meu coração palpitava acelerado; um ardor nos olhos impedia-me as lágrimas.

Ali estava Manderley, nossa Manderley, reservada e silenciosa como sempre; a pedra gris rebrilhava ao luar do meu sonho; nas vidraças refletiam-se o terraço e o gramado verde... O Tempo não quebrara a perfeita simetria daqueles muros, nem o encanto daquele sítio maravilhoso — joia no côncavo da mão de alguém.

O terraço erguia-se a cavaleiro do gramado que se projetava até o mar; voltando-me pude ver o lençol prateado, tão calmo sob o olhar da lua, de uma placidez de lago que os ventos não perturbam. Não havia ondas para encrespar aquele mar de sonho, nem nuvens a obscurecerem o suave palor do céu. Olhei de novo para a casa: embora permanecesse inviolada, como se a tivéssemos deixado na véspera, o jardim em torno obedecera à lei da jângal, como sucedera com o caminho. Os rododendros elevaram-se a cinquenta pés de altura, enlaçados a outras plantas, em estranho conúbio com arbustos sem nome, pobre ralé a arrastar-se humildemente sobre o raizame.

Um lilazeiro se unira a uma faia; e para ligá-los ainda mais intimamente, a hera maldosa — eterna inimiga da graça —

enroscara-se à volta deles. Começava a hera a preponderar naquele jardim perdido, com os longos tentáculos avançando sobre a relva, rumo à casa. Plantas invasoras, vindas de sementes muito tempo adormecidas sob as árvores, viçavam agora, desgraciosamente, em companhia da hera; sugeriam a forma de ruibarbos gigantes emersos da relva macia outrora pintalgada de narcisos.

Urtigas por toda parte — a vanguarda do exército. Cobriam o terraço, espalhavam-se pelas alamedas do jardim e, frouxas, encostavam-se até às janelas da casa. Sentinelas descuidadas, pois suas fileiras tinham sido rompidas em muitos pontos pelas plantas loucas que ali exibiam a sua vulgaridade. Cheguei até o terraço, pois as urtigas não constituem obstáculo a quem sonha — no meu encantamento nada podia deter-me. O luar tem grande influência sobre a imaginação, mesmo a imaginação de quem sonha. E ali, queda e silenciosa, eu juraria não ser a casa uma concha morta, mas um ser que respirava, que palpitava de vida como outrora.

A luz coava-se pelas vidraças, as cortinas balouçavam-se com suavidade no relento da noite, e lá na biblioteca a porta estaria entreaberta como a deixáramos, com o meu lenço sobre a mesa, ao lado do vaso com rosas do outono.

O quarto trairia a nossa presença. Livros, um número já lido do *The Times*. Cinzeiros, um toco de cigarro; sobre as cadeiras, almofadas denunciando a pressão de nossas cabeças; tições envoltos de cinza branca na lareira, ainda mornos. E Jasper, o nosso querido Jasper, estirado sobre o tapete, de cauda erguida ao perceber os passos do seu senhor.

Uma nuvem erradia velou a lua, mão de sombra a cobrir um rosto. Com o desaparecer da lua foi-se a ilusão; as luzes das janelas se apagaram. A casa fizera-se concha vazia, sem alma, sem suspiros ou evocações do passado.

Um túmulo, a casa; nossos sofrimentos e temores sepultos em ruínas. Impossível a ressurreição. Não me viriam pensamentos amargos, quando em minhas horas de insônia evocasse *Manderley*. Pensaria na mansão como ela o fora.

Teria recordações do jardim das rosas no estio, dos pássaros a cantarem pela manhã. Do chá sob o castanheiro, do murmúrio do

mar subindo até nós.

Lembrar-me-ia do Vale Feliz e do lilazeiro em flor. Essas coisas eram permanentes, não podiam esvair-se nunca. Eram memórias felizes. Tudo isto resolvi eu no meu sonho, enquanto a sombra velava o rosto da lua. Porque, como é comum entre os que sonham, eu sabia estar sonhando. Achava-me, na realidade, a centenas de milhas dali, em terra estranha, e acordaria dentro de poucos segundos num pequeno quarto de hotel, consolador justamente pela falta de ambiente.

E daria um suspiro, e me espreguiçaria, e ao abrir os olhos ficaria admirada de ver brilhar o sol num céu metálico, tão diferente do meigo luar do meu sonho... O dia se estenderia diante de nós, longo sem dúvida, sem acontecimentos, mas impregnado de certa quietude, duma tranquilidade feliz que dantes não conhecêramos. Não falaríamos sobre Manderley, eu não contaria o meu sonho. Porque Manderley não era mais nossa. Manderley não mais existia.

## 2

**VOLTAR ATRÁS** é impossível. O passado ainda está muito perto de nós, e as coisas que tentamos esquecer nos voltariam à memória, -e aquela sensação constante de medo, de furtiva inquietação, em luta para silenciar o pânico desarrazoado — agora vencido graças a Deus! — poderia de uma maneira imprevista tornar-se um companheiro de todos os momentos, como no passado.

Ele é muito paciente, nunca se queixa, nem mesmo quando se recorda... o que sucede, penso eu, mais vezes do que ele gostaria que eu soubesse.

Sim, é o que posso adivinhar do seu olhar perplexo, que se perde de repente num rosto onde a expressão desaparece às súbitas, como que afastada por mão invisível; e em lugar aparece a máscara, coisa esculpida, grave, fria — sem vida, apesar de bela. Começará a fumar cigarro após cigarro, sem dar-se ao trabalho de apagá-los — e as pontas a arderem ao léu parecerão pétalas

acesas. Falará rapidamente, agitado, sobre coisas sem importância aferrando-se a qualquer assunto como panaceia ao sofrimento. Dizem que os seres humanos se elevam pelo sofrimento, e que para progredirem neste ou em outro mundo hão de passar pela prova de fogo. Assim nos sucedeu — e com que ironia! Ambos conhecemos o medo, a solidão, e a grande, a grande tristeza. Suponho que cedo ou tarde sobrevém um momento de provação na vida de todos nós. Cada um de nós tem o seu demônio, que nos instiga e atormenta, e a quem temos que dar combate. Eu e ele vencemos o nosso, ou pelo menos assim me parece.

O demônio não mais nos persegue. Atravessamos a nossa crise, embora não ilesos, é claro. Os seus pressentimentos de desastre eram acertados, desde o princípio; e, como espalhafatosa artista numa peça medíocre, posso dizer que nós compramos a liberdade. Mas já houve melodrama em excesso em minha vida, e tudo eu daria para conservar a paz e a tranquilidade conquistadas. Felicidade não é uma posse concreta — é uma qualidade do pensamento, um estado de espírito. Claro que temos os nossos momentos de depressão; mas outros momentos há também, em que o tempo não é medido pelo relógio e se prolonga pela eternidade. Então vendo-o sorrir para mim, sei que estamos juntos, que marchamos lado a lado, sem divergências de alma.

Segredos não temos um para o outro: a harmonia entre nós é perfeita. Verdade que o nosso hotel é pouco interessante, comida sem requintes, dias iguais um ao outro; mas não desejaríamos que as coisas fossem de outro jeito. Nos grandes hotéis iríamos encontrar muitas pessoas que ele conhece.

Ambos somos amigos da simplicidade e, se nos sentimos entediados algumas vezes... oh, o tédio é um bom antídoto para o medo. Vivemos sempre na mesma rotina, e eu... eu tornei-me excelente na leitura em voz alta. As únicas vezes em que o vejo impacientado é quando o carteiro demora, pois talvez isso indique termos de esperar mais um dia pela nossa correspondência da Inglaterra! Experimentamos o rádio, mas é tão irritante! De mais a mais, preferimos prolongar a nossa expectativa; o resultado de um jogo de críquete disputado dias antes significa muito para nós.

Oh, os jogos do campeonato que nos pouparam horas de tédio, as lutas de boxe, até mesmo as partidas de bilhar...

Finais em colégios de meninos, corridas de cães, competições sem importância nos mais remotos condados, tudo é alimento para a nossa fome insaciável. As vezes, velhos números do Field me chegam às mãos, e sinto-me transportada desta ilha sem importância onde me acho à realidade duma primavera inglesa. Leio sobre o gorjear dos passarinhos, sobre flores a abrirem-se em campos esmeraldinos, sobre gralhas esvoaçantes acima dos bosques — como era em Manderley.

Das páginas rasgadas, de tão lidas, me vêm o cheiro de terra úmida, o gosto acre de turfa do brejo, a sensação dos musgos orvalhados, salpicados de branco nos lugares por onde a garça passou.

Encontrei certa vez um artigo sobre pombos selvagens; e, ao lê-lo em voz alta, senti-me como se me achasse de novo dentro da espessa mata de Manderley, com pombos esvoaçando sobre minha cabeça. Eu ouvia-lhes o meigo arrulho, tão consoladoramente refrescante nas tardes calmosas de verão, e nada perturbava essa paz até que Jasper vinha procurar-me, o focinho úmido farejando o solo. Como velhas beatas surpreendidas na intimidade, os pombos debandavam dos esconderijos rumorosamente. Após a fuga precipitada, novo silêncio caía sobre a mata — e eu, inquieta por uma razão inexplicável, via que o sol deixara de tecer arabescos na folhagem sussurrante, que os verdes se faziam mais escuros — e mais compridas as sombras; lembrava-me que em casa havia medronhos frescos para o chá... E me levantava então de um leito de folhas mortas, sacudindo da saia a poeira de folhas e assobiando para Jasper punha-me a caminho de casa, desprezando-me a mim mesma pela pressa com que meus pés venciam a distância.

Estranho que um artigo sobre pombos pudesse de tal modo evocar o passado, fazer assim tremer a minha voz. A palidez de seu rosto, porém, fez-me parar repentinamente, e voltar as páginas até o encontro dum parágrafo pouco interessante sobre um jogo de críquete. Como abençoei aquelas calças de flanela branca que conseguiram distrair-lhe a atenção, fazer voltar a cor àquele rosto

querido! Tínhamos parado a tempo no limiar do passado, e eu aprendera a minha lição. Ler as notícias da Inglaterra, sim, sobre esportes e política, e festas sociais; mas guardar só para mim, no futuro, aquilo que pudesse despertar recordações que magoassem. Será esse um privilégio meu. Cor, e perfume, e som; o murmúrio da água, até mesmo as neblinas do outono e o cheiro da maré alta — memórias de Manderley de que eu não me saberia privar. Tenho certa maniazinha que parecerá estranha, e talvez não muito interessante. Sou uma inesgotável fonte de informações sobre a vida no interior da Inglaterra.

Conheço o nome dos proprietários de cada pedaço de terra, e dos rendeiros também. Posso dizer quantos galos selvagens são mortos, quantas perdizes ou veados. Sei em que pontos estão sendo criadas as trutas, onde pode ser encontrado salmão. Compareço a todas as reuniões, frequento todas as corridas. Até mesmo o nome dos criadores de cães de caça me é familiar. O estado das colheitas, o preço do gado gordo, os males misteriosos dos suínos — tenho por tudo isso especial carinho. Passatempo pouco interessante talvez, e não muito intelectual, mas ao ler essas coisas sinto-me a respirar de novo o ar da Inglaterra, e posso depois olhar para este céu brilhante com mais coragem e menos desconsolo.

Os vinhedos miseráveis e as pedras em ruínas tornam-se, aos meus olhos, coisas sem importância, porque se eu quiser posso dar asas à imaginação, e ir colher digitalis e verbascos brancos numa sebe orvalhada.

Pobres fantasias da imaginação, doces e inofensivas! São as inimigas da amargura e da saudade, doces e inofensivas fantasias que suavizam de leve o nosso voluntário exílio.

São elas que me permitem gozar as tardes, e voltar refeita e sorridente, para repetir o pequeno ritual do nosso chá, cuja ordem nunca muda. Duas fatias de pão com manteiga para cada um, e chá da China. Que casal conservador devemos parecer, mantendo assim os mesmos hábitos que tínhamos na Inglaterra! Aqui, nesta pequena sacada branca e sem personalidade, batida há anos pelo sol, lembro-me do chá às quatro horas em Manderley, naquela

mesa em frente ao fogo da lareira. A porta que se abria, invariavelmente à mesma hora, e o cerimonial sempre repetido: o chá, a bandeja de prata, a chaleira, a toalha cor de neve. E Jasper, a fingir indiferença à chegada dos bolos apetitosos. Verdadeiro festim, e no entanto comíamos tão pouco! Ainda posso ver aqueles "sonhos" deliciosos, as torradinhas quebradiças, os bolinhos macios. Sanduíches de todas as qualidades, de sabores misteriosos; e aquele pão especial... O bolo de anjo, que parecia derreter na boca, e o seu companheiro mais sólido, rico em passas e frutas secas. Petiscos suficientes para sustentar uma família durante uma semana inteira. Nunca vim a saber o destino que davam àquilo tudo, e esse desperdício às vezes me preocupava.

Jamais me atrevi a tocar no assunto com Mrs. Danvers.

Ela me olharia com desprezo, sorrindo daquela sua maneira superior e gélida, e certamente que me diria: "Nunca houve queixa alguma no tempo de Mrs. de Winter". Às vezes penso no que estará agora fazendo Mrs. Danvers. Ela e Favell. Creio que foi a expressão do rosto de Mrs. Danvers que primeiro despertou em mim aquela sensação de inquietude.

Instintivamente pensei: "Está-me comparando com Rebecca" — e, aguda qual espada, a sombra surgiu entre nós...

Bem, está tudo acabado agora — e acabado de vez. Já não vivo atormentada, e estamos ambos livres, afinal. Até mesmo o meu fiel Jasper foi-se deste mundo; Manderley deixou de existir. Jaz como concha vazia no emaranhado de bosques espessos, tal o vi no meu sonho. Multidão tumultuária de ervas daninhas — viveiro de pássaros. Uma vez ou outra, talvez algum vagabundo ou caminhante transviado vá lá ter, buscando abrigar-se de repentina chuva; e, se for ele homem de coragem, talvez lá possa errar impunemente. Mas o viandante tímido, o medroso ladrão de caça... ah, não! Os bosques de Manderley não os atraem. Porque poderiam ir dar à pequena cabana da enseada, e não se sentiriam bem sob o teto em ruínas, a ouvirem o insistente e fino tamborilar da chuva. Talvez ainda lá persista certa atmosfera de constrangimento... E aquela curva do caminho, de onde as ervas expulsaram o pedregulho, também não é lugar para criatura humana, sobretudo

após o ocaso. O afiar das folhas lembra passos furtivos de mulher em trajes noturnos, e quando as folhas tremem repentinamente, e caem, e se espalham pelo chão, podem ser passos duma mulher apressada... e as marcas nos calhaus talvez representem o molde dum salto alto de sapatinhos de cetim.

Quando me lembro dessas coisas é que me volto com alívio para a paisagem que se descortina do nosso balcão.

Aqui, nesta claridade forte, não existem sombras; os vinhedos pedregosos brilham ao sol, as buganvílias estão cobertas de poeira. Talvez um dia eu chegue a olhar para tudo isto com afeição. Já hoje eu sinto, se não amor, pelo menos confiança.

E confiança é valor que prezo, apesar de tê-la conhecido um pouco tarde na vida. Creio que foi por ver como Ele depende de mim que me tornei ousada, afinal. Perdi pelo menos a timidez, consegui vencer minha reserva, o acanhamento que sentia na presença de estranhos. Estou muito diferente daquela menina que chegou a Manderley tão esperançosa e cheia de boa vontade, prejudicada pela gaucherie e animada dum intenso desejo de agradar. Minha falta de desembaraço havia de causar má impressão em pessoas como Mrs. Danvers. O que não teriam pensado de mim, depois de Rebecca! E agora, a memória transpondo os anos dum só voo posso verme como eu era — cabelos cortados, lisos, rosto tão jovem, sem pintura alguma, trajando vestido mal feito e um suéter de minha criação — a seguir Mrs. Van Hopper qual tímido e inquieto potrinho. Íamos para o almoço, ela na frente, o corpo curto e desproporcionado equilibrando-se mal nos sapatos de salto alto. Pavoneava-se numa blusa de pregas vistosas, que rendia homenagem ao seu busto enorme; cadeiras balançantes, e sobre a cabeça um chapéu novo, enfeitado de imensa pluma oblíqua, que lhe deixava à mostra a testa larga e nua como um joelho de menino. Numa das mãos carregava a alentada bolsa, daquelas que podem conter passaportes, cadernos de apontamento e marcadores de bridge; e com a outra brincava com seus inevitáveis óculos de ópera, esse inimigo da liberdade e do sossego alheios.

Ela se encaminharia para a sua mesa habitual junto à janela, a um canto do restaurante e, colocando os óculos sobre os olhos

pequenos como os de um suíno, examinaria a sala da direita para a esquerda. Depois, deixando cair um vidro seguro pela fita de veludo preto, exclamaria com ar de desprezo: — Nem uma só pessoa de destaque! Mas vou reclamar do gerente redução em minha conta. Por que motivo pensam eles que vim para aqui? Contemplar os porteiros? E ela chamaria o garçom, na sua voz áspera, em staccato, cortante como um serrote.

Como o nosso pequeno restaurante é diferente daquela vasta sala de jantar, pretensiosa e enfeitada, do Hotel Cote d'Azur, em Monte Carlo! E o meu companheiro de hoje — de mãos firmes e bem feitas, descascando tangerinas à sua maneira calma e metódica, e sorrindo de vez em quando para mim — como é diferente daquela Mrs. Van Hoper de dedos gordos cheios de joias, que examinava com atenção a imensa montanha de ravióli à sua frente, com olhares de desconfiança para o meu prato, receosa de que eu tivesse feito a melhor escolha! Mas seria inútil preocupar-se, pois o garçom, com a perspicácia de todos os garçons, havia muito já percebido a minha posição de inferioridade, e me serviria um prato de presunto e língua que minutos antes alguém fizera voltar ao balcão dos frios, por estar mal cortado.

Estranho, aquele ressentimento dos criados, aquela mal disfarçada impaciência. Lembro-me de ter uma vez acompanhado Mrs. Van Hopper a uma casa de campo; a criada nunca atendia meus tímidos chamados, nem me levava para cima os sapatos; o café da manhã, sempre frio, era posto do lado de fora da porta do meu quarto. O mesmo acontecia na Cote d'Azur, em escala menor, é verdade; mas às vezes a estudada indiferença se transformava em desagradável familiaridade sorridente, o que me tornava penosa a ida à caixa em busca de selos. Como eu devia parecer inexperiente e criança, e como me sentia assim! Eu era por demais sensível, via espinhos e alfinetadas em frases que na maior parte das vezes não eram ditas com intenção. Lembro-me bem daquele prato de língua e presunto. Seco, pouco apetitoso, mal cortado, mas não tive a coragem de recusá-lo. Comíamos em silêncio, pois Mrs. Van Hopper à mesa era sempre muito compenetrada; e, pela maneira como o

molho escorria pelo seu queixo, era fácil saber que o prato de ravióli lhe agradava.

A cena evocada não era de molde a despertar-me o apetite; e, desviando o olhar, vi que a mesa pegada à nossa, que durante três dias estivera vazia, fora reservada a um novo hóspede. Apareceu o novo hóspede. O maître-d'hotel indicou-lhe o lugar, com aquela deferência, aquela curvatura especial reservada às personagens importantes.

Mrs. Van Hopper pousou o garfo e segurou os pequenos óculos.

Corei ao vê-la encarar daquele modo o recém-chegado que, sem perceber o interesse que despertava, lia o menu.

Afinal Mrs. Van Hopper fechou os óculos com energia e, inclinando-se para mim por sobre a mesa, disse numa voz um pouco alta demais, enquanto seus olhinhos brilhavam de animação: — Max de Winter, o proprietário de Manderley. Você já ouviu falar dele, com certeza. Parece doente, não? Dizem que não se conforma com a morte da mulher...

### 3

**FICO ÀS VEZES IMAGINANDO** o que seria hoje minha vida se Mrs. Van Hopper não fosse tão esnobe.

Pensar que o curso da minha existência se prendia, como de um fio, ao modo de ser dessa pessoa! Sua curiosidade era doença, mania quase. A princípio eu ficava escandalizada, terrivelmente embaraçada, mesmo; era-me sumamente desagradável ver pessoas rirem-se nas suas costas, ou esgueirarem-se da sala ao vê-la entrar. Vinha todos os anos para o hotel Cote d'Azur, e o seu passatempo favorito, além do bridge, era gabar-se de conhecer todos os visitantes de importância chegados a Monte Carlo, embora tal conhecimento não passasse muitas vezes de mera apresentação ocasional, ou de terem estado presentes na mesma festa, em casa dum amigo comum. Conseguia sempre fazer-se apresentar; e antes que a vítima pudesse perceber o perigo, já o convidava para fazer-

Ihe uma visitinha no seu apartamento. O sistema de ataque era tão repentino e direto que raras vezes o agredido escapava. Mis. Van Hoper julgava-se com direitos especiais sobre certo sofá no hall, localizado entre o salão de recepção e o corredor do restaurante. Ali tomava o café depois do almoço e do jantar, de modo que todos tinham, inevitavelmente, de passar-lhe ao alcance. Às vezes me usava como isca para atrair a presa; e, embora aborrecesse aquela função, eu tinha de levar recados, pedir um livro ou jornal emprestado, saber do endereço de uma ou outra loja. As notabilidades eram para ela o que os tônicos são para os convalescentes; qualquer pessoa, cujo retrato houvesse aparecido numa revista social, lhe servia, embora mostrasse preferência pela nobreza. Nomes de pessoas que tinham comparecido a esta ou àquela reunião, escritores, artistas, atores, por medíocres que fossem, contanto que tivessem o nome impresso. Estou a vê-la como se fosse ontem, naquela tarde inesquecível — pouco importa há quantos anos já — F sentada no sofá do hall, estudando um plano de ataque. Eu conhecia os sintomas, podia ver pelos seus gestos bruscos, pela maneira como batia os óculos contra os dentes, que estava a pesar possibilidades. À mesa já eu havia percebido, ao vê-la recusar um prato e comer apressadamente o doce, que desejava concluir logo o almoço para já estar instalada no célebre sofá quando o recém-chegado por ali passasse. Virou-se subitamente para mim, com os olhinhos pequenos a luzirem: — Vá lá em cima, depressa, ordenou, e traga-me a carta do meu sobrinho. Você sabe qual é. Aquela escrita na lua de mel. E o instantâneo também. Vá e volte num minuto.

Vi que já tinha os planos formados e que o sobrinho iria servir de pretexto para a apresentação. Mais uma vez aborreceu-me ter de tomar parte em suas maquinações. Qual ajudante de pelotiqueiro, eu tinha de apresentar os suportes, e depois, silenciosa e atenta, esperar pelo meu próximo desempenho. Eu estava certa, entretanto, que o recém-vindo não apreciaria a interferência. Pelo pouco que eu havia observado à mesa do almoço, pelo que ela mesma me contara dez meses antes (graças a informações avidamente colhidas nos jornais e armazenadas para

aproveitamento futuro), tudo me levava a crer, apesar da minha mocidade e inexperiência, que ele não apreciaria aquela invasão de sua intimidade.

Nada tínhamos a ver com o motivo que o trouxera a Monte Carlo; seus aborrecimentos e preocupações somente a ele diziam respeito — coisa que qualquer pessoa, menos Mrs.

Van Hopper, teria sabido compreender.

Mas falatórios e bisbilhotices eram-lhe o pão de cada dia, e agora chegara a vez do recém-vindo ser dissecado por quem não conhecia o que fosse tato ou discrição. Encontrei a carta na escrivaninha, e hesitei um momento antes de voltar ao hall.

Pareceu-me — sensação inexplicável — que eu estava querendo dar à vítima a graça de mais alguns minutos de isolamento.

Faltou-me coragem para descer pela escada de serviço e no restaurante avisá-lo da emboscada. Não ousei; ademais nem saberia como formular o aviso. Nada podia fazer senão ir sentar-me ao lado de Mrs. Van Hopper, e vê-la estender a sua rede, qual enorme e comodista aranha.

Demorei-me mais do que supus, e quando voltei vi que o desconhecido já saíra do salão de jantar; temendo perdê-lo, Mrs. Van Hopper não esperara pela carta e arriscara-se à apresentação. Estavam ambos sentados no sofá. Atravessei o hall e entreguei-lhe a carta sem nada dizer. Ele ergueu-se imediatamente, e Mrs. Van Hopper, corada e animada pelo sucesso, fez um gesto vago na minha direção, murmurando o meu nome.

— Mr. de Winter tomará café conosco; vá pedir ao garçom que traga mais uma xícara, disse-me ela; a inflexão de sua voz indicava, de maneira apenas perceptível, qual a minha posição — que eu era uma criatura muito jovem e sem importância, não havendo, pois, necessidade de incluir-me na conversa. Falava sempre nesse tom quando desejava impressionar; era uma espécie de autoproteção, já que uma vez me haviam tomado por sua filha, o que muito nos embaraçara a ambas. Aquele tom indicava que eu podia ser ignorada; e as mulheres davam-me um cumprimento

breve, e os homens de novo afundavam-se nas poltronas, sem com isso ofenderem as regras de polidez.

Foi com surpresa portanto, que vi o recém-chegado continuar de pé e fazer ele mesmo o sinal ao garçom.

— Creio que sou obrigado a discordar, disse. Ambas vão tomar café comigo — e antes que eu pudesse perceber o que acontecera, já ele estava na cadeira dura que me era destinada e eu no sofá, ao lado de Mrs. Van Hopper.

Isso por um momento pareceu contrariá-la, pois não era assim que havia imaginado as coisas: dominou-se, porém, e, interpondo a sua volumosa figura entre mim e a mesa, inclinou-se para ele, falando animadamente e, sacudindo a carta na mão.

— Eu o reconheci assim que entrou no restaurante, e pensei logo: "Imaginem, lá está Mr. de Winter, o amigo de Billy, e é preciso que eu lhe mostre aquelas fotografias que Billy e a esposa tiraram durante a lua de mel". Esta é Dora.

Não é mesmo um amor? Veja que cinturinha fina, delicada, que olhos grandes e expressivos! Aqui estão, tomando banhos de sol em Palm Beach. Billy está louco por ela, o que é fácil de imaginar. Não a conhecia ainda quando deu aquela festa no Claridge — aquele baile onde vi o senhor pela primeira vez. Mas com certeza não se recorda de uma velha como eu...Isto foi dito em tom provocante, de dentes à mostra.

— Pelo contrário, lembro-me perfeitamente, respondeu ele e, antes que Mrs. Van Hopper conseguisse fazê-lo cair na cilada para envolvê-lo em recordações do primeiro encontro, já Mr. de Winter lhe estendia a cigareira, obrigando-a a uma pequena pausa.

— Creio que Palm Beach não me atrairia muito, continuou ele — e eu o observei enquanto soprava o fósforo, e fiquei pensando como pareceria irreal contra o fundo brilhante de uma praia da Florida. Aquele homem pertencia a um cenário do século XV, a uma cidade de muros altos e estreitas ruas de pedra, onde os habitantes usassem sapatos pontudos e calções de veludo negro. Suas feições eram finas, de uma idealidade que prendia os olhos; um rosto estranhamente, inexplicavelmente medieval, que me fazia vir à lembrança o retrato de certo Cavaleiro Desconhecido que eu tinha

visto numa galeria de arte; se fosse possível trocar-lhe a roupa de tweed inglês por trajes negros, de renda na gola e nos punhos, imagináramos ter à nossa frente uma remota figura de antanho, dum tempo em que homens embuçados se quedavam à noite ao abrigo de velhos portais... Um tempo de escadarias estreitas e cárceres sombrios, sussurros nas trevas, luzir de lâminas; um tempo de cortesia cavalheiresca.

Eu gostaria de lembrar-me do artista que pintara o quadro. Ficava a um canto da galeria, e aqueles olhos pareciam acompanhar a gente, lá da moldura empoeirada e fosca...

Mas os dois continuavam falando, e eu tinha perdido o fio da conversa.

— Não, nem mesmo há vinte anos atrás. Essas coisas nunca me divertiram, dizia Mr. de Winter.

Ouvi a risada satisfeita, complacente, de Mrs. Van Hopper.

— Se Billy possuísse um lar como Manderley, certamente não iria perder em Palm Beach. Ouvi dizer que é um lugar maravilhoso como o país das fadas... disse ela, e fez uma pausa, esperando vê-lo sorrir.

Mr. de Winter continuou fumando, mas notei que, leve e apenas perceptível, uma linha aparecera entre seus olhos.— Tenho visto fotografias, continuou Mrs. Van Hopper sem desanimar, e parece realmente um encanto. Contou-me Billy que é uma das mais formosas mansões da Inglaterra.

Admira-me que o senhor não tenha pena de sair de lá.

O silêncio daquele homem era penoso, e qualquer pessoa o perceberia; Mrs. Van Hopper, entretanto, continuava, como cabra tonta, invadindo e apisoando o terreno vedado. O sangue subiu-me ao rosto, ao verme comparsa naquilo.

— Vocês ingleses são todos iguais quando falam de seus lares, continuou ela, elevando cada vez mais a voz; gostam de depreciá-los para esconder a vaidade, o orgulho que sentem. Não é verdade que existe em Manderley uma galeria de menestréis, com retratos valiosíssimos? — E voltando-se para mim, à guisa de explicação: Mr. de Winter não quer confessá-lo por excesso de modéstia; mas creio que Manderley é propriedade da família desde

o tempo da Conquista. A galeria de quadros é uma preciosidade. Provavelmente os seus avós receberam lá reis, não é verdade, Mr. de Winter? Ela estava se excedendo, mais do que em outras ocasiões; mas a ironia da resposta lhe foi surpresa.

— Nunca mais tivemos reis, depois de Etelredo, o Atrasado. O cognome lhe foi posto numa das vezes em que se hospedou com a minha família, pois invariavelmente chegava tarde ao jantar.

É claro que Mrs. Van Hopper merecera essa resposta e eu esperei vê-la mudar de cor. Mas, por estranho que o pareça, nada compreendeu daquelas palavras, e coube a mim humilhar-me por ela, sentindo-me como uma criança que tivesse levado bofetada.

— Realmente? comentou Mrs. Van Hopper. Pois eu não tinha a menor ideia disso! Não sou muito forte em história, e sempre me confundo quanto aos reis de Inglaterra. Mas é de fato interessante. Preciso contar o caso à minha filha, que é uma grande estudiosa.

No breve silêncio que se seguiu senti as faces em fogo. Eu era excessivamente moça — era esse o mal. Fosse um pouco mais velha, e meu olhar teria procurado o dele, e eu teria sorrido, e a incompreensível atitude de Mrs. Van Hopper estabeleceria um laço entre nós. Em vez disso, o que senti foi aflição e vergonha, e sofri uma daquelas tão frequentes agonias da minha mocidade.

Creio que ele percebeu a minha humilhação, pois inclinou-se para mim e em voz suave ofereceu-me mais café.

Quando recusei, sacudindo a cabeça, senti que os seus olhos me fitavam, perplexos, perscrutadores. Vi que estava ponderando qual seria a minha exata posição ao pé de Mrs.

Van Hopper, e se deveria considerar-me fútil como ela.

— Qual a sua opinião sobre Monte Carlo? Ou não formou ainda opinião alguma? perguntou-me. Essa tentativa de chamar-me à conversa em nada me favoreceu a mim, menina recém-saída do colégio, de cabelos escorridos e cotovelos vermelhos; enunciei a clássica e idiota observação de que achava Monte Carlo um centro artificial. Mas, antes que pudesse terminar minha pobre frase, já fora interrompida por Mrs. Van Hopper.

— Ela está estragada, Mr. de Winter. Muitas moças dariam a menina dos olhos para ver Monte Carlo.

— E seria um contrassenso, não é verdade? murmurou ele sorrindo.

Mrs. Van Hopper sacudiu os ombros, e tirou uma fumaça do cigarro, Não creio que tivesse compreendido a significação daquelas palavras.

— Sou fiel a Monte, disse ela. Meu organismo não resiste ao inverno na Inglaterra, que acho deveras deprimente. E o senhor? O que o trouxe a estas paragens? Não é habitué. Veio jogar chemin ou trouxe os tacos de golfe?

— Ainda não sei. Decidi vir de um momento para o outro.

Estas palavras deviam ter-lhe trazido alguma recordação, porque uma nuvem lhe sombreou o olhar e de novo franziu de leve as sobrancelhas. Mrs. Van Hopper continuou: — Naturalmente não há nevoeiros em Manderley; o campo, naqueles lados, deve ser delicioso na primavera.

De Winter puxou o cinzeiro para mais perto e nele esmagou a ponta do cigarro. Notei a mudança sutil do seu olhar, a expressão indefinível e passageira, e veio-me a impressão de ter descoberto qualquer coisa de muito pessoal e que não me dizia respeito.— Sim, disse ele em voz breve. Manderley está no auge da beleza.

Um silêncio caiu sobre nós, silêncio desagradável que durou um minuto ou dois. Olhando para ele, lembrei-me mais uma vez do Cavalheiro Desconhecido, encapotado e misterioso, atravessando à noite um corredor... A voz de Mrs.

Van Hopper, estridente qual campainha elétrica, interrompeu minhas divagações.

— Com certeza o senhor conhece muita gente em Monte, embora a estação esteja desanimadíssima este inverno. Tão poucas fisionomias conhecidas! O duque de Middelsex está aqui, no seu iate, mas ainda não fui a bordo. (Nunca havia ido lá, ao que eu soubesse!) Conhece Nell Middelsex, com certeza? Que encanto, hein? continuou Mrs. Van Hopper.

Todos dizem que o segundo filho não é do marido, mas não creio. A sociedade está sempre pronta a falar mal das mulheres bonitas, não é verdade? E é de fato encantadora! Diga-me: é verdade que o casamento Caxton-Hyslop não deu certo?...

E assim continuaria, sem uma pausa, sem perceber que aqueles nomes nada significavam para ele, não notando que quanto mais tagarelava, mais de Winter se tornava silencioso e frio. Não fez nenhum gesto para interrompê-la, nem olhou para o relógio; era como se houvesse prometido a si mesmo comportar-se, depois que zombara dela na minha presença.

Libertou-o afinal a chegada de um dos empregados, que veio avisar Mrs. Van Hopper de que a costureira a esperava no quarto.

Mr. de Winter levantou-se imediatamente e disse, afastando a cadeira: — Não se prenda por minha causa. A moda muda tão rapidamente, que já poderá estar outra quando a senhora chegar lá em cima.

Esta ironia foi perdida, como as outras, e Mrs. Van Hopper tomou-lhe as palavras como brincadeira.

— Grande foi o meu prazer de encontrá-lo, Mr. de Winter, disse ela enquanto nos dirigíamos para o elevador. E já que tive coragem bastante para quebrar o gelo, espero que continuaremos a nos ver. Venha de vez em quando tomar um drinque no meu apartamento. Espero um ou dois convidados amanhã. Não quer fazer-nos companhia? Virei o rosto para não observá-lo a procurar escusa.

— Sinto muito, foi a sua resposta, mas amanhã vou a Sospel de auto, e não sei a que horas voltarei.

Ela não se decidia a deixá-lo, e continuávamos ainda à entrada do elevador.

— Espero que lhe tenham dado um bom quarto. O hotel não está lá muito cheio, portanto não deixe de fazer reclamação em regra caso não esteja bem instalado. Com certeza o seu valet já desfez suas malas? Era familiaridade excessiva, mesmo tratando-se de Mrs.

Van Hopper, e a expressão do rosto de Mr. de Winter não escapou à minha observação.

— Eu não trouxe um valet comigo, disse Mr. de Winter serenamente. Talvez a senhora gostasse de me fazer esse serviço.

Desta vez a flecha acertara no alvo, pois que ela enrubesceu e riu desajeitadamente.

— Mas... não creio... começou; e, de repente (embora pareça inacreditável), virou-se para mim e disse: Talvez você possa ser útil a Mr. de Winter, se ele precisar de alguma coisa.

Você é uma criança jeitosa às vezes.

Na pausa que se seguiu permaneci imóvel, tensa, esperando a reação. Mr. de Winter baixou os olhos sobre nós, caçoísta, ligeiramente sardônico, com a sombra de um sorriso sobre os lábios.

— Sugestão deveras encantadora, foi o que disse. Mas sou fiel ao lema da minha família: "Quem viaja só, viaja mais depressa". Talvez a senhora não o conheça — e, sem esperar resposta, deixou-nos.

— Que coisa engraçada! comentou Mrs. Van Hopper enquanto subíamos pelo elevador. Você acha que aquela partida súbita seja manifestação de temperamento? Os homens fazem coisas tão extraordinárias! Lembro-me dum escritor muito notório que enveredava pela escada de serviço todas as vezes que me via. Creio que tinha um fraco por mim, e não se sentia muito senhor de si. É verdade que eu era moça naquele tempo...

O elevador parou bruscamente. Tínhamos chegado ao nosso andar. O rapaz abriu a porta.

— E por me lembrar disso, minha cara, disse-me ela enquanto caminhávamos pelo corredor, não pense que desejo tornar-me desagradável, mas acho que você se adiantou um pouquinho demais hoje à tarde. Os seus esforços para monopolizar a conversa embaraçaram-me de certo modo, e tenho certeza que o mesmo se deu com Mr. de Winter. Os homens detestam essas coisas.

Eu nada respondi. Não havia resposta possível.

— Oh, não fiquei de mau-humor, disse ela rindo e encolhendo os ombros. Afinal de contas, sou o responsável pela sua conduta, e você faria bem em aceitar os conselhos de uma mulher que poderia ser sua mãe. Et bien, Blazie, je viens... e entrou cantarolando no quarto onde a costureira a esperava.

Ajoelhei-me no banco em frente à janela e olhei a tarde que caía. O sol ainda brilhava, e um vento forte brincava no arvoredado do

parque. Dentro de meia hora estaríamos jogando bridge, de janelas hermeticamente fechadas, o aquecimento do recinto elevado ao máximo. Lembrei-me dos cinzeiros que eu teria de limpar, das pontas de cigarro vermelhas de batom em desagradável promiscuidade com restos de bombons de chocolate... O bridge não é lá muito fácil para quem está acostumado a jogar "ludo"; de mais a mais, os amigos de Mrs.

Van Hopper não me apreciavam muito como parceira.

Minha mocidade era um obstáculo, opunha um dique à sua conversa, como a presença da copeira até a chegada da sobremesa. Não podiam discutir livremente os últimos escândalos; tornavam-se impossíveis certas insinuações. Os homens tomavam uma atitude de cordialidade forçada, e me faziam perguntas jocosas sobre história e literatura, adivinhando que eu não saíra de muito tempo do colégio e, pois, só saberia falar sobre esses assuntos.

Suspirei e afastei-me da janela. Estava o sol cheio de promessas, e o vento brincava alegre com as ondas brancas do mar. Lembrei-me duma esquina em Mônaco, por onde passara dois dias antes. Uma casa disforme inclinava-se para o largo de pedra. Bem alto, quase rente ao teto em ruínas, havia uma janela estreita qual uma fenda. Devia ter abrigado uma figura medieval... Estendi a mão para o lápis e o papel e comecei a desenhar, distraidamente um perfil, aquilino. Olhar sombrio, nariz fino, expressão desdenhosa no lábio superior. E acrescentei uma barba em ponta, e uma gola de renda, como certo pintor o fizera, há muito tempo, em época distante.

Alguém bateu à porta, o menino do elevador apareceu de bilhete na mão.

— Madame está no quarto, disse eu, mas, sacudindo a cabeça, o menino declarou que era a mim que procurava. Abri o envelope, havia dentro uma folha de papel, com palavras escritas em caligrafia que me era estranha.

"Perdoe-me. Fui pouco delicado hoje à tarde." Era tudo.

Não havia assinatura. Mas meu nome estava no envelope, e escrito corretamente, o que raramente acontece.

— Há resposta? perguntou o menino.

Levantei os olhos do papel.

— Não, não há resposta.

Depois que de se foi, pus o bilhete no bolso e volvi minha atenção para o desenho começado. Mas por qualquer razão desconhecida o trabalho cessou de agradar-me; rosto muito teso e sem vida, a barba e a gola de renda pareciam charada.

## 4

**NA MANHÃ SEGUINTE** à reunião do bridge, Mrs. Van Hopper acordou com dor na garganta e febre alta. O médico veio imediatamente a meu chamado e diagnosticou a gripe de costume. "Vai ficar de cama até que eu lhe dê licença de levantar-se", disse ele. — "Não estou gostando do comportamento do seu coração, e ele não se normalizará antes que a senhora fique em completo repouso.

Eu preferia", continuou, virando-se para mim, "que uma enfermeira viesse tratar de Mrs. Van Hopper. A senhora nunca teria forças para levantá-la. Não será por mais de quinze dias".

Achei o conselho absurdo e protestei, mas vi com surpresa que Mrs. Van Hopper pensava da mesma maneira.

Creio que não lhe desagradava a ideia da sensação que sua doença ia causar — manifestações de simpatia, visitas, recados dos amigos, remessa de flores. Já começara a aborrecer-se de Monte Carlo, e uma doenzinha seria uma boa distração.

Deixei-a afundada nos travesseiros, com a sua melhor liseuse sobre os ombros, uma touca de fitas na cabeça, e toda contente com a chegada da enfermeira. Telefonei aos seus amigos avisando estar suspensa a reunião daquela noite, e dirigi-me ao restaurante para almoçar uma boa meia-hora antes do costume, um tanto envergonhada por sentir-me de coração leve. Esperei encontrar o salão vazio, pois em geral ninguém almoçava antes de uma hora; e encontrei-o realmente vazio, com exceção da mesa pegada à

nossa. Foi surpresa, pois julgara que Mr. de Winter tivesse ido a Sospel, como dissera.

Sem dúvida estava almoçando mais cedo para evitar-nos. Eu já estava no centro do salão, e não queria retroceder. Não o tinha visto mais, desde o momento em que nos separamos no elevador no dia anterior; ele prudentemente não jantara no restaurante, movido com certeza pela mesma razão que o induzira a vir almoçar mais cedo agora. Eu não estava preparada para enfrentar situações como aquela. Desejei ser mais idosa, diferente. Dirigi-me à nossa mesa, olhando direito à minha frente, e paguei a penalidade da *gaucherie* derrubando um vaso de flores ao desdobrar um guardanapo. A água encharcou a toalha e correu até meu colo. O garçom, no outro lado do salão, não viu o desastre, mas viu-o o meu vizinho da mesa e acorrera de guardanapo na mão.

— Não poderá sentar-se a uma mesa de toalha molhada, disse-me ele bruscamente. — Isso tiraria completamente o seu apetite. Queira levantar-se...

Começou a enxugar a toalha; o garçom, então, vendo que algo de anormal acontecera, veio acudir, e começou a retirar o vaso e as flores espalhadas sobre a mesa.

— Deixe isso, ordenou Mr. de Winter, e ponha outro prato na minha mesa. — Mademoiselle vai almoçar comigo.

Levantei os olhos, confusa.

— Oh, não, não posso.

— Por que não? Procurei arranjar uma desculpa, certa de que ele não havia de querer almoçar comigo. Estava apenas sendo cortês; eu ia estragar-lhe o almoço. Resolvi encher-me de coragem e falar a verdade.

— Por favor, não se julgue na obrigação de ser amável.

É muita gentileza sua, mas basta que o garçom mude a toalha da minha mesa.

— Não estou agindo por gentileza, insistiu ele. Gostaria que almoçasse comigo, e mesmo que não tivesse havido este desastre eu a teria convidado.

Em meu rosto devia subsistir ainda uma expressão de dúvida, pois que ele sorriu.

— Vejo que não acredita em mim. Mas isso não tem importância. Venha sentar-se. Não precisamos conversar, se assim o quer.

Sentamo-nos, e ele passou-me o menu, e enquanto eu fazia a escolha continuou a comer o seu hors d'oeuvre, como se nada tivesse acontecido.

Aquele alheamento lhe era peculiar, e eu sabia que poderíamos continuar assim, sem nos falarmos durante todo o almoço, sem que houvesse entre nós nenhuma sensação de constrangimento. Ele não me fazia perguntas sobre a história da Inglaterra...

— Que aconteceu à sua amiga? perguntou-me de repente. Contei-lhe a gripe de Mrs. Van Hopper.

— Sinto muito, murmurou; e depois de uma pausa: Recebeu o meu bilhete, não é verdade? Não imagina como me senti envergonhado. Sei que minhas maneiras deixaram muito a desejar, e a única desculpa que posso oferecer é que a vida de isolamento fez de mim um selvagem.

Daí a extrema gentileza de sua parte em fazer-me companhia agora.

— O senhor não foi grosseiro, disse eu. Pelo menos Mrs. Van Hopper não o interpretou assim. Aquela sua curiosidade... Mrs. Van Hopper não tem intenção de ofender, mas faz a mesma coisa com todo o mundo — isto é, com todas as pessoas importantes.

— Devo, então, sentir-me lisonjeado. Por que haveria ela de considerar-me importante? Hesitei um momento.

— Há de ser por causa de Manderley.

Mr. de Winter não respondeu, e tive de novo aquela sensação de desconforto, como se eu houvesse invadido terreno vedado. Fiquei pensando por que seria que qualquer referência ao seu lar esbarrava sempre na mesma barreira de reserva.

Enquanto por algum tempo comíamos em silêncio, lembrei-me dum cartão postal que eu comprara em criança, numa vila em que fora passar as férias. Representação de uma casa, mal feita

naturalmente, cores muito gritantes; mas esses defeitos não estragavam a simetria do edifício, a imponência dos largos degraus de pedra em frente ao terraço, a beleza do gramado verde que se estendia até o mar. Paguei dois pence pelo cartão — metade do que eu dispunha por semana para os meus gastos pessoais — e depois indaguei da mulher que mo vendera que mansão era aquela. A mulher espantou-se da minha ignorância.

— É Manderley.

Saí da loja sentindo-me como se tivesse sido apanhada em falta, mas menos ignorante.

Talvez fosse a lembrança daquele cartão, há muito esquecido, que me fizesse simpatizar com a atitude defensiva de Mr. de Winter. Desagradavam-me as perguntas indiscretas, como as que Mrs. Van Hopper costumava fazer.

Talvez houvesse em Manderley qualquer coisa de inviolado, que tornava a mansão um sítio à parte, impossível de ser discutido ou comentado. Eu podia imaginar Mrs. Van Hopper errando através dos quartos, pagando talvez seis pence para poder entrar, perturbando a quietude do ambiente com as suas risadas agudas.

Nossos pensamentos coincidiram, pois Mr. de Winter começou a falar sobre ela.

— A sua amiga... É tão mais idosa... São parentes? Conhece-a há muito tempo? Vi que estava perplexo, sem saber como classificar as nossas relações.

— Não, disse eu. Trabalho para ela, apenas. Está-me preparando para dama de companhia, com noventa libras por ano.

— Nunca imaginei que companhia fosse coisa que se pudesse comprar. Acho a ideia um tanto primitiva. Como a dos mercados de escravos no Oriente...

— Uma vez vi a palavra "companheiro" no dicionário, confessei eu. E estava lá: "Companheiro: amigo do coração".

— Não me parece que haja tal companheirismo entre ambas, observou ele — e riu-se, o que o fez parecer mais moço, diferente, já sem aquela expressão de alheamento. — Por que motivo age assim? continuou.

— Noventa libras é muito dinheiro para mim.

- Não tem parentes? — Não... Morreram-me todos.
- Tem um nome bonito e pouco vulgar.
- Como meu pai.
- Fale-me dele.

Encarei-o por sobre o meu copo de laranjada. Não era fácil descrever meu pai, sobre quem, em regra, eu nunca falava. Constituía-me propriedade particular, algo reservado só para mim, como Manderley o era para o homem à minha frente. Não sentia vontade de apresentá-lo a um desconhecido, numa mesa de restaurante em Monte Carlo.

Eu sentia naquele almoço um estranho ar de irrealidade, e hoje, recordando-o, vejo-o revestido de um curioso encanto. Lá me achava eu, uma quase colegial que ainda na véspera me sentara em frente a Mrs. Van Hopper, silenciosa, ereta e apagada; e, no entanto, vinte e quatro horas depois a história de minha família já não mais pertencia a mim só, pois que a confiara a um homem — a um desconhecido.

Senti-me impelida a falar, talvez porque os seus olhos me fitassem compreensivamente, como o olhar do Cavaleiro Desconhecido.

A timidez abandonou-me subitamente; as palavras entraram a vir-me com facilidade. Já não eram mais meus, aqueles segredos de infância, nem as alegrias, as ansiedades, os pesares. Pareceu-me que ele soube compreender, através da minha pobre descrição, a brilhante personalidade que fora meu pai, e também o amor que por ele tivera minha mãe; amor profundo, vital, animado da chama divina. Tanto assim, que quando meu pai morreu de pneumonia, naquele inverno desesperadamente triste, ela viveu apenas mais cinco semanas — foi-lhe ao encontro. Lembro-me que, um tanto atordoada e um pouco ofegante, eu fizera uma pausa nesse ponto. O salão já se havia enchido, e o alegre tagarelar se misturava ao ruído de pratos e aos sons da orquestra. Olhando para o relógio da parede vi que eram duas horas. Estávamos ali sentados havia uma hora e meia já, e quase que só eu tinha falado.

Voltei à realidade e, vexada e sem jeito, o rosto em fogo, tentei balbuciar uma desculpa. Ele, porém, não quis ouvir.

— Eu lhe disse no começo que o seu nome era bonito e fora do comum. Vai-lhe muito bem, como devia ter ido bem a seu pai. Sou sincero quando digo que há muito tempo não passo uma hora tão agradável. Sua narrativa conseguiu distrair-me, afastar-me de mim mesmo, libertar-me de pensamentos introspectivos — demônios que me têm atormentado estes últimos meses.

Levantei os olhos e vi que falava a verdade; pareceu menos preocupado que antes, mais moderno, mais humano — e já não prisioneiro de sombras.

— Sabe? disse ele de repente. Há entre nós dois qualquer coisa em comum. Estamos ambos sós no mundo.

Isto é, tenho uma irmã, que pouco vejo, e uma velha avozinha a quem visito por obrigação duas ou três vezes por ano.

Nenhuma me faz companhia. Mrs. Van Hopper merece parabéns. A senhora não é nada cara por noventa libras por ano.

— O senhor esquece-se de que tem um lar. Eu não.

Arrependi-me dessas palavras apenas as pronunciei, porque de novo a expressão misteriosa, inescrutável, apareceu-lhe no olhar, e mais uma vez sofri a sensação de intolerável desconforto que nos invade quando cometemos uma falta de tato.

Mr. de Winter inclinou a cabeça para acender o cigarro e não respondeu imediatamente.

— Pode haver tanta solidão numa casa vazia como num hotel cheio, disse por fim. O pior é que aquela é menos impessoal.

Hesitou um momento; pensei que fosse contar-me algo sobre Manderley; qualquer coisa, entretanto, o reteve, certa repulsa em falar; dominou-se; soprou o fósforo — e com a chama lá se foi também o breve lampejo de intimidade.

— Com que então a sua "amiga do peito" está de molho? — disse em tom de camaradagem, já com a voz normal. — E que pretende fazer hoje? Pensei no largo de pedra de Mônaco e na casa de janela estreita. Poderia estar lá às três horas com o meu lápis e o caderno de desenho, e foi o que lhe disse, um pouco vexada, talvez como as pessoas sem grande talento quando confessam a sua maniazinha.

— Eu a levarei de auto, disse ele, sem dar atenção aos meus protestos.

Lembrei-me do que Mrs. Van Hopper me dissera na véspera — que eu me adiantara demais — e receei que ele pensasse ter eu falado em Mônaco para que me oferecesse o carro. Seria justamente o que Mrs. Van Hopper se lembraria de fazer — e eu não desejava que ele confundisse as nossas atitudes. Valeu-me ganho de importância o fato de ter almoçado em companhia daquele homem, pois quando me levantei o pequeno maître-d'hotel correu a afastar a minha cadeira, curvando-se e sorrindo, em contraste com a sua habitual atitude de indiferença; e, ao apanhar o meu lenço caído ao chão, disse esperar que Mademoiselle tivesse apreciado o almoço. O próprio page-boy do salão olhou-me com mais respeito. É claro que meu companheiro nada via de anormal em tudo isso, pois ignorava a história do prato de frios da véspera... Aquela mudança, que achei deprimente, fez-me desprezar a mim mesma. Lembrei-me de meu pai, do desdém que sentia pelo esnobismo das criaturas humanas.

— Sobre que está a pensar? perguntou. Íamos atravessando o corredor em direção ao hall, e notei que os seus olhos me fitavam curiosamente. Alguma coisa a aborreceu? As atenções do maître-d'hotel tinham-me aberto um novo campo de reflexão, e enquanto tomávamos o café eu falei ao meu companheiro sobre Blaize, a costureira, que ficara tão contente de Mrs. Van Hopper ter-lhe comprado três vestidos.

Ao conduzi-la depois ao elevador, eu a imaginara trabalhando naqueles três vestidos, num quatinho pequeno nos fundos da sua loja abafada, com um filho tísico largado sobre o sofá.

Pude vê-la, enfiando a agulha com os olhos cansados, o chão coberto de retalhos...

— E então? perguntou-me ele sorrindo. A imagem que fez da cena é verdadeira? — Não sei, não o consegui saber. Contei-lhe também que, enquanto esperávamos pelo elevador, a costureira remexera na bolsa e me dera uma nota de cem francos. "Tome", dissera-me baixinho, num tom de desagradável intimidade. "Quero que aceite esta pequena comissão por ter-me trazido uma freguesa

à loja." Quando recusei, rubra e terrivelmente embaraçada, ela sacudiu os ombros num gesto descontente. "Seja como quiser. Mas asseguro-lhe que é a praxe. Talvez prefira um vestido? Venha à loja um dia destes, com Madame, e lhe arranjarei um vestido sem cobrar um sou, disse-me ela. E aí, então, sem saber porque, eu experimentara a mesma sensação de inquietude doentia que me tomava em criança, ao folhear as páginas dum livro proibido. A visão do menino tuberculoso desapareceu; em seu lugar vi-me a mim mesma, no caso de ter agido de modo diverso, embolsando a nota gordurosa com um sorriso de cúmplice ou esgueirando-me para a loja de Blaize nesta minha tarde de folga, e saindo de lá com um vestido de graça.

Esperiei que ele se risse da minha história tola, que nem sei porque razão lhe contara. Mas não. Ficou a olhar-me pensativo e continuou a mexer o seu café.

— Acho que cometeu um grande erro, disse depois de um momento.— Em recusar aqueles cem francos? exclamei, revoltada.

— Céus! Não. Por quem me toma? Acho que cometeu um erro em vir para aqui, unir o seu destino ao de Mrs. Van Hopper. Não foi feita para essa espécie de emprego. É muito moça e muito delicada. Blaize e a comissão... não é o que tem importância. Isso não passa dum incidente que se repetirá com muitas outras Blaizes. E um dia terá que ceder, e tornar-se também uma espécie de Blaize, ou continuará como é — e será esmagada. Quem teve, em primeiro lugar, essa ideia? Parecia-me natural que ele me fizesse tais perguntas e, pois, não me ressentí. Era como se nos conhecêssemos de muitos anos e nos tivéssemos encontrado de novo depois de longa ausência.

— Já pensou alguma vez no futuro? E pensou no a que toda essa história conduz? Suponhamos que Mrs. Van Hopper se canse da "amiga do peito". Que acontecerá? Sorri, dizendo que aquilo não me preocupava muito.

Haveria outras Mrs. Van Hoppers, e eu era moça, confiante, forte. Mas enquanto ele falava lembrei-me de certos anúncios lidos em boas revistas, nos quais uma ou outra associação de caridade pedia auxílio para moças reduzidas a condições extremas; pensei

no tipo de socorro que responde a esses anúncios, no abrigo temporário, e vi-me a mim mesma, levando um inútil bloco de desenho na mão, a balbuciar respostas a agentes de empregos. O certo, talvez, teria sido aceitar aqueles dez por cento oferecidos por Blaize...

— Que idade tem? perguntou-me ele de repente, e quando o soube riu-se alto e ergueu-se da cadeira. Conheço essa idade teimosa, em que nem mil fantasmas têm força para fazer-nos rezear o futuro. Agora suba; vá pôr o seu chapéu que vou buscar o carro.

Enquanto me acompanhava até ao elevador, lembrei-me da cena da véspera, da incessante farolagem de Mrs. Van Hopper, da fria amabilidade por ele demonstrada. Sim, eu o tinha julgado mal; não era duro, nem sarcástico, e sim o meu amigo de muitos anos, o irmão que eu nunca possuía. Sentia-me numa feliz disposição de espírito aquela tarde, bem me lembro! Posso ainda ver o céu cheio de nuvens leves como flocos de algodão, e embaixo, ao longe, a espuma branca do mar. Posso evocar de novo a sensação do vento nas minhas faces, e ouvir o meu riso, e o dele, ecoando o meu. Não era aquele o Monte Carlo que eu conhecia, ou talvez a verdade fosse que agora me agradasse mais. Havia em tudo um encantamento novo. Talvez até então eu havia observado as coisas com olhos que não sabiam ver. A baía era uma coisa dançante, com os seus palpitantes barquinhos de papel; e os marinheiros, no cais, tão joviais, sorridentes, alegres como o vento. Passamos pelo iate que tanto enlevava Mrs. Van Hopper por pertencer a um duque, fizemos um gesto de caçoadas para aqueles cobres reluzentes; nossos olhos se encontraram e começamos a rir outra vez. Lembro-me, como se o usasse ainda, do meu vestido de flanela, confortável e mal talhado; lembro-me de que a saia parecia mais leve que o casaco, por ter mais uso. E também do meu chapéu surrado, de abas largas demais, e de sapatos de salto baixo, fechados por uma tira única. Um par de luvas seguras por mão não muito limpa... Nunca eu parecera tão moça, e nunca me sentira tão velha. Mrs. Van Hopper e sua gripe já não existiam para mim.

As reuniões, os bridges e os coquetéis foram esquecidos, e com eles a minha condição humilde.

Eu tornara-me uma pessoa importante, tinha crescido, afinal. A menina que uma timidez imensa torturava, que hesitava à porta da sala nos dias de recepção, a torcer o lenço enquanto ouvia o rumor de vozes e risos, tão enervante para os de fora — essa menina desaparecera — fora-se com o vento daquela tarde. Tornara-se uma pobre criatura, de quem eu só podia pensar com desdém, se é que nela pensava.

O vento varria em rajadas alegres o meu largo de pedra, forte demais para que eu pudesse desenhar, isso nos fez voltar ao carro, e lá fomos não sei bem para onde. A longa rodovia serpenteava pelos morros, e o automóvel subia, subia, como em voo de pássaro no ar. Como era diferente aquele carro do que Mrs. Van Hopper alugara para a estação, uma Daimler antiga, quadrada, que nos levava a Mentone nas tardes tranquilas: sentada no banquinho, de costas para o chofer, eu tinha de esticar o pescoço para apreciar a vista. O de Mr. de Winter parecia ter as asas de mercúrio; em corrida vertiginosa cada vez mais subíamos, e a sensação do perigo me agradava, porque eu era moça, e também porque a atração era nova para mim.

Lembro-me de ter-me rido alto, com o vento a levar o meu riso para bem longe; mas olhando para o meu companheiro notei que não mais sorria, que se tornara outra vez silencioso e alheio, o homem da véspera, envolto no misterioso manto da reserva.

O carro atingira o cume do morro, e sob os nossos olhos se estendia o íngreme caminho por onde subíamos. Mr. de Winter travou o carro; notei que a estrada marginava ali um precipício, ou rampa duns dois mil pés, talvez. Descemos e olhamos para baixo. Volvi ao meu normal ao ver que apenas a distância de alguns passos separava o automóvel do precipício.

O mar desdobrava-se imenso aos nossos olhos, com ondulações que pareciam alterar a linha nítida do horizonte; as casas eram conchas brancas numa caverna redonda, a que os raios do sol davam, aqui e ali, uma dourada refulgência.

Gozamos a beleza de mais um crepúsculo no nosso morro, e o silêncio envolvente parecia torná-lo mais duro, mais austero.

Uma mudança se operava na tarde, que ia deixando de ser luminosa e bela. O vento amainou; senti frio.

Quando voltei a falar foi no tom que quer parecer despreocupado, na voz nervosa e tola de quem não se sente à vontade. "Conhece este lugar?" perguntei. Ele olhou-me como se me não reconhecesse, e senti uma certa ansiedade ao verificar que se esquecera de mim, perdido como estava no labirinto do pensamento. Sua fisionomia era a de um sonâmbulo; e por um momento receei estar às voltas com um ser não completamente normal. Já ouvira falar de pessoas sujeitas a transe, que seguem estranhas leis, para nós incompreensíveis, e obedecem a confusas ordens do subconsciente. Talvez o meu companheiro fosse desse naipe — e lá estávamos a seis pés do perigo e da morte.

— Está ficando tarde. Vamos voltar? propus, e o meu tom despreocupado e o meu sorrisozinho nada convincente não teriam iludido uma criança.

Mas eu o julgara mal, é claro, e nada tinha a recear; minhas palavras fizeram-no emergir do sonho e desculpar-se.

Eu havia provavelmente empalidecido e ele o notara.

— Foi imperdoável o que fiz, disse ele, pegando-me pelo braço e levando-me ao carro. — Não tenha medo, acrescentou batendo a porta. — A curva é menos perigosa do que parece.

E enquanto, atordoada, eu me agarrava ao assento com ambas as mãos, ele manobrou o carro cuidadosamente, até alcançar de novo a boa estrada.

— Então já esteve aqui? — perguntei-lhe, quando me senti mais calma.

— Sim, respondeu ele após uma pausa. — Mas há muitos anos. Quis ver se havia mudado.

— E mudou? — Não, disse ele. Nada mudou.

Fiquei pensando no que o teria feito voltar de novo ao passado, perder-se em recordações, tendo-me consigo, como testemunha inconsciente do seu devaneio. Que abismo de anos existiria entre ele e aquele outro tempo, que realidade de ações ou

pensamentos, que diferença, que mudança de temperamento?... Não me veio vontade de o saber, e arrependi-me do passeio.

E, cada vez mais baixo, íamos descendo pela estrada coleante, sem paradas, sem proferir uma única palavra. Uma cordilheira de nuvens se estendia por sobre a agonia do sol, no ar crispante e puro. Subitamente começou ele a falar de Manderley. Nada me disse de sua vida, nem uma palavra sequer sobre si mesmo; mas contou-me de como era lindo lá o crepúsculo nas tardes de primavera, quando o sol ao despedir-se punha reverberações sobre o promontório. O mar imitando ardósia, frio ainda do longo inverno; o terraço de onde se ouvia o murmúrio da maré a subir — a subir até banhar a pequena enseada. Palpitante à brisa da tarde, os narcisos estariam em botão, cabeças de ouro sobre hastes delgadas; e podiam ser colhidos sem que as fileiras se empobrecessem, pois cresciam unidos como um exército, ombro a ombro e lado a lado. Havia açafrões num canteiro abaixo do gramado: cor de ouro, lilases, cor-de-rosa. Nessa época já teriam perdido o viço e estariam desbotados ou murchos.

Outras florinhas mais vulgares insinuavam-se por toda a parte, como a cizânia. Muito cedo ainda para as campânulas azuis, cujas cabecinhas deviam estar ocultas pelas folhas caídas no ano passado; mas quando brotassem, humilhando a violeta, sufocando nos bosques outras plantas mais tímidas, a cor delas desafiaria o céu.

Ele não as queria dentro de casa, entretanto. Tornavam-se tristonhas quando em vasos; para bem apreciá-las no fulgor da beleza, era preciso correr os bosques de manhã, na claridade forte do sol novo. Emanavam um perfume amargo, enfumaçado, como se uma seiva selvagem, succulenta e acre, lhes corresse nas veias. Proibira que colhessem tais flores em Manderley, pois considerava um ato de vandalismo.

Viajando algumas vezes de automóvel pelo campo, vira ciclistas com grandes ramos amarrados ao guidão, a frescura já ausente das pétalas agonizantes, as hastes desoladas pendendo nuas e impuras. Nunca se traziam flores agrestes para dentro de casa. Para os vasos havia as plantas especialmente cultivadas, que

creciam na estufa ou no jardim murado. As rosas, disse ele, eram das raras flores que ficavam melhor em vasos do que fora, pois adquirem num salão uma profundidade de perfume e cor que não possuem ao ar livre. Há nas rosas plenamente desabrochadas um tom de desmazelo, de desordem, como mulheres de cabelos em desalinho. Mas dentro de casa tornam-se sutis, misteriosas...

Manderley produzia rosas durante oito meses por ano.

Disse-me que sua irmã, criatura prática e pouco sentimental, queixava-se de que o ambiente em excesso perfumado de Manderley a embriagava. Talvez tivesse razão. Mas a ele agradava. Era aquela a única espécie de intoxicação que o atraía. Entre suas mais remotas recordações, estavam os grandes jarros brancos com ramos de lilases que enchiam a casa de um misterioso e ardente perfume.

No caminhozinho que levava do vale à enseada havia, plantados à esquerda, grupos de azáleas e rododendros; e quem por ali vagueasse numa noite de maio depois do jantar, teria a impressão de que os arbustos se dissolviam no ar.

Abaixando-se, podia pegar uma pétala caída, esmagá-la entre os dedos — e ali no côncavo da mão teria a essência, inebriante e doce, de milhares e milhares de perfumes. De uma pétala amarrotada e esmagada... E ao sair do vale, intoxicado e atordoado, esse alguém iria dar à praia de águas quedas e cascalhos brancos. Contraste curioso e um tanto brusco, talvez...

Enquanto meu companheiro falava, vi que outros carros se tinham reunido ao nosso; a tarde caíra completamente sem que eu houvesse percebido; estávamos já em Monte Carlo, no meio de luzes e de sons. Os ruídos me enervaram, achei as luzes excessivamente amarelas, por demais brilhantes. O contraste fora muito rápido — e chocara-me. Breve chegamos ao hotel. Procurei minhas luvas na bolsa do carro e, ao dar com elas, meus dedos sentiram o conta to de um livro, cuja encadernação fina indicava ser um volume de poesias. Procurei ler o título, quando o automóvel diminuiu a marcha à porta do hotel. "Pode levá-lo para ler, se quiser", disse-me o meu companheiro. Agora que o passeio estava

terminado e Manderley jazia a centenas de milhas dali, sua voz tornara-se calma e despreocupada.

Alegrou-me o oferecimento, e apertei o livro nas mãos.

Sentia necessidade de conservar qualquer coisa dele, já que o "nosso" dia chegara ao fim.

— Pule fora, disse-me ele. Tenho de guardar o carro. Não a verei à noite no restaurante, porque não vou jantar aqui.

Mas muito lhe agradeço pelo dia de hoje.

Subi as escadas do hotel, sentindo-me qual criança a quem se tirou o brinquedo. O passeio estragara-me as horas que ainda tinha de viver até o momento de ir para a cama, e fiquei pensando como me iriam parecer longas, e como me seria triste jantar sozinha. Não pude conformar-me à ideia de ouvir as perguntas alegres da enfermeira, nem o roufenho interrogatório de Mrs. Van Hopper, sentei-me a um canto do hall, atrás de um pilar e pedi chá.

O garçom pareceu não gostar muito, e como eu estivesse sozinha não achou necessário apressar-se; de mais a mais, era um pouco tarde, cinco e meia já, hora em que normalmente todos já havia tomado o seu chá.

Sentindo-me triste, mais do que insatisfeita, reclinei-me na poltrona e abri o volume de poesias. Era um volume já bastante manuseado, que por si mesmo se abriu em página muito versada.

Fugi-lhe, dias, noites, anos em fora, Como a fugir dos próprios pensamentos.

De olhar triste e cansado de quem chora, Escondi-me. Por lágrimas, lamentos, E risadas alegres acossado.

Perseguido, atirei-me, desvairado, Nos abismos profundos, insondáveis, Onde o terror e a morte, residiam.

Ouvindo sempre os sons intoleráveis, Daqueles passos que me perseguiam.

Tive a impressão de haver espiado por um buraco de fechadura, e com gesto furtivo afastei a obra. Qual a razão que o levara ao cume daqueles morros naquela tarde? Pensei no automóvel, na distância de poucos passos que vi entre nós e o abismo, recordei a vaga expressão do seu rosto.

Que passos teriam ecoado em sua memória, que murmúrio, que recordações... e por que motivo, entre tantos livros, guardava na bolsa do carro justamente aquele? Desejei que ele fosse menos distante, e eu bem diferente da menina de saia e casaco surrados, que usava um chapéu de abas largas de colegial.

O garçom trouxe afinal o meu chá e enquanto eu mastigava as fatias de pão com manteiga, amargas como fel, lembrei-me do caminhozinho através do vale que ele me descrevera, do perfume das azáleas, do cascalho branco à beira-mar. Se era isso o que ele tanto apreciava, por que viera em procura da espuma artificial de Monte Carlo? Dissera a Mrs. Van Hopper que não tinha feito planos, que embarcara apressadamente. E eu o imaginei correndo pelo caminho do vale...

Peguei novamente o livro, que dessa vez se abriu na primeira página, e li a dedicatória. "A Max, Rebecca. Maio 17". Letra interessante, oblíqua. Pequena nódoa de tinta manchava a página branca do lado oposto, como se quem escrevesse tivesse sacudido a pena com impaciência, para soltar a tinta, a qual saíra um pouco espessa, de modo que o nome Rebecca sobressaía negro e forte, o R, decidido e inclinado, dominando as outras letras.

Fechei o livro num gesto brusco, e escondi-o debaixo de minhas luvas. Sobre a cadeira próxima estava um número de L'Illustration, que peguei e comecei a folhear. Lindas fotografias de castelos de Loire, e um artigo também, que li cuidadosamente, mas quando acabei vi que não tinha compreendido uma palavra. Não eram torres, nem escadarias, que me olhavam daquelas páginas impressas. Era a fisionomia de Mrs. Van Hopper na véspera, no restaurante, os seus olhinhos de suíno a examinarem a mesa vizinha; o garfo cheio de ravióli parado de repente no ar.

"Uma tragédia horrível", dizia ela. "Os jornais não falaram noutra coisa. E dizem que ele nunca toca nisso, nunca lhe menciona o nome. Porque morreu, você sabe, afogada perto de Manderley..."



**FELIZMENTE** a febre do primeiro amor não se repete. Porque é realmente uma febre, e um fardo também, apesar de tudo o que os poetas possam dizer.

Ninguém é muito valente aos vinte e um anos... Dias cheios de pequenas covardias e ínfimos receios sem fundamento, em que é tão fácil a gente sentir-se magoada, pois a primeira palavra má fere como farpas de arame. Quando, porém, como hoje, nos sentimos envolvidos pelo manto da meia-idade já próxima, as minúsculas picadas diárias apenas nos tocam de leve e facilmente são esquecidas; mas naquela época... Uma palavra descuidada permanecia, tornando-se um estigma ignominioso! E um olhar, um realce por sobre o ombro, era como marca de ferro em brasa, dorida e eterna. Um "não" soava com um cantar de galo três vezes repetido, e uma dissimulação tinha o gosto amargo do beijo de Judas. O adulto pode mentir de cara alegre e consciência tranquila, mas naquela idade a menor mentira queima-nos a língua, amarrando-nos ao pelourinho da vergonha.

— Que esteve fazendo esta manhã? — Posso ainda ouvir Mrs. Van Hopper reclinada sobre os travesseiros, com aquela irritabilidade da pessoa que não está realmente doente e já se cansou de ficar de cama. Abrindo a gaveta para um baralho, senti o sangue queimar-me o rosto como fogo.

— Estive jogando tênis com o professor, respondi, e a mentira apavorou-me. Que seria se o professor visitasse Mrs.

Van Hopper naquele dia e se queixasse das minhas faltas na aula? — O mal é que você tem muito pouco que fazer, desde que fiquei retida nesta cama, continuou Mrs. Van Hopper, e tomando as cartas de minha mão começou a baralhá-las com a irritante habilidade do jogador inveterado.

Não posso descobrir o que encontra para fazer o dia todo, continuou. Nunca tem um desenho para mostrar, e quando lhe peço para ir às compras se esquece de trazer meu Taxol! Só o que posso dizer é que espero que faça progressos no tênis, pois isso lhe será útil mais tarde. Nada pior que um mau jogador. Você ainda erra nos saques? Ela colocou no maço a dama de espadas e encarou-me com olhos de Jezebel.

— Sim, disse eu, apesar de fazer quinze dias que não jogava tênis, desde que ela caíra de cama. Não sabia explicar-me a mim mesma por que motivo continuava na minha atitude de reserva, em vez de contar-lhe que todas as manhãs saía de automóvel com Mr. de Winter, e almoçava com ele no restaurante.

— Se quiser progredir precisa fazer mais jogo de rede, continuou ela, e eu concordei, estremecendo à minha própria hipocrisia, e cobrindo a sua dama de espadas com o valete de copas.

Já me esqueci de muitas coisas que aconteceram naquele tempo em Monte Carlo, dos passeios matutinos, dos lugares por onde andamos e mesmo de nossas conversas, mas até hoje me lembro de como meus dedos tremiam ao agarrar o chapéu, e da maneira apressada com que corria pelos corredores, voando pelas escadas, e da minha impaciência no elevador.

Ele estaria já no automóvel, lendo um jornal enquanto me esperava, e sorria ao ver-me, e diria, abrindo-me a portinhola: "Então, como vai a "amiga do peito", e para onde deseja ela ir?" Mesmo que o tempo todo rodássemos em círculos, não faria diferença para mim, pois me sentia naquele estado de entusiasmo, em que a simples circunstância de sentar-me ao seu lado já era em si uma felicidade difícil de suportar. Estava eu, a colegial pobre, vencida de paixão por um professor inacessível.

— Está um ventinho frio esta manhã, é melhor vestir o meu casaco.

Lembro-me bem disso, pois eu era bastante jovem para sentir prazer em usar coisas dele, agindo de novo como a colegial que carrega o suéter do seu herói e o amarra com orgulho à volta do pescoço; e o fato de lançar o seu casaco sobre os ombros, por poucos minutos que fosse, já era em si um triunfo, que punha um novo brilho à minha manhã.

Nada em mim da sutileza, do langor de que falam os livros. O desafio e a perseguição. O jogo de esgrima dos olhares rápidos e dos sorrisos provocadores. A arte de sedução me era desconhecida, e eu ficaria sentada no carro com o mapa de turismo sobre os joelhos, feliz com o seu silêncio, embora ansiando por palavras suas, enquanto em meus cabelos lisos brincasse o vento. Que ele falasse ou não, pouco importava.

Meu único inimigo era o relógio à minha frente, cujos ponteiros implacáveis se aproximavam da uma hora. Íamos para a direita e para a esquerda, para leste e para oeste, através daqueles sem-número de vilas agarradas como mariscos à encosta do Mediterrâneo, e no entanto não guardei recordação de nenhuma delas.

Só me lembro do conta to entre o estofamento de couro e meu corpo, do tecido do mapa, já de bordas irregulares e dobras gastas, aberto sobre os meus joelhos; só me lembro que ao olhar para o relógio pensei comigo: "Esse minuto de agora, às onze e vinte da manhã, não poderá jamais ser esquecido". E fechei os olhos para fixar o momento mágico, torná-lo eterno.

Quando os abri de novo, estávamos numa curva da estrada, uma camponesa de xale preto sacudia para nós a mão; posso vê-la ainda, de saia poenta e sorriso amigo... Um segundo depois já a tínhamos perdido de vista, já pertencia ao passado, era apenas uma lembrança...

Desejei voltar para recapturar o momento que se fora, mas senti que se voltássemos as coisas já não seriam iguais: o próprio sol já se teria movido no céu, e estaria projetando outras sombras; e a camponesa passaria por nós de maneira diferente, talvez já não

nos dizendo adeus, talvez nem sequer nos vendo. Havia neste pensamento qualquer coisa de gélido, de infinitamente melancólico, e um olhar para o relógio fez-me ver que mais de cinco minutos já se haviam passado.

Dentro em pouco atingiríamos o nosso limite de tempo e teríamos que voltar para o hotel.

— Faz falta um invento, disse eu impulsivamente, que permita encerrar, enfrascar as memórias, como se faz com os perfumes, para que nunca perdessem o aroma, nunca se deteriorassem. Para que, quando o desejássemos, pudéssemos abrir o vidro e respirar de novo o momento feliz ali conservado.

Disse e olhei para o meu companheiro, a ver o que diria. Ele permaneceu de olhos para frente, atento à estrada; não se voltou para mim.

— Que momentos de sua vida gostaria de viver novamente? perguntou-me — e pelo tom da voz pude perceber se falava a sério ou brincava.

— Não sei ao certo, balbuciei; e depois, estouvadamente, tolamente, sem refletir, no que dizia: Este momento de hoje eu gostaria de conservá-lo sempre.

— Devo tomar essas palavras como elogio à beleza do dia ou à minha maneira de guiar? — murmurou ele rindo-se, como um irmão caçóista, o que me deixou silenciosa, de súbito consciente do abismo que havia entre nós — e que sua bondade para comigo ainda mais ampliava.

Senti então a certeza de que jamais contaria a Mrs. Van Hopper sobre aqueles passeios, pois o sorriso dela não me seria tão doído como o dele. Ela não se zangaria, nem ficaria escandalizada, apenas ergueria as sobrancelhas como se duvidasse da minha história, e diria depois, sacudindo os ombros num gesto condescendente: "Minha cara menina, a amabilidade dele é realmente grande, mas... tem você a certeza de que esses passeios não o aborrecem terrivelmente?" E mandar-me-ia então comprar Taxol, com um tapinha no ombro.

"Corno era degradante ser jovem demais", pensei, e comecei a roer as unhas.

— Eu desejaria ser, explodi de repente, com violência, ainda ferida pelo riso do meu companheiro e mandando a discrição ao diabo, eu desejaria ser uma mulher de trinta e seis anos, vestida de cetim negro, com um colar de pérolas ao pescoço.

— Pois se fosse assim não estaria comigo neste carro, disse ele. E pare de roer as unhas. Já são bastante feias sem isso.

— Poderá achar-me impertinente, continuei, mas gostaria de saber porque me convida para sair de auto todas as manhãs. Que é ato de bondade logo se vê, mas que motivo o faz escolher-me para objeto de sua caridade? Eu estava tesa e ereta no assento, com toda aquela ridícula imponência da mocidade.

— Convido-a, respondeu ele gravemente, porque não está de cetim negro, não usa colar de pérolas e não tem trinta e seis anos.

Seu rosto inexpressivo não me deixou ver se estava brincando ou não.

— Está muito bem, repliquei eu. O senhor sabe tudo o que há para saber a meu respeito. Reconheço que não é grande coisa, porque ainda sou muito moça, e nada me aconteceu até hoje, a não ser mortes na família. Mas o senhor... eu sei tanto da sua vida como no primeiro dia em que nos vimos.

— E que sabia então? perguntou-me.

— Que vivia em Manderley e... que tinha perdido sua mulher.

Pronto, eu tinha proferido finalmente a palavra que estivera na ponta de minha língua tantos dias. Sua mulher.

Saiu-me com facilidade, sem relutância, como se pronunciar essa palavra fosse a coisa mais natural do mundo. Sua mulher.

A palavra demorou-se no ar, dançando à minha frente; e porque foi recebida em silêncio, sem um comentário, transformou-se em qualquer coisa de odioso, de consternador, como se fora palavra proibida, das que não devem ser pronunciadas. E eu nunca poderia reavê-la, uma vez fugida dos meus lábios. Revi a inscrição daquele livro de poesias, o R inclinado, e senti um frio no coração. Ele nunca me perdoaria — e seria aquilo o fim da nossa amizade.

Lembro-me de ter olhado à minha frente, através dos vidros do carro, sem nada ver da estrada em fuga — com a palavra tabu zunindo-me no ouvido. O silêncio transformou-se em minutos e os

minutos se tornaram milhas; e agora, pensei eu, tudo está acabado, nunca mais sairemos juntos.

Amanhã ele partirá. Mrs. Van Hopper já estará de pé e lado a lado andaremos pelo terraço outra vez. O porteiro trará para baixo as malas dele e eu as verei de relance, no elevador de serviço, com os rótulos novos colados de fresco. O movimento da partida. O ruído do carro mudando de câmbio ao virar a esquina — até mesmo aquele som indistinto de misturar-se com o tráfego geral, perder-se nele, ser absorvido para sempre...

Minha imagem era tão vívida que cheguei a ver o porteiro embolsar a gorjeta e reentrar pela porta giratória do hotel, dizendo qualquer coisa ao gerente. Nem notei que o automóvel diminuía a marcha, e só quando parou à margem da estrada é que voltei novamente a mim. O meu companheiro estava imóvel — e sem chapéu, com uma echarpe branca à volta do pescoço, mais que nunca me pareceu uma figura medieval, encerrada em moldura. Ele não pertencia àquela paisagem brilhante; sim aos degraus de uma esguia catedral, a capa jogava para trás enquanto a seus pés um mendigo colhe avidamente moedas de ouro.

O meu amigo desaparecera, com a sua bondade e a sua fácil camaradagem, e o irmão também, que caçara comigo ao ver-me roer as unhas. Aquele homem ali era um estranho, e não compreendi porque estava eu sentada a seu lado.

Mr. de Winter voltou-se para mim e falou: — Há pouco desejei que houvesse um invento qualquer para capturar as recordações. Porque gostaria, foi o que me disse, de em dado momento viver de novo o passado. Receio pensar de maneira muito diferente da sua. Todas as memórias são amargas, e prefiro ignorá-las. Aconteceu-me qualquer coisa há um ano, que alterou por completo a minha vida, e meu desejo é esquecer todas as fases de minha existência até esse tempo. Aqueles dias estão terminados. Enterrados para sempre. Preciso recomeçar a viver. Da primeira vez que nos encontramos, a sua Mrs. Van Hopper perguntou-me por que viera eu a Monte Carlo. Arrolhei essas memórias que você me disse gostaria de ver ressuscitadas de quando em quando.

Isso de nada vale, porque às vezes o perfume é forte demais para o frasco, e forte demais para mim. E então, o demônio que há dentro de cada um de nós, curioso e furtivo, tenta sacar a tampa do vidro, como aconteceu no primeiro passeio que fizemos juntos, quando subimos os morros e espiamos o precipício. Eu havia estado lá há alguns anos com minha mulher. Perguntou-me você se tudo ainda estava na mesma, se nada havia mudado. Estava na mesma, sim, mas vi com satisfação que tudo era estranhamente impessoal, nada havia que sugerisse a outra vez. Ela e eu não tínhamos deixado marca, recordação alguma ali. Talvez eu sentisse assim por ter a você ao meu lado — e você já conseguira destruir em mim o passado, mais eficazmente do que as luzes de Monte Carlo. Se não fora a sua companhia, há muito eu já havia partido, teria ido para a Itália, ou Grécia, ou mais além talvez. Você poupou-me todas essas peregrinações. Para o diabo o discursozinho puritano que me fez há pouco! Para o diabo suas ideias a respeito de minha bondade ou caridade! Convido-a a sair comigo porque quero a sua companhia e, se não acredita, pode descer do carro e ir sozinha para o hotel.

Vamos, abra a porta e desça.

Eu estava quieta, com as mãos no colo, sem saber se ele falava sério ou não.

— Bem, continuou ele. Que resolve? Se eu fosse um ano ou dois mais moça, creio que teria chorado. As lágrimas infantis estão sempre à superfície, e brotam ao primeiro choque. Mas naquele momento ficaram a arder por detrás dos meus olhos; senti a cor subir-me ao rosto; e, olhando de relance para o meu reflexo no espelho do carro, estranhei o transtorno das minhas feições, o olhar perturbado, as faces em fogo, os cabelos em desordem sob o chapéu de feltro.

— Quero ir para casa, exclamei em voz trêmula — e sem nada dizer ele pôs o carro em movimento, rumo ao hotel.

Rapidamente vencemos a distância, em velocidade excessiva, enquanto os campos indiferentes nos olhavam sem interesse. Chegamos àquela curva de estrada que eu desejara aprisionar como uma memória, mas a camponesa se fora, o colorido perdera o

encanto; nada mais era do que uma simples curva de estrada por onde centenas de motoristas passam.

A magia se evolara juntamente com a minha disposição alegre; e ao ter consciência deste fato senti meus lábios tremerem, o orgulho do adulto desapareceu, e miseráveis lágrimas, regozijando-se com a vitória, brotaram de meus olhos, correram pelas minhas faces.

Eu não podia refreá-las porque vinham espontâneas, e se tirasse o lenço do bolso meu companheiro o perceberia.

Deixei-as correr livremente sentindo-lhes o gosto salino e amargo nos lábios, mergulhando-me em humilhação profunda. Não sei se ele se voltou para mim ou não, pois eu continuava firme à frente, com olhos embaçados; mas subitamente senti que segurava minha mão, e beijava-a, e sem nada dizer lançava ao meu colo o seu lenço — que eu não tive coragem de tomar. Lembrei-me das heroínas de cinema que ficam bonitas quando choram, pensei no contraste que eu devia oferecer com meu rosto inchado e círculos vermelhos à volta dos olhos.

Que fim triste para a minha manhã, e como seria longo o dia que me esperava! Tinha que almoçar no quarto com Mis. Van Hopper, pois a enfermeira ia sair; e depois, com aquela incansável energia dos convalescentes, ela me faria jogar besigue durante horas. Como iria sufocar-me naquele quarto! Havia qualquer coisa de sórdido nos lençóis amarrotados, nos cobertores esparsos, na mesa de cabeleira, suja de pó, de perfume derramado e rouge líquido. A cama estaria em desordem, com páginas de jornais dobradas de qualquer jeito, e novelas francesas de capas rasgadas fazendo companhia a revistas americanas. Tocos de cigarros por toda parte, em potes de creme, num prato de uvas, no chão embaixo da cama.

As visitas eram pródigas de flores, mas os vasos eram arrumados de qualquer maneira — exóticas flores de estufa ao lado de "mimosas" singelas — e uma enorme caixa com laço de fita a completar o todo, com fileiras de frutas cristalizadas.

Mais tarde os seus amigos viriam tomar um drinque, que eu deveria preparar, por muito que eu deteste semelhante

incumbência. E tímida e pouco à vontade eu me refugiaria num canto para escapar àquele tagarelar de papagaios. E sentir-me-ia de novo como criança que apanhou, corando por Mrs. Van Hopper quando a via sentar-se na cama e falar alto demais, ou rir exageradamente, animada por ter todo o seu grupo à sua volta, ou fazer o gramofone portátil tocar um disco, de cadência acompanhada dum ridículo sacudir de ombros. Eu a preferia irritada e brusca, com os cabelos cheios de grampos, repreendendo-me por ter esquecido o seu Taxol.

Era isto o que me esperava no apartamento, enquanto o meu companheiro, depois de deixar-me no hotel, saíria sozinho, para o lado do mar, talvez, a sentir o vento contra o rosto, a acompanhar o curso do sol, a perder-se em recordações que eu não podia compartilhar, nem saber quais fossem, a vaguear novamente pelas alamedas dos anos que já tinham ido...

O abismo entre nós era agora mais fundo do que jamais o fora, quando eu o visse permanecer assim afastado, de costas para mim, naquela praia longínqua. Senti-me moça, e pequenina, e muito, muito só; e então, apesar de toda a minha dignidade, tomei o lenço do colo e assoei o nariz, mandando minha aparência aos quatro ventos. Mesmo porque isso nunca teria importância.

— Para os diabos com tudo isto! disse ele de repente, como se estivesse zangado, ou entediado — e puxando-me para si, passou-me um braço à volta dos ombros, olhando sempre à frente e dirigindo o carro com a mão livre. Creio que é bastante moça para ser minha filha, e não sei como lidar com você, disse ele.

Numa curva ele teve de desviar o carro para não pegar um cachorro. Pensei que fosse largar-me; não me largou, continuou com o braço em volta de mim, e mesmo depois de termos vencido a curva e já em plena reta não me largou.

— Melhor esquecer o que lhe disse hoje de manhã. Está tudo acabado, de uma vez. Não pensemos mais nisso. Em minha família chamam-me Maxim, e eu gostaria que você fizesse o mesmo. Tem sido muito cerimoniosa para comigo.

Em seguida tirou-me da cabeça o chapéu e, curvando-se, beijou-me na cabeça. "Promete-me que nunca usará cetim preto",

pediu ele — e tive de rir-me com ele — e a manhã tornou-se de novo bela, dourada e luminosa. Mrs. Van Hopper e as horas em sua companhia já não teriam para mim a menor importância. O tempo passaria depressa, e haveria hoje à noite, e outro dia amanhã. Senti-me feliz, rejubilante, senhora de mim mesma, com direitos de igualdade. Vi-me entrando no quarto de Mrs. Van Hopper, um tanto tarde para o seu besigue, respondendo-lhe negligentemente: "Esqueci-me da hora.

Estive almoçando com Maxim".

Eu era ainda bastante criança para achar que o tratamento dum pessoa pelo primeiro nome era como usar galão dourado nas mangas, embora ele me tivesse tratado, desde o princípio, pelo meu nome de batismo. Esta manhã, apesar de todos os seus momentos sombrios, um novo laço de amizade nos unira; a distância que me desolava desaparecera. E ele também me beijara, com a maior naturalidade, calma e reconfortantemente. Nada de dramático, como nos livros. Nada que embaraçasse, antes pelo contrário tornando as nossas relações mais fáceis, mais simples. O abismo que existia entre nós havia sido transposto, afinal. Maxim, apenas é como eu iria tratá-lo. E a tarde passada com Mrs. Van Hopper, a jogar besigue, não foi tão tediosa como eu esperara, embora por falta de ânimo eu nada lhe contasse do passeio da manhã. E quando ao terminar o jogo e enquanto colocava as cartas na caixa ela me perguntou: "Diga-me, Max de Winter ainda está no hotel?" Eu hesitei um momento, como o mergulhador à tona d'água, perdi toda a coragem e confiança em mim, e: "Sim, creio que sim... Ele vem tomar as refeições no salão de jantar".

"Alguém lhe contou", pensei comigo, "alguém nos viu juntos, o professor de tênis veio queixar-se, o gerente mandou avisá-la" — e esperei pelo ataque. Mrs. Van Hopper, entretanto, continuou guardando as cartas, entre bocejos, enquanto eu punha ordem em sua cama. Dei-lhe o porta pó de arroz, o rouge, o batom; ela pôs de lado o baralho para tomar o espelho na mão.

— Criatura atraente, comentou. Mas de temperamento esquisito, difícil de entregar-se. Devia, pelo menos, ter feito

menção de convidar-nos para uma visita a Manderley, naquele dia, no hall. Mostrou-se tão reservado...

Eu nada disse. Observei-a enquanto com o batom desenhava um arco sobre sua boca de linhas duras. "Eu nunca a vi", continuou Mrs. Van Hopper, seguindo lá a sua ideia e afastando o espelho para ver o efeito da pintura. "Mas dizem que era linda. Interessante, diferente, brilhante em todos os sentidos. Costumavam dar maravilhosas festas em Manderley. Tudo aconteceu de repente, de maneira trágica — e creio que ele a adorava... Preciso de um pó um pouco mais escuro para combinar com este rouge, minha cara. Quer ir buscá-lo à gaveta?" E ocupamo-nos então com os pós, os rouges e perfumes, até que a campainha soou e as visitas apareceram. Preparei os drinques desinteressadamente, falando pouco; mudava os discos do gramofone, jogava fora os tocos de cigarro.

— Tem desenhado muito ultimamente, minha menina? Pergunta forçada dum velho banqueiro de monóculo; respondi com um sorriso insincero. "Não, ultimamente.

Mais um cigarro?" Não era eu quem respondia, nem me achava eu ali.

Estava seguindo um fantasma da imaginação, que havia tomado forma, afinal. Fantasma de feições confusas, colorido indistinto, o desenho dos olhos e o tom dos cabelos ainda não revelados.

Sim, uma beleza que perdurava — e a graça do seu sorriso não podia ser olvidada. O eco de sua voz ainda vivia, bem como a lembrança das palavras que pronunciara. Havia lugares que visitara, e objetos que suas mãos tinham tocado.

Talvez algum armário ainda guardasse vestidos seus, conservando o perfume que usara. No meu quarto, debaixo do travesseiro, havia um livro que estivera entre suas mãos — e pude vê-la a abrir aquela primeira página em branco, sorrindo enquanto escrevia, depois de sacudir a pena: "A Max, Rebecca". Devia ter sido em dia de aniversário, e ela pusera o livro entre outros presentes seus, sobre a mesa do café da manhã. E ambos tinham rido juntos, enquanto ele desfazia o embrulho. Talvez ela se tivesse

reclinado sobre o ombro de quem lia. Max. Ela lhe chamara Max. Nome íntimo, alegre, de fácil pronúncia. A família poderia chamá-lo Maxim, se quisesse. Tias e avós. E também pessoas como eu, jovens, quietas e pouco interessantes — pessoas que não contavam.

"Max" era da escola dela; propriedade sua, pois com tanta segurança o escrevera na primeira página do livro. Numa caligrafia firme, inclinada, que apunhalava o papel branco, que era o símbolo de quem escrevia — tão confiante, tão segura de si...

Quantas vezes não lhe teria ela escrito, em disposições de espírito diversas! Pequenos bilhetes rabiscados em pedaços de papel, e cartas, durante suas ausências, páginas e páginas de intimidades, falando de coisas que só interessavam a ambos.

Sua voz ecoando pela casa, através dos jardins, despreocupada e íntima como a caligrafia do livro...

Só a mim cabia o direito de tratá-lo de Maxim.

## 6

**ARRUMAR MALAS.** Os aborrecimentos irritantes que precedem a partida. Chaves perdidas, rótulos por fazer, pedaços de papel pelo chão. Detesto tudo isso. Mesmo agora que já estou acostuada, que por assim dizer vivo num trem. Mesmo hoje, que o abrir guarda roupas de hotéis ou gavetas impessoais de uma vila alugada virou mera rotina, experimento sempre aquela sensação de tristeza de quem perdeu alguma coisa. Aqui vivemos, digo eu, aqui fomos felizes. Isto tudo foi nosso, embora por pouco tempo, e apesar de termos passado apenas duas noites sob este teto, deixamos nele um pouco de nós mesmos. Nada de material, como um grampo sobre o toucador, um tubo de aspirina vazio, ou um lenço sob o travesseiro; mas qualquer coisa de indefinível — um momento de nossas vidas, uma disposição de espírito, um pensamento bom.

Esta casa nos abrigou; dentro de suas paredes conversamos e amamos. Isto foi ontem. Hoje seguimos nosso caminho. Não mais

veremos essas coisas, já somos diferentes, estamos mudados, embora de maneira imperceptível. Jamais tornaremos a ser o que fomos. Mesmo ao parar para almoçar numa estalagenzinha à beira da estrada, ao dirigir-me a um quartinho escuro para lavar as mãos — o trinco da porta que eu não conhecia, o papel da parede descascando-se em tiras, o engraçado espelhinho rachado sobre a pia — tudo por um momento é meu, pertence-me. Conhecemo-nos. Estamos no presente. Não existe passado nem futuro. Eis-me aqui lavando as mãos, com o espelho rachado a refletir minha imagem, como se o Tempo houvesse parado; aqui estou eu, este momento não passará.

E abro então a porta e vou para a sala de jantar onde ele está sentado à mesa à minha espera, e penso que naquele momento já me tornei um pouco mais velha, e avancei mais um passo na direção dum destino ignorado.

Sorrimos, escolhemos o nosso almoço, falamos de uma coisa ou de outra, mas — vou dizendo-o a mim mesma — já não sou aquela que o deixou há cinco minutos. Aquela ficou para trás. Sou uma mulher diferente, mais velha, mais madura...

Vi outro dia no jornal que o Hotel Cote d'Azur em Monte Carlo mudou de gerência, e tem agora um nome diverso.

Foram redecorados os cômodos; o interior está completamente reformado. Talvez o apartamento de Mrs. Van Hopper no primeiro andar não exista mais, nem haja sinal daquele quartinho que foi meu. Bem me parecera que nunca mais voltaria, sim, naquela manhã em que, ajoelhada ao chão, eu lutava com a fechadura da mala, que enguiçara.

O episódio terminou satisfatoriamente; a mala fechou-se.

Espiei pela janela, e foi como se virasse as páginas de um álbum de fotografias. Aqueles telhados e aquele mar não me pertenciam mais. Pertenciam ao dia de ontem, ao passado. O próprio quarto parecia deserto, assim despido de nossas coisas, e o apartamento tinha um ar faminto, como se ansiasse pela nossa partida e pela vinda dos novos hóspedes esperados para o dia seguinte. A bagagem grossa estava já trancada e amarrada, fora, no corredor; só faltavam as malas de mão, sempre deixadas para o

último momento. As cestas de papel gemiam sob o peso de vidros de remédio ainda pela metade, potes de creme, cartas e recibos rasgados. Gavetas abertas, a escrivaninha nua...

Mrs. Van Hopper me mostrara uma carta na véspera, quando eu lhe servia o café da manhã. "Helen embarca sábado para Nova York. Telegrafaram-lhe que voltasse imediatamente porque Nancy teve uma crise de apendicite. Isso me decidiu.

Vamos embarcar também. Estou farta de Europa, e de mais a mais poderemos voltar no outono que vem. Não lhe agrada a ideia de ir ver Nova York?" Para mim, essa ideia era pior do que ameaça de prisão.

Minha fisionomia devia ter traído o meu desagrado, pois Mrs. Van Hopper mostrou primeiro surpresa, depois aborrecimento.

— Que estranha, incontentável criatura é você! Não posso compreendê-la. Não vê que na América as moças de sua posição, sem dinheiro podem divertir-se imensamente? Uma porção de rapazes, passeios. Tudo dentro de sua classe. Poderá ter o seu circulozinho de amigos, e não precisará estar à minha disposição o tempo todo como aqui. Não pensei que gostasse tanto de Monte...

— Já me habituei aqui, foi a minha esfarrapada desculpa, pois me sentia infeliz, com o pensamento em tumulto.

— Bem, terá que habituar-se a Nova York, e está acabado. Iremos pelo mesmo vapor de Helen, e precisamos encomendar as passagens imediatamente. Vá já ao escritório, e faça que aquele rapazinho se movimente. E você vai ter tanto serviço que não terá tempo para derramar lágrimas por Monte! Disse e deu uma risada desagradável, esmagando a ponta do cigarro na manteiga — e foi telefonar aos amigos.

Não tive coragem de ir imediatamente ao escritório.

Dirigi-me à sala de banho, fechei a porta, sentei-me no tapete de cortiça com a cabeça entre as mãos. Sobreviera de novo a tragédia do partir. Estava tudo acabado. Amanhã à noite estaria eu no trem, segurando a maleta de joias e a manta de Mrs. Van Hopper, como sua criada; e ela, com aquele chapéu novo de

enorme pena solitária, encolhida no seu casaco de peles, sentada à minha frente no carro dormitório.

Escovaríamos os dentes no compartimentozinho abafado, de pia borrifada, de toalha úmida, sabão com um fio de cabelo, a garrafa de água pela metade, e o infalível aviso na parede: "Sous le lavabo se trouve une vase"; e, enquanto isso, cada ruído, cada solavanco do trem me diria que os quilômetros cada vez mais me afastavam dele, lá no restaurante do hotel, sentado àquela mesa que eu conhecera, lendo um livro, alheio a tudo, não pensando...

Talvez eu lhe dissesse adeus no hall antes de partir. Uma despedida rápida, furtiva, por camisa dela. E haveria uma pausa, e um sorriso, e palavras como estas: "Naturalmente vai escrever-me" — "Eu nunca lhe agradei o ter sido tão amável" — "Precisa mandar-me aqueles instantâneos" — "Qual é o seu endereço?" — "Bem, avisarei depois". E ele acenderia um cigarro despreocupadamente, pedindo um fósforo ao garçom mais próximo, e eu pensaria: "Só faltam quatro minutos e meio. E nunca mais o verei".

E porque eu me ia embora, e porque estava tudo acabado, não haveria mais nada a dizer, seríamos como dois estranhos que se veem pela primeira e última vez, enquanto o meu coração chorava, bradava agoniado: "Eu o amo tanto.

Sou imensamente infeliz. Isto nunca me aconteceu, e nunca mais me acontecerá". Mas na minha fisionomia só aparecia um sorriso afetado, convencional, e minha voz diria: "Veja que velhinho engraçado aquele, deve ser novo aqui". E desperdiçaríamos os últimos momentos rindo de um desconhecido, pois já éramos quase desconhecidos um para o outro. "Espero que os instantâneos saiam bons", eu repetiria sofrendo o desespero; e ele: "Sim aquele no largo deve sair bom, a luz estava ótima". Coisas que já tínhamos dito antes, discutido e comentado, e que afinal bem pouco me interessavam; tanto se me dava que saíssem nítidos ou fora de foco, pois tínhamos chegado à hora do adeus final e aquele momento era o último momento.

"Bem..." Um sorriso horrível arreganhando-me o rosto: "Então muito agradecida por tudo. Esteve formidável..." Usando palavras

que eu nunca usara antes.

Formidável! — que significava?... Só Deus sabe, e bem pouco me importava a mim; tipo de palavra que as meninas de colégio usam quando falam em hóquei, bem pouco apropriada para aquelas últimas semanas de delícia e miséria. Por fim as portas do elevador se abririam para soltar Mrs. Van Hopper, e, enquanto eu atravessasse o hall para ir ao seu encontro, ele voltaria para o seu lugar a um canto, e pegaria um jornal.

Grotescamente sentada no tapete de cortiça do banheiro eu vivi tudo isso, e também a nossa viagem, e a chegada a Nova York. A voz estridente de Helen, edição mignon de sua mãe, e Nancy, aquela criança terrível. Os estudantes que Mrs.

Van Hopper gostaria que eu conhecesse, e os jovens empregados de banco, que convinham à minha situação.

"Vamos marcar, então, para quarta-feira à noite." "Gosta de música moderna?" Rapazes de nariz arrebitado e rosto lúcido. Tendo que se mostrar amáveis. E eu ansiando por ficar a sós com os meus pensamentos — como naquele instante, ali no banheiro fechado...

Mrs. Van Hopper veio bater à porta.

— Que está fazendo? — Já saio — e abri e fechei barulhentemente a torneira, e estendi uma toalha sobre o cabide. Ela olhou-me curiosa, quando abri a porta.

— Há quanto tempo está aí! Você não pode sonhar esta manhã, sabe? Há muita coisa a fazer.

Ele voltaria para Manderley dentro de poucos dias, eu estava certa disso. Encontraria no hall uma pilha de cartas à sua espera, e entre outras a minha, rabiscada no vapor. Uma carta forçada, procurando ser espirituosa ao fazer a descrição dos meus companheiros de viagem. Ficaria a dormir em sua pasta, e só seria respondida semanas depois, apressadamente, num domingo de manhã, antes do almoço, tendo dado com ela por acaso, ao procurar umas contas. E depois, mais nada.

Nada, até a degradação última do cartão de Natal.

Representando Manderley, talvez, contra um fundo branco de gelo. Uma mensagem impressa, dizendo: "Feliz Natal e próspero

Ano Novo. De Maximilian de Winter". Em letras douradas. Por gentileza, ele riscaria o nome impresso e escreveria por baixo "Maxim", à guisa de consolo; e, se houvesse espaço, mais algumas palavras: "Espero que esteja gostando de Nova York". Fechado o envelope, um selo e lá ia para o monte de centenas de outros...

— É pena que embarquem amanhã, disse-me o gerente do hotel, de telefone em mão. O balé estreia na semana que vem. Mrs. Van Hopper saberá disso? — e eu voltei do Natal em Manderley para as realidades do carro dormitório.

Mrs. Van Hopper almoçou pela primeira vez no restaurante depois de sua gripe, e senti um frio na base do estômago ao acompanhá-la. Eu não ignorava que Maxim tinha ido passar o dia em Cannes, pois fora ele mesmo que me avisara, mas o garçom podia cometer a indiscrição de dizer: "Mademoiselle vai jantar hoje à noite com Monsieur, como de costume?" Quase me sentia mal todas as vezes que o garçom se aproximava de nossa mesa — mas felizmente nada disse.

Passamos o dia arrumando a bagagem, e à tarde várias pessoas vieram dizer adeus a Mrs. Van Hopper. Jantamos na sala do apartamento: e ela, a seguir, foi para a cama. E no entanto eu ainda o não tinha visto... Fui até o hall às nove e meia, sob pretexto de apanhar rótulos para as malas, mas não o encontrei lá. O detestável rapazinho do escritório sorriu-me ao verme: "Se está procurando Mr. de Winter, recebemos recado de Cannes para avisar que não voltará antes da meia-noite".— Quero apenas rótulos, disse eu, mas pelo seu olhar vi que ele não se convencera. Não iria, afinal de contas, haver noite de despedida. A hora pela qual eu esperara o dia inteiro, tinha de passá-la na triste solidão do meu quarto, de olhos fixos na minha maleta de viagem. Talvez fosse melhor assim, no meu estado d'alma eu não saberia ser uma companheira alegre — e ele leria no meu rosto o que andava pelo coração.

Lembro-me que chorei aquela noite, lágrimas amargas da mocidade que já hoje eu não saberia verter. Lágrimas desesperadas, com a cabeça funda no travesseiro, ninguém sabe chorá-las depois dos vinte e um anos. Cabeça latejante, olhos inchados, garganta contraída e seca. E a ansiedade alucinada, de

manhã cedo, para esconder os vestígios; os jatos de água fria, as gotas de água de colônia; o pó de ano, já em si significativo. O horror de chorar outra vez, de não conseguir conter as lágrimas, pois um tremor de lábios poderia terminar em desastre. Lembro-me de ter aberto a janela, na esperança de que o ar fresco da manhã atenuasse o rubor traiçoeiro sob o pó de arroz e nunca o sol me parecera tão brilhante, nem o dia mais cheio de promessas. Monte Carlo se me afigurou de repente um lugar de bondade e encanto, o único do mundo onde havia sinceridade. Amei-a.

Senti-me tomada de afeição pela cidade, desejei viver ali toda a minha vida. E no entanto ia partir... "É a última vez que escovo os dentes nesta pia, que me penteio aqui. Nunca mais dormirei nesta cama. Nunca mais torcerei o comutador desta lâmpada elétrica." Ali estava eu, de roupão, andando de um lado para outro, transformando um quarto de hotel em algo profundamente sentimental.

— Você não se resfriaria, por acaso? indagou Mrs. Van Hopper à hora do café.

— Não, respondi. Pelo menos creio que não, emendei, agarrando-me a essa tábua de salvação, que talvez servisse mais tarde para explicar os olhos vermelhos.

— Detesto permanecer num lugar depois das malas feitas, resmungou ela. Antes tivéssemos escolhido um trem mais cedo. Poderíamos perfeitamente ter arranjado tudo com calma, e teríamos mais tempo para ficar em Paris. Telegrafe a Helen que não venha ao nosso encontro. Será que... e ela consultou o relógio. Talvez ainda seja possível trocar de trem; vale a pena tentar. Vá até o escritório, verifique.

— Sim, disse eu, insensível às suas mudanças de ideias, indo para o quarto sacar o meu roupão e envergar minha infalível saia de flanela, e enfiar aquele suéter feito por mim mesma. Senti a minha indiferença por Mrs. Van Hopper transformar-se em ódio. Era o fim de tudo; até a minha manhã que estava sendo roubada. Malograda, aquela minha meia-hora no terraço, talvez nem mesmo dez minutos para dizer adeus... Tudo porque ela terminara o café mais cedo do que esperava, e se sentia entediada. Bem. Eu

afastaria para longe a modéstia, a reserva; poria de lado o orgulho. Bati a porta do quarto e saí correndo. Não esperei pelo elevador; subi de três em três os degraus que levavam ao terceiro andar. Eu sabia o número do quarto dele, 148, e bati lá com força, vermelha e ofegante.

— Entre! gritou a voz dele — e eu empurrei a porta, arrependida já, sentindo fugir-me a coragem, pois talvez só agora ele tivesse acordado, já que se deitara tão tarde; provavelmente ainda estaria na cama, irritado, com os cabelos em desalinho...

Encontrei-o fazendo a barba em frente à janela aberta, com uma jaqueta de pelo de camelo sobre o pijama, e eu me senti vestida demais com a minha saia de flanela e os meus sapatos grossos. Vi que não passava de uma tola, eu que me julgava tão dramática.

— Que deseja? perguntou-me. Aconteceu alguma coisa? — Vim dizer-lhe adeus, respondi. Embarcamos daqui a pouco.

Ele encarou-me, depondo a navalha sobre a pia.

— Feche a porta, disse.

Fechei e fiquei ali sem me sentir muito à vontade, com os braços pendidos.

— Que absurdo é esse?

— É verdade, sim, embarcamos hoje. Íamos pelo último trem, mas Mrs. Van Hopper acaba de resolver partir mais cedo — e eu tive medo de não vê-lo mais. Queria encontrá-lo antes de ir embora, para deixar meus agradecimentos.

Tinham saído as palavras idiotas exatamente como eu as imaginara. Sentia-me constrangida, sem jeito, e dentro em pouco iria provavelmente aplicar o "formidável".

— Por que não me disse antes?

— Só ontem ela decidiu. Sua filha embarca para Nova York no sábado, e nós vamos também. Devemos encontrá-la em Paris; seguimos juntas para Cherbourg.

— Mrs. Van Hopper vai levá-la para Nova York?

— Sim, embora eu não queira ir. Sei que vou detestar a viagem, vou me sentir miseravelmente infeliz.

— Mas, em nome de todos os deuses, por que vai então?

— Tenho que ir, já expliquei. Trabalho para viver, e não posso deixá-la.

Ele guardou a navalha e lavou o rosto.

— Sente-se, disse. Não me demorarei. Vou me vestir no banheiro, estarei pronto em cinco minutos.

Pegou as roupas que estavam numa cadeira e jogou-as no banheiro; entrou lá; fechou a porta. Sentei-me na cama e pus-me a roer as unhas. A situação era irreal, e eu me sentia qual uma figura de cera. Fiquei a conjecturar o que estaria ele pensando de tudo aquilo, e que iria fazer. Corri os olhos pelo quarto: um quarto de homem como outro qualquer, sem ordem, impessoal. Pares de sapatos, mais do que ele os poderia usar; coleção de gravatas. O toucador vazio — um vidro de loção, um par de escovas de marfim. Nenhum instantâneo, nenhuma fotografia. Nada nesse estilo.

Instintivamente procurei por elas, achando que uma pelo menos devia haver ao lado da cama, ou sobre a lareira. Nada.

Só vi livros, um maço de cigarros.

Ele ficou pronto, como prometera, em cinco minutos.

— Espere-me no terraço, enquanto tomo o café, disse-me ao sair.

Olhei para o relógio.

— Não tenho tempo, eu já devia estar no escritório, para trocar as passagens.

— Não se incomode com isso. Temos de nos falar.

Atravessamos o corredor e chamamos pelo elevador. "Ele não sabe", pensei eu, "que o primeiro trem parte dentro de hora e meia. Mrs. Van Hopper vai telefonar para o escritório e perguntará se estou lá. Descemos pelo elevador sem dizer palavra, e fomos para o terraço, onde estavam arrumadas as mesas para a refeição da manhã.

— O que vai fazer? perguntou.

— Já tomei meu café, e não posso me demorar mais do que quatro minutos.

— Traga-me café, um ovo quente, torradas, geleia e uma tangerina, ordenou ele ao garçom.

E tirando uma lima do bolso começou a cuidar das unhas.

— Então Mrs. Van Hopper já se cansou de Monte Carlo! E quer voltar para casa. É o que desejo também. Ela para Nova York, e eu para Manderley. Qual dos dois você prefere? Escolha.

— Não brinque, isso não é justo, murmurei. — Mal tenho tempo de cuidar das passagens. Vamos nos despedir.

— Se acha que faço graça no café da manhã, engana-se muito, minha cara. Estou invariavelmente de mau humor pela manhã. E, repito, depende de você. Ou vai para a América com Mrs. Van Hopper, ou vai para Manderley comigo.

— Quer dizer que precisa de uma secretária ou coisa parecida?

— Não, preciso de esposa, de quem se case comigo, "sua" bobinha.

O garçom apareceu com a bandeja, e eu fiquei de mãos no colo, observando-o enquanto colocava sobre a mesa o bule de café e a leiteira.

— Mas não compreende, disse eu depois que o garçom se foi, que não sou o tipo de moça que os homens pedem em casamento?

— Que diabo quer dizer com isso? interpelou-me ele, olhando-me de frente e pousando a colher no prato.

Importuna mosca pousou no prato; ele enxotou-a num gesto impaciente.

— Não tenho certeza, balbuciei. — Creio que não sei explicar bem. Antes de mais nada, eu não pertencço ao seu mundo.

— Qual é o meu mundo?

— Manderley. Ora, bem sabe o que quero dizer...

Ele pegou a colher para servir-se de geleia. — Vejo que é tão ignorante como Mrs. Van Hopper, e igualmente tola. Que sabe sobre Manderley? Sou eu a única pessoa que pode julgar uma coisa dessas. Acha que fiz o pedido por impulso de momento, por ter dito que não quer ir para Nova York, não é verdade? Acha que a peço em casamento pela mesma razão que acreditou mover-me a levá-la àqueles passeios de carro — sim — ou a convidá-la a jantar comigo na primeira noite? Por bondade — não é isso mesmo?

— Sim...

— Talvez algum dia, continuou, cobrindo de geleia a torrada, chegue você a perceber que a filantropia não é o meu forte. No momento, creio que não é capaz de compreender coisa alguma. Não respondeu ainda à minha pergunta. Quer se casar comigo?

Não creio que jamais, nem mesmo nos meus mais loucos momentos, eu tivesse pensado nessa possibilidade. Uma vez no carro, quando já tínhamos rodado em silêncio durante quilômetros, eu fiz um castelo... Vi-o doente, muito doente, delirante, e mandando me chamar para tratá-lo. E o sonho já estava no ponto da aplicação de água de colônia em sua cabeça, quando chegamos ao hotel. Outra vez imaginei estar vivendo numa cabana nas terras de Manderley, onde ele vinha às vezes me visitar — e juntos nos sentávamos à frente da lareira... Mas aquela súbita conversa de casamento me desorientou, escandalizou, quase. Era como se um rei houvesse me pedido. Não parecia coisa real. Mr. de Winter continuava a comer geleia, como se tudo fosse muito natural.

Nos romances os homens se ajoelham aos pés das mulheres, e há luar... Não de manhã, à hora do café. Não daquela maneira.

— Meu pedido não parece ter sido bem aceito, disse ele. — Perdoe-me. Cheguei a pensar que me amava. Um belo golpe na minha vaidade...

— Eu o amo sim, exclamei. — Amo-o imensamente. Por sua causa me senti infeliz, e passei a noite chorando, à ideia de não vê-lo nunca mais.

Lembro-me que ele riu quando pronunciei estas palavras, e estendeu-me a mão por cima do café. "Deus a abençoe pelo que disse", murmurou. "Um dia, quando tiver atingido a maravilhosa idade de trinta e cinco anos, como tanto deseja, eu recordarei este momento. E você não acreditará. É uma pena que não pare na idade que tem..." Eu já me sentia envergonhada e zangada com ele por ter rido. As mulheres, então, não faziam dessas confissões aos homens? Ah, eu tinha ainda muito que aprender...

— Então está certo, não é verdade? disse ele, continuando com a geleia e as suas torradas. Em vez de ser a companheira de Mrs. Van Hopper, vai ser a minha, com deveres quase que exatamente os mesmos. Também eu gosto de livros novos, flores

na sala, de beisebol depois do jantar. E de alguém para me servir o chá. A única diferença é que não gosto de Taxol, prefiro sal de frutas — e você nunca deixará faltar a minha marca especial de dentifrício.

Eu batia com os dedos sobre a mesa, sem saber o que pensar dele ou de mim. Estava ainda brincando? Seria tudo uma pilhéria? Ele então olhou-me e leu a ansiedade dos meus olhos.

— Estou sendo um bruto, não é verdade? Não é esta a sua ideia de um pedido de casamento. Deveríamos estar numa estufa de flores, você de vestido branco e rosa na mão; ao longe, um violino em valsa langorosa. E eu, por detrás de uma palmeira, declarando um violento amor. Isso sim, não? Pobre queridinha! Mas não se aborreça, eu a levarei à Itália em nossa lua de mel, e passearemos de gôndola, de mãos dadas. Mas não poderemos ficar lá muito tempo — porque quero mostrar-lhe Manderley.

Ele queria mostrar-me Manderley... Subitamente compreendi que tudo era verdade, que eu seria sua mulher, que juntos andaríamos pelo jardim e desceríamos pelo caminho do vale até a praia de cascalhos brancos. Vi-me a mim mesma, depois do café da manhã, de pé sobre os degraus de pedra, olhando o dia cheio de sol, jogando migalhas aos passarinhos, indo mais tarde para o jardim com um grande chapéu de palha, com a tesoura de cortar flores.

Compreendi agora por que eu comprara aquele cartão postal em criança; fora um pressentimento — o véu do futuro que por um momento se erguera. Ele queria mostrar-me Manderley... Minha imaginação não se deteve mais, figuras e figuras surgiram à minha frente, quadro após quadro — tudo enquanto ele comia a sua tangerina, dando-me um gomo de vez em quando, sempre a observar-me. Estaríamos numa reunião, e ele diria: "Creio que ainda não conhece minha mulher". Mrs. de Winter! Eu seria Mrs. de Winter. Vi a minha assinatura em cheques aos fornecedores, em cartas de convites para jantar. Ouvei a minha voz ao telefone. "Por que não vem passar o fim de semana em Manderley?" Gente, sempre muita gente. "Oh, mas é encantadora, precisa conhecê-

la..." Isto quando falassem de mim — sussurro a um canto — e eu passaria fingindo não ter ouvido.

Em Manderley... Indo até a cabana de cesta ao braço, cheia de uvas e pêssegos para a velhinha doente. Mãos estendidas para mim. "Deus a abençoe, minha senhora, pela sua bondade", e eu: "Mande avisar-me se precisar de alguma coisa". Eu seria Mrs. de Winter! Vi a mesa polida e brilhante, a sala de jantar antiga, os candelabros esguios. Maxim à cabeceira, um grupo de vinte e quatro pessoas, e eu com uma flor nos cabelos. Todos olhando para mim, levantando taças: "Desejamos beber à saúde da noiva", e Maxim, depois: "Você nunca esteve tão bonita". Quartos grandes e frescos, repletos de flores. O meu com a lareira acesa no inverno. Batida à porta. Alguém entrando — a irmã de Maxim; dirige-se a mim: "É deveras extraordinário como você o fez feliz, todos dizem a mesma coisa". Mrs. de Winter! Eu seria Mrs. de Winter...

— Essa parte de tangerina está azeda. Eu não a comeria se fosse você, disse ele — e eu encarei-o, demorando a compreender aquelas palavras.

Atentando no meu prato, vi que ele tinha razão, e que o que restava da fruta era uma parte azeda — mas só agora eu notava aquilo.

— Vou participar a Mrs. Van Hopper, ou vai você? perguntou-me.

Estava dobrando o guardanapo, e depois de ter afastado o prato fiquei pensando como é que podia falar assim tão despreocupadamente, como se se tratasse de coisa sem importância, de concertar planos, e nada mais. Para mim era bomba explodida em mil fragmentos.— Conte você, disse eu. Ela vai ficar furiosa.

Levantamo-nos da mesa, eu afogueada, trêmula de antecipação. Fiquei pensando se ele iria contar ao garçom, tomar, sorrindo, o meu braço, e dizer: "Pode dar-nos parabéns, Mademoiselle e eu vamos casar-nos". E todos os garçons ouviriam, e se curvavam diante de nós, sorridentes, e quando entrássemos no hall seríamos seguidos por uma onda de expectativa num murmúrio de aprovação. Mas ele nada disse.

Deixamos o terraço sem uma palavra e dirigimo-nos ao elevador. O rapazinho confiado estava atento no exame duns papéis. "Ele não sabe", pensei eu, "que vou ser Mrs. de Winter. Que vou viver em Manderley. Que Manderley vai pertencer-me." Subimos pelo elevador até o primeiro andar e atravessamos o corredor. Minha mão ia na sua.

— Acha que um homem de quarenta e dois anos é velho demais para você? — Oh, não! exclamei vivamente. Eu não gosto dos homens muito moços.

— Não conheceu nenhum, disse ele.

Chegados à porta do apartamento, ele falou: — Acho melhor incumbir-me disto sozinho. Diga-me uma coisa: quer casar-se logo? Não faz questão de enxoval e dessa história toda? Porque tudo poderia ser arranjado facilmente. Num cartório. Uma licença especial. E, depois, de automóvel para Veneza, ou para onde você queira ir.

— Não na igreja? perguntei. Sem vestido branco, sem damas de honra, nem sinos, nem música? Que diria sua gente e seus amigos? — Você esquece-se, disse ele, que já tive um casamento assim? Estávamos parados diante do apartamento; vi o jornal ainda embaixo da porta. Estivéramos tão ocupados aquela manhã que nem houve tempo de lê-lo.

— Então? perguntou-me Maxim. Que resolveu? — Claro que concordo. Por um momento pensei que íamos casar na Inglaterra. Claro que não espero um casamento na igreja, com assistência, ou coisa nesse estilo, e olhei para ele sorrindo.

Maxim abriu a porta; entrei.

— É você? exclamou a voz de Mrs. Van Hopper.

Pelo amor de Deus, que andou fazendo? Telefonei três vezes para o escritório e disseram que não a tinham visto.

Senti um desejo súbito de rir, ou de chorar, ou das duas coisas a um tempo, e senti também um frio na base do estômago. Por um momento desejei que nada daquilo tivesse acontecido, desejei estar sozinha, longe dali, fazendo um passeio a pé e assobiando.

— Creio que a culpa foi minha, disse Maxim entrando na saleta e fechando a porta — mas tive ainda tempo de ouvir a exclamação de surpresa de Mrs. Van Hopper.

Fui para meu quarto; sentei-me rente à janela. Senti-me como se na sala de espera de um hospital. Devia folhear as páginas de uma revista, olhar para fotografias que não interessavam, ler artigos de que nunca me lembraria, até que a enfermeira viesse, viva e eficiente, com todos os vestígios do sentimento apagados por anos de desinfetantes. "Está tudo pronto, a operação foi coroada de sucesso. Não há motivo para preocupar-se. Se fosse eu, iria para casa, tentar dormir um pouco." As paredes do apartamento eram espessas, eu não podia ouvir o murmúrio de vozes. Fiquei imaginando as palavras dele, ou como iria formular a revelação. Talvez dissesse: "Apaixonei-me por ela, a senhora sabe, desde a primeira vez que a vi. E temos nos encontrado todos os dias". E a resposta de Mrs. Van Hopper: "Mas, Mr. de Winter, é o casamento mais romântico de que jamais ouvi falar!" Romântico. Era essa a palavra que eu procurava quando subia pelo elevador.

Sim, romântico. É o que todo o inundo iria dizer. Romântico e inesperado. Resolveram casar-se de repente, e pronto. Uma linda aventura. Sorri para mim mesma, apertando os joelhos nas mãos, ali naquele banco em frente à janela, pensando como iria ser maravilhosa a felicidade que me esperava! Ia casar-me com o homem do meu amor. Ia ser Mrs. de Winter.

Era tolice continuar a sentir aquele frio na base do estômago, quando me sentia tão feliz. Nervos, naturalmente. Esperando daquela maneira. Sala de espera de hospital. Teria sido melhor, afinal de contas, termos entrado juntos, de mãos dadas, alegres, sorrindo, ele participando: "Estamos apaixonados um pelo outro, e vamos casar-nos".

Apaixonados. Ele ainda não falara em amor. Falta de tempo, talvez. Tudo tão rápido, à hora do café. Geleia, torradas, e aquela tangerina. Falta de tempo. A tangerina estava muito azeda. É verdade, ele nada dissera sobre amor.

Apenas que íamos nos casar. Breve, definitivo, original. Os pedidos originais eram muito melhores. Mais genuínos.

Diferentes do comum. Diferente, ele, dos rapazinhos que dizem tolices, sem sentir metade do que dizem. Diferente dos homens mais moços; não se mostrando incoerente, nem apaixonado, nem jurando coisas impossíveis. Diferente dele mesmo, quando pediu Rebecca... Não devo pensar nisso.

Preciso afastar essas ideias. Pensamento proibido, inspirado por demônios. "Vade retro, Satanás! Não devo pensar nisso, nunca, nunca nunca. Ele me ama, quer mostrar-me Manderley.

Que demora! Será que não acabam nunca de falar?" Ao lado de minha cama estava um livro de poesias. Ele esquecera-se de o reclamar. Não podia, pois, ser-lhe muito caro... "Vamos", murmurou o demônio. "Abre a primeira página, é isso o que desejas fazer, não é? Abre a primeira página." Tolicice, pensei eu. Vou apenas guardá-lo junto às outras coisas. Bocejei, vaguei pelo quarto, fui até a mesa de cabeceira. Tomei o livro. Tropecei no cordão da lâmpada, e o livro foi ter ao chão. Abriu-se na primeira página. "A Max, Rebecca." Ela morrerá, sim, e não se deve pensar nos que morreram. Dormem em paz, em túmulos cobertos de relva.

Como era viva, no entanto, a sua caligrafia cheia de força, de personalidade! Aquelas letras interessantes, inclinadas. O respingo de tinta. Como se tivesse sido escrito ontem. Peguei minha tesourinha de unha e cortei a página, desviando os olhos qual uma criminosa.

Cortei nitidamente a página. Não deixei dentes, e o livro me pareceu branco e limpo sem aquela folha. Um livro novo, que não fora tocado. Rasguei a página em dezenas de pedacinhos, e lancei-os à cesta de papel. Fui depois para perto da janela e sentei-me de novo. Mas continuei pensando na folha rasgada, e depois de um momento fui de novo espiar a cesta. A tinta ainda sobressaía nos fragmentos, as letras não tinham sido destruídas. Peguei numa caixa de fósforos e queimei-os. A chama encrespava-lhes as beiras, tornando impossível distinguir-se a inscrição. A letra R foi a última a desaparecer; torceu-se na chama, curvou-se por um momento para fora, crescendo mais do que nunca. Por fim desapareceu também; a chama a destruíra. Não restavam nem mesmo cinzas, apenas um pozinho fino... Fui até a pia lavar as mãos.

Senti-me melhor, muito melhor. Experimentei aquela sensação pura, nova, de quem, no começo do ano, pendura na parede uma folhinha nova. Janeiro, 1. Tive consciência da mesma sensação de frescura, de confiança alegre. A porta abriu-se e Maxim entrou.

— Está tudo certo, disse-me. O choque deixou-a sem fala a princípio mas já está voltando a si, de maneira que vou até o escritório para ter a certeza de que pegará o primeiro trem. Por um momento ela fraquejou, talvez com esperanças de ser madrinha do casamento, mas mostrei-me inflexível nesse ponto. Vá procurá-la agora. Não disse que estava contente, nem que se sentia feliz. Não pegou no meu braço para acompanhar-me até a saleta. Apenas sorriu, deu um adeus de mão, e desapareceu sozinho no corredor. Incerta, um tanto constrangida, fui procurar Mrs. Van Hopper, sentindo-me como a empregada que se tivesse despedido por intermédio de outra pessoa.

Encontrei-a junto à janela fumando um cigarro — a esquisita figura daquela mulher que eu nunca mais iria ver, com um casaco apertando os seios volumosos, o grotesco chapéu posto de lado na cabeça.

— Então! disse-me na voz seca e dura, não no tom que teria usado com Maxim. Creio que posso dar-lhe o prêmio de dissimulação. Águas paradas são realmente profundas, foi o que você provou no caso. Como é que conseguiu?...

Eu não soube o que dizer. Não gostei do sorriso dela.

— Foi uma sorte para você a minha gripe. Compreendo agora como é que passava o tempo, e por que andava tão esquecida. Lições de tênis na China! Mas podia ao menos ter-me dito.

— Sinto muito, murmurei.

Olhou-me curiosamente, examinando-me dos pés à cabeça.

— E Mr. de Winter diz que deseja casar dentro de poucos dias. Outra sorte para você: não ter parentes por aqui. Enfim, nada mais tenho a ver com o negócio; e lavo as mãos. Não sei o que os amigos dele irão dizer, mas isto é lá com Mr. de Winter. Quanto à idade, sabe que é muitíssimo mais velho que você? — Tem quarenta e dois anos. Mas eu me sinto velha para a minha idade.

Ela deu uma risada e jogou o cigarro ao chão.

— Sem dúvida nenhuma, disse.

E começou a olhar-me de maneira que nunca me olhara antes. Olhos avaliadores, estudando os meus pontos favoráveis, como um juiz numa exposição de gado. Havia algo de curioso no seu olhar, qualquer coisa de muito desagradável.

— Diga-me, perguntou-me em tom de intimidade, de amiga para amiga, você esteve fazendo alguma coisa que não devia? Achei-a parecida com Blaize, a costureira que me oferecera dez por cento.

— Não sei o que quer dizer com isso, respondi. E ela riu, sacudindo os ombros.

— Oh, bem... não importa. Sempre achei que as inglesas eram profundas, apesar da atitude franca e esportiva.

Terei então que viajar sozinha para Paris? Deixando-a aqui enquanto o seu namorado arranja a licença de casamento? Noto que ele não me convida para a cerimônia.

— Creio que não deseja ninguém, e de qualquer maneira A senhora já teria embarcado, disse eu.

— Hum, hum... resmungou ela pegando o estojo de pó de arroz e empoando o nariz. Creio que está bem decidida, não? continuou. Por que, afinal de contas, foi tudo muito rápido, não é verdade? Questão de dias. Não creio que ele tenha gênio lá muito fácil, e você precisará adaptar-se ao seu temperamento. Você tem levado até agora vida muito protegida e segura, sabe disso, e não pode queixar-se de que eu a tenha sobrecarregado. Vai ter o que fazer como senhora de Manderley. Para ser franca, minha cara, não a vejo muito bem nessa posição.

Palavras que pareciam o eco de outras que eu pronunciara uma hora antes.

— Não tem experiência, continuou ela. Não conhece o meio. Se não consegue formular duas frases em minhas reuniões de bridge, que encontrará para dizer a todos os amigos dele? As festas de Manderley eram famosas no tempo da primeira mulher. Naturalmente Mr. de Winter contou tudo, não? Hesitei, e felizmente ela continuou, sem esperar pela minha resposta.

— Naturalmente que desejo vê-la feliz, e concordo que ele é muito atraente, mas... sinto muito ter de dizê-lo — acho que está cometendo um grande erro, de que se arrependerá amargamente.

Largou o estojo de pó de arroz e olhou-me por sobre o ombro. Talvez estivesse sendo sincera afinal, mas aquela espécie de franqueza não me agradava. Eu nada disse. Talvez houvesse no meu rosto uma expressão que fosse resposta; ela sacudiu os ombros e foi ao espelho arrumar o seu chapéu em forma de cogumelo. Felizmente que se ia embora e eu nunca mais a veria! Sentia-me ressentida contra ela por causa dos meses passados em sua companhia, a seu serviço, recebendo o seu dinheiro, seguindo-a como uma sombra, um autômato.

Claro que eu era inexperiente, claro que era tola, tímida e muito moça. Eram coisas que eu não ignorava. Não precisava dizer-me. Creio que a sua atitude era deliberada, e que por uma estranha razão feminina Mrs. Van Hopper não me perdoava aquele casamento, a sua apreciação de valores tendo recebido um choque.

Pouco importava, eu me esqueceria dela e de suas palavras ferinas. Nova confiança se infiltrara em mim, depois da queima da página rasgada. O passado não existiria para nós, juntos começaríamos nova vida, ele e eu. O passado tinha desaparecido, como as cinzas na cesta de papel. Eu ia ser Mrs.

de Winter. Ia viver em Manderley.

Breve Mrs. Van Hopper partiria, sacudindo-se sozinha no carro dormitório, enquanto ele e eu nos sentaríamos à mesma mesa no restaurante, a fazer planos para o futuro. O limiar da aventura. Talvez que quando ela já não estivesse mais aqui ele dissesse afinal que me amava, que se sentia muito feliz. Até agora ainda não houvera tempo; de mais a mais essas coisas não são ditas com facilidade, devem esperar o momento oportuno. Levantei os olhos e vi o reflexo de Mrs. Van Hopper no espelho. Estava me observando, com um sorriso tolerante nos lábios. Pensei que fosse mostrar-se generosa afinal, estender-me a mão, desejar-me felicidades, dizer-me palavras de encorajamento, assegurando-me que tudo acabaria bem.

Mas apenas sorria, consertando uma mecha de cabelo escapada do lugar.

— Naturalmente sabe porque é que ele vai casar-se. Não tenha a ilusão de que ele a ama. A verdade é que aquele casarão vazio lhe dá nos nervos de tal maneira, que o põe quase doido. Foi o que deixou entrever ao explicar-se comigo.

Não pode absolutamente continuar a viver lá sozinho...

## 7

**CHEGAMOS A MANDERLEY** em princípios de maio, juntamente com as primeiras andorinhas, como me contou Maxim, e as primeiras campânulas azuis. Era a melhor época, antes dos calores fortes do verão; as azáleas estariam perfumando o vale, e os rubros rododendros já estariam em flor. Saímos de auto de Londres em manhã de chuva torrencial, e chegamos a Manderley às cinco, à hora do chá. Posso agora ver-me como eu era, vestida impropriamente para a ocasião, como de costume, apesar de já casada havia sete semanas. Uma saia de lã escura, pequena pele à volta do pescoço, e sobre o todo uma desgraciosa capa de borracha, grande demais para mim, que me chegava até os tornozelos.

Protegia-me bem da chuva, assim pensava eu, e o comprimento excessivo fazia-me parecer mais alta. Apertava numa das mãos um par de luvas compridas; na outra, a maleta de viagem.

— É esta a chuva de Londres, disse-me Maxim quando partimos. Ao chegarmos a Manderley o sol estará brilhando para recebê-la — e teve razão, pois em Exeter as nuvens ficaram atrás de nós, deixando à mostra sobre nossas cabeças um lindo céu azul, e à nossa frente a larga estrada branca.

Senti-me feliz ao ver aparecer o sol, pois a chuva me parecia mau agouro, e os sombrios céus londrinos me tinham deixado silenciosa.

— Está se sentindo melhor? perguntou-me Maxim, e eu sorri pegando-lhe na mão, refletindo como era tudo fácil para ele, que regressava ao seu próprio lar, onde andaria com naturalidade pelas salas, pegando a correspondência de sobre a mesa, tocando a campainha para pedir chá; e fiquei imaginando se ele teria adivinhado o meu nervosismo e queria, com aquela última pergunta, dar-me a crer que me compreendia. Não se preocupe, logo chegaremos. Você certamente vai querer chá, disse ele, e largou-me a mão, porque, chegando a uma curva da estrada, era preciso diminuir a velocidade.

Vi então que tomara o meu silêncio como cansaço, não lhe ocorrendo que eu temia a chegada a Manderley com a mesma força que a desejara em teoria. Agora, que o momento estava próximo, eu quisera adiá-lo, gostaria de me ir a uma estalagem, e lá ficar, numa saleta de café, em frente à lareira impessoal, para mim sem significação alguma.

Queria ser um viajante a andar pelo mundo, uma recém-casada apaixonada pelo marido. Só não desejava ser eu mesma, e estar indo a Manderley pela primeira vez, como mulher de Maxim de Winter. Passamos por muitas aldeias, onde as casas simpáticas tinham janelas de ar hospitaleiro.

Uma mulher de pé a uma porta, com uma criança nos braços, sorriu para mim, enquanto o homem atravessava a estrada em direção a um poço, de balde na mão.

Desejei ser um deles, ou ser um dos seus vizinhos; gostaria que Maxim pudesse todas as tardes encostar-se à porta, fumando o seu cachimbo, orgulho da grande alcea que ele mesmo plantara, enquanto eu, movimentando-me na cozinha imaculada, prepararia a mesa do jantar. Haveria um despertador sobre a prateleira, de alegre tique-taque, e uma fileira de pratos reluzentes. Depois da refeição Maxim leria o jornal, com os pés no fogão, e eu ocupar-me-ia de uma trouxa de roupas a remendar. Certamente que essa maneira de viver seria tranquila e segura, e mais fácil também, não exigindo nenhum cristalizado padrão de vida.

— Apenas mais duas milhas, disse Maxim. Vê aquela grande faixa de árvores no topo do morro, descambando para o vale, com

um pedaço do mar apenas visível ao longe? É Manderley; e são aqueles os nossos bosques.

Arranjei um sorriso forçado e não respondi, consciente agora de uma sensação de pânico, de desfalecimento, que eu não podia dominar. Minha animação alegre se fora, e também o feliz orgulho que sentira. Eu estava como a criança a quem levam para a escola pela primeira vez, ou como a criada que procura o primeiro emprego. O pouco de aplomb que eu pudesse ter adquirido durante aquelas sete semanas de casamento não era mais que um farrapo agora, esvoaçante ao vento; eu parecia desconhecer até as noções elementares de como apresentar-me; parecia não ser capaz de distinguir o pé direito do esquerdo, nem que talheres usar à mesa do jantar.

— Eu tiraria esta capa de borracha, aconselhou-me Maxim olhando para mim. Aqui não chove. Coloque direito essa pelezinha tão engraçada. Coitadinha, eu a trouxe tão apressadamente para cá que nem teve tempo de comprar uma porção de roupas bonitas em Londres! — Não me importa isso, contanto que também não o importe a você.

— A maioria das mulheres só pensa em vestidos, disse ele distraidamente — e depois de uma curva chegamos a uma encruzilhada e ao começo de um muro alto. Aqui estamos, continuou Maxim em voz subitamente animada — e eu agarrei-me ao assento com ambas as mãos.

Uma curva da estrada e, depois, à esquerda, ao lado da guarita do porteiro, dois grandes portões de ferro abertos de par em par, deixando ver o longo caminho à frente. Quando atravessamos os portões vi rostos espiando pela janela escura da portaria, e uma criança vinda dos fundos olhou-me com curiosidade. Encolhi-me contra o banco, o coração a bater agitadamente, sabendo porque é que os rostos estavam à janela, e a criança me olhara daquela maneira.

Queriam saber como eu era. Quase que podia distingui-los a falar animadamente na cozinha. "Vi apenas parte do seu chapéu, e não mostrou o rosto. Enfim, amanhã saberemos; não há de faltar quem nos venha contar." Talvez Maxim tivesse percebido o meu

nervosismo, pois pegou da minha mão e beijou-a, rindo ligeiramente enquanto falava.— Não se importe se mostrarem certa curiosidade a seu respeito. Todos quererão saber como você é.

Provavelmente não falaram de outra coisa durante semanas.

Mostre-se como é — e será adorada. Não precisa preocupar-se com a casa, pois Mrs. Danvers se encarregará de tudo. A princípio mostrará certa frieza, provavelmente, pois tem um temperamento esquisito, mas não lhe dê importância. É o seu feitio. Vê estes arbustos? Formam uma muralha azul quando as hortênsias estão floridas.

Nada respondi, pois estava pensando naquela menina que anos antes comprara um cartão postal e saíra da loja dizendo: "Vai ficar bem no meu álbum. Manderley, que nome bonito..." E agora era em Manderley que eu ia morar, era Manderley o meu lar, e eu escreveria cartas assim: "Ficaremos em Manderley o verão todo, venha fazer-nos uma visitinha". E andaria por aqueles caminhos (estranhos e desconhecidos agora) familiarizada com cada curva, a observar o serviço dos jardineiros, a marcar o que eu desejasse modificado, parando por um momento à porta da cabana ao lado dos portões de ferro, perguntando, talvez: "Então, como vai hoje a perna?" E a velhinha, não mais curiosa da minha pessoa, me convidaria a entrar. Tive inveja de Maxim, despreocupado e à vontade, com aquele sorriso nos lábios, significativo da sua felicidade de voltar para casa.

Parecia-me remoto, muito no futuro, o tempo em que eu também poderia sorrir e sentir-me à vontade assim; e desejei que esse tempo chegasse breve, desejei mesmo ser velha, de cabelos grisalhos e andar lento, já com muitos anos de vida ali; desejei ser qualquer coisa, menos a menina tímida e tola que eu era.

Os portões se tinham fechado com ruído atrás de nós, a estrada empoeirada estava fora de nossas vistas; notei que o caminho à minha frente não era como eu imaginara, largo e espaçoso, cheio de pedregulho, bordado lateralmente de grama bem tratada.

O caminho que eu via curvava-se como uma serpente, em certos pontos dando apenas passagem para o carro; sobre nossas

cabeças galhos de árvores se entrelaçavam, formando arco como a abóbada de uma igreja. Nem mesmo o sol do meio-dia coava pela renda verde daquelas folhas por demais emaranhadas; só lá um ou outro raio conseguia insinuar-se e pôr sobre o solo a sua mancha de ouro. Tudo quieto, silente.

Na estrada um vento alegre soprava contra o meu rosto, fazendo dançar as plantas nas sebes; mas ali não havia brisa alguma. O próprio motor do carro pulsava de maneira diferente, mais rouco, mais abafado. Quando o caminho começou a inclinar-se para o vaie, as árvores foram-se aproximando.

Grandes faias de casca branca e outras árvores cujo nome eu não sabia, chegavam-se perto a ponto de permitir-me tocá-las com a mão. Atravessamos uma pontezinha sobre um riacho estreito. Aquele caminho, que não era bem um caminho, torcia-se e retorcia-se como uma fita encantada, através das árvores silenciosas e escuras, penetrando cada vez mais fundo no coração da floresta. Não havia uma clareira, um espaço aberto em que uma residência pudesse erguer-se.

A distância começou a dar-me nos nervos; deve ser depois desta curva, pensava eu, ou daquela outra; mas as decepções se sucediam; não havia casa nenhuma, nem campo, nem jardim grande e amigo; nada, a não ser o silêncio da floresta espessa. Os portões eram apenas um remanescente, a estrada principal pertencia a outra época, a outro mundo.

Súbito, uma clareira na massa escura, um pedaço de céu, e as árvores negras começaram a escassear, os arbustos anônimos desapareceram — e lado a lado vi estender-se uma muralha colorida, rubra como o sangue, mais alta que nossas cabeças. Eram os rododendros. Surpreendente aquilo, chocante mesmo, na sua inesperada aparição. Os bosques não me haviam preparado para a cena. Assustou-me o perfil rubro dos rododendros apertados uns contra os outros, em profusão incrível, sem mostrar uma folha, um rebento, nada, a não ser o vermelho gritante, fantástico, em nada lembrando outros rododendros que eu conhecera.

Olhei para Maxim. Ele sorria. — Gosta? perguntou.

— Sim, respondi um pouco ofegante, incerta de estar falando a verdade ou não, porque até então, para mim, o rododendro era uma planta caseira, simples, convencional, lilás ou rosa, crescendo um ao lado do outro em canteiros discretos.

Aqueles eram monstruosos; erguiam-se para o céu em batalhão, belos demais, pensei eu, poderosos demais — nem sequer pareciam plantas.

Não estávamos agora longe da casa; vi o caminho alargar-se como eu imaginara e, ainda ladeado pelo muro vermelho, fizemos a última curva — e chegamos, afinal, a Manderley. Sim, ali estava a Manderley que eu tanto esperava, a Manderley do meu cartão postal da meninice. Coisa de beleza e graça, deliciosa e perfeita, mais linda do que eu poderia sonhar, construída sobre fundamentos abertos na relva, com os terraços a descerem para os jardins, e os jardins a descerem para o mar. Quando paramos defronte aos degraus de pedra vi através duma das janelas que o hall estava cheio de gente, e ouvi Maxim soltar uma imprecação abafada. "Diabo de mulher!" exclamou. "Sabia perfeitamente que eu não desejava uma coisa dessas." E freou o carro com força.

— Que houve? perguntei-lhe. Quem é essa gente? — Creio que agora temos de nos conformar, disse ele irritado. Mrs. Danvers reuniu todo o pessoal da casa, e de Manderley, para dar-nos as boas-vindas. Não se impressione, não é preciso dizer coisa alguma, fica tudo por minha conta.

Tentei abrir a portinhola do carro, sentindo-me ligeiramente tonta e quase enregelada da longa correria; o mordomo desceu as escadas, seguido de um criado, e abri uma.

Um velho de expressão bondosa; e sorri para ele, estendendo-lhe a mão; mas creio que o não notou, pois tomou-me a manta de viagem e a maleta, e virou-se para Maxim, ajudando-me a descer.

— Aqui estamos, Frith, disse Maxim, sacando as luvas.

Estava chovendo quando deixamos Londres, mas parece que aqui nada houve. Todos bem? — Sim, senhor, obrigado. Tivemos quase todo um mês sem chuvas. Alegro-me por vê-lo de volta, e espero que esteja passando bem, assim como a senhora.

— Sim, estamos ambos bem, Frith. Cansados da viagem, e prontos para o chá. Eu não esperava por isso — e mostrou com um gesto de cabeça a casa cheia.

— Ordens de Mrs. Danvers, senhor, disse o mordomo impassivelmente.

— Eu devia ter previsto a hipótese, rosnou Maxim.

Venha — e virou-se para mim. Não levará muito tempo, e depois você terá o chá.

Subimos os degraus da escadaria, com Frith e o outra atrás de nós, trazendo a manta e minha capa de borracha — e mais uma vez senti aquele frio significativo na base do estômago, e nervosa contração na garganta.

Posso agora fechar os olhos e ver exatamente como eu era, como devia ter parecido ali à entrada da casa — figurinha esguia no meu vestido de sarja, tendo na mão um par de luvas. Vejo de novo o grande hall, de portas abertas para a biblioteca, os quadros de Peter Lely e de Van Dick nas paredes, a interessante escadaria que levava à galeria dos menestréis; e, no fundo, alinhados um atrás do outro, e pelos corredores, e até a sala de jantar, a multidão de rostos curiosos e de bocas abertas, como a que se junta na rua para ver a vítima de algum desastre. Alguém adiantou-se daquele mar humano, uma pessoa vestida de negro, alta e sombria, de maçãs salientes, rosto branco de pergaminho e olhos grandes, fundos nas órbitas, que lhe davam a aparência de caveira.

Avançou para mim, e eu lhe estendi a mão, invejando o seu ar de dignidade e a compostura; mas ao tomar-me a mão senti algo mole, gélido, como uma coisa morta.

— Mrs. Danvers, disse Maxim — e Mrs. Danvers começou a falar, deixando a sua mão morta na minha, os olhos encovados a fitarem os meus, perturbando-me; e com uma sensação de desconforto, de vergonha, senti sua mão volver à vida.

Não posso lembrar-me de suas palavras, mas sei que me deu as boas-vindas de Manderley, em seu nome e no dos outros, num discurso protocolar, seco, decorado para a ocasião, pronunciado em voz fria e sem vida — como suas mãos no começo. Quando terminou permaneceu um momento imóvel, como a esperar pela

resposta, e lembro-me que enrubesci, balbuciando uma espécie de agradecimento e deixando cair minhas luvas, toda confusa. Ela abaixou-se para pegá-las, e quando as entregou notei o seu sorrisozinho de escárnio, e adivinhei imediatamente que me considerava mal educada. Qualquer coisa em seu rosto me fez sentir uma estranha inquietação, e mesmo depois de reunir-se aos outros, pude distinguir aquela figura de preto a sobressair como individualidade à parte; e eu sentia-lhe os olhos a me observarem o tempo todo. Maxim tomou-me pelo braço e, perfeitamente à vontade e senhor de si, fez um pequeno discurso de agradecimento, levando-me depois para o chá na biblioteca. Fechou a porta, ficamos sós. Dois cães ergueram-se de perto da lareira para nos saudar. Achearam-se a Maxim, as longas e sedosas orelhas sacudindo-se afetuosamente, e vieram depois para meu lado, um tanto incertos, suspeitosos, fungando perto dos meus calcanhares.

Uma cachorra e um cão novo. A cachorra, cega de um olho, aborreceu-se logo de mim e voltou para a lareira; mas Jasper pôs o focinho sobre a minha mão, e o queixo no meu joelho, com um olhar cheio de compreensão, de cauda levantada enquanto eu lhe acariciava as orelhas sedosas.

Senti-me melhor depois de ter tirado o chapéu e a minha miserável golinha de pele, e atirei-os para junto da bolsa e das luvas, sobre o banco da janela. Era um aposento confortável, profundo, com livros à volta das paredes até o teto, tipo de recinto que um homem jamais deixaria se vivesse só; sólidas cadeiras; grande fogo aceso; cestos para os cães, mas onde nunca se instalavam, como se podia ver pelas significativas depressões nas cadeiras. As largas janelas abriam-se para o gramado — e para lá, além do gramado, se via o brilho distante das águas do mar.

A despeito do perfume dos lilases e das rosas, para ali trazidos naquele princípio de verão, pairava no aposento um cheiro antigo e quieto, como se o ar não fosse muito renovado.

Embora vindo dos jardins ou do mar, o ar que ali penetrasse perdia a primitiva frescura, tornando-se parte daquela sala imutável, integrando-se nos livros embolorados e nunca lidos, no teto trabalhado, nas paredes escuras e nas pesadas cortinas.

Um cheiro antigo, musgoso, cheiro de igreja silenciosa onde os serviços do culto raro se celebram, onde o líquen cresce nas pedras, e tentáculos de heras invadem até as vidraças. Um lugar de paz, propício à meditação.

Logo veio o chá — uma cerimôniazinha importante, desempenhada por Frith e o outro criado, e na qual não tomei parte senão depois que eles se retiraram. Enquanto Maxim corria os olhos pela enorme pilha de cartas, brinquei com um pedacinho de bolo, e bebi o meu chá escaldante.

De vez em quando ele olhava para mim e sorria, e voltava depois à correspondência acumulada talvez durante meses, e eu fiquei a pensar em como me era desconhecida a sua maneira de viver em Manderley. Eu ignorava quais fossem as suas relações, os seus amigos, que ordens dava aos empregados. As últimas semanas tinham-se passado muito depressa; viajando juntos de automóvel pela França e Itália eu ia pensando apenas no grande amor que lhe consagrava — a ver Veneza com os seus olhos, a fazer eco às suas palavras, nada indagando sobre o passado ou o futuro, contentando-me com a felicidade do momento.

Maxim era mais alegre do que eu previra, mais meigo do que o sonhara; jovem e ardente — não o Maxim do primeiro encontro, aquele estranho que se sentava sozinho à mesa do restaurante, olhando à frente, envolto num misterioso manto de reserva. O meu Maxim ria e cantava, jogava pedras nas águas, pegava-me a mão, não franzia as sobrancelhas, não carregava nenhum fardo sobre os ombros. Conhecia-o como amante, como amigo, esquecendo-me, naquelas semanas de ventura, que a sua vida organizada, metódica, iria ser recomeçada.

Observei-o enquanto lia a correspondência, vi-o tornar-se sério à leitura de uma carta, sorrir a outra, pôr de lado uma terceira; "e se não fosse pela graça de Deus", pensei, "minha carta também estaria ali, escrita de Nova York, e ele a leria com a mesma indiferença, estranhando talvez a assinatura, atirando-a depois, com um bocejo, para o monte das outras e calmamente estendendo o braço para pegar a xícara de chá".

Este pensamento gelou-me. Que margem pequenina existira entre o que era e o que poderia ter sido... pois Maxim teria se sentado para tomar chá, como agora, continuando a mesma rotina de vida, talvez nem sequer pensando em mim, ou pensando sem saudades; enquanto que eu em Nova York — a jogar bridge com Mrs. Van Hopper, esperaria em vão por uma carta sua.

Reclinei-me na poltrona, passeando o olhar pela sala, tentando inspirar-me de certa confiança, procurando chegar à compreensão de que eu estava ali, em Manderley — a casa do cartão postal — a Manderley tão famosa; tentando compenetrar-me da ideia de que tudo aquilo era agora meu, tanto quanto dele: a poltrona macia em que me sentava, a massa de livros até o teto, os quadros das paredes, os jardins, os bosques, os rododendros vermelhos... Tudo meu, porque eu me casara com Maxim.

Ali envelheceríamos juntos, sentaríamos juntos para o chá, com outros cachorros ao lado, os sucessores dos atuais; e a biblioteca teria sempre o mesmo cheiro antigo de agora. Eu veria a mobília envelhecer, estragada pelos meninos — os nossos filhos — os filhinhos que estava a ver espalhados por ali, travessos, enchendo a casa de varas, e tacos, e canivetes, e bolas.

Sobre a mesa, agora brilhante e vazia, uma feia caixa contendo borboletas e mariposas; outra com ovos de passarinhos sobre algodão. "Nada de desordem aqui", diria eu.

"Levem isso para a sala de estudo, meus amores" e eles iriam, falando alto, rindo; mas o caçula ficaria atrás, brincando sozinho, mais quieto, mais reservado que os outros...

Minha visão foi dissipada pelo abrir da porta; e os mesmos criados vinham tirar o chá.

— Mrs. Danvers deseja saber se a senhora gostaria de ir ver o seu quarto, murmurou-me Frith.

Maxim levantou os olhos.

— Que tal ficou o serviço na ala de leste? — Muito bom, senhor, é o que a mim me parece; andou tudo numa desordem incrível, enquanto os homens trabalhavam, e Mrs. Danvers teve medo de que não concluíssem a tempo — mas tudo ficou pronto

segunda-feira passada. Creio que vai sentir-se muito bem lá, senhor; muito mais alegre aquele lado da casa.

— Houve reformas? perguntei.

— Oh, nada de importância, disse Maxim, brevemente.

Apenas redecoreação e pintura da ala de leste, que reservei para nosso uso. Como diz Frith, é muito mais alegre daquele lado, de onde se tem uma linda vista do jardim das rosas, Era a ala das visitas no tempo de minha mãe. Tenho de acabar estas cartas. Vá lá; uma boa oportunidade para travar conhecimento com Mrs. Danvers.

Levantei-me lentamente, sentindo voltar o meu nervosismo, e dirigi-me para o hall. Pensei em esperar por Maxim, para de braço dado percorrermos a mansão. Eu não queria ficar sozinha com Mrs. Danvers. Como o hall parecia imenso, agora que o via deserto! Meus passos ressoavam na laje, fazendo o eco subir até o teto, e senti-me culpada daquele ruído, como se me achasse numa igreja.

Meus pés faziam um estúpido toque-toque quando eu andava, e pensei que Frith, com suas solas de feltro, me acharia uma estouvada.

— É enorme, não é mesmo? murmurei em voz animada, por demais forçada, de colegial ainda; mas Frith respondeu-me com toda a solenidade: — Sim, minha senhora, Manderley é uma grande mansão. Não tanto como algumas outras, naturalmente, mas bem grande. Aqui era a sala de banquetes, nos tempos antigos.

Ainda é usada nas grandes ocasiões, nos jantares de gala ou bailes. E o público é aqui admitido, a senhora sabe, uma vez por semana.

— Sim, disse eu, consciente ainda do som dos meus passos, sentindo, enquanto o acompanhava, que ele me tinha como um dos visitantes públicos. E agi como tal, olhando polidamente para a direita e a esquerda, examinando as armas e telas penduradas às paredes, tocando com as mãos no entalhe da escadaria.

Uma figura vestida de negro esperava-me no topo da escada, os olhos encovados a fitarem-me intensa e cadavericamente. Procurei por Frith; sumira-se já no corredor.

Achava-me, pois, a sós com Mrs. Danvers. Subi as escadas ao seu encontro, e ela imóvel esperou, as mãos cruzadas à frente, os olhos sombrios fixos em mim. Tentei um sorriso, que não teve correspondência; mas não a censurei por isso, pois não havia motivo para sorrir, e o meu sorriso não passara de um esforço estúpido, brilhante e artificial.

— Espero que não a tenha feito esperar muito, disse-lhe eu.— Está em suas mãos escolher a ocasião que mais lhe convier senhora, respondeu ela. Estou aqui para obedecer às suas ordens — e com isto virou-se, e da arcada da galeria fomos para o corredor do fundo. Caminhamos por uma passagem larga, atapetada, e depois viramos à esquerda, passamos através de uma porta de carvalho, descemos alguns degraus e tornamos a subir para o andar correspondente.

Chegamos diante duma porta que Mrs. Danvers abriu, afastando-se para deixar-me passar; entrei numa pequena antecâmara, ou boudoir, mobiliado de um sofá, algumas cadeiras e escrivaninha. Dava para um dormitório duplo, de largas janelas e havia uma sala de banhos ao fundo. Dirigi-me imediatamente à janela, e olhei para fora. Via-se embaixo o jardim das rosas e a parte leste do terraço; para além do jardim das rosas estendia-se o gramado macio que chegava até os bosques mais próximos.

— Daqui não se pode ver o mar, disse eu, virando-me para Mrs. Danvers.

— Não; não desta ala. Nem mesmo o ruído do mar se ouve. Ninguém diria que o mar está tão perto.

Falava de um modo estranho, como se suas palavras tivessem duplo sentido, apoiando-se sobre as palavras "desta ala", como se quisesse insinuar que tinha um certo cunho de inferioridade.

— É pena, disse eu, pois gosto do mar.

Mrs. Danvers não respondeu, mas continuou a me olhar, as mãos sempre cruzadas à frente.

— É, no entanto, um quarto mais simpático, acrescentei.

E tenho certeza de que me sentirei bem aqui. Ouvei dizer que foi redecorado para esperar-nos.

— Sim, disse ela.

— Como era antes? — Tinha papel lilás e cortinas diferentes: Mr. de Winter não achava o ambiente muito alegre. Nunca era usado, a não ser, de raro em raro, para algum hóspede. Mas Mr. de Winter deu ordens expressas para que este quarto fosse preparado para a senhora.

— Então não era aqui que ele dormia antes? — Não, senhora, ele nunca usou os quartos desta ala até hoje.

— Oh, não me disse nada, comentei, e indo ao toucador pus-me a pentear o cabelo. Minhas malas já tinham sido abertas, as escovas e pentes estavam sobre a mesa. Fiquei contente de Maxim ter-me dado um estojo de objetos de toalete, que Mrs. Danvers podia agora ver ali. Eram novos, tinham custado muito dinheiro, eu não precisava me envergonhar deles.

— Alice desfez as malas, e ficará a seu serviço até que sua criada particular chegue, disse Mrs. Danvers. Sorri-me de novo para ela, e pousei a escova de cabelo sobre a mesa.

— Não tenho criada particular, disse-lhe um tanto embaraçada, mas estou certa de que Alice, se é ela a arrumadeira, me satisfará plenamente.

No rosto de Mrs. Danvers vi a mesma expressão que lhe notara quando apanhou do chão as minhas luvas caídas no hall.

— Creio que não poderá ser por muito tempo, disse ela, porque é costume, a senhora sabe, que as damas de sua posição tenham uma criada particular.

Corei, e tomei novamente a escova. Havia nas palavras de Mrs. Danvers uma ponta de veneno que eu percebia perfeitamente.

— Se acha então necessário, talvez possa ocupar-se disso para mim? disse eu, evitando o seu olhar. Alguma mocinha, talvez, que deseje aprender.

— Como quiser, disse ela. Tudo será como a senhora determinar.

Houve um silêncio entre nós, e eu desejei que ela se fosse. Fiquei pensando por que haveria de ficar ali, observando-me, com as mãos cruzadas sobre o vestido preto.

— Com certeza está em Manderley há muitos anos — perguntei, fazendo novo esforço. Há mais tempo do que qualquer outra pessoa? — Não tanto como Frith, respondeu-me, e notei como a sua voz era fria e sem vida, quase tanto como a mão que eu apertara na minha. Frith é do tempo do pai de Mr. de Winter, quando Mr. de Winter ainda era menino.

— Ah, sim. Então a senhora veio bem depois? — Sim, bem depois.

Mais uma vez olhei para ela. O mesmo olhar escuro, sombrio, que me penetrava, sem que eu soubesse por que — uma estranha sensação de inquietude, como um presságio.

Tentei sorrir; não o consegui; vi-me presa daqueles olhos, onde não havia uma luz, brilho algum de simpatia pela minha pessoa.

— Vim para cá quando a primeira Mrs. de Winter casou — disse ela, e sua voz, que até então, como já disse, tinha sido monótona, sem cor, tornou-se agora áspera de imprevista animação, cheia de vida e significação e nas suas faces macilentas duas manchas rubras apareceram.

A mudança foi tão rápida que me fez levar um choque, e deixou-me um tanto amedrontada. Eu não sabia o que fazer ou dizer. Foi como se ela tivesse pronunciado palavras proibidas, por longo tempo guardadas, ocultas e que não pudera agora reprimir. No entanto, seus olhos nunca deixaram o meu rosto, fitando-me com uma expressão curiosa misto de desprezo e piedade, que me fez sentir mais moça e inexperiente do que jamais me sentira.

Pude ver que ela me desprezava, notando, com aquele esnobismo de suas iguais, que eu não era uma grande senhora, e sim uma criatura humilde, tímida, desconfiada. No entanto, havia alguma coisa mais que desdém nos seus olhos — uma bem marcada expressão de antipatia, de maldade.

Eu precisava dizer alguma coisa, não podia continuar ali sentada, brincando com a escova de cabelo, deixando que ela percebesse quanto eu a temia e quão pouco eu confiava nela.

— Mrs. Danvers, ouvi a minha voz dizer, espero tornarmo-nos amigas e virmos a nos compreender. A senhora precisa ter

paciência comigo, porque esta maneira de viver me é desconhecida, e tenho até agora levado vida diferente. E quero sair-me bem, e acima de tudo desejo fazer a felicidade de Mr. de Winter. Sei que posso deixar a casa a seu cuidado, e digo-lhe que já pode continuar a dirigi-la como até hoje, pois não pretendo fazer modificação alguma.

Parei, um pouco ofegante, sem saber se fazia bem em falar assim, e quando levantei os olhos vi que ela se tinha movido, e estava perto da porta, com a mão sobre o trinco.

— Muito bem. Espero fazer tudo a seu contento. A casa tem estado até agora sob meu cuidado, por mais de um ano, e Mr. de Winter nunca se queixou. As coisas eram muito diversas no tempo de Mrs. de Winter; havia muitas festas, recebiam muito; e embora eu me encarregasse de tudo, ela gostava de fiscalizar o serviço.

Mais uma vez tive a impressão de que escolhia cuidadosamente as palavras, procurando penetrar no meu pensamento, e espiando no meu rosto o efeito delas.

— Prefiro que fique a seu cargo, repeti eu. Realmente prefiro.

No seu rosto apareceu de novo aquela expressão que eu notara no hall, quando lhe estendi a mão; expressão de mofa, de desprezo infinito. Ela sentia que eu nunca saberia resistir-lhe, e que mesmo a temia um pouco.

— Posso servi-la em mais alguma coisa? perguntou.

Eu fingia examinar o quarto.

— Não. Creio que não preciso de nada. A senhora arranjou tudo tão bem...

Esta frase, num último esforço desprezível para ganhar a sua simpatia, fê-la sacudir os ombros.

— Apenas segui as ordens de Mr. de Winter.

Ficou hesitante, com a mão no trinco da porta aberta.

Parecia que ainda tinha alguma coisa a dizer-me e não sabia como formular a frase, esperando no entanto que eu lhe desse ensejo.

Desejei que ela partisse, pois era como uma sombra a espreitar-me, a examinar-me com aqueles olhos encovados na fisionomia espectral.

— Se tiver alguma reclamação a fazer, a senhora me avisará imediatamente.

— Sim, Mrs. Danvers, respondi eu, sabendo no entanto que não era isso o que ela quisera dizer — e mais uma vez o silêncio pairou sobre nós.

— Se Mr. de Winter perguntar pelo seu guarda-roupa, disse ela, peço-lhe dizer-lhe que foi impossível transportá-lo.

Tentamos, mas não passou por estas portas estreitas. Estes quartos são menores que os da ala oeste. Se ele não gostar do arranjo do apartamento, é só dizer-me. Foi difícil saber como mobiliar estes quartos.

— Por favor, não se preocupe, Mrs. Danvers, respondi eu. — Tenho certeza que estará tudo a seu gosto. E sinto que lhe tenha dado tanto trabalho. Eu ignorava que estivessem fazendo reformas na casa. Maxim não deveria ter-se incomodado. Tenho certeza de que me sentiria muito feliz e bem instalada na ala oeste.

Ela me olhou curiosamente, e começou a virar o trinco da porta.— Mr. de Winter disse que a senhora preferia ficar deste lado. Os quartos da ala oeste são muito velhos. O quarto de dormir do apartamento grande é quase o\_ dobro deste, e muito lindo, com o teto todo trabalhado. As cadeiras de gobelin são valiosíssimas, e assim também a lareira esculpida. É o quarto mais belo da casa. E das janelas, que dão para o gramado, pode-se ver o mar, além.

Sentia-me constrangida, sem jeito, intimidada. Não compreendia porque ela me falava assim, com tal ressentimento, insinuando que o quarto em que me achava instalada tinha certa inferioridade, não estava de acordo com o padrão de Manderley, não passava, por assim dizer, de um quarto de segunda categoria, para pessoas de segunda categoria.

— Com certeza Mr. de Winter reserva os quartos mais bonitos para serem mostrados ao público, disse eu. Ela continuou com a mão no trinco; olhou-me outra vez, hesitando em falar. E quando falou sua voz pareceu-me mais calma ainda, mais apagada do que antes.

— Os quartos de dormir nunca são mostrados ao público.

Somente o hall e a galeria, e os aposentos de baixo. Parou um instante perscrutando-me com o olhar. Eles viviam na ala oeste, e usavam aqueles quartos quando Mrs. de Winter era viva. O quarto grande sobre que lhe falei, que dá para o mar, era o quarto de dormir de Mrs. de Winter.

Nesse momento vi uma sombra passar pelo seu rosto, e ela encostar-se à parede, afastando-se do caminho. Passos fora; Maxim apareceu.

— Que tal? perguntou-me. Gosta? Acho que vai gostar.

Olhou à volta com entusiasmo, satisfeito como um colegial.

— Sempre gostei deste quarto, continuou. Esteve perdido durante anos, usado como quarto de hóspedes; mas sempre achei que tinha possibilidades. A senhora conseguiu maravilhas, Mrs. Danvers, e dou-lhes os meus parabéns.

— Muito obrigada, disse ela, impassível — e, virando-se, retirou-se, fechando a porta com cuidado. Maxim foi debruçar-se à janela.

— Adoro o jardim das rosas, disse ele. Uma das minhas mais longínquas recordações é ver-me andar por ali atrás de minha mãe, meninozinho ainda, de pernas incertas, enquanto ela podava as rosas murchas. Há neste quarto um ar de paz e felicidade, e é também silencioso e quieto.

Ninguém diria que o mar se acha a cinco minutos daqui.

— Foi o que Mrs. Danvers me disse.

Maxim deixou a janela e andou pelo quarto, tocando em um e outro objeto, olhando os quadros, abrindo os armários, pegando em minhas roupas já fora da mala.

— Que impressão teve de Mrs. Danvers? perguntou repentinamente.

Voltei-me e recomecei a escovar o cabelo em frente ao espelho.

— Pareceu-me um tanto seca, respondi depois de um minuto ou dois. Talvez julgue que eu vá interferir na direção da casa.

— Não creio que se importasse com isso, disse Maxim.

Levantei os olhos e vi que ele observava o meu reflexo no espelho, mas voltou depois para a janela, assobiando baixinho,

balançando-se nos saltos dos sapatos.

— Não se importe muito com ela. É um tipo extraordinário sob vários aspectos e difícil de combinar com outra mulher. Não se preocupe. Se se tornar desagradável, nós a mandaremos embora e pronto. Mas é uma criatura eficiente, você sabe, e tirará de suas mãos todos os aborrecimentos caseiros. Tenho certeza de que domina a criadagem toda. Mas nunca ousou fazer isso comigo. Eu a teria despedido há muito tempo, se tivesse tentado.

— Com certeza nos daremos bem, quando ela me conhecer melhor, disse eu vivamente. Afinal de contas é natural que não aprecie muito minha vinda, no princípio.

— Não aprecie sua vinda? Que diabo quer dizer com isto? Ele voltara-se, franzindo as sobrancelhas, com uma expressão estranha, quase zangada, no rosto. Fiquei imaginando porque se aborrecera, e desejei ter dito outra coisa.— Quero dizer que é muito mais fácil para uma governanta tomar conta da casa onde só haja um homem, disse eu. Com certeza já estava habituada a isso, e talvez temesse que eu fosse mostrar-me despótica.

— Despótica, meu Deus... começou Maxim. E então parou, veio para mim e beijou-me a cabeça.

Esqueçamos Mrs. Danvers. Ela não me interessa muito.

Venha, e deixe-me mostrar-lhe Manderley.

Não vi mais Mrs. Danvers aquela noite, e não tornamos a falar sobre o assunto.

Senti-me mais feliz, menos intrusa depois de tê-la afastado dos meus pensamentos, e Maxim e eu andamos pelos quartos de baixo, e olhamos os quadros, o braço dele sobre os meus ombros. Comecei a sentir-me mais como a pessoa que eu desejaria ser, o ideal de mim mesma que eu sonhara.

Meus passos não mais me pareciam tolos, ao soarem nas lajes do hall, pois os de Maxim faziam muito mais barulho, e o andar dos dois cães tinha um som amigável, agradável.

Também fiquei satisfeita quando Maxim, olhando para o relógio, disse que não tínhamos tempo de nos vestir para o jantar. Ficaria assim livre de ter de responder às perguntas de Alice, quando me perguntasse que vestido gostaria de pôr; e de ter que

aceitar o seu auxílio para vestir-me, para descer depois a longa escadaria do hall, sentindo frio nos meus ombros nus, num vestido que Mrs. Van Hopper me dera porque não ia bem para sua filha. Eu olhara com terror para a cerimônia do jantar naquele salão austero, e agora, só pelo fato insignificante de não termos trocado de roupa, achava que não tinha mais importância, que era uma coisa muito simples, como quando jantamos juntos em restaurantes. Sentia-me bem, confortável, no meu vestido de sarja; ri e conversei sobre o que tínhamos visto na Itália e na França, percorremos os instantâneos tirados — pois Frith e o outro serviçal não contavam, eram impessoais como todos os garçons, e não me encaravam ao modo de Mrs. Danvers.

Sentamo-nos na biblioteca depois do jantar, com as cortinas cerradas e mais achas na lareira. Fazia um frio extemporâneo, achei agradável o calor da lenha crepitante.

Para nós era novidade ficarmos assim quietos depois do jantar, pois na Itália saíamos quase sempre a pé ou de auto, ou íamos a pequenos cafés, ou nos debruçávamos sobre pontes para ver as águas tranquilas. Maxim dirigiu-se instintivamente para a poltrona à esquerda do fogão, e estendeu o braço para os jornais. Colocou uma almofada atrás da cabeça e acendeu o cigarro.

"Isto é hábito", pensei eu. "É o que faz sempre, é o que tem feito durante anos".

Não olhou para mim, mas continuou a ler o jornal, satisfeito, bem acomodado, tendo reassumido a sua maneira de viver. O senhor da casa. Pus-me a refletir que não era eu a primeira a tomar posse daquela cadeira; outra o fizera antes de mim, deixando a marca de seu corpo nas almofadas, no braço da poltrona em que sua mão se apoiara. Outra se servira do café daquele mesmo bule, levara a xícara aos lábios, inclinara-se talvez sobre o cão como eu fazia agora.

Tremi inconscientemente, como se alguém houvesse aberto a porta atrás de mim, deixando entrar uma corrente de ar. Eu estava sentada na cadeira de Rebecca, eu me recostava na almofada de Rebecca, e o cão viera pousar a cabeça sobre os meus joelhos porque fora assim com Rebecca.

**EU NUNCA IMAGINEI**, naturalmente, que a vida em Manderley fosse tão organizada. Lembro-me agora, ao olhar para trás, que naquela primeira manhã Maxim já estava vestido e escrevendo cartas antes do café, e quando desci, bem depois das nove, um pouco agitada pelos chamados do gongo, vi que ele já quase terminara a refeição e estava descascando uma fruta.

Levantou os olhos para mim e sorriu.

— Não precisa se aborrecer, disse; — é uma coisa a que terá de se acostumar. Não posso perder tempo a esta hora do dia. Dirigir uma propriedade como Manderley dá trabalho, você sabe. O café e os pratos quentes estão sobre o aparador. Sempre nos servimos nós mesmos na refeição da manhã.

Eu disse qualquer coisa sobre o atraso do meu relógio, ou minha demora no banho, que ele não ouviu, por demais interessado na leitura de uma carta; tinha as sobrancelhas levemente franzidas.

Lembro-me ainda hoje de como fiquei impressionada, um tanto atordoada mesmo, ante a magnificência da refeição. Chá num grande bule de prata, e café também: e na estufa, quentes pratos de ovos mexidos, bacon e peixe. Ovos quentes em outra estufa especial, e mingau, numa vasilha de prata. Presunto sobre outro móvel, e um grande pedaço de bacon frio. E ainda bolos, e torradas, e vários tipos de geleia, mel, e frutas. Estranhei ver Maxim, que na Itália e na França só tomava uma xícara de café, só comia um croissant e uma fruta, sentar-se àquela mesa como que preparada para uma dúzia de pessoas — e sempre, sempre, provavelmente durante anos, sem jamais perceber o ridículo do desperdício.

Notei que ele só se servira de um pedacinho de peixe. Eu comi ovo quente. E fiquei imaginando o destino do resto. E haveria, pensei, outros criados que eu jamais conheceria, jamais veria, a aguardarem na cozinha a dádiva da nossa refeição? Ou era tudo jogado fora? Naturalmente eu nunca viria a saber, pois é claro que não ousaria perguntar.

— Graças a Deus não tenho um bando de parentes para impingir a você, disse Maxim. Apenas uma irmã, que nunca vejo, e uma avó quase cega. Beatrice convidou-se para o almoço. Eu já esperava por isto. Com certeza quer ver como você é.

— Hoje? exclamei sentindo-me gelar.

— Sim, é o que diz na carta que recebi agora de manhã. Mas não ficará por muito tempo. Creio que vai gostar dela. Muito franca, acha que se deve falar sempre a verdade. Nada de rodeios. Se não gostar de você di-lo-á na frente.

Não achei que isso fosse grande consolo, e fiquei pensando se não haveria certa virtude na hipocrisia. Maxim levantou-se da cadeira e acendeu o cigarro.

— Tenho uma porção de coisas a fazer esta manhã.

Acha que pode distrair-se sozinha? perguntou-me.

Gostaria de mostrar-lhe os jardins, mas preciso ver Crawley, o administrador. Ando afastado dos negócios há muito tempo. Por falar nisso, Crawley também virá almoçar.

Você vai sentir-se à vontade.

— Naturalmente, murmurei. Sentir-me-ei muito bem.

Maxim tomou a correspondência e saiu do quarto, e lembro-me de ter pensado que não era assim que eu imaginara a minha primeira manhã em Manderley; tinha-me visto de braços dados, andando até o mar, voltando tarde, cansada, para o almoço, sentando-nos depois sob o castanheiro que se via da biblioteca.

Demorei-me nessas divagações, e só quando vi Frith entrar e espiar pelo biombo de serviço é que notei serem dez horas já passadas.

Levantei-me imediatamente, como se tivesse sido apanhada em falta e desculpei-me de haver demorado tanto.

Frith inclinou-se sem nada dizer, muito correto, muito polido, mas com um brilho de surpresa no olhar. Talvez me escapasse algo de inconveniente. Talvez não devesse ter-me desculpado, e isso me rebaixasse em sua estima. Desejei saber o que dizer, o que fazer. Fiquei imaginando se ele suspeitaria, como Mrs. Danvers, que aplomb, e graça, e segurança, não eram qualidades inatas em mim,

mas dons a serem adquiridos, penosamente talvez, e devagar, à custa de muitos momentos amargos.

Ao deixar o quarto, sem olhar onde pisava, tropecei no degrau na porta, e Frith adiantou-se para amparar-me, apanhando o meu lenço que caíra; notei que Robert, o outro serviçal, que estava em pé por detrás do biombo, voltou a cabeça para esconder o riso.

Ouvi o som de vozes, quando atravessava o hall; alguém ria-se, Robert, creio eu. Talvez se risse de mim. Fui para cima em busca da intimidade do meu quarto, mas ao abrir a porta vi que as empregadas estavam na arrumação, uma varrendo, outra espanando. Olharam surpresas para mim. Saí imediatamente. Não era do regulamento, então, ir ao meu quarto àquela hora. Elas não esperavam que eu fizesse uma coisa dessas, que atrapalhava o serviço, quebrava a rotina.

Desci de novo, silenciosa, contente dos meus chinelos não fazerem ruído na laje do hall, e dirigi-me à biblioteca.

Encontrei-a gélida, de janelas abertas, fogo apagado.

Fechei a janela e procurei fósforos. Mas não achei nenhum. Fiquei sem saber o que fazer. Não quis tocar a campainha. Mas a biblioteca, tão confortável a noite passada, era uma geladeira agora de manhã. Havia fósforos em cima, no quarto de dormir, mas não senti vontade de lá voltar, para não interromper de novo o serviço. Não poderia suportar os olhares curiosos daqueles rostos de lua cheia. Decidi ir-me para a sala de jantar, quando Frith e Robert já não estivessem lá. Ainda ressoava o som de suas vozes, o ruído das bandejas.

Quando tudo caiu em silêncio atravessei o hall, e fui. Sim, havia sobre o aparador uma caixa de fósforos, como eu esperava. Atravessei o aposento vivamente e apanhei-a, mas nisso Frith entrou de novo na sala. Com gesto furtivo procurei esconder os fósforos no bolso, mas notei que ele olhava surpreso para as minhas mãos.

— Precisa de alguma coisa, senhora? — Oh, Frith, disse eu embaraçada, não pude encontrar fósforos. Ele imediatamente

ofereceu-me uma caixa e cigarros também. Isso ainda mais me perturbou, porque eu não fumava.

— Não, o fato é que senti frio na biblioteca, comentei eu.

Talvez esteja estranhando o clima, porque estive no estrangeiro muito tempo — e pensei então em acender o fogo.

— O fogo da biblioteca não é aceso senão de tarde, senhora, disse ele. De manhã Mrs. de Winter sempre usava a saleta. Há um belo fogo aceso lá, agora. Naturalmente se a senhora desejar que se acenda também o fogo na biblioteca darei ordens nesse sentido.

— Oh, não! respondi. Nem por sombras. Irei para a saleta. Obrigada, Frith.

— Encontrará lá papel de carta, pena e tinta, disse ele.

Mrs. de Winter sempre se ocupava da correspondência e dos telefonemas de manhã, depois do café. Também há lá telefone interno, caso queira falar com Mrs. Danvers.

— Obrigada, Frith.

Voltei para o hall cantarolando baixinho, tentando dar impressão da segurança que não sentia. Não quis dizer-lhe que desconhecia o caminho da saleta, que Maxim não me mostrara na véspera. Sabia que Frith me observava da sala de jantar enquanto eu atravessava o hall, e que eu devia fazer como se conhecesse o caminho. Havia uma porta à esquerda da grande escadaria, e para ela me dirigi às tontas, rezando para que levasse ao meu destino; mas ao abri-la vi que se tratava de uma espécie de jardim de inverno, um lugar de desordem, por assim dizer, onde as flores eram preparadas para vasos, com algumas cadeiras de vime encostadas à parede, e várias capas de borracha penduradas num cabide. Saí dali um tanto desafiadoramente, e olhando através do hall vi Frith ainda na porta. Eu não o iludira um só instante.

— Vai-se à saleta pela sala de visitas, senhora, disse ele.

Pela porta à sua direita, deste lado da escada. É só atravessar o salão e virar à esquerda.

— Obrigada, Frith, murmurei humildemente, sem pensar mais em fingimentos.

Atravessei a vasta sala de visitas, como ele me ensinara — um belo salão bem proporcionado, que dava para o gramado e o

mar. O público o visitaria, com certeza, e se Frith acompanhasse os visitantes saberia dizer-lhes a história dos quadros e a época da mobília. Naturalmente tudo lindo, eu sabia disso, e aquelas cadeiras e mesas eram certamente valiosíssimas; mas eu não tinha vontade de demorar-me ali, não podia imaginar-me sentada naquelas poltronas, nem em pé em frente à lareira esculpida, ou atirando livros sobre as mesas. Tinha a formalidade duma sala de museu onde as seções são isoladas por corda, sob a fiscalização dum guarda encasacado, como os guias dos castelos franceses. Atravessei o salão e virei à esquerda, entrando na saleta que não conhecia ainda.

Tive a agradável surpresa de encontrar lá os cachorros, e Jasper veio imediatamente a meu encontro, abanando a cauda, pondo o focinho na minha mão. O outro ergueu a cabeça, voltando na minha direção os olhos cegos; mas percebendo, depois de farejar o ar por um momento, que eu não era quem ele queria, esqueceu-me, e com um rosnado voltou os olhos para o fogo. Jasper também logo me deixou, e instalou-se ao lado do companheiro, lambendo-o carinhosamente. Aquilo era hábito. Eles sabiam, tanto quanto Frith, que o fogo não era aceso até a tarde na biblioteca. O hábito de anos os trazia àquela hora à saleta. Sem saber porque, adivinhei, antes mesmo de ir para a janela, que o quarto dava para os rododendros. Sim, lá estavam eles, vermelhos e lascivos como eu os vira na véspera, agrupados uns contra os outros, embaixo da janela aberta, avançando sobre o caminho. Havia uma clareira entre os arbustos, um gramado em miniatura, onde a relva parecia um tapete tenro e macio, tendo no centro um pequeno fauno com a gaita pastoril na boca.

Os rododendros vermelhos serviam-lhe de pano de fundo; o pequeno gramado era palco minúsculo, onde ele dançaria, e representaria o seu papel. Não havia naquela sala o cheiro de mofo da biblioteca. Nem cadeiras gastas, nem mesas cheias de jornais e revistas, talvez nunca lidos, mas que lá ficavam por tradição, porque o pai de Maxim, ou talvez o seu avô assim o tinha ordenado.

A saleta era feminina; graciosa, frágil, com tudo ali escolhido intencionalmente, para que cada cadeira, cada vaso, cada coisa,

por menor que fosse, estivesse em harmonia com as demais e com a personalidade de quem as escolhera. Era como se ela tivesse dito: "Quero isto, e isto e aquilo", separando entre os tesouros de Manderley o que mais lhe agradava, desdenhando o medíocre, lançando mão, com instinto seguro, do mais artístico e melhor. Não havia mistura de estilos nem confusão de períodos, e o resultado era a perfeição não fria e grave, como o salão aberto ao público, mas cheia de vida, com alguma coisa de beleza e brilho dos rododendros que se agrupavam até embaixo da janela. E notei que os rododendros, não satisfeitos com o teatro que formavam no gramado, tinham conseguido acesso até a saleta. As faces vermelhas, de tão quente colorido, olhavam-me de cima da chaminé, boiavam num vaso da mesa perto do sofá, erguiam-se, altivos e graciosos, na escrivaninha, junto aos candelabros dourados.

O recinto estava repleto deles, até as paredes pareciam ter adquirido o seu ardente colorido ao sol claro da manhã.

Eram as únicas flores existentes ali, e imaginei se não haveria nisso alguma intenção, se a saleta não fora arranjada para ser florida dessa maneira, pois em parte nenhuma da casa, a não ser ali, aquelas flores eram vistas. Havia flores na sala de jantar, sim, e na biblioteca, mas dispostas discretamente, não com este alarde, nem profusão. Fui sentar-me à escrivaninha, admirando-me ao mesmo tempo de que tão linda moldura servisse para coisas tão práticas, como correspondência e cartas a fornecedores. Eu esperava, de certa maneira, que um aposento assim, arranjado com gosto e apuro — apesar do exagero das flores — fosse um lugar decorativo apenas, langoroso e íntimo.

Mas aquela escrivaninha, por primorosa que fosse, não era um brinquedo onde uma mulher bonita escrevesse bilhetinhos, molhando a pena e deixando-a de lado durante dias e dias, descuidadamente... Os pequenos compartimentos eram etiquetados — "cartas a responder", "cartas a conservar", "contas", menus, "miscelâneas", "endereços"; e cada rótulo traçado na mesma caligrafia larga e fina que eu já conhecia.

Aquilo chocou-me; assustei-me de reconhecê-la de novo, pois não mais a tinha visto depois da destruição da página em branco do livro de poesias.

Abri uma gaveta ao acaso, e lá estava de novo a sua letra, agora num caderno de couro aberto, cujo cabeçalho "Hóspedes de Manderley" mostrava imediatamente, em divisões de semanas e meses, que hóspedes tinham vindo, os quartos que ocuparam, o que lhes fora servido. Folheei as páginas, e vi que era registro de um ano inteiro, de maneira que a dona da casa, consultando-o, poderia de novo saber que hóspede tinha passado tal ou tal noite em sua casa em que quarto dormira, que pratos comera. Havia também folhas avulsas na gaveta, páginas para apontamentos, e papel marcado também, com emblema e endereço — e cartões de visita em caixinhas.

Tomei um, saquei o papel de seda que o envolvia. Li: "Mrs. de Winter" e a um canto, "Manderley". Coloquei-o de novo na caixa e fechei a gaveta, sentindo-me culpada, falsa, como se me achasse na casa de alguém e a dona da casa me tivesse dito: "Não há dúvida, pode escrever suas cartas na minha secretária" e eu, de uma maneira imperdoável, lhe espiara a correspondência. A qualquer momento ela voltaria e ver-me-ia ali, sentada em frente à gaveta aberta, que eu não tinha o direito de tocar.

E quando de repente soou o telefone, senti meu coração disparar, e com um sobressalto de terror pensei ter sido descoberta. Tomei o receptor com mãos trêmulas e perguntei: — Quem é? Que deseja? Soou um ruído estranho do outro lado do fio e distingui uma voz baixa e áspera, não sabia se de homem ou mulher, indagando: — Mrs. de Winter? É Mrs. de Winter? — Creio que é engano, respondi. Mrs. de Winter já é falecida. E ali fiquei sentada, estupidamente, diante do fone; e só quando o chamado foi repetido, numa voz incrédula, um tanto elevada, é que percebi, com o sangue a subir-me ao rosto, que tinha cometido uma gafe irreparável, e não podia desdizer minhas palavras.

— Aqui é Mrs. Danvers, senhora, que está falando do telefone interno.

Meu passo em falso era tão visível, tão idiota e imperdoável, que escondê-lo seria mostrar-me mais tola ainda — se fosse possível.

— Desculpe-me, Mrs. Danvers, balbuciei, com as palavras a confundirem-se em minha boca. O telefone assustou-me, eu não sabia o que estava dizendo, não percebi que o chamado era para mim, nem que estava falando ao telefone interno.

— Desculpe-me tê-la perturbado, senhora, disse a voz, e eu pensei: "Ela sabe, adivinhou que estive remexendo na escrivaninha". Só desejava saber, continuou a voz, se a senhora queria ver-me, e se aprova os menus de hoje.

— Oh, tenho certeza que sim, exclamei. — Quero dizer que aprovo os menus, a senhora decida como achar melhor, Mrs. Danvers; não precisa pedir minha aprovação.

— Seria melhor, creio, que a senhora lesse a lista que está aí ao seu lado, insistiu ela. — Encontrará o menu na pasta.

Procurei febrilmente e encontrei uma folha de papel que não notara antes. Lancei-lhe um olhar rápido — lagostim ao curry, vitela assada, aspargos, mousse de chocolate fria — seria isto para o almoço ou jantar? Para o almoço, creio.

— Sim, Mrs. Danvers, está muito bem organizado.

— Se quiser modificar alguma coisa faça o favor de dizer, que tomarei providências imediatas. Note a senhora que deixei um espaço em branco ao lado do molho, para que marque a sua preferência. Não sei que molho prefere com a vitela. Mrs. de Winter era muito exigente neste particular, e eu tinha sempre que consultá-la antes.

— Oh, bem... disse eu. — Deixe-me ver... Mrs. Danvers, não sei, acho melhor servir o molho de costume, o que Mrs. de Winter escolheria.

— Não tem preferência alguma?

— Não, realmente, Mrs. Danvers.

— Creio que Mrs. de Winter teria escolhido um molho de vinho, senhora.

— Então teremos o mesmo.

— Sinto tê-la incomodado enquanto escrevia, senhora.

— Não me incomodou absolutamente, não é preciso desculpar-se.

— O correio parte ao meio-dia; Robert irá buscar a sua correspondência e ele mesmo a selará, disse ela ainda. Só o que tem a fazer é chamá-lo pelo telefone, se a senhora tiver alguma carta urgente ele dará ordens para que seja levada ao correio sem demora.

— Obrigada, Mrs. Danvers, disse eu — e fiquei ainda com o fone ao ouvido, até que a minha interlocutora desligasse. Fiz o mesmo, e olhei de novo para a escrivaninha, para o papel de carta pronto para ser usado. À minha frente exibiam-se os compartimentos com os rótulos "cartas a responder", "miscelânea", que eram censuras à minha ociosidade. A que se sentava àquela mesma mesa não perdia tempo, como eu agora. Teria tomado o telefone e dado suas ordens para aquele dia, rapidamente, com segurança, riscando talvez algum item do menu que lhe não tivesse agradado. Ela não diria "Sim, Mrs. Danvers", ou "Naturalmente, Mrs.

Danvers", como eu fizera. E então, quando tivesse terminado, começaria a escrever suas cartas, cinco, seis, talvez sete, todas naquela caligrafia inclinada e ousada que eu tão bem conhecia.

Gastaria folhas e folhas daquele macio papel branco, extravagantemente, por causa dos caracteres grandes com que escrevia, e no final da carta poria a sua assinatura "Rebecca", com o R dominando todas as outras letras.

Comecei a tamborilar com os dedos na escrivaninha. Os compartimentos estavam agora vazios, não havia "cartas a responder", nem "contas a pagar" sobre as quais eu nada sabia. Se eu tivesse alguma coisa urgente a expedir, disse Mrs. Danvers, bastaria telefonar para Robert. Fiquei pensando em quantas cartas urgentes Rebecca costumaria escrever, e a quem seriam dirigidas. À costureira, talvez.

"Preciso do vestido de cetim branco na quarta-feira, sem falta." Ou ao cabeleireiro. "Vou a Londres na próxima semana, e queira marcar hora, às três em ponto, com Monsieur Antoine em pessoa. Xampu, massagem, ondulação e manicura." Não. Cartas nesse estilo seriam perda de tempo. Ela pediria uma ligação

interurbana para Londres; ou antes, Frith o faria — Frith diria: "Estou falando em nome de Mrs. de Winter". Eu continuava a bater com os dedos na escrivania. Não podia pensar em uma só pessoa a quem escrever. Somente, talvez, a Mrs. Van Hopper. E havia algo de irônico, de tolo, no fato de estar eu ali sentada à minha secretária, em minha própria casa, sem ter nada de mais interessante a fazer do que escrever a Mrs. Van Hopper, uma mulher que eu detestava, que nunca mais iria ver. Puxei uma folha de papel. Peguei da pena.

"Cara Mis. Van Hopper", comecei. E escrevi de maneira estudada, parando de vez em quando para pensar, dizendo que desejava que a viagem tivesse sido agradável, que tivesse encontrado a filha melhor, e bom tempo em Nova York; e pela primeira vez notei como minha letra era constrangida e informe, sem personalidade, sem estilo, vulgar mesmo, a caligrafia de uma medíocre aluna de escola de segunda categoria.

## 9

**QUANDO OUVI** o ruído do carro entrando no jardim, levantei-me em pânico, de olhos no relógio, pois era sinal de que Beatrice e o marido tinham chegado. Passavam apenas alguns minutos do meio-dia, e os nossos hóspedes apareciam muito mais cedo do que se esperava. E Maxim que ainda não voltara? Pensei em esconder-me, em sair para o jardim pela porta-janela, de modo que Frith, ao conduzi-los à saleta, seria obrigado a dizer: "A senhora deve ter acabado de sair" e aquilo parecia natural, ninguém o estranharia. Os cães olharam-me espantados quando corri para a janela, e Jasper seguiu-me, sacudindo a cauda.

A janela abria para o terraço e o pequeno gramado além, e quando eu me preparava para a fuga o som de vozes próximas fez-me recuar. Eles já vinham entrando no jardim, de rumo à saleta, pois Frith certamente lhes dissera que eu me achava ali. Esgueirei-me para a sala de visitas e abri uma porta à minha esquerda. Dava para um longo corredor de pedra, que atravessassei correndo,

consciente da minha estupidez, mas sabendo que não poderia enfrentar aquela gente, pelo menos por algum tempo. O corredor parecia levar à parte traseira da casa, e ao virar uma esquina dei com outra escada e uma criada que não tinha visto antes, de balde e esfregão em punho. A pobre criatura olhou-me espantada, como se eu fosse uma aparição fantasmagórica; dei-lhe bom dia, toda confusa, e ela respondeu encarando-me de boca aberta, os olhos redondos a seguirem-me curiosamente escada acima.

Julguei que a escada levasse aos quartos superiores, e lá eu poderia encontrar o meu apartamento, onde me esconderia até que chegasse a hora do almoço, quando as boas-maneiras me obrigariam a descer.

Eu devia ter perdido toda noção de rumo, pois ao abrir uma porta no topo da escada dei com um corredor que eu nunca vira antes, semelhante ao da ala leste, embora mais largo e escuro — mais escuro por causa das tapeçarias na parede. Hesitei, voltando-me depois à esquerda, e vi um pequeno vestíbulo e mais outra escada. Tudo sombrio e silencioso. Nem viva alma. Se as serventes haviam estado ali pela manhã, então o serviço estava terminado, e elas teriam descido. Mas nenhum sinal da presença delas, nem aquele cheiro de pó dos tapetes recém-batidos; e enquanto permanecia ali, hesitante, notei algo estranho naquele silêncio, a mesma atmosfera opressiva de casa vazia de onde os moradores se retiraram há muito.

Abri uma porta ao acaso; dava para um aposento imerso em escuridão total, onde nenhum raio de luz penetrava pelas venezianas fechadas; vagamente pude distinguir no centro o contorno de peças de mobília recobertas de lençóis brancos.

Cheiro de coisa fechada, de quarto raramente ou nunca usado, cujos ornamentos e objetos de arte são reunidos na cama, e cobertos com um lençol. Bem possível que as cortinas não tivessem sido corridas desde o verão passado; se alguém as abrisse agora, talvez mariposas ali prisioneiras durante meses caíssem ao chão, indo fazer companhia a um alfinete esquecido, ou a alguma folha seca que o vento tivesse levado para lá antes de as janelas serem fechadas pela última vez.

Cerrei a porta cautelosamente, e andei indecisa pelo corredor cheio de portas de ambos os lados, todas fechadas, até que cheguei a uma pequena alcova, encaixada numa parede saliente, onde uma janela aberta deixava entrar luz. Olhei para fora e vi o gramado fofo estendendo-se até o mar, e divisei também o mar de um verde brilhante e ondas prateadas, fustigado pelo vento oeste.

Estava mais perto do que eu pensara, muito mais perto; era ali, com toda certeza, debaixo daquelas árvores além do gramado, a cinco minutos apenas; e com um pouco de atenção eu ouvia o ruído das ondas na pequena enseada invisível a meus olhos. Percebi então que fizera a volta da casa, e me achava no corredor da ala oeste. Sim, Mrs. Danvers tinha razão. O murmúrio do mar era bem perceptível. Poder-se-ia até imaginar que no inverno as ondas avançariam para aqueles gramados verdes, ameaçando a própria casa; mesmo naquele momento, graças ao vento forte, havia uma névoa na janela, como se alguém tivesse respirado sobre os vidros. Um bafo salino, vindo do mar. Nuvem fugidia ocultou o sol por instantes, e eu vi o oceano mudar de cor imediatamente, escurecendo; e tornou-se cruel, impiedoso, diferente das águas alegres e brilhantes que primeiro impressionaram os meus olhos.

Senti-me de certo modo feliz, por saber que os meus quartos estavam na ala de leste. Vi que preferia, afinal de contas, o jardim das rosas ao ruído das ondas. Deixei a janela, então, e já me preparava para descer a escada, quando uma porta se abriu atrás de mim. Mrs. Danvers...

Olhamo-nos por um momento sem dizer palavra, e eu não pude perceber se a expressão dos seus olhos era de raiva ou curiosidade, pois o rosto sombrio fez-se máscara assim que nossos olhos se encontraram. Embora ela nada dissesse, senti vergonha, certa sensação de culpa, como se fosse surpreendida invadindo terreno alheio, e mais uma vez o rubor traiçoeiro subiu-me ao rosto.

— Perdi a noção do rumo, disse-lhe eu. Estava à procura do meu quarto.

— A senhora veio parar no lado oposto; aqui é a ala oeste.

— Sim, eu sei.

— Entrou em alguns dos quartos? — Não. Apenas abri uma porta, mas não entrei. Estava tudo escuro, coberto com lençóis. Lamento-o muito. Eu não tinha intenção de perturbar coisa alguma. Com certeza a senhora gosta de conservar tudo fechado.

— Se desejar que os quartos sejam abertos, darei ordens nesse sentido, disse ela. Basta avisar-me. Os aposentos estão mobiliados e podem ser postos a uso a qualquer momento.

— Oh, não. Não foi isto que quis dizer.

— Talvez desejasse ver toda a ala oeste? Sacudi a cabeça: — Não, preciso ir para baixo — e comecei a descer as escadas, com ela ao meu lado, como se fosse uma guardiã e eu a prisioneira.

— Qualquer dia, quando não tiver o que fazer, avise e lhe mostrarei os quartos da ala oeste, insistiu ela, e sem saber por que eu senti um vago desconforto.

Sua insistência reavivou uma lembrança passada, quando eu, menina, fui visitar certa amiga, e ela, filha da casa, pouco mais velha do que eu, me tomou pelo braço e cochichou-me: "Sei dum livro fechado no armário no quarto de mamãe.

Vamos espiar?" Lembro-me de sua fisionomia excitada, dos olhinhos redondos como contas, da maneira como me comprimia o braço.

— Mandarei retirar as cobertas, e assim a senhora poderá ver os quartos como eram no tempo em que estavam em uso, disse Mrs. Danvers. Eu já lhos teria mostrado hoje de manhã, mas pensei que estivesse escrevendo na saleta. Basta telefonar para o meu quarto, a senhora sabe, quando desejar falar comigo. Os aposentos poderão ficar prontos em dois tempos.

Descemos o pequeno lanço de escadas, e ela abriu outra porta, afastando-se para deixar-me passar, os olhos sombrios a perscrutarem-me o rosto.

— É muita amabilidade sua, Mrs. Danvers. Eu a avisarei qualquer dia.

Passamos juntas para o patamar e vi que tínhamos chegado à escada principal, atrás da galeria dos menestrelis.

— Admiro-me como pôde perder-se, disse ela. A porta da ala oeste é muito diferente desta aqui.

— Não vim por este caminho, respondi.

— Então deve ter vindo pelos fundos, por um corredor de pedra...

— Sim, atravessei um corredor de pedra, respondi, desviando o olhar.

Ela continuou a encarar-me, como esperando que eu lhe explicasse por que deixara a saleta tomada de súbito pânico, fugindo para os fundos da casa; e percebi então que sabia, que com certeza me vigiara, que talvez me tivesse visto vagueando pela ala oeste desde o princípio.

— Mrs. Lacy e o Major Lacy já chegaram há algum tempo, disse ela. Ouvi o barulho do carro logo depois do meio-dia.

— Oh, sim? — Frith com certeza os levou para a saleta. Já deve ser quase doze e meia. A senhora conhece o caminho agora, não é? — Sim, Mrs. Danvers, respondi — e desci as escadarias até o hall, sentindo que ela ficara lá em cima a observar-me.

Era-me forçoso ir para a saleta, conhecer a irmã de Maxim e o marido. Não podia esconder-me no quarto. Ao entrar na sala de visitas espiei pelo ombro e vi que Mrs.

Danvers ainda estava no topo da escada, qual negra sentinela.

Fiquei um momento parada à porta da saleta, com a mão no trinco, escutando um murmúrio de vozes. Maxim voltara, enquanto eu estivera em cima, trazendo consigo o administrador. Tive consciência da mesma sensação de incerteza doentia que experimentara tantas vezes em criança, quando me chamavam para saudar as visitas; e virando o trinco entrei estouvadamente na saleta, onde fui recebida, assim me pareceu, por uma legião de rostos e um silêncio geral.— Aqui está ela afinal! disse Maxim. Onde se meteu? Já estávamos pensando em promover uma busca. Esta é a Beatrice, e este é Giles — e aqui Frank Crawley. Cuidado, você quase pisa o cachorro.

Beatrice era alta, de ombros largos, bonita, muito parecida com Maxim nos olhos e no queixo, mas não a achei tão elegante como esperava; um pouco masculina, tipo de quem sabe tratar de cachorros quando doentes, ou discute cavalos, ou atira bem. Não

me beijou. Apertou-me as mãos com firmeza, olhando-me direto nos olhos, e virou-se depois para Maxim: — Muito diferente do que pensei. Não se parece em nada com a sua descrição.

Todos riram e eu fiz eco, sem ter certeza, no entanto, se o riso era a meu favor ou contra, no íntimo ardendo por saber como Beatrice pensara que eu fosse, e também qual teria sido a descrição de Maxim.

— E este é Giles, disse Maxim, segurando meu braço.

Ê Giles estendeu-me uma pata enorme, que amassou minha mão e quase me quebra os dedos — a sorrir com olhos alegres por detrás dos óculos de aro.

— Frank Crawley, apresentou Maxim em seguida, e virei-me para o administrador, um homem magro e apagado, de pomo de Adão proeminente, em cujo olhar notei uma expressão de alívio quando me viu. Espantei-me, mas não tive tempo de refletir sobre isso; Frith entrara e me oferecia sherry, e Beatrice dirigia-se de novo a mim: — Maxim me contou que só chegaram ontem à noite.

Se eu soubesse não teria vindo importuná-los tão cedo. Bem, e o que me diz de Manderley? — Ainda pouco vi, declarei. Mas é linda, naturalmente.

Beatrice olhava-me de alto, como eu esperara, mas dum modo franco, direto, não maldoso como o de Mis. Danvers, e sobretudo sem antipatia. Tinha direito de julgar-me, pois era irmã de meu marido. Maxim veio para meu lado e passou o braço pelo meu, procurando animar-me.

— Você está com outra aparência, meu velho, disse Beatrice, a cabeça de lado, examinando-o. Perdeu aquele ar cadavérico, graças a Deus. Creio que devemos agradecer isto a você, não? acrescentou virando-se para mim.

— Eu sempre andei bem, disse Maxim em voz breve. Sempre me senti otimamente. Você tem a mania de supor que quem não é gordo como o Giles está doente.

— Tontice! exclamou Beatrice. Você sabe muito bem que andou abatidíssimo uns meses. Pregou-me um bom susto, quando vim visitá-lo. Pensei que estivesse a caminho de um completo esgotamento nervoso. Não é verdade, Giles, que Maxim esteve

cadavérico, e que eu disse não estar longe de um esgotamento nervoso? — É verdade, meu velho. Está agora outra pessoa, concordou Giles. Foi uma boa coisa ter feito essa viagem.

Não acha que ele está muito bem, Crawley? Eu podia ver, pela contração dos músculos do seu braço, que Maxim procurava conter-se. Porque qualquer conversa sobre a sua saúde lhe desagradava, enraivecia-o mesmo, e pareceu-me falta de tato da irmã insistir daquela maneira, como se tratasse de algo de importância.

— Maxim está queimado de sol, murmurei timidamente, e isso esconde uma porção de pecados! Deviam vê-lo em Veneza, tomando o café da manhã no balcão para ficar queimado. Julga que isso o faz ficar mais bonito.

Todos riram, e Mr. Crawley disse: — Deve ser esplêndida Veneza, Mrs. de Winter, nessa época do ano. E eu respondi: — Somente um dia mau, não é verdade Maxim? E a conversa resvalou para terreno mais seguro — o bendito assunto do bom tempo. Era fácil conversar agora, não mais um esforço, e Maxim, Giles e Beatrice entraram a discutir a velocidade do carro de Maxim, enquanto Mr. Crawley me perguntava se era verdade não haver mais gôndolas em Veneza, e somente barcos de motor. Pouco lhe importava que lá existissem gôndolas ou couraçados, estava dizendo aquilo apenas para ajudar-me, para afastar a conversa do assunto que desagradara Maxim; e eu, sentindo nele um aliado, fiquei grata, apesar da sua aparência desinteressante.

— Jasper precisa de exercício, declarou Beatrice empurrando o cachorro com o pé. Está ficando gordo demais, com dois anos apenas. Que lhe dão para comer, Maxim? — Minha cara Beatrice, Jasper é criado da mesma maneira que os seus. Não queira fazer bonito, mostrando que entende mais de animais do que eu.

— Ora, ora! Como pretende saber da alimentação de Jasper, se esteve ausente mais de dois meses? Não vá me dizer que o levam duas vezes por dia a passear. Este cachorro não tem feito exercício há semanas; o pelo diz-me isso.

— Prefiro vê-lo colossal a meio esfomeado, como aquele seu cachorro maluco, disse Maxim.

— Essa observação não é muito inteligente, levando-se em conta que Lion ganhou dois primeiros lugares em Cruft, em fevereiro passado, respondeu Beatrice.

A atmosfera estava se tornando pesada outra vez, como eu percebia pelos lábios de Maxim; irmãos e irmãs, seriam sempre assim, mestres em tornar o ambiente desagradável para quem os ouve? Desejei que Frith anunciasse logo o almoço. Ou seríamos chamados pelo gongo? Eu ainda ignorava os usos de Manderley.— A que distância mora aqui? perguntei, indo sentar-me junto a Beatrice. Saíram muito cedo? — Moramos a cinquenta milhas, minha cara, no condado vizinho, do outro lado de Trowchester. A caça é muito melhor daquele lado. Você precisa vir ter conosco, caso Maxim queira privar-se da sua presença por uns dias. Giles poderá ensiná-la a montar.

— Infelizmente não sou caçadora, disse eu. Aprendi a montar em criança, mas mal, e creio que já perdi as lições.

— Pois toca a recomeçar. Ninguém pode viver no campo sem andar a cavalo. É o melhor meio de passar o tempo. Disse-me Maxim que você pinta. Está muito bem — mas não se faz exercício com isto, não é mesmo? Bom para um dia de chuva, quando nada há que fazer.

— Minha cara Beatrice, nem todos são como você, adoradores do ar fresco, observou Maxim.

— Não estava falando com você, meu velho. Todo o mundo sabe que você se sente muito feliz em percorrer os jardins de Manderley, sem nunca apressar o passo.

— Também gosto muito de andar, disse eu vivamente.

Tenho certeza de que nunca me cansarei de andar por toda Manderley. Gosto também de nadar, nos dias quentes.

— Minha cara, isto é otimismo! exclamou Beatrice.

Não me lembro de ter nadado aqui. A água é fria demais, e a praia só cascalho.

— Não tem importância, disse eu. Adoro os banhos de mar — quando as correntes não são muito fortes. Será perigoso tomar banho na enseada? Ninguém respondeu, e percebi de repente a gafe cometida. Meu coração começou a bater descompassado, e o

rosto pegou fogo. Abaixei-me para acariciar as orelhas de Jasper, numa confusão angustiada.

— Jasper é que precisaria nadar, para perder um pouco dessa gordura, disse Beatrice, quebrando o silêncio. Mas será difícil fazê-lo na enseada, não é mesmo, Jasper? Querido Jasper. Velho amigo — e nós duas acariciamos o cão, sem olhar uma para a outra.

— Escutem — estou com uma fome terrível, declarou Maxim. Que teria acontecido com o almoço? — Uma hora apenas, advertiu Mrs. Crawley, a julgar pelo relógio da lareira.

— Este relógio costuma adiantar-se, disse Beatrice.

— Há meses que funciona perfeitamente, contraveio Maxim.

Neste momento Frith abriu a porta e avisou que o almoço estava servido.

— Gostaria de lavar as mãos, pediu Giles.

Levantamo-nos com alívio e atravessamos a sala de visitas e o hall, Beatrice um pouco à frente dos homens, segurando meu braço.

— Querido Frith! disse ela. Está sempre o mesmo, e faz-me sentir menina. E para mim: Sabe de uma coisa? Espero que não se zangue de dizer-lhe isto, acho-a ainda mais moça do que esperava. Maxim contou-me a sua idade, mas você é uma criança ainda. Diga-me, está muito apaixonada por ele? Eu não estava preparada para a pergunta, de modo que Beatrice notou a expressão de surpresa do meu rosto e, rindo, apertou meu braço.

— Não precisa responder, disse. Estou lendo o que há.

Sou uma intrometida, não é verdade? Não se aborreça comigo. Somos muito camaradas, eu e Maxim, apesar de parecermos cão e gato sempre que nos encontramos. Dou-lhe mais uma vez os parabéns pela mudança que notei nele.

Andávamos todos muito preocupados com sua saúde. Mas naturalmente você conhece toda a história.

Como houvéssemos chegado à sala de jantar Beatrice parou aí — os criados lá estavam; mas ao desdobrar o guardanapo fiquei a pensar no que ela diria se conhecesse a minha ignorância da tragédia ocorrida um ano antes na enseada — se soubesse que Maxim guardara essas coisas só para si e eu nunca o interrogara.

O almoço passou-se mais agradavelmente do que eu ousara esperar. Não houve discussões; Beatrice revelava um pouco mais de tato, e conversou com o irmão sobre assuntos de Manderley, cavalos, jardins e amigos comuns. À minha esquerda Frank Crawley mantinha comigo uma conversação ligeira, que não exigia esforço de minha parte. Giles interessava-se mais nos petiscos do que na prosa, embora de vez em quando se lembrasse da minha presença e fizesse um ou outro comentário.

— É a mesma cozinheira, com certeza? perguntou quando Robert lhe ofereceu um suflê frio pela segunda vez.

Vivo a dizer a Bem que Manderley é o único lugar na Inglaterra onde se come decentemente. Este suflê é único.

— Trocamos de cozinheira de vez em quando, observou Maxim. Mas o estilo da comida é sempre o mesmo. Mrs.

Danvers tem todas as receitas; ela sabe dirigir a cozinha.

— Mulher extraordinária essa Mis. Danvers! comentou Giles virando-se para mim. Não acha? — Oh, sim. Mrs. Danvers parece uma criatura maravilhosa.

— Mas não é lá muito macia, não é verdade? continuou Giles desatando a rir. Frank Crawley silenciou e notei que Beatrice me observava. Logo, porém, voltou-se para Maxim, e continuou na conversa.

— Joga golfe, Mrs. de Winter? perguntou-me Frank Crawley.

— Não, infelizmente não, respondi, contente de mudar de assunto e esqueci Mrs. Danvers; embora eu nada entendesse de golfe, mostrei-me atenta ao que Mr. Crawley dizia, pois o golfe era um assunto seguro, que não podia trazer embaraços ou constrangimentos. Serviram-nos queijo e café, e depois fiquei sem saber se estavam esperando que eu desse o sinal de fim. Por várias vezes tentei consultar Maxim com os olhos, sem que ele o percebesse. Giles começou a contar uma complicada história sobre a maneira de arrancar um carro atolado na neve, que eu ouvi polidamente, sacudindo a cabeça de quando em quando e sorrindo; Maxim, porém, impacientou-se do outro lado da mesa. Afinal Giles fez uma pausa, e o meu olhar encontrou o de Maxim. Vi que franziu

ligeiramente as sobrancelhas, fazendo um sinal de cabeça na direção da porta.

Ergui-me um tanto estouvadamente e lá se foi o cálice de Porto de Giles.

— Oh, meu Deus! exclamei atontada, procurando pelo meu guardanapo, mas Maxim interrompeu-me: — Deixe por conta de Frith, não aumente a confusão.

Beatrice, leve-a aos jardins; ela ainda nada viu de Manderley.

Maxim tinha o ar fatigado, enervado. Comecei a desejar que nenhuma daquelas visitas tivesse vindo. Haviam estragado o nosso dia. O esforço era grande demais, assim imediatamente após a nossa chegada. Sentia-me cansada também, cansada e triste. A voz de Maxim soou-me irritada quando sugeriu que fôssemos para o jardim. Que estouvada eu fora, derramando daquele jeito o cálice de vinho! Breve estávamos no gramado.

— Acho que não foi negócio voltarem tão cedo para Manderley, observou Beatrice. Teria sido muito melhor percorrermos a Itália por uns três ou quatro meses, regressando no meio do verão. Isso faria muito bem a Maxim, e tornaria as coisas mais fáceis para você. Imagino que vai estranhar tudo aqui, no princípio.

— Oh, não creio, exclamei. Já começo a gostar muito de Manderley.

Beatrice não respondeu; pusemo-nos a andar pelo gramado.

— Conte-me alguma coisa de sua vida, disse ela afinal.

Que era que fazia no sul da França? Aturando uma americana inaturável, foi o que Maxim me disse.

Falei-lhe então de Mrs. Van Hopper, e do que me levara a viver com ela; Beatrice pareceu compreender-me, mas de uma maneira vaga, como se estivesse pensando em outra coisa.

— Sim, tudo sobreveio muito de repente, como diz, concordou ela. Nós, muito naturalmente, ficamos radiantes, minha querida, e espero que formem um casal muito feliz.

— Obrigada, Beatrice, muito obrigada.

Por que teria ela dito aquilo, em vez de dizer que sabia que seria assim? Beatrice era boa, sincera, simpática mas na sua voz havia um tom de dúvida que me amedrontava.

— Quando Maxim nos escreveu contando tudo, continuou ela segurando meu braço, — e disse que a descobrira no sul da França, que você era muito moça, muito bonita, não posso negar que senti um choque. Naturalmente esperávamos uma borboleta social, do tipo das que se encontram nesses lugares, muito moderna, muito pintada.

Mas quando você entrou na saleta, antes do almoço, confesso que tive a maior surpresa da minha vida.

Beatrice riu e eu também. Mas não me informou se ficou decepcionada com a minha aparência ou aliviada.

— Pobre Maxim! continuou. Sofreu horrivelmente, mas esperamos que você o tenha feito esquecer tudo.

Naturalmente ele adora Manderley.

Eu estava dividida entre duas emoções. Dum lado queria que ela continuasse, que me falasse sobre o passado com aquela mesma naturalidade; mas de outro, talvez no subconsciente, eu preferia não saber de coisa nenhuma.

— Maxim e eu somos completamente diversos, você sabe, disse Beatrice. Nossos temperamentos opõem-se. Eu mostro no rosto tudo o que sinto, se gosto de uma pessoa ou não, se estou zangada ou contente. Não sei guardar reserva.

Maxim é o contrário. Muito quieto, muito consigo. A gente nunca sabe o que lhe anda pela cabeça. Eu me exalto por qualquer coisa; à menor provocação inflamo-me, e depois pronto! Tudo acabado. Maxim perde a calma uma ou duas vezes por ano, mas se isso acontece, meu Deus! ele se exalta de fato. Mas não creio que jamais o faça com você. Você parece-me uma coisinha pacata...

Beatrice riu-se e beliscou-me o braço, e eu refleti sobre a palavra pacata. Dava uma impressão confortável, quieta — de alguém com o tricô ao colo, rosto sereno, olhar tranquilo. De alguém que nunca provasse a tortura da dúvida e da indecisão; de alguém que nunca se sentia como eu — esperançosa, ansiosa e amedrontada, a roer as unhas, incerta sobre o caminho a tomar, sob que estrela seguir.

— Não se incomoda que lhe dê um conselho, não é verdade? perguntou Beatrice. Acho que deve dar um jeito no seu cabelo. Por

que não faz uma "permanente"? Muito escorrido. Experimente puxá-lo para trás da orelha.

Obedeci e esperei a sua aprovação. Beatrice olhou-me com atenção com a cabeça inclinada.— Não, acho pior assim. Dá-lhe um ar muito severo.

Não. Uma ondulação, sim, para ficar mais fofo. Nunca fui muito a favor desse tipo de penteado à Joana d'Arc, ou sei lá como é o nome. Qual é a opinião de Maxim? Ele gosta? — Não sei, respondi. Nunca me falou sobre isso.

— Oh, bem, talvez goste, então. Não se guie por mim.

Diga-me: comprou alguns vestidos em Londres ou Paris? — Não, não houve tempo. Maxim estava aflito por voltar. Mas poderei mandar vir catálogos.

— Posso ver, pela maneira como se veste, que não dá a menor importância a toaletes, disse Beatrice, e eu olhei para a minha saia de flanela com ar de quem se desculpa.

— Dou sim, respondi. Gosto muito de coisas bonitas, mas até agora não dispus do dinheiro necessário para me vestir bem.

— Admiro-me de Maxim não ter ficado uma semana ou mais em Londres para reformar a toaleta da esposa. Acho que foi muito egoísmo da parte dele. E esquisito, também.

Maxim é em geral muito exigente.

— Sim? Pois nunca me pareceu tal. Não creio mesmo que note o vestido que uso. Nem vê.

— Oh, exclamou Beatrice. Deve estar muito mudado, então. Voltou-se para o outro lado, assobiou para Jasper, e com as mãos nos bolsos ergueu os olhos para a casa.

— Vejo que não estão usando a ala oeste, observou.

— Não. Ocupamos o apartamento da ala de leste, que foi toda reformada.

— Foi? Eu não sabia. Por quê? — Ideia de Maxim.

Beatrice nada disse; continuou de olhos nas janelas, assobiando.

— Como vai indo com Mrs. Danvers? perguntou de repente.

Abaixei-me e comecei a acariciar a cabeça de Jasper.— Não a tenho visto muito, respondi. Mas Mrs.

Danvers amedronta-me um pouco. Nunca encontrei uma pessoa assim na minha vida.

— Creio, murmurou Beatrice.

Jasper fitava-nos com olhos grandes, humildes; beijei sua cabeça sedosa e passei a mão sobre o focinho negro.

— Não há razão para amedrontar-se, disse Beatrice. E, aconteça o que acontecer, não deixe que ela o perceba. Claro que nada tenho que ver com ela — nem gostaria de ter, tampouco. Sempre foi muito cortês comigo.

Eu continuava a fazer festas a Jasper.

— Mostrou-se cordial? insistiu Beatrice.

— Não muito.

Beatrice recomeçou a assobiar, esfregando a ponta do sapato sobre a cabeça de Jasper.

— Se eu fosse você não a procurava mais que o necessário.

— Sim. Ela é muito eficiente, e não há razão para que eu interfira no seu trabalho.

— Oh, não creio que se importasse com isso, disse Beatrice.

Lembrei-me que Maxim tivera a mesma frase, achei estranho que ambos pensassem de igual maneira. A mim me parecia que a interferência fosse a coisa mais desagradável para Mrs. Danvers.

— Naturalmente isso passará com o tempo, continuou Beatrice, mas no princípio a situação pode tornar-se desagradável para você. Ela é ciumentíssima.

— Ciumenta? estranhei. Ciúmes de que, de quem? Maxim não parece apreciá-la muito.

— Minha cara menina, não é em Maxim que Mrs.

Danvers pensa, disse Beatrice. Não é disso que se trata.

E depois duma pausa, franzindo as sobrancelhas e olhando-me com certa hesitação: — Ela não gostou da sua vinda para aqui — essa é que é a história.

— Por quê? Por que lhe seria eu indesejável? — Pensei que soubesse, disse Beatrice. Pensei que Maxim lhe houvesse dito tudo. É que Mrs. Danvers adorava Rebecca.— Oh, estou entendendo...

Continuamos ambas a acariciar o pelo de Jasper que, desacostumado de tais atenções, parecia felicíssimo.

— Aí estão os homens, disse Beatrice. Vamos mandar vir algumas cadeiras para um descanso debaixo do castanheiro. Como Giles está gordo! Fica repulsivo ao lado de Maxim. Frank, com certeza, voltará para o escritório. Que criatura apagada é ele! Nunca tem uma coisa interessante para dizer. Olá! Em que estiveram conversando todos vocês? Falando mal da vida alheia, certamente.

Os homens aproximaram-se, ficaram olhando para Jasper.

Mr. Crawley tirou o relógio: — Creio que tenho de ir andando. Muito agradecido pelo almoço, Mrs. Winter.

— Volte sempre, respondi, estendendo-lhe a mão.

Fiquei a pensar se os outros também se iriam. Ignorava se tinham vindo apenas para o almoço, ou para o dia inteiro.

Desejei que se fossem, para eu ficar sozinha com Maxim, como na Itália.

Fomos todos para debaixo do castanheiro. Giles deitou-se de costas, com o chapéu sobre os olhos, e dali a pouco já estava roncando, de boca aberta.

— Silêncio, Giles, gritou Beatrice — e ele abriu os olhos e fechou-os de novo, dizendo: "Não estou dormindo". Achei-o pouco atraente, e pareceu-me impossível que Beatrice gostasse dele. Amor da parte dela não haveria. Mas talvez ela estivesse pensando o mesmo de mim. Por duas ou três vezes notei-lhe o olhar perplexo, pensativo, como se estivesse conjeturando: "Que será que Maxim viu nesta criatura?" mas o seu olhar era bondoso e sem hostilidade. Entraram a falar na velha avozinha.

— Precisamos fazer-lhe uma visita, disse Maxim — ao que Beatrice respondeu: — Ela já está gagá; deixa cair a comida da boca, a coitadinha! Fiquei a ouvir, encostada ao braço de Maxim, roçando o queixo em sua manga. Distraidamente ele acariciou-me a mão, sem pensar, continuando na prosa com a irmã.

"É como faço com Jasper", pensei eu. "E estou agindo como Jasper agora — apoiando-me a ele. Dá-me um tapinha de vez em quando, e eu fico contente, aproximo-me ainda mais. Maxim gosta de mim da maneira que eu gosto de Jasper." O vento cessara de soprar, na tarde tranquila e sonolenta.

A grama, aparada recentemente, tinha um cheiro doce, como no verão. Uma abelha zumbiu por cima da cabeça de Giles, e ele afastou-a com o chapéu. Jasper, por sentir muito calor ao sol, aproximou-se ofegante, de língua pendente. Deitou-se aos meus pés e começou a lamber o pelo, olhando-lhe com ar de quem se desculpa. O sol brilhava sobre o vidro das janelas, onde parte do jardim se refletia. Uma das chaminés soltava para o céu uma tênue fumaça. Lembrei-me da biblioteca. Já teriam aceso o fogo? Um tordo atravessou o jardim, indo pousar na magnólia próxima da janela da sala de jantar. Chegava-me às narinas o seu leve perfume. Tudo parado, silencioso. De longe vinha o sussurro do mar na enseada. A maré devia estar baixa. De novo a abelha zumbiu sobre nós, pousando numa flor do castanheiro. "É o que sempre imaginei", disse comigo. "É assim que imaginei a vida em Manderley." Gostaria de continuar ali, sentada, sem falar, sem ouvir, guardando aquele momento precioso por todo o sempre, porque estávamos tranquilos, satisfeitos e sonolentos, tanto quanto a abelha que esvoaçava sobre nós. Dali a pouco já seria diferente; o dia de amanhã não tardaria a chegar — e o dia seguinte — e o outro, e outro. E anos. E estaríamos mudados, talvez, não mais sentando-nos ali daquela maneira.

Um ou outro de nós dois se iria, ou morreria; à nossa frente alargava-se o futuro desconhecido, invisível, talvez diferente do que desejaríamos que fosse ou do que tínhamos planejado.

Mas aquele momento ali era seguro, não podia ser tocado.

Ali estávamos nós, Maxim e eu, de mãos dadas; o passado e o futuro não contavam. Sim, imperecível aquele fragmento de tempo de que ele nunca se lembraria ou em que, talvez, jamais viesse a pensar. Maxim não o consideraria sagrado, nem perfeito; estava agora falando em cortar os abrolhos do caminho, e Beatrice concordou, interrompendo-o de vez em quando para sugestões, e jogando gravetos sobre Giles. Para eles era uma tarde como qualquer outra; três e um quarto — hora como qualquer hora de qualquer dia. Não queriam fixá-la no tempo, guardá-la prisioneira no coração. Nenhum deles sentia medo.

— Bem, creio que já é hora de irmo-nos, lembrou Beatrice, levantando-se e sacudindo a saia. Não quero chegar atrasada, os Cartights vão jantar conosco.

— Como vai Vera? indagou Maxim.

— Oh, a mesma de sempre, só falando da saúde. E ele está bem velho. Com certeza hão de querer saber tudo a respeito de vocês dois.

— Dê-lhes lembranças minhas, pediu Maxim.

Levantamo-nos. Giles sacudiu uma folhinha seca do chapéu. Maxim bocejou e espreguiçou-se. O sol desaparecera.

Olhei o céu, vi que mudara de cor, que se tornara escuro, cheio de nuvenzinhas acarneiradas.

— O vento está amainando, advertiu Maxim.

— Bom será que não chova, quis Giles.

— A melhor parte do dia já lá se foi, comentou Beatrice olhando para o céu.

Caminhamos devagar até o caminho onde esperava o carro.

— Vocês não viram as reformas da ala leste, lembrou então Maxim.

— Vamos até em cima, convidei. Não demorará nada — e fomos para o hall, com os homens atrás.

Parecia estranho que Beatrice em menina tivesse vivido ali tantos anos, tivesse corrido por aquelas escadas, com a governanta. Nascera e criara-se naquela mansão, da qual conhecia todos os recantos; pertencia àquele ambiente mais do que eu jamais poderia pertencer. Quantas memórias não teria no coração... Fiquei imaginando se ela pensaria nesse passado, se se lembraria da menina de tranças que fora, tão diferente de hoje, nos quarenta e cinco, vigorosa e firme na maneira de pensar — outra pessoa, enfim...

Chegamos aos quartos; Giles, abaixando-se sob o portal baixo, comentou: — Como ficou alegre! Está muito melhorado, não é verdade Bee? E Beatrice para Maxim: — É verdade, meu velho, você se esmerou: cortinas novas, tudo novo. Lembra-se deste quarto, Giles, quando estive aqui durante dias por causa da sua perna? Era muito pobre, então, muito sem graça. Naturalmente

mamãe nunca teve muita ideia de conforto. E, depois, você nunca hospedava ninguém aqui, a não ser quando havia acúmulo, não é verdade, Maxim? Os solteiros eram sempre jogados para este lado. Está um encanto, realmente, e com a vantagem de dar para o jardim das rosas. Posso pôr um pouco de pó de arroz? Os homens desceram então, enquanto Beatrice consultava o espelho.

— Foi a velha Danvers quem arrumou tudo isto? — Sim, respondi. E saiu-se muito bem.

— Não podia ser de outro modo, com a prática que tem. Mas quanto não terá custado?... Um bom dinheiro, imagino. Indagou disso? — Não, nada lhe perguntei.

— Não creio que o custo haja preocupado Mrs. Danvers, — continuou Beatrice. Não se incomoda que eu use o seu pente? Que bonitas escovas! Presente de casamento? — Sim, de Maxim.

— Hum, lindas. Precisamos dar-lhe também alguma coisa. Que prefere? — Oh, francamente não sei. Não se incomode.

— Minha querida, não seja absurda! Eu não hei de ficar sem dar-lhe um presente, apesar de não termos sido convidados para o casamento.

— Espero que não tenham ficado sentidos. Maxim queria casar-se no estrangeiro.

— Naturalmente. Muito bem pensado da parte de vocês.

Afinal de contas não era como se... Interrompeu-se no meio da frase, e deixou cair a bolsa. Diabo, será que quebrei o fecho? Não, felizmente não. Sobre que estava eu falando? Ah, sim, presentes de casamento. Precisamos pensar em alguma coisa. Você com certeza não faz questão de joias.

Não respondi.

— É um casamento tão diferente dos outros, continuou ela. A filha de uma amiga minha casou-se outro dia, e naturalmente começaram a vida como todo mundo, com enxoval, aparelhos de café e mobília de sala de jantar e tudo o mais. Eu dei uma linda lâmpada, que me custou cinco libras no Harrods. Se você for a Londres comprar vestidos, procure Madame Carroux. Tem muito gosto e não explora.

Levantou-se da cadeira e endireitou a saia.

— Pretendem receber muito? — Não sei, Maxim nada me disse a respeito.

— Criatura engraçada, com de a gente nunca sabe o que pensar. Houve um tempo em que não se encontrava uma cama vazia nesta casa, hóspedes por todo o lado. Mas de certa maneira não estou vendo você... Interrompeu-se e deu um tapinha no meu braço. Oh, bem, veremos. É pena que não monte a cavalo nem cace; não sabe o que perde. Gosta de barcos, ou não entende disso também? — Não entendo, respondi.

— Deus seja louvado! exclamou Beatrice, dirigindo-se à porta, comigo atrás. Venha ver-nos quando o desejar.

Sempre espero que meus amigos apareçam. A vida é muito curta para a gente passá-la a fazer convites.

— Muito agradecida, respondi.

Chegamos ao topo da escada que dava para o hall; os homens esperavam embaixo, nos degraus de fora.

— Venha, Bee! gritou Giles. Está ameaçando chuva e já arriamos a capota. Maxim diz que a temperatura está caindo.

Beatrice pegou-me da mão, e curvando-se, deu-me um beliscão no rosto.

— Adeus, e perdoe-me se fiz uma porção de perguntas indiscretas, minha querida, e lhe disse coisas que não deveria ter dito. O tato nunca foi minha qualidade principal, como Maxim sabe. E, como já observei, você não é nada parecida com a ideia que eu formara, concluiu, olhando-me de frente, os lábios em bico como se fosse assobiar.

Tirou depois um cigarro da bolsa e acendeu o isqueiro.

— Porque, sabe, disse ela batendo o cigarro e descendo as escadas, você é muito diferente de Rebecca.

Ao chegarmos à porta de fora, vimos o sol escondido detrás de uma cordilheira de nuvens. Caía agora uma chuvinha miúda — e Robert atravessava o gramado correndo, para recolher as cadeiras.



**NOSSOS OLHOS SEGUIRAM O CARRO** até que desaparecesse na curva do caminho; Maxim então pegou-me pelo braço, dizendo: — Graças a Deus está acabado! Enfie uma capa depressa e venha. Para os diabos a chuva! Quero andar um pouco. Detesto passar o dia sentado.

Pareceu-me pálido e enervado, e admirei-me de ver que a visita de Beatrice e Giles, de sua própria irmã e cunhado, o tivesse aborrecido assim.

— Um momento. Vou ver um casaco.

— Há uma porção de capas de borracha no jardim de inverno, pegue uma, disse ele impaciente. As mulheres sempre levam meia hora quando vão ao quarto. Robert, vá buscar um impermeável para Mrs. de Winter, no jardim de inverno. Deve haver por lá meia dúzia, deixadas por um ou outro hóspede. Disse e entrou a caminhar, assobiando para Jasper. — Aqui, preguiçoso, venha perder um pouco dessas banhas. Jasper começou a andar em círculo, latindo meio histérico à perspectiva do passeio. Cala-te, idiota! gritou Maxim impaciente. E que estará fazendo Robert? Robert já vinha na corrida com uma capa, que vesti apressadamente. Grande demais, muito comprida; mas não havia tempo de trocá-la — e assim nos dirigimos para os bosques com Jasper correndo à frente.

— Uma família pequena já é bastante, disse Maxim.

Beatrice é uma ótima pessoa, mas geralmente escolhe a coisa errada para dizer.

Eu não me lembrava de qualquer gafe de Beatrice e achei melhor não perguntar. Talvez Maxim ainda estivesse de mau humor por causa da conversa sobre sua saúde.

— Que achou dela? perguntou-me.N — Gostei imenso de Beatrice. Foi muito amável comigo.

— Sobre quê conversaram aqui fora, depois do almoço? — Oh, nem me lembro. Creio que falei quase todo o tempo. Contei-lhe de Mrs. Van Hopper, e de como você e eu nos encontramos, e toda essa história. Ela confessou me achar muito diferente do que esperava.

— Que diabo esperava ela? — Alguém mais elegante, mais sabida, creio eu. Uma borboleta social, foi o que me deu a entender.

Maxim não respondeu no momento; inclinou-se e lançou um galho seco a Jasper.

— Beatrice sabe às vezes mostrar-se infernalmente pouco inteligente, disse por fim.

Subimos a rampa de grama e entramos no bosque. As árvores cresciam muito juntas. Bastante escuro lá dentro.

Andávamos pisando sobre galhos secos e folhas do ano passado, sobre restolhos de fetos e rebentos de campânulas azuis abotoadas. Jasper silenciara, com o focinho no chão.

Tomei o braço de Maxim.

— Gosta do meu cabelo? perguntei-lhe. Olhou-me espantado.

— Do seu cabelo? Por que cargas d'água o pergunta?

Naturalmente que gosto. Que tem ele? — Oh, nada, respondi. Queria saber — só...

— Você é engraçada! Chegamos a uma clareira donde partiam dois caminhos em direções opostas. Jasper tomou à direita sem hesitar.

— Não! gritou-lhe Maxim. Volta, meu velho! O cão olhou-nos e parou, abanando a cauda — mas não voltou.

— Por que insiste naquela direção? perguntei.

— Hábito, certamente, disse Maxim em voz breve.

Aquele caminho leva a uma pequena gruta, onde costumávamos guardar um barco. Aqui, Jasper! Tomamos o

caminho à esquerda sem dizer palavra; Jasper resolveu seguir-nos, — Este caminho leva ao vale sobre que falei; você logo sentirá o perfume das azáleas. Não faz mal que esteja chovendo; isso até lhes acentua o perfume.

Maxim parecia agora sentir-se bem, alegre e feliz — o Maxim que eu conhecia e amava. Começou a falar de Frank Crawley, dizendo-o ótima pessoa, meticoloso e de toda confiança, muito dedicado a Manderley.

"Assim está bem", pensei comigo. "É como na Itália", e sorri para ele, apertando-lhe o braço, aliviada de ver que a expressão inquieta lhe desaparecera do rosto; e enquanto eu dizia "Sim", "Realmente", "Imagine, querido", meus pensamentos voltaram-se para Beatrice, indagando por que sua presença perturbava o meu Maxim; lembrei-me também do que ela me dissera sobre o seu gênio, como se exaltava terrivelmente uma ou duas vezes por ano.

Como irmã devia conhecê-lo, é claro. Mas não era aquela a ideia que eu fazia de Maxim. Eu o conhecia caprichoso, irritável, mau-humorado, mas nunca sujeito a acessos de cólera. Talvez Beatrice houvesse exagerado; é comum isso de termos ideia errada sobre os próprios parentes.

— Pronto, exclamou Maxim. Olhe...

Estávamos numa descida do morro, em caminho que se desenrolava à nossa frente até o vale, ladeando um riacho.

Nada de árvores sombrias ali, nem abrolhos emaranhados — e sim uma fileira de azáleas à beira da trilha, e também rododendros — não cor de sangue, como os gigantes lá de cima, mas brancos, cor de salmão, dourados, criaturas de beleza e graça.

O ar impregnava-se do seu doce e intoxicante perfume; pareceu-me que aquela essência se misturava às águas sussurrantes do riacho, integrando-se à chuva que caía e ao musgo úmido que pisávamos. Não se ouvia som algum, a não ser o murmúrio do regato e da chuva quieta.

Quando Maxim falou foi em voz baixa também, suave e abafada, como se receoso de perturbar o silêncio.

— É este o Vale Feliz, disse ele.

Continuamos quedos, sem falar, olhando para as flores mais próximas de nós; Maxim abaixou-se para pegar uma pétala caída, que me ofereceu. Amarrotada, meio esmagada, a coitadinha, já escura nas bordas crespas; mas ao esfregá-la entre as mãos, senti ao mesmo tempo o aroma doce e penetrante da planta viva de onde provinha.

Pássaros começaram a cantar. Primeiro um melro; sua voz pura e fresca dominou o sussurrar do riacho; e depois de alguns momentos ouvimos a resposta do companheiro, escondido na mata aliás de nós. Dentro de pouco tempo o ar silencioso encheu-se de sons, que nos acompanharam, enquanto descíamos para o vale; também a fragrância das pétalas brancas nos seguia. Perturbador, sim. Como um lugar encantado.

Não imaginei que fosse tão belo assim. Nem o céu, agora sombrio e carrancudo, nem a chuva insistente, perturbavam a sua quietude do vale; a chuva e o riacho pareciam confundir-se; e, harmonizadas com ambos, vinham no ar úmido as notas líquidas do cantar do melro. Eu afastava as cabeças das azáleas ao passar, tão juntas desciam umas às outras, bordejando o trilho; das pétalas chuviscadas pequenas gotas vinham para minhas mãos. Muitas pétalas caídas no chão, escuras, molhadas, mas conservando ainda a fragrância; e senti também outros perfumes mais antigos e ricos: o cheiro profundo do musgo e da terra, dos fetos, das raízes das árvores entrançadas no solo. Eu segurava a mão de Maxim, calada. O encanto do Vale Feliz envolvera-me. Encontrara, afinal, o âmago de Manderley, a Manderley que eu saberia amar.

Esqueci o caminho de entrada, esqueci o bosque sombrio e amontoado e também os rododendros ofuscantes, sensuais e por demais vaidosos. E esqueci também a casa, o silêncio do hall cheio de ecos, o sossego inquietante da ala oeste. Lá eu era uma intrusa, a errar por aposentos que me não conheciam, sentando-me a mesas e cadeiras que não eram minhas. Aqui, tudo diferente. O Vale Feliz não conhecia usurpadores.

Chegamos ao fim da trilha; e as flores formavam ali um domo sobre nossas cabeças. Curvamo-nos para passar, e quando me endireitei, sacudindo as gotas de chuva dos meus cabelos, vi que o

vale ficara atrás, e as azáleas, e as árvores; e, como Maxim me descrevera semanas antes em Monte Carlo, encontramos-nos em uma gruta estreita a pisar seixos brancos, a ouvir o rumor das ondas na enseada.

Maxim sorriu para mim, vigiando a surpresa do meu rosto.

— Um choque, não é? Ninguém espera isto. O contraste é tão repentino que machuca. E tomando uma pedra atirou-a longe, para que Jasper fosse buscá-la. "Ande, meu velho!" disse — e Jasper partiu veloz, as longas orelhas negras esvoaçantes ao vento.

A magia desaparecera; fora quebrado o encanto. Éramos mortais outra vez — duas pessoas brincando na praia.

Jogamos mais pedras, fomos até à beira do mar, onde recolhemos pedacinhos de madeira trazidos pelas águas. A maré crescia, começava a invadir a enseada. Rochedos já submersos. Algas a debaterem-se nas pedras. Pegamos uma prancha de madeira leve e a levamos à praia. Maxim olhou-me rindo, afastando o cabelo dos olhos, e eu desenrolei as mangas de minha capa de borracha, apanhadas pela espuma do mar. E Jasper? Desaparecera. Chamamos por ele, assobiamos; nada.

Olhei ansiosa para entrada da gruta onde as ondas vinham quebrar-se na rocha.

— Não, disse Maxim. Nós o teríamos visto, não pode ter caído. Jasper, grande idiota, onde está você? Jasper! Jasper! — Talvez tenha voltado para o Vale Feliz, sugeri.

— Esteve ali naquela pedra há um minuto, farejando uma ave morta, disse Maxim.

De além dos rochedos, à direita da praia, nos veio um latido breve, agudo.

— Ouviu? exclamei. Anda por lá — e pus-me a galgar as rochas escorregadias na direção do latido.

— Volte! gritou-me Maxim bruscamente. Não vamos para esse lado. O idiota do Jasper que cuide de si.

Hesitei, olhando de cima da pedra em que me achava.

— Talvez tenha caído, o coitadinho. Deixe-me ir buscá-lo. Jasper latiu outra vez, mais longe agora.

— Oh, sim, tenho de ir buscá-lo, gritei. A maré é capaz de arrastá-lo...

— Deixe-o, berrou Maxim já irritado. Jasper conhece o caminho de volta.

Fingi não ouvir e continuei a escalar a pedra.

Blocos de rocha emergente escondiam a vista do outro lado e eu escorregava e caía nas pedras limosas, fazendo o possível para chegar até Jasper. Era crueldade de Maxim abandoná-lo, pensei, achando aquilo incompreensível. De mais a mais, a maré crescia. Avancei mais. Vi com surpresa que Jasper olhava para outra gruta, semelhante à que tinha deixado, embora mais ampla. Um quebra-mar de pedra tinha sido construído à frente da gruta, para proteção, e atrás dele a enseada formava uma baiazinha natural. Uma boia ali, mas nenhum barco. A praia da caverna estava cheia de calhaus, como a outra atrás de mim, porém mais escarpada e de queda brusca para o mar. O bosque vinha até o emaranhado de algas indicativo da maré alta, quase que alcançando as rochas; à fímbria dele vi uma construção baixa e longa, metade cabana, metade abrigo para barcos, construído com a mesma pedra do talha-mar.

Um homem na praia. Pescador talvez. De botas altas, impermeável negro. Jasper latia à volta dele, correndo em círculos, avançando. O homem não parecia dar importância; continuava agachado, a mexer no cascalho.

— Jasper! Jasper! gritei. Aqui! O cachorro olhou-me, sacudindo a cauda; mas não obedeceu. Continuou a latir para o pescador.

Olhei para trás; não vi sinal de Maxim. Desci das rochas rumo à praia. Meus pés faziam um barulho áspero sobre os seixos; isso fez o homem levantar a cabeça. Vi que ele tinha os olhos pequenos e apertados de idiota, a boca vermelha, úmida.

Sorriu para mim, mostrando as gengivas sem dentes.

— Bom dia! exclamou. Tempo ruim, hein? — Boa tarde! respondi. É verdade, creio que o tempo não está lá dos melhores.

Ele me olhou interessado, sorrindo o tempo todo.

— Procurando conchas, disse. Mas não há conchas aqui.

Procurando desde o meio-dia.

— Nenhuma, nenhuma? — Nada. Não há conchas por aqui.

— Venha, Jasper! gritei. Está ficando tarde. Venha, meu velho.

Mas Jasper parecia louco. Talvez o vento e o mar lhe tivessem subido à cabeça, porque fugiu de mim latindo estupidamente, e começou a correr sem destino pela praia. Vi que nunca me acompanharia — e eu estava sem nada com que pudesse prendê-lo. Voltei-me para o homem, que prosseguia na inútil pesquisa.

— Não tem aí algum cordel? perguntei.

— Eh? — Cordel... para amarrar o cachorro...

— Aqui não há conchas, repetiu ele sacudindo a cabeça.

Estou procurando desde o meio-dia — e continuou a sacudir a cabeça.

— Quero qualquer fio para amarrar o cachorro, insisti pacientemente. Para levá-lo. Não quer seguir-me.

— Eh? murmurou ele outra vez, sorrindo o seu sorriso de idiota.

— Está bem, exclamei resignada. Não faz mal.

Ele me olhou com os olhos incertos; inclinou-se depois e tocou-me com o dedo: — Conheço este cão, disse. Vem da casa grande.

— Sim, e desejo levá-lo, agora.

— Não é seu.

— É de Mr. de Winter, expliquei com paciência. E quero levá-lo agora para casa.

— Eh? Jasper estava perseguindo uma pena tocada pelo vento.

Talvez no barracão dos barcos houvesse corda. Dirigi-me para lá. Sinais dum jardim abandonado. Grama crescida, cheia de pragas. Encontrei as janelas do barracão fechadas com barras. E a porta? Levantei o trinco sem muita esperança. Aberta! Entrei, inclinando a cabeça por causa do portal muito baixo. Esperei encontrar os botes de costume, cordas, madeiros e remos pelo chão. Nada disso encontrei.

Um compartimento mobiliado, tomando toda a frente do barracão. Escrivantina a um canto, mesa, cadeiras, um diva largo contra a parede. Prateleira com xícaras e pratos; estantes de livros, pequenos modelos de navios. Por um momento admiti ser casa habitada — talvez o pobre idiota da praia vivesse ali. Prestando mais atenção não vi sinal de gente. O fogão enferrujado há muito não via fogo, nem havia pegadas no chão empoeirado; a louça da prateleira estava azulada de umidade. Um intenso cheiro de mofo. As aranhas haviam emaranhado de teia os modelos de navios.

Ninguém morava ali, ninguém aparecia ali. A porta gemera nos gonzos quando eu a abri. A fazenda do diva estava roída de ratos. Tudo úmido e frio. Escuro e deprimente. Não gostei. Não desejei ficar. Desagradou-me o ruído surdo da chuva sobre o telhado; parecia o eco do próprio quarto; sobre o fogão uma goteira pingava.

Olhei em torno à procura de corda. Nada que me pudesse servir, absolutamente nada. Havia outra porta nos fundos; fui abri-la, um tanto receosa, amedrontada mesmo, pois experimentava a sensação estranha, inquietante, de que poderia dar com qualquer coisa que eu não desejasse ver.

Algo horrível, que me fizesse mal.

Era tolice, naturalmente. Abri a porta. Nada. Simples depósito de apetrechos. Encontrei lá o que procurava — cordas. Vi duas ou três velas, amarradas, uma pequena canoa — apetrechos marítimos. Sobre uma prateleira um rolo de barbante e um canivete. Estava ali o que eu procurava. Cortei um bom pedaço e saí.

Saí da cabana apressadamente, sem olhar para trás, procurando não ver o diva carcomido, nem a louça, nem as teias de aranha sobre os naviozinhos — e assim atravessei a porta que rangia, em busca da praia branca.

O homem não procurava mais conchas; estava me observando, com Jasper ao lado.

— Venha, Jasper! Venha, meu velho! Abaixei-me, e desta vez ele consentiu que lhe pegasse a coleira.

— Achei cordel na cabana, disse ao homem.

Não respondeu, amarrei o cordel ao pescoço de Jasper.

— Até logo, disse eu por fim, puxando por Jasper. O homem sacudi a cabeça, olhando-me com os seus olhos apertados de idiota.

— Eu a vi entrando lá, murmurou.

— Sim, não faz mal. Mr. de Winter não se importa, expliquei-lhe.

— Ela não vai mais lá agora.

— Não. Agora, não.— Ela foi para o mar, não foi? E não volta mais? — Não, não voltará.

— Eu nunca disse nada. Disse? perguntou ele.

— Não, nunca disse coisa alguma. Não se preocupe.

O idiota abaixou-se e recomeçou a mexer na areia falando consigo mesmo. Atravessei a praia e vi Maxim esperando por mim perto das rochas, com as mãos no bolso.

— Desculpe-me. Jasper não queria vir, tive que arranjar um barbante, disse eu.

Ele virou-se bruscamente e começou a andar na direção do bosque.

— Não vamos voltar e subir de novo os rochedos? perguntei.

— Para quê? Estamos aqui agora, respondeu bruscamente.

Passamos pela cabana e tomamos um caminho que entrava no bosque.

— Sinto ter-me demorado tanto, disse eu. Foi culpa de Jasper. Ele não parava de latir para o homem. Quem é ele? — Ben. Só isso: Ben. Um pobre diabo inofensivo. O pai foi um dos nossos guardas. Onde encontrou este cordel? — Na cabana da praia.

— Estava aberta a porta? — Bastou-me empurrá-la. Achei o barbante no outro quarto, onde estão as velas e uma canoa.

— Oh, sim, murmurou Maxim em voz breve. E acrescentou após um momento: A cabana devia estar fechada, aquela porta não podia absolutamente estar aberta.

Não respondi; aquilo nada tinha comigo.

— Foi Ben quem disse que estava aberta a porta? — Não; ele parecia não entender nada do que eu perguntava.

— Ben se faz pior do que é. Fala perfeitamente quando quer. Provavelmente tem entrado na cabana dezenas de vezes e não queria que você soubesse.

— Não creio, respondi. O lugar pareceu-me desabitado de longo tempo. Só pó, e nenhum sinal de passos.

Horivelmente úmido. Creio que os livros já estão estragados — e as cadeiras, e o divã. Os ratos já comeram parte do estofamento. Maxim não respondeu. Andava a passos largos; subida forte, muito diferente da do Vale Feliz. Árvores sombrias e cerradas — nenhuma azálea. Gotas pesadas caíam dos galhos, batendo-me na gola, entrando-me pelo pescoço.

Estremeci àquela sensação desagradável de dedo gélido a tocar a minha pele. Minhas pernas doíam, depois da subida aos rochedos, a que eu não estava acostumada. E Jasper, cansado da correia demorava-se atrás, de língua pendente.

— Anda, Jasper, pelo amor de Deus! gritou Maxim. E para mim: Faça-o andar, puxe o cordel, sim? Beatrice tinha razão. Este cachorro está gordo demais.

— A culpa é sua, Maxim. Está andando muito depressa, e não podemos acompanhá-lo.

— Se me tivesse ouvido, em vez de subir loucamente por aquelas rochas, já estaríamos em casa, disse Maxim. Jasper conhece perfeitamente o caminho. Não havia necessidade de "salvá-lo".

— Pensei que talvez tivesse caído, receei que a maré o levasse.

— Acha que eu o abandonaria se houvesse perigo? Eu disse que não galgasse os rochedos, e agora queixa-se de cansada.

— Não me estou queixando. Qualquer pessoa, mesmo que tivesse pernas de ferro, se cansaria de andar neste passo.

No caso do Jasper julguei que você me seguisse.

— Por que haveria eu de cansar-me correndo atrás deste maldito cachorro? — Não era mais cansativo correr atrás de Jasper do que retirar pranchas de madeira da água, disse eu. Você diz isso porque não tem outra desculpa.

— Minha cara menina, por que haveria eu de me desculpar?  
— Oh, não sei, respondi desanimada. Vamos parar com isto.— Foi você quem começou. Que quer dizer com o procurar desculpa? Desculpa de quê? para quê? — Desculpa por "não me haver acompanhado sobre os rochedos, suponho.

— Bem, e por que é que acha que eu não queria passar para a outra praia? — Oh, Maxim, como é que hei de saber? Eu não sou adivinha. Sei que você não queria, e é tudo. Pude notá-lo no seu rosto.

— Notar o que em meu rosto? — Já disse. Podia ver que você não queria ir. Oh, acabemos com isto. Já estou cansada do assunto.

— Todas as mulheres dizem a mesma coisa quando perdem uma discussão. Está certo, eu não queria ir até a outra praia. Contente agora? Nunca chego até aquele maldito lugar, ou aquela cabana dos infernos. Se você tivesse iguais recordações não gostaria tampouco de lá chegar, ou de falar nisso ou mesmo de pensar nisso. Pronto. Pode digerir isto se quiser, e espero que a satisfaça.

Sua fisionomia estava lívida, os olhos cansados e infelizes com aquela expressão sombria da primeira vez que o vi.

Estendi-lhe a mão, tomei a dele e segurei-a com força.

— Por favor, Maxim, por favor! implorei.

— Que aconteceu? perguntou-me com rudeza.

— Não quero vê-lo assim. É por demais doloroso.

Esqueça o que eu disse — uma discussão tão tola! Perdoe-me, querido, perdoe-me. Por favor, esqueça tudo.

— Devíamos ter ficado na Itália, disse ele. Foi erro termos voltado para Manderley. Meu Deus, que louco eu fui!...

Maxim abriu caminho pela mata impacientemente, andando ainda mais depressa do que antes, e para acompanhá-lo eu tinha de correr, ofegante, quase em lágrimas, arrastando o pobre Jasper preso ao cordel.

Chegamos afinal ao topo e vi o caminho da esquerda, o que ia ter ao Vale Feliz. Tínhamos vindo, pois, pela trilha que Jasper quisera tomar no começo. Agora compreendia eu a causa da sua insistência. Rotina. Hábito. Era o caminho que levava à cabana.

Alcançamos, por fim, o gramado, que atravessamos sem dizer palavra. A fisionomia de Maxim estava dura, inexpressiva. Entrou para o hall e dirigiu-se à biblioteca sem olhar para mim. Frith estava no hall.

— Queremos o chá imediatamente, disse Maxim, fechando a porta da biblioteca.

Lutei para conter as lágrimas. Frith não devia vê-las; percebendo que tínhamos brigado, correria a dar à criada a grande nova: "Mrs. de Winter está chorando no hall. Parece que as coisas não vão indo lá muito bem".

Voltei o rosto de modo que Frith não o pudesse ver. Ele, no entanto, aproximou-se e ajudou-me a despir a capa de borracha.

— Vou levá-la ao jardim de inverno, senhora.

— Obrigada, Frith, murmurei ainda, sempre a evitar que ele me visse o rosto.

— A tarde não está boa para passeios, senhora.

— Não, nada boa.

— O seu lenço, senhora? disse ele apanhando qualquer coisa que caíra ao chão.

— Obrigada, respondi, pondo o lenço no bolso. Estava sem saber se iria para cima ou para a biblioteca.

Frith saiu com a capa. Ali quedei-me hesitante, roendo as unhas. Frith voltou outra vez, e pareceu surpreso de ainda encontrar-me ali.

— Há um belo fogo aceso na biblioteca, senhora.

— Obrigada, Frith.

Atravessei lentamente o hall a caminho da biblioteca.

Abri a porta; entrei. Lá estava Maxim na sua cadeira com Jasper aos pés. Não lia o jornal, embora o tivesse ao lado.

Ajoelhei-me perto dele e encostei o rosto contra o seu.

— Não fique mais zangado comigo, murmurei baixinho.

Ele pegou-me o rosto nas mãos, e olhou-me com os olhos fatigados.

— Não estou zangado com você, não.

— Está sim. Eu o fiz infeliz, o que é a mesma coisa. Você está machucado, ferido, com o coração em pedaços. Não posso suportar

vê-lo assim. Amo-o tanto! — Verdade? Verdade? e Maxim me segurou com força, os olhos a interrogarem os meus, olhos escuros e incertos, olhos de uma criança sofredora e medrosa.

— Que aconteceu, meu amor? Por que está assim dessa maneira? Ouvindo a porta abrir-se antes que ele respondesse, sentei-me nos calcanhares, fingindo pôr mais uma acha de lenha no fogo. Frith entrava no quarto seguido de Robert — e o pequeno ritual do chá começou.

A cerimônia da véspera foi religiosamente repetida, a mesa trazida para perto de nós, estendida a toalha cor de neve; e os bolinhos, as torradinhas quebradiças, a chaleira colocada sobre a chama do fogareiro, enquanto Jasper me olhava bem no rosto, sacudindo a cauda por antecipação. Cinco minutos se passaram antes que ficássemos de novo a sós, e quando olhei para Maxim vi que a cor lhe tinha voltado ao rosto, já sem aquela expressão cansada, perdida. Estava escolhendo um sanduíche.

— Tudo por causa do bando que veio almoçar, disse ele.

A pobre Beatrice sempre exerce um efeito deplorável sobre meus nervos. Costumávamos brigar como cães em criança. E gosto tanto dela, coitada! Mas é uma sorte não morarmos perto demais. Bem. Resta-nos agora a visita à vovó. Sirva-me o chá, querida, e perdoe-me ter-me mostrado tão urso.

Estava tudo acabado, então. Não mais falaríamos naquilo. Maxim sorriu-me por cima da xícara e pegou o jornal. Aquele sorriso foi a minha recompensa. Como uma carícia na cabeça de Jasper. "Cão amigo, quietinho, não me aborreça mais." Eu era Jasper outra vez. Estava de volta ao ponto em que estivera antes. Peguei um bolinho e dividi-o entre os dois cães. Para mim nada, não sentia fome. Estava cansada, como que esgotada. Olhei para Maxim; vi que lia atentamente o jornal. Meus dedos estavam engordurados da manteiga do bolinho; enfiei a mão no bolso à procura do lenço. Saiu um pedacinho de pano cercado de renda. Olhei-o.

Encarei-o, surpresa; não era meu. Lembrei-me então que Frith o apanhara do chão no hall. Devia ter caído do bolso da capa de borracha. Examinei-o. Estava sujo, com pedacinhos de fiapos do forro grudados na renda. Devia ter ficado durante muito tempo no

bolso da capa. Monograma num canto. Um R alto e inclinado, com as letras "de W."entrelaçadas. O R dominava as demais letras, a cauda alongava-se para o centro da cambraia, fugindo à beirada de renda. Era um lencinho minúsculo, coisa de nada. Fora enrolado em bola e enfiado no bolso — e lá ficara esquecido.

Talvez eu fosse a primeira pessoa a pôr aquela capa, desde que o lenço fora usado. A mulher que a vestira era então alta, esguia, de ombros mais largos que os meus. Faltavam na capa alguns botões. Não se preocupara a dona em substituí-los.

Jogava-a aos ombros ou usava-a com as mãos nos bolsos.

Havia uma pequena mancha rósea no lenço. Marca de batom. Ela esfregara os lábios com o lenço, depois fizera-o em bola e enfiara-o no bolso. Limpei os dedos no lenço, e ao fazê-lo senti um leve perfume ainda a ele apegado.

Um perfume que reconheci, perfume que já havia antes sentido. Fechei os olhos para poder lembrar-me. Era um perfume raro, qualquer coisa leve e sutil que não me era estranha. Eu já o tinha aspirado antes — sim — naquela mesma tarde.

Achei. O fugidio perfume do lenço era o mesmo das azáleas brancas do Vale Feliz.

## 11

**O TEMPO ESTEVE ÚMIDO** e frio durante uma semana, como tantas vezes acontece no princípio do verão — e não retornamos à praia. Dos terraços e do gramado eu podia ver o mar, cinéreo e pouco amigo — grandes rolos a varrerem a enseada além do farol do promontório. Eu imaginava aquelas ondas invadindo a pequena gruta, quebrando-se com estouros de encontro aos rochedos, recuando céleres pela praia inclinada. Do terraço eu poderia distinguir o ronco do mar lá longe, abafado e taciturno. Rumor monótono, obstinado, que não cessava nunca. Fugiam para terra as gaivotas, acossadas pelo mau tempo. Esvoaçavam à volta da casa, em círculos, gritando, agitando as asas. Comecei a

compreender porque muita gente não pode suportar o clamor do oceano. É que a nota queixosa e repetida, a persistência dela, o eterno arfar e os roncossibilantes exercem efeito irritante sobre os nervos. Dei-me por feliz de os meus quartos estarem situados na ala de leste, onde eu podia debruçar-me à janela e ver o jardim das rosas. Sim, pois às vezes eu não conseguia dormir; levantava-me de mansinho na noite quieta, ia à janela e lá ficava, de cotovelos no parapeito, respirando o ar tranquilo da noite silenciosa.

Dali eu não podia ouvir a voz do mar desassossegado, e por não poder ouvi-la meus pensamentos não se agitavam.

Não me levavam por aquele caminho íngreme pelo meio do mato até a caverna e a cabana deserta... Eu não queria pensar na cabana. Já por demais me lembrara dela durante o dia, e a recordação me atormentava todas as vezes que do terraço eu via o mar. As manchas azuis na louça da prateleira, as teias de aranha nos mastros dos naviozinhos, o diva roído pelos ratos. O bate-bate da chuva no telhado. E o pobre Ben, com os seus aguados olhos azuis e o matreiro sorriso de idiota.

Essas coisas me perturbavam, faziam-me sentir um imenso desconforto. Eu queria esquecê-las, e ao mesmo tempo saber por que me perturbavam, por que me tornavam inquieta e infeliz. De certa maneira, no meu subconsciente havia o germe de uma curiosidade furtiva e amedrontada, a crescer devagar e sorrateiramente, embora eu tentasse negá-lo a mim mesma; e experimentei a ansiedade e a dúvida da criança a quem dissesse: "São coisas proibidas, não devem ser tocadas".

Eu não podia esquecer o rosto lívido, o olhar perdido de Maxim quando voltávamos pelos bosques, nem tampouco suas palavras: "Oh, meu Deus, que louco fui em voltar!" E tudo por culpa minha, porque eu fora até a enseada, abrindo assim uma nova trilha para o passado. E embora Maxim houvesse voltado a si, e já estivesse o mesmo de antes, e vivêssemos a nossa vida juntos — dormindo, comendo, andando, escrevendo cartas, voando de automóvel até a vila, trabalhando durante o dia — eu não ignorava que por causa daquilo erguera-se qualquer coisa entre nós.

Ele caminhava sozinho do outro lado e eu não podia ir a seu encontro. E sentia-me nervosa, com receio de que uma palavra ao acaso, alguma frase imprudente, trouxessem-lhe de novo aquela expressão do olhar. Comecei a ter horror a qualquer referência ao mar, pois o mar trazia associações com botes, acidentes, afogamentos... Até o próprio Frank Crawley, vindo almoçar um dia, deixou-me em brasas ao dizer algo sobre as regatas na baía de Kerrith, perto dali. Olhei fixamente para o meu prato, sentindo quase um desfalecimento. Maxim, porém, continuou a falar com naturalidade, desatento ao que poderia sair dali.

O queijo fora servido e Frith deixara a sala; lembro-me de ter ido ao aparador servir-me de mais um pedaço, sem o desejar, só para afastar-me da conversa; e fui cantarolando uma ária qualquer, para impedir que meus ouvidos ouvissem.

Aquilo não estava certo, é claro; era mórbido; eu estava agindo como uma neurótica ultrasensível, não como a criatura normal que era. No entanto, impossível evitá-lo; não sabia o que fazer. Minha timidez e gaucherie acentuaram-se, tornando-me muda quando vinham visitas. Porque recebemos muitas visitas, lembro-me, naquelas primeiras semanas, de pessoas que moravam por perto; e o fato de recebê-las, apertar-lhes a mão, e sobretudo a meia hora de prosa, eram provação maior do que eu previra, dado o meu receio de que falassem sobre coisa que não devia ser discutida. A angústia de ouvir o rodar dos carros no jardim, o tilintar da campainha, os meus ímpetos alucinados de correr para meu quarto... Um pouco de pó sobre o nariz, o pente rápido nos cabelos, e depois a inevitável batida à porta, e a apresentação dos cartões na salva de prata.

— Muito bem, descerei imediatamente.

O toque-toque do meu salto na escada e através do hall, a entrada na biblioteca ou, pior ainda, no salão de visitas, longo, frio, sem vida; e uma desconhecida esperando por mim, quando não duas pessoas, marido e mulher.

— Como vão? Infelizmente Maxim está fora mas Frith já foi procurá-lo, — Achamos de dever prestar as nossas homenagens à recém-casada.

Risos, algumas palavras, uma pausa, um olhar à volta da sala.

— Manderley linda como sempre. A senhora não está encantada? — Oh, sim, certamente... E na minha timidez e desejo de agradar, as frases de menina me escapariam de novo, as palavras que eu só usava em momentos como esses: "Oh, formidável". "Colossal" e "Absolutamente!"; até mesmo a uma duquesa creio que disse: "Até loguinho". E depois do alívio que sentia à chegada de Maxim, alívio, no entanto, temperado pelo medo de que dissessem alguma coisa indiscreta, medo que me punha repentinamente muda, com um sorriso fixo nos lábios, as mãos no colo. Eles então voltavam para Maxim, falando sobre coisas e pessoas que eu não conhecia; mas de vez em quando eu sentia os olhares sobre mim, incertos, admirados, perplexos.

E podia imaginá-los no caminho de volta dizendo: "Meu Deus, que criatura sem graça! Apenas abriu a boca uma ou duas vezes"; e depois a frase que eu primeiro ouvira dos lábios de Beatrice e agora eu lia em cada olhar, cada boca: "Ela é tão diferente de Rebecca".

Às vezes eu colhia pedaços de informação, que acrescentava ao meu armazém secreto. Uma palavra tombada aqui, uma pergunta, uma frase ao acaso. E não estando Maxim presente, eu sentia um prazer doído, furtivo, ao ouvir a informação culpada colhida no escuro. Eu tinha de pagar visitas, pois Maxim era exigente neste ponto — e se ele não pudesse acompanhar-me eu tinha de enfrentar o perigo sozinha. E haveria pausas na conversa, quando eu procurasse alguma coisa para dizer. "Pretendem receber muito em Manderley, Mrs. de Winter?" indagariam eles, e lá vinha a minha resposta de sempre: "Não sei, Maxim ainda não me falou sobre isso". Ou: "Não, naturalmente; é cedo ainda." "Mas creio que a casa vivia cheia antigamente." Outra pausa. "Pessoas vindas de Londres, a senhora sabe.

Eram magníficas as festas de Manderley." "Sim, é o que ouvi dizer", responderia eu. Depois, nova pausa; e aquele abafado tom de voz de uso para os mortos, ou para os lugares santos.

"Ela era imensamente popular, a senhora sabe. Uma verdadeira personalidade". E eu responderia: "Sim, naturalmente".

Por fim o meu olhar disfarçado para o relógio dentro da luva e: "Creio que preciso ir indo, já deve passar de quatro horas". "Por que não fica para o chá? É sempre servido às quatro e quinze." "Não, muito agradecida, realmente não posso. Prometi a Maxim..." Sem acabar a frase, mas com o sentido compreensível. E uma não iludia a outra; nem ela a mim, com seu convite para o chá, nem eu com a minha suposta promessa a Maxim. Às vezes eu ficava imaginando o que aconteceria se as convenções fossem esquecidas e se depois de ter entrado no carro e dado um adeus de mão à dona da casa eu mudasse subitamente de ideia, e dissesse, abrindo a porta: "Resolvi não voltar para casa. Ficarei para o jantar, se a senhora o quiser, ou para passar a noite".

A esposa do bispo da catedral mais próxima disse-me um dia: — Não sabe se seu marido pretende dar este ano o tradicional baile à fantasia? Tem sido sempre uma festa encantadora, de que nunca me poderei esquecer.

Eu tive de sorrir como se soubesse do que se tratava e dizer-lhe que ainda não tínhamos certeza, que havia muitas coisas a decidir.

— É verdade, mas espero que não ponham fim a esse costume. A senhora precisa usar a sua influência sobre o seu marido. Não houve baile o ano passado, naturalmente. Mas lembro-me do de dois anos atrás a que o bispo e eu comparecemos. Maravilhoso! Manderley se presta extraordinariamente para uma coisa dessas. O hall, onde dançaram, estava uma beleza; a orquestra ficou na galeria.

Tudo tão de acordo! Festa trabalhosíssima de organizar-se, mas grandemente apreciada por todos.

— Sim, preciso conversar com Maxim sobre isso.

E lembrei-me dos compartimentos rotulados da escrivaninha — a enorme pilha de convites, a lista dos nomes, os endereços, e uma mulher ali sentada pondo um V ao lado dos nomes que lhe mereciam aprovação, pegando os convites, molhando a pena na tinta e escrevendo naquela caligrafia rápida e segura, de letras inclinadas.

— Houve um garden-party, também, no verão, continuou a mulher do bispo. Estava tudo lindamente arranjado, as flores no auge da beleza. Um dia magnífico, lembro-me ainda. O chá foi servido em mesinhas no jardim das rosas: ideia interessante e original. Oh, ela era tão inteligente...

Aí parou, corando um pouco, temendo ter cometido uma falta de tato; mas para salvá-la do embaraço concordei imediatamente, e me ouvi dizendo com ousadia e imprudência: — Rebeca deve ter sido uma pessoa extraordinária.

Eu não podia acreditar que pronunciara aquele nome, afinal. Esperei, imaginando o que iria acontecer. Eu pronunciara a palavra Rebecca em voz alta. Senti um alívio tremendo. Foi como se tivesse tomado um remédio e me libertasse de uma dor insuportável. Rebecca. Eu dissera este nome em voz alta.

Fiquei a imaginar se a senhora do bispo teria visto o rubor do meu rosto; ela, porém, continuou a conversar com naturalidade; eu a ouvia avidamente, como alguém que escuta clandestinamente pelo buraco da fechadura.

— Nunca a viu, então? perguntou-me, e quando sacudi a cabeça ela pareceu hesitar incerta sobre o terreno. O bispo e eu nunca a conhecemos intimamente, a senhora sabe, pois o bispo só foi designado para aqui há quatro anos. Mas foi ela quem nos recebeu quando fomos ao baile e ao garden-party.

Jantamos também lá uma vez, no inverno. Sim, era uma criatura linda. Tão cheia de vida! — Parece que foi perita em tudo, observei, pondo na minha voz o tom do à vontade. Não é sempre que se encontra pessoa formosa, inteligente e amiga do esporte.

— Verdade pura, concordou a esposa do bispo. Era realmente muito dotada. Posso vê-la ainda, perto das escadas, na noite do baile, cumprimentando a todos, uma nuvem de cabelos negros emoldurando-lhe o rosto branco, vestindo uma fantasia que lhe ia de modo admirável. Sim, bela, bela.

— E tomava conta da casa por si mesma, acrescentei sorrindo, como se quisesse dar a entender: "Vê? Sinto-me muito à vontade, falo sobre Rebecca muitas vezes". E isso devia tomar-lhe

muito tempo, continuei, e dar bastante trabalho. Já eu deixo tudo por conta da governante.

— Oh, sim, não se pode fazer tudo, E a senhora é ainda muito moça, não é mesmo? Talvez com o tempo mude, quando estiver mais ambientada. Além disso, interessa-se muito por desenho, não é verdade? Alguém me contou que adora a pintura.

— Oh, isso... Mas não creio que seja grande coisa a minha arte, respondi.

— É um talentozinho que vale a pena ter-se; não é todo o mundo que pode desenhar. Acho que não deve desistir nunca.

E em Manderley há muitas paisagens interessantes.

— Sim, concordei, entristecida com a visão de mim mesma a errar pelos campos de Manderley, com a caixa de lápis debaixo de um braço e o meu "talentozinho" debaixo do outro — como ela o classificara. Parecia até uma doença de luxo...

— Conhece alguns jogos, monta cavalo ou atira? perguntou-me.

— Não, não faço nada disso, respondi — e acrescentei, para remediar: Gosto muito de passeios a pé.

— O melhor exercício do mundo, comentou ela vivamente. O bispo e eu andamos bastante — e eu fiquei a imaginar o bispo rodando à volta da catedral, de chapéu e polainas, de braço dado à esposa... E enquanto isso, ia ouvindo a história de uma excursão a pé que tinham feito há anos nos Pennines, onde chegaram a andar cerca de 30 quilômetros por dia. Eu sorri cortesmente, sem saber onde ficava isso.

E o bispo todo o tempo de chapéu e polainas...A pausa inevitável; o olhar de relance ao relógio de pulso.

Levantei-me.

— Estou tão contente por tê-la encontrado em casa.

Espero que venha ver-nos logo.

— Com muito prazer. O bispo, infelizmente, está muito ocupado. Lembranças ao seu marido, e não se esqueça de falar-lhe do baile.

— Sim, prometo que sim, menti, fingindo saber do que se tratava; e no carro sentei-me no meu canto, mordendo a unha do

polegar, vendo o grande hall de Manderley repleto de pessoas em trajes de baile, e ouvindo as conversas, as risadas, o zunzum da multidão... Maxim perto das escadas, rindo, distribuindo apertos de mão, virando-se para alguém a seu lado, uma mulher alta e esguia, de cabelos negros, como dissera a esposa do bispo — cabelos negros em moldura a um rosto branco; alguém que sabia zelar pelo conforto dos convidados, dando ordens por sobre o ombro; alguém que nunca se mostrava acanhada, nem desgraciosa; que quando dançava punha no ambiente o perfume sutil da azálea branca.

"Pretendem receber muito em Manderley, Mrs. de Winter?" Eu ouvia de novo a voz daquela mulher que eu fora visitar em Kerrith, e revia os seus olhos dúbios examinando minha roupa da cabeça aos pés, querendo descobrir se eu estava esperando filho.

Não desejava encontrá-la outra vez; não queria mais ver a nenhum deles. Vinham a Manderley porque eram curiosos e indiscretos, para criticar minha aparência, minhas maneiras, meu porte, observar como é que Maxim e eu agíamos e nos tratávamos, se parecíamos apaixonados ou não. E de volta às casas comentavam. "Tudo muito diverso de outrora." Vinham para comparar-me com Rebecca.

Eu não pagaria mais essas visitas, e o diria a Maxim.

Pouco me incomodava que me achassem grosseira e pouco simpática; sim, não daria mais alimento à curiosidade local, nem assunto às discussões. Podiam dizer de mim, se quisessem, que eu era mal-educada. "Não me surpreendo", comentariam. "Afinal de contas quem é ela?" E depois uma risada e um levantar de ombros. "Minha cara, não sabe? Ele a pegou em Monte Carlo, ou um lugar desses. Criatura sem um níquel, dama de companhia duma velhota qualquer." Mais risos, mais sobancelhas arqueadas. "Que absurdo, não? Como os homens são esquisitos! Maxim, sobretudo, sempre tão exigente. Como pôde... depois de Rebecca?" Pouco se me dava. Não me fazia diferença.

Dissessem o que bem entendessem. Quando o carro virou a curva da portaria, inclinei-me para sorrir à mulher que morava ali. Encontrei-a apanhando flores no jardim da frente. Endireitou-se ao ouvir o carro, mas não viu o meu sorriso. Olhou de maneira

inexpressiva. Não creio que soubesse quem eu era. Encostei-me à almofada outra vez, e o carro entrou no caminho.

Em certa curva vi um homem à nossa frente. Era Frank Crawley, o administrador. Parou quando ouviu o ruído do carro, e o chofer diminuiu a marcha. Frank Crawley tirou o chapéu e sorriu. Parecia contente de ver-me. Sorri também, achei que era gentil da parte dele mostrar satisfação de ver-me.

Eu simpatizava com Frank Crawley, não o achava tão sem graça ou insípido, como dissera Beatrice. Talvez isso se desse por eu ser também insípida. Éramos ambos insípidos. Nenhum de nós tinha muito sobre que falar. Pássaros da mesma espécie.

Bati no vidro — mandei parar.

— Creio que vou descer para andar com Mr. Crawley, disse eu. Frank Crawley abriu-me a porta e perguntou: — Esteve fazendo visitas, Mrs. de Winter? — Sim, Frank. Eu o tratava de Frank, como também Maxim, embora ele sempre me tratasse de Mrs. de Winter. Era desse tipo. Mesmo que fôssemos lançados juntos a uma ilha deserta, e aí vivêssemos intimamente pelo resto da vida, eu seria sempre Mrs. de Winter.

— Estive em casa do bispo, continuei. Ele estava fora, mas encontrei a mulher em casa. Os dois são muito amigos de andar. Chegaram a andar vinte milhas por dia, nos Pennines.

— Não conheço esses lados, disse Frank. Mas dizem que é muito bonito. Um tio meu morou lá.

Tipo da resposta de Frank. Segura, convencional, muito correta.

— Ela queria saber se vamos dar o célebre baile à fantasia de outrora. Contou-me que vieram ao último, e gostaram muito. Eu não sabia desses bailes aqui, Frank.

Crawley hesitou um momento antes de responder. Por fim disse:— Todo o condado costumava comparecer, e muita gente de Londres também. Uma grande festa.

— Difícil de organizar, com certeza.

— Sim.

— E Rebecca se encarregava de tudo? perguntei despreocupadamente.

Eu olhava direto à minha frente, mas podia ver o rosto de Frank voltado para mim, como se quisesse ler a expressão dos meus olhos.

— Todos nós trabalhávamos bastante, disse na sua voz tranquila.

Notei uma estranha reserva na sua atitude, uma timidez que lembrava a minha. E um pensamento me veio: Se tivesse amado Rebecca? Sua voz tinha o tom que teria a minha nas mesmas circunstâncias, se a suposição fosse verdadeira. Esta ideia abria um novo campo de possibilidades. Frank era tão tímido, tão pouco interessante. Nunca teria contado a ninguém, e muito menos a Rebecca.

— Creio que eu não poderia auxiliar muito, se tivéssemos que dar o baile, disse eu. Não sirvo para organizar coisa, alguma.

— Não haveria necessidade de fazer coisa alguma.

Bastaria que a senhora se mostrasse decorativa, se apresentasse como é.

— Muita gentileza sua, Frank, mas creio que nem isso eu saberia fazer bem.

— Acho que poderia fazê-lo admiravelmente, disse ele.

O querido Frank, como se mostrava cheio de tato e consideração! Quase que acreditei nele; mas não posso dizer que me tivesse realmente iludido.

— Perguntará a Maxim sobre o baile? indaguei eu.

— Por que não pergunta a senhora mesma? — Não, não posso. Ficamos então em silêncio, e continuamos a andar. Agora que eu tinha vencido minha repugnância em pronunciar o nome de Rebecca, primeiro com a senhora do bispo, depois com Frank, o desejo de continuar fez-se forte em mim.

Causava-me uma estranha satisfação, agia sobre mim como poderoso estimulante. Eu sabia que dentro de um minuto ou dois teria de repeti-lo.

— Estive em uma das praias, o outro dia, comecei.

Aquela onde há um quebra-mar. Jasper mostrou-se furioso, e não parava de latir para um pobre idiota.

— Com certeza quer falar de Ben, disse Frank, em voz completamente natural agora. Ele anda sempre ali pela praia.

É um pobre coitado de quem a senhora não deve ter medo, pois não faz mal a uma mosca.

— Oh, não tive medo nenhum, respondi — e esperei um momento, cantarolando para tomar coragem. Creio que aquela cabana está perdida, continuei. Entrei em procura dum cordel para Jasper, e notei que está tudo embolorado, podre. Por que não tomam qualquer providência? É uma pena ver-se estragar tudo assim.

Não esperei resposta imediata, Frank abaixou-se para amarrar o cordão do sapato, e eu fingi examinar uma folha de arbusto.

— Creio que Maxim me teria dito, se desejasse fazer alguma coisa, disse ele, ainda mexendo no sapato.

— Eram coisas de Rebecca? perguntei.

— Sim.

Joguei fora a minha folha e apanhei outra, volteando-a nas mãos.

— Para que usava ela a cabana? perguntei. Pareceu-me completamente mobiliada, embora do lado de fora dê ideia dum barracão de guardar barcos.

— E era, a princípio, disse Frank em voz constrangida, voz de alguém que não se sente à vontade no assunto. Depois ela modificou, mandou mobília e louça para lá.

Achei esquisito ouvi-lo dizer "ela". Não dizia Rebecca, nem Mrs. de Winter, como eu esperava.— Usava com frequência a cabana? perguntei.

— Oh, sim. Piqueniques ao luar, e... outras coisas.

Estávamos andando lado a lado, eu ainda a cantarolar.

— Que interessante! Piqueniques ao luar devem ser muito divertidos! Costumava ir, Frank? — Uma ou duas vezes, disse ele — e fingi não notar como sua voz se tornara reservada, como se mostrava relutante em falar naquilo.

— Para que a boia na enseada? — Era onde o barco costumava ser ancorado.

— Que barco? — O dela.

Eu me sentia num estranho estado de excitação e arrastada a prosseguir nas perguntas. Era evidente que Frank não queria falar sobre o assunto, e embora tivesse pena dele e me sentisse envergonhada da minha atitude, tinha que continuar, não podia ficar em silêncio.

— O que aconteceu com o barco? Era nele que Rebecca estava quando se afogou? — Sim, respondeu o meu companheiro serenamente.

Virou e afundou.

— De que tamanho era? — Aí dumas três toneladas, mais ou menos. Tinha uma pequena cabina.

— Que é que o fez naufragar? — O mar às vezes fica muito agitado na baía.

Pensei no mar esverdeado, picado de espuma, que aparece no canal além do promontório. Um vento forte teria chegado de súbito, e o pequeno barco não resistiu à violência.

— Ninguém pôde correr-lhe em auxílio? — Ninguém viu o acidente, ninguém sabia que ela estava lá.

Tive o cuidado de esconder a Frank a surpresa do meu rosto. Sempre julguei que o desastre se dera num dia de corridas, com mais barcos por ali, vindos de Kerrith, e muita gente sobre os recifes assistindo ao espetáculo. Nunca imaginei que ela estivesse sozinha.— Mas em casa deviam saber...

— Não; frequentemente ela ia para lá sozinha. Às vezes voltava do mar já noite e dormia na cabana.

— Não tinha medo? — Medo? Não tinha medo de coisa nenhuma.

— E... e Maxim não se incomodava que ela fosse assim só? Frank não respondeu de pronto. Depois: — Não sei, murmurou concisamente — e eu tive a impressão de que estava sendo leal para com alguém. Para com Maxim, ou Rebecca, ou talvez consigo mesmo. Achei esquisita a sua atitude; não sabia como interpretá-la.

— Ela então deve ter-se afogado quando tentava alcançar terra a nado, depois que o barco afundou, não lhe parece? — Sim.

— E quando encontraram o corpo? — Mais ou menos dois meses depois.

Dois meses! Parecia-me que os afogados davam à praia logo que a maré subisse.

— E onde a encontraram? — Perto de Edgecombe, quarenta milhas acima do canal.

Eu passara uma férias em Edgecombe, aos sete anos.

Lembrava-me do dique, dos jumentinhos. Montada num deles passeei ao longo da praia...

— Como puderam saber que era ela, depois de dois meses? Como a reconheceram? indaguei. Frank parava depois de cada sentença, como se estivesse pensando o que dizia. Amor? — Maxim foi a Edgecombe para identificá-la.

E de súbito morreu em mim o desejo de perguntar mais.

Senti-me revoltada contra mim mesma, envergonhada. Senti-me como o curioso de rua que espia a vítima dum atropelamento. Ou como o pobre diabo num cortiço onde morrera alguém, perguntando se pode ver o corpo. Odiei-me.

Minhas perguntas tinham sido vergonhosas, degradantes.

Frank Crawley iria desprezar-me.

— Que tempo horrível para todos! exclamei.

Provavelmente não gostam de lembrar-se. Eu só queria saber da cabana abandonada. É uma pena, aquela mobília a estragar-se na umidade.

Frank não fez comentário algum. Eu experimentava uma desagradável sensação de desconforto. Ele parecia ter percebido que não fora por amor à cabana que fizera tantas perguntas, e estava agora silencioso. Minha atitude certamente o escandalizara. Nossa amizade havia começado bem, a ponto de eu sentir nele um aliado. Talvez a minha indiscrição houvesse estragado tudo.

— Que caminho comprido! comentei. Faz-me lembrar o caminho da floresta dum conto de Grimm, onde o príncipe se perde... É sempre mais longe do que se espera — e as árvores tão juntas, tão sombrias! — Sim, é um tanto fora do comum.

Frank permanecia em guarda como esperando mais alguma pergunta minha. Sentíamos-nos constrangidos. Eu precisava explicar-

me, fazer qualquer coisa, ainda que me fosse humilhação. E abri-me.

— Frank, sei o que está pensando, mas você não pode compreender a razão das minhas perguntas. Pensará que sou mórbida, curiosa em excesso. Não é isso, posso garantir-lhe.

É que... é que às vezes me sinto em tal posição de desvantagem! Tudo me é tão estranho aqui em Manderley.

Diferente do meio em que fui criada. Quando vou pagar visitas, como hoje à tarde, sei que todos me estão olhando de cima, curiosos de ver como me vou sair. Imagino-me dizendo: "Que será que Maxim viu nela?" E então, Frank, também eu começo a admirar-me, e a duvidar, e a ter uma ideia que começa a virar obsessão — a ideia de que nunca me deveria ter casado com Maxim, que não vamos ser felizes. Porque cada vez que me encontro com alguém, sei que o tempo todo estão pensando a mesma coisa: "Ela é tão diferente de Rebecca." Parei ofegante, um tanto envergonhada do meu discurso, sentindo que havia lançado uma cartada decisiva.

Frank olhou-me, ansioso e preocupado.

— Mrs. de Winter, por favor não pense assim. Da minha parte, não sei dizer-lhe quanto me sinto feliz de vê-la casada com Maxim. Isso irá mudar-lhe a vida. Tenho certeza de que se sairá muito bem, Mrs. de Winter. Do meu ponto de vista acho... acho encantador e refrescante encontrar alguém como a senhora, que não esteja completamente... ele corou, procurando a palavra — que não esteja completamente au fait, digamos, dos hábitos de Manderley. E se as pessoas à sua volta lhe dão a impressão de a estarem criticando, é... bem...

é muita grosseria da parte delas, nada mais. Nunca ouvi uma palavra de crítica a seu respeito, e se a ouvisse não permitiria que a repetissem.

— É muita bondade sua, Frank, e o que diz me ajuda enormemente. Creio ter-me mostrado muito tola. Não estou afeita a frequentar a sociedade, a lidar com tanta gente. Vivo procurando saber como é... como é que se fazia em Manderley antigamente, quando lá havia uma pessoa nascida e criada no ambiente, tudo

fazendo com naturalidade e sem esforço. E todos os dias noto que me faltam certas qualidades: — confiança, graça, beleza, inteligência, espírito — oh, todas as qualidades que ela possuía.

Frank nada disse. Continuou na sua expressão ansiosa, Sacando do bolso o lenço, assoou-se.

— Não deve dizer isso, advertiu afinal.

— Por que não? É a verdade...

— A senhora possui dons tão valiosos quanto esses, e ainda mais. Talvez seja ousadia da minha parte dizer-lhe isso, porque a conheço muito pouco. Sou um celibatário de pouca ciência das mulheres. Levo vida muito calma aqui em Manderley, como sabe, mas atrevo-me a dizer que a bondade, a sinceridade e, se me é permitido acrescentar, a modéstia são qualidades muito mais valiosas para um homem, para um marido, do que toda a beleza e espírito do mundo.

Frank parecia muito agitado, e assoou-se novamente. Vi que eu o perturbara muito mais do que me perturbara a mim mesma, e a compreensão desse fato acalmou-me, deu-me uma sensação de superioridade. Admirei-me de vê-lo tão agitado.

Afinal de contas eu não dissera muita coisa. Apenas confessara a minha sensação de insegurança, vindo, como eu vinha, depois de Rebecca. E também ela devia ter essas qualidades que Frank me atribuiu. Devia ter sido boa e sincera, já que deixara tantos amigos e tamanha popularidade. Eu não tinha certeza do que quisera dizer Frank com "modéstia".

Sempre foi palavra que não compreendi muito bem.

Imaginava-a ligada à sensação de não gostar de encontros no corredor ao ir para o banheiro... Pobre Frank! Beatrice o chamou de insípido, nunca teria uma palavra para dizer...

— Bem, prossegui, francamente não sei o que dizer a isso. Não me julgo tão bondosa assim, nem especialmente sincera; e quanto a ser modesta, creio que nunca tive ocasião de ser outra coisa. Mas não me parece muito modéstia casar de repente em Monte Carlo, e ficar sozinha no hotel antes do casamento — você não levou isto em conta.

— Minha cara Mrs. de Winter, não pense, nem por um momento, que eu julgue que o seu encontro lá não tenha sido coisa absolutamente acima de qualquer suspeita, disse ele em voz baixa.

— Não, claro que não, respondi gravemente.

Pobre Frank! Creio que o escandalizei. Que expressão tão sua aquele "acima de qualquer suspeita". Trazia imediatamente à ideia coisas suspeitas.

— Tenho a certeza, continuou ele, ainda hesitante e agitado. Tenho a certeza de que Maxim se aborreceria, ficaria mesmo muito triste se soubesse como a senhora se sente. Não creio que ele tenha a menor ideia disso.

— E não lhe dirá nada, não é? — Claro que não. Por quem me toma? Mrs. de Winter, eu conheço muito bem Maxim, e o tenho visto em...

disposições de espírito muito diversas. Se ele imaginasse que a senhora está se aborrecendo por causa do passado... bem...

isso o entristeceria mais do que qualquer outra coisa no mundo, posso garantir-lhe. Maxim anda muito bem disposto agora, mas Mrs. Lacy teve razão em dizer que ele esteve às portas de um esgotamento nervoso, o ano passado. Por isso é que a senhora lhe faz tanto bem. A senhora é refrescante, é moça, e... sensata — e nada tem que ver com o passado. É preciso esquecê-lo, Mrs. de Winter — esqueça-o, por favor, como fez Maxim e, graças a Deus, como fizemos todos nós.

Nenhum de nós quer ressuscitar o passado, e Maxim menos que qualquer outro. A senhora é quem nos deve afastar do passado, nunca reconduzir-nos a ele.

Frank tinha razão. Querido Frank, meu amigo, meu aliado! Eu me mostrara egoísta e ultrasensível, espécie de mártir do complexo de inferioridade.

— Foi pena não ter-lhe contado tudo isto antes, observei.— Gostaria que o tivesse feito. Talvez a confiança lhe tivesse poupado muitas preocupações.

— Sinto-me mais feliz, muito feliz. E sempre serei sua amiga, Frank, suceda o que suceder.

— Espero que sim.

Sáímos do caminho sombrio e voltamos para a claridade.

Os rododendros apareceram. Sua hora de beleza estava se aproximando do fim; já pareciam desabrochados demais, e um pouco fatigados. No mês seguinte começariam a tombar as pétalas, uma a uma, e os jardineiros viriam varrê-las. Beleza efêmera, que não dura muito.

— Frank, disse eu, antes de terminarmos esta conversa (digamos de uma vez para sempre) quero que prometa responder com toda a sinceridade a uma pergunta.

Ele parou, olhando-me desconfiado.

— Isto não é justo. Poderá perguntar-me algo que não esteja em minha mãos responder — alguma coisa impossível.

— Não, disse eu. Não é desse tipo a minha pergunta.

Nem íntima, nem pessoal — nada nesse estilo.

— Muito bem, farei o possível.

Tínhamos chegado à última curva do caminho, com Manderley à nossa frente, serena e tranquila, cercada de grama, surpreendendo, como sempre, pela perfeita simetria e graça, e a imensa simplicidade.

O sol brincava nas janelas, e punha nos muros de pedra um suave brilho enferrujado, nos pontos em que o líquen se agarrava. Tênuê coluna de fumaça saía da chaminé da biblioteca. Mordi a unha do polegar, observando Frank de soslaio.

— Diga-me, falei afinal, com a possível despreocupação.

Diga-me: era Rebecca muito bonita? Frank retardou a resposta. Eu não podia ver-lhe o rosto.

Estava com olhos não em mim, mas em direção à casa.

— Sim, respondeu lentamente, sim, creio que era a criatura mais linda que jamais vi em minha vida.

Subimos os degraus de pedra até o hall, e toquei a campainha para pedir o chá.

**EU POUCO VIA** Mrs. Danvers, que só me procurava quando necessário. Ainda me telefonava todas as manhãs para a saleta, a fim de submeter o menu do dia à minha aprovação, mas paravam aí as nossas relações.

Ela tomara, para minha criada particular, uma Clarice, filha de um dos agregados de Manderley, moça quieta, bem educada e que, graças a Deus, nunca estivera empregada ali antes, não me alarmando, portanto. Creio que era a única pessoa na casa que sentia admiração por mim. Para ela eu era a senhora, era realmente Mrs. de Winter. Os possíveis comentários dos outros não a afetavam. Fora educada por uma tia moradora a quinze milhas dali, de modo que de certa maneira era uma recém-chegada a Manderley. Com ela me sentia à vontade, não me vexava de pedir-lhe que consertasse minhas meias.

Alice, a criada que me servira durante os primeiros tempos, já era de outro tipo. Cheia de superioridade! Eu costumava tirar minhas combinações e camisolas da gaveta para consertá-las eu mesma, só para evitar que ela o fizesse.

Vi-a uma vez com uma dessas combinações na mão, examinando a fazenda e o modesto bico da renda, e nunca me esquecerei da expressão do seu rosto. Parecia escandalizada, como se o seu amor-próprio houvesse recebido um golpe. Eu nunca dera grande atenção às minhas roupas de baixo.

Contanto que limpas e bem feitas, não julgava que a fazenda ou a quantidade de renda importassem. Nas revistas a gente lê sobre noivas com suntuosíssimos enxovais. Eu nunca me preocupara com isso. A expressão do rosto de Alice serviu-me, no entanto, de lição, e escrevi a uma loja de Londres pedindo catálogos de lingerie. Mas quando fiz a escolha já Alice deixara o serviço. E pareceu-me tal desperdício comprar roupas de baixo por causa de Clarice, que enfiei o catálogo na gaveta e acabei não comprando nada. E muitas vezes fiquei a imaginar o que Alice diria às outras, e se minhas roupas de baixo teriam servido de assunto no hall dos criados, coisa terrível a ser discutida em voz baixa quando os homens não estivessem presentes. Alice era demasiado superior para tratar o assunto como pilhéria.

Sim, minhas roupas de baixo eram uma coisa muito séria.

Mais que um divórcio debatido in *camera*... Em todo o caso fiquei contente quando Alice me entregou aos cuidados de Clarice. Clarice nunca saberia distinguir renda verdadeira da renda imitação. Gostei que Mrs. Danvers a tomasse a serviço.

Devia ter pensado que éramos boa companhia uma para a outra. Agora que eu conhecia o motivo da antipatia de Mrs. Danvers, as coisas já não me estavam tão difíceis. Não era a mim pessoalmente que ela odiava, mas àquilo que eu representava; sentiria da mesma maneira com qualquer pessoa que houvesse tomado o lugar de Rebecca. Pelo menos foi o que Beatrice me deu a entender no dia do almoço. "Não sabia? Pois ela simplesmente adorava Rebeca." Essas palavras tinham-me causado um choque a primeira vez, por serem inesperadas. Mas, refletindo melhor, comecei a perder o meu medo a Mrs. Danvers. Podia avaliar o seu ressentimento, e de como lhe doeria ouvir chamar-me Mrs. de Winter. Todos os dias, ao pegar o telefone para falar comigo, quando eu respondia: "Sim, Mrs. Danvers", fatalmente ela se recordaria da voz de Rebecca. Quando passava através dos quartos e via sinais de minha presença, uma boina sobre o banco da janela, o saco de trabalho esquecido numa cadeira, lembrar-se-ia certamente da "adorada". Da mesma maneira como eu o fazia agora, eu, que não conhecera Rebecca. Mrs. Danvers lembrava-se do seu andar, do tom de sua voz, do colorido dos seus olhos e da qualidade dos seus cabelos. Eu nada conhecera dessas coisas, nem jamais indagara a respeito, mas sentia muitas vezes que Rebecca era uma realidade para mim, tanto quanto para Mrs. Danvers.

Frank me aconselhara a esquecer o passado, e eu desejava esquecê-lo. Mas Frank não se sentava na saleta todas as manhãs, como eu, nem tomava da caneta que tinha estado entre os dedos de Rebecca. Não tinha que descansar as mãos sobre o mata-borrão, nem ver à sua frente a caligrafia ousada dos rótulos dos compartimentos. Não tinha que olhar para os candelabros da chaminé, nem para o relógio, ou os vasos de flores, ou os quadros da parede, e lembrar-se, todos os dias, que tinham pertencido a ela, que fora ela quem os escolhera, e que não eram

absolutamente meus. Frank não era forçado a sentar-se no lugar dela à mesa de jantar, nem tomar o garfo e a faca que foram seus nem beber pelo copo que seus lábios tocaram. Frank não atirava aos ombros uma capa que fora de Rebecca, nem encontrava o seu lenço dentro do bolso... Não via, como eu, diariamente, o cão cego na biblioteca levantar a cabeça ao ouvir meus passos, os passos de uma mulher, e abaixá-la depois de farejar o ar — porque eu não era quem ele queria.

Coisas pequenas e tolas em si, mas que ali estavam para eu vê-las, ouvi-las, senti-las. Deus do céu, eu não queria pensar em Rebecca! Queria ser feliz, fazer Maxim feliz, estar sempre com ele. Não havia outro desejo em meu coração, afora esse. Mas não podia evitar que ela constantemente me viesse ao pensamento, ou me atormentasse nos sonhos. Não era minha a culpa, se me sentia como hóspede em Manderley — o meu lar, andando por onde ela passara, descansando onde ela descansara. Eu era uma hóspede que aguardava a minha hora, que esperava pelo retorno da dona da casa.

— Frith, chamei, entrando na biblioteca certa manhã de verão com uma braçada de lilases. Frith, onde posso encontrar um vaso grande para estas flores? Os do jardim de inverno são muito pequenos.

— O vaso de alabastro do salão foi sempre usado para os lilases, senhora.

— Será que vale a pena? Poderá quebrar-se.

— Mrs. de Winter sempre usou o vaso de alabastro, senhora.

— Está bem...

O vaso de alabastro me foi então trazido já com água, e nele arranjei os galhos um a um; o suave perfume invadiu o quarto, misturando-se com o cheiro da grama recém-cortada, vindo pela janela. E pensei: "Rebecca também fez isso.

Tomou os lilases, como eu, e pô-los um por um no vaso branco. Não sou a primeira a fazer isso. Este vaso é de Rebecca, este lilás é de Rebeca". Ela teria errado pelos jardins, como eu, usando o grande chapéu de palha que achei no jardim de inverno, caído atrás de umas almofadas, e teria ido até o canteiro dos

lilases, assobiando talvez, cantarolando uma canção qualquer, chamando pelos cães, levando a tesoura que eu usava agora.

— Frith, quer tirar aqueles livros de cima da mesa rente à janela, para eu pôr lá os lilases? — Mrs. de Winter sempre colocava o vaso de alabastro na mesa atrás do sofá, senhora.

— Oh, bem... Hesitei, com o vaso na mão, a fisionomia de Frith mostrava-se impassível. Ele me obedeceria, naturalmente, se eu preferisse colocar o vaso na mesinha da janela. Tiraria dali os livros imediatamente. Mas... — Está bem, disse eu. Talvez fiquem melhor na mesa atrás do sofá — e o vaso de alabastro foi colocado, como sempre, na mesa atrás do sofá...

Beatrice não esqueceu a promessa do presente de casamento. Certa manhã chegou-me um pacote, quase grande demais para ser carregado pelo Robert. Eu estava na saleta, e acabara de ler o menu do dia. Senti sempre um infantil entusiasmo por pacotes; cortei com vivacidade o barbante daquele, arranquei o papel pardo. Pareciam livros. E eram.

Quatro grandes volumes d'"A História da Pintura". E uma folha de papel na primeira página de um deles dizendo: "Espero que seja isto o tipo de presente que aprecia", e assinado — "Afetuosamente, Beatrice".

Eu podia vê-la indo a uma casa da Wigmore Street para comprá-los. Olhando à volta, na sua maneira brusca, um tanto masculina. "Quero uma coleção de livros para uma pessoa que gosta de arte", diria ela, e o empregado responderia: "Sim, minha senhora, tenha a bondade de seguir-me". Ela examinaria os livros com ar desconfiado: "Presente de casamento. Quero coisa boa. São todos sobre arte?" "Sim, minha senhora, são estes os mais procurados sobre o assunto", diria o caixeiro. E Beatrice então teria escrito o bilhetinho e dado o endereço: "Mrs. de Winter, Manderley".

Foi muita gentileza dela. Havia qualquer coisa de patético e sincero no fato de Beatrice ter ido a uma livraria de Londres comprar aqueles livros por saber do meu gosto pela pintura.

Ela havia de imaginar-me, com certeza, a olhar solenemente para as ilustrações num dia de chuva, tomando uma folha de papel de desenho e as tintas para copiar um dos quadros.

Querida Beatrice. Senti de repente um desejo estranho, estúpido de chorar. Peguei os pesados volumes e olhei à volta da saleta em procura de lugar para colocá-los. Parecia não combinar com aquela sala delicada e frágil. Pouco importava; a sala era minha, afinal de contas. Coloquei-os enfileirados sobre a secretária. Vacilaram perigosamente, apoiando-se uns contra os outros. Afastei-me para ver o efeito. O movimento muito repentino que fiz talvez lhes perturbasse o equilíbrio, não sei; o fato é que o livro da extrema caiu e os outros escorregaram. Caiu sobre um cupidinho de porcelana, o único ornamento da secretária (com exceção dos candelabros), e a estatueta ficou em pedaços. Olhei vivamente para a porta, como criança culpada; ajoelhei-me e recolhi os fragmentos, que pus num envelope e escondi no fundo de uma das gavetas.

Levei depois os livros para a biblioteca e arrumei-os nas prateleiras.

Maxim riu-se quando lhe mostrei os livros, toda orgulhosa.

— Querida Bee, disse ele. Você deve ter caído no gosto de minha irmã. Beatrice nunca abre um livro, se puder evitá-lo.

— Disse ela alguma coisa sobre o que... bem... sobre o que pensava de mim? — No dia do almoço? Não, não que me lembre.

— Pensei que talvez houvesse escrito alguma coisa.

— Beatrice e eu não nos correspondemos, a não ser que haja um acontecimento de grande importância na família.

Escrever cartas é perder tempo, disse Maxim.

Sim, eu não era um acontecimento de importância na família. No entanto, se eu fosse Beatrice e tivesse um irmão, e esse irmão se casasse, certamente eu teria dito alguma coisa, expresso uma opinião, escrito duas palavras. A não ser, naturalmente, que não houvesse gostado da cunhada, ou achasse mau o casamento. Nesse caso seria diferente. Mas Beatrice dera-se ao trabalho de ir até Londres comprar-me aqueles livros. Não o teria feito se antipatizasse comigo.

Foi no dia seguinte, lembro-me, que Frith, depois de ter trazido o café à biblioteca depois do almoço, esperou, um momento, incerto, atrás da cadeira de Maxim, e disse afinal: —

Posso falar com o senhor por um momento? Maxim levantou os olhos do jornal.

— Sim, Frith, que houve? Frith tinha no rosto uma expressão solene. Pensei imediatamente que sua mulher tivesse morrido.

— É sobre Robert, senhor. Houve um incidentezinho desagradável entre ele e Mrs. Danvers. Robert está muito aborrecido.

— Oh! exclamou Maxim, fazendo uma careta para mim.

Inclinei a cabeça e comecei a acariciar Jasper — meu recurso nos momentos de embaraço.

— Sim, senhor. Parece que Mrs. Danvers acusou Robert de ter tirado da saleta um enfeite de valor. É ele quem tem a obrigação de levar para lá flores frescas todas as manhãs. Mrs.

Danvers entrou na saleta depois que as flores tinham sido arranjadas e deu pela falta do objeto de arte, que ontem ainda lá estava, diz ela. Acusou Robert de o ter tirado, ou de o ter quebrado e escondido os fragmentos. Robert negou terminantemente as duas acusações, e veio procurar-me quase em lágrimas. O senhor deve ter visto como ele estava perturbado à hora do almoço.

— Admirei-me, sim, de vê-lo apresentar-me as costeletas antes de pôr-me o prato, disse Maxim. Não sabia que Robert era tão sensível. Bem, com certeza foi outra pessoa. Uma das empregadas, talvez.

— Não, senhor; quando Mrs. Danvers, entrou na saleta a empregada ainda não tinha ido fazer a arrumação. Ninguém lá entrou depois da senhora, ontem, nem depois de Robert, hoje de manhã com as flores. Isso torna as coisas muito desagradáveis para Robert e para mim.

— Sim, naturalmente. O melhor é pedir a Mrs. Danvers que venha até aqui para resolvermos o caso. Que objeto foi? — O cupido de porcelana, senhor, que estava sobre a escrivaninha.

— Oh, céus! Uma das nossas preciosidades, não é? Tem que ser encontrado. Chame Mrs. Danvers imediatamente.

— Sim, senhor.

Frith deixou o quarto e ficamos sós outra vez.

— Que coisa desagradável! comentou Maxim. Aquele cupido é valiosíssimo, mas detesto complicações com empregados. Não sei por que vêm me procurar para essas coisas. Isso compete a você, querida.

Levantei os olhos, com o rosto em fogo.

— Querido, eu queria contar o que houve, mas esqueci. Quem quebrou o cupido fui eu, ontem.

— Você? Então por que diabo não disse, quando Frith falou?

— Não sei por que, mas não tive vontade de dizer. Fiquei com medo que me julgasse uma tonta.

— Pensará agora que é uma tonta maior ainda. Terá que contar a ele e a Mrs. Danvers.

— Oh, não, por favor, Maxim. Explique-lhes você. Deixe-me ir para cima.

— Não seja tola. Parece que tem medo dos criados.

— E tenho. Se não medo, pelo menos...

A porta abriu-se e Frith introduziu Mrs. Danvers. Olhei nervosamente para Maxim, o qual sacudiu os ombros meio divertido, meio zangado.

— Foi um engano, Mrs. Danvers. O fato é que Mrs. de Winter quebrou o cupido e esqueceu de avisar, disse ele.

Todos olharam para mim. Eu estava outra vez como uma criança, e de novo tive consciência do rubor culpado que me cobriu o rosto.

— Sinto muito, murmurei, observando Mrs. Danvers. — Nunca supus que isso poria Robert em apuros.

— Será possível consertar a estatueta, senhora? perguntou Mrs. Danvers, sem parecer surpreendida que fosse eu a culpada e olhando-me com sombrios olhos de espectro.

Percebi que sabia tudo, e só acusara Robert para ver se eu teria coragem de confessar.

— Creio que não, respondi. Quebrou em vários pedaços.

— E que fez com eles? perguntou Maxim.

Eu era a ré prestando depoimento. Como minha conduta parecia mesquinha, ainda a meus olhos!

— Coloquei-os num envelope, respondi a Maxim.

— Bem, e o que fez do envelope? perguntou ele, acendendo um cigarro, num tom de voz ao mesmo tempo divertido e exasperado.

— Guardei-o numa das gavetas da escrivaninha.

— Até parece que Mrs. de Winter receou que a senhora a mandasse para a prisão, não é verdade, Mrs. Danvers? disse Maxim. — Talvez valha a pena procurar o envelope e mandar tudo para Londres. Se não puder ser consertado, paciência.

— Está bem, Frith, pode dizer a Robert que enxugue as lágrimas.

Frith saiu. Mrs. Danvers ficou.

— Pedirei desculpas a Robert, disse ela. — Mas as provas eram evidentemente contra ele. Não me ocorreu que Mrs. de Winter pudesse ter quebrado a estatueta. Se coisa semelhante acontecer outra vez, talvez convenha a Mrs. de Winter avisar-me pessoalmente, para que eu tome as necessárias providências. Seriam assim evitadas certas complicações desagradáveis.

— Naturalmente, disse Maxim com impaciência. — Não sei por que não fez isso ontem. Era justamente o que ia perguntar quando a senhora entrou.

— Talvez Mrs. de Winter não soubesse do valor do objeto, sugeriu Mrs. Danvers com os olhos em mim.

— Sim, disse eu, sentindo-me infeliz. — Sim, eu temia uma coisa dessas. Por isso guardei os fragmentos com tanto cuidado.

— E escondeu-os bem no fundo de uma gaveta, onde ninguém os encontraria? disse Maxim com uma risada. Exatamente como a encarregada da limpeza faria, não é verdade, Mrs. Danvers?

— A encarregada da limpeza nunca teria licença de tocar num objeto desse valor, disse Mrs. Danvers.

— Sim, não creio que a senhora o consentisse.

— É uma pena, continuou Mrs. Danvers. — Nunca se quebrou coisa alguma na saleta. Sempre tivemos o máximo cuidado. Eu mesmo tiro o pó dos objetos de arte desde... desde o ano passado. Não confio em ninguém. Quando Mrs. de Winter era viva costumávamos fazer isso juntas.

— Sim, mas... não há mais remédio, disse Maxim. — Está bem, Mrs. Danvers.

Ela saiu da biblioteca, eu fui me sentar no banco da janela, olhando para fora. Maxim retomou o jornal.

— Sinto muito, querido, murmurei depois de um momento. — Foi muito descuido de minha parte. Não sei como aconteceu. Eu estava arrumando os livros na escrivaninha, para ver se ficavam firmes — e o cupido escorregou.

— Minha bela criança, esqueça isso. Que importância pode ter?

— Tem importância sim, eu devia ter sido mais cuidadosa. Mrs. Danvers com certeza está danada comigo.

— Por que diabo estari danada? A estatueta não era dela.

— Não, mas tem tanto orgulho de tudo! É terrível pensar que jamais qualquer coisa foi quebrada até hoje. Tinha que ser eu a primeira...

— Antes você que o pobre Robert.

— Eu preferia que tivesse sido o Robert. Mrs. Danvers nunca me perdoará.

— Mrs. Danvers que vá para o diabo! exclamou Maxim. Ela não é nenhum Deus Todo-Poderoso. Não consigo compreender você. O que quis dizer quando falou que tem medo dela?

— Não quis dizer que tivesse exatamente medo. Raramente a vejo. Não é isso... não sei explicar.

— Você faz coisas extraordinárias. Não sei por que não chamou Mrs. Danvers, quando quebrou a estatueta, e disse: "Olhe aqui, Mrs. Danvers, veja se pode mandar consertar isto".

Ela teria compreendido, então. Em vez disso reúne os pedaços num envelope e esconde tudo no fundo de uma gaveta como se fosse uma servente e não a dona da casa.

— Eu sou uma servente, murmurei com lentidão. — Sei que sou, de muitas maneiras. Por isso tenho tanta coisa em comum com Clarice. Por isso ela gosta de mim. Fui visitar a mãe dela dias atrás e perguntei se Clarice estava contente conosco. Ela respondeu: "Oh, sim Mrs. de Winter, Clarice está muito contente. Outro dia ainda me disse: "Não é como se estivesse com uma senhora, mamãe. É como

se estivesse com um de nós". O que acha Maxim? Isso foi um elogio ou uma censura?

— Só Deus sabe, respondeu ele. — Dito pela mãe de Clarice eu considero um verdadeiro insulto, porque a casa dela é uma desordem incrível, sempre cheirando a repolho ensopado. Lembrou-me dessa mulher com oito filhos abaixo da idade dos onze anos; costumava andar descalça por aquele seu jardimzinho, com uma meia na cabeça. Quase que a mandamos embora. Não sei como Clarice consegue andar limpa e bem arrumadinha assim.

— Clarice foi educada por uma tia, disse eu submissamente. — Sei que minha saia de flanela tem uma mancha na frente, mas nunca andei descalça com uma meia à volta da cabeça. Compreendo agora porque Clarice não despreza as minhas roupas de baixo como Alice. Talvez seja por isso que prefiro visitar pessoas como a mãe de Clarice a ir ver a mulher do bispo. A mulher do bispo nunca disse que eu era como um deles.

— Se você vai visitá-la com aquela saia suja, não creio mesmo que o diga.

— Claro que não fui visitá-la com aquela saia velha. Eu estava de vestido inteiro. E de mais a mais não dou muito valor a quem julga os outros pela sua maneira de vestir.

— Não creio absolutamente que a mulher do bispo dê a mínima importância a vestidos, disse Maxim. Mas certamente há de ter ficado surpreendida de ver você sentada na ponta da cadeira, responder "sim" e "não", como quem procura emprego — e foi exatamente isso o que você fez quando lá estivemos de visita.

— Não tenho culpa de ser tímida.

— Sei disso, querida, mas você não faz nenhum esforço para vencer a timidez.

— Acho que não está sendo justo, Maxim. Faço isso todos os dias, cada vez que saio ou me encontro com alguém que ainda não conheço. Estou sempre a fazer esforços. Você não compreende, porque tudo é muito fácil para você, que está habituado a isso; mas eu não fui criada dessa maneira.

— Tolice! exclamou Maxim. — Não é uma questão de ser criado assim ou assado. É questão de aplicação. Você acha que

gosto de fazer visitas? Acho tedioso ao extremo — mas que remédio?

— Não estamos falando de ser chato ou não. Se fosse só isso, não me importaria; mas detesto que me olhem do alto, como se eu fosse um animal curioso.

— Quem olha você do alto?

— Todos aqui.

— Que importância tem isso? Você lhes dá um interesse na vida, é tudo.

— Por que eu lhes daria tal interesse, suportando tanta crítica?

— Porque a vida de Manderley é a única coisa que desperta um pouco de interesse aqui na região.

— Que decepção devo ser para eles!

Maxim calou-se, com os olhos no jornal.

— Que decepção devo ser, repeti. E acrescentei: — Com certeza foi por isso que você me escolheu. Por saber que sou insípida, quieta, inexperiente, do tipo que nunca atrai comentários.

Maxim jogou o jornal ao chão e levantou-se.

— O que quer dizer com isso?

— Oh, não sei... respondi, encostando-me à janela. — Não quis dizer coisa alguma. Por que está desse jeito?

— Que comentários ouviu?

— Oh, nada, respondi assustada. — Não me olhe dessa maneira, Maxim. O que foi que eu disse? O que aconteceu?

— Quem é que esteve falando com você? perguntou ele lentamente.

— Ninguém. Absolutamente ninguém.

— Então por que disse isso?

— Já expliquei: não sei por quê. Passou pela minha cabeça.

Eu estava zangada, com raiva. — Detesto visitar essa gente, não posso evitar de detestar! E você me criticou por ser tímida. Eu não queria dizer nada. Por favor, Maxim, acredite.

— Não foi uma coisa agradável o que me disse, não acha?

— Sim. Foi grosseiro, detestável.

Maxim olhou-me meio emburrado, balançando-se nos calcanhares.— Talvez eu tenha sido egoísta em me casar com você, murmurou por fim, lentamente, pensativamente.

Fiquei gelada; quase me senti mal. — O que quer dizer com isso? perguntei.

— Que não sou muito bom companheiro para você. Há muitos anos de diferença entre nós dois. Você deveria ter esperado, e se casado com um rapaz de sua idade — não com uma pessoa como eu, com meia existência atrás de si.

— Isto é ridículo, exclamei. — Você sabe que a idade pouco significa no casamento. Claro que somos companheiros.

— Somos? Não sei.

Ajoelhei-me no banco da janela e pus os braços à volta dos seus ombros.

— Por que me diz essas coisas? Sabe que o amo mais do que a qualquer outra coisa no mundo. Nunca houve ninguém na minha vida a não ser você. Você é meu pai, meu irmão, meu filho. Tudo!

— Foi minha a culpa, continuou ele sem me ouvir. — Precipitei tudo, não dei tempo de você refletir.

— Eu não queria refletir. Você não compreende, Maxim. Quando a gente ama uma pessoa...

— Sente-se feliz aqui? perguntou-me com os olhos na paisagem da janela. — Fico às vezes pensando nisso. Você emagreceu, perdeu as cores.

— Claro que sou feliz. Gosto de Manderley, gosto dos jardins, gosto de tudo. Não me importo de fazer visitas; queixei-me à toa. Farei visitas todos os dias, se você quiser. Pouco me importa ir aqui ou ali. Nunca, por um momento sequer, me arrependi de ter me casado com você.. Sabe disso, não?

Maxim deu-me uma pancadinha no rosto, naquela sua maneira terrivelmente distraída e, inclinando-se, beijou-me na cabeça.

— Pobrezinha, você não se diverte muito aqui, eu sei... Creio que sou uma pessoa com quem é difícil viver.

— Não é difícil, não! exclamei vivamente. — Fácil até, muito fácil. Muito mais fácil do que pensei. Sempre julguei que o

casamento fosse algo terrível, que o marido da gente bebesse, ou usasse linguagem pouco cristã, ou implicasse com as torradas da manhã; que fosse de todo desinteressante, enfim. Você não faz nada disso.

— Deus do céu, espero que não! e Maxim sorriu.

Aproveitei-me dessa vantagem e sorri também; peguei suas mãos e beijei-as.

— Que absurdo dizer que não somos companheiros! Veja como nos sentamos aqui todas as noites, você com o jornal, e eu com o tricô. Somos duas xícaras de chá. Um casal de velhos casados há anos. Claro que somos companheiros. Claro que somos felizes. Você fala como se tivesse cometido um erro. Mas não é isso que pensa, não é verdade, Maxim? Você sabe que o nosso casamento é um sucesso, não sabe? Um sucesso tremendo...

— Se você o diz, então está certo.

— Admita a mesma coisa, querido. Somos felizes, não é verdade? Imensamente felizes! Ele não respondeu. Continuou com os olhos pela janela enquanto eu lhe segurava as mãos. Eu tinha a garganta seca; meus olhos ardiam. "Oh, Deus!" pensei. "Somos como duas pessoas numa peça teatral, no momento em que o pano vai descer; cumprimentaremos os espectadores e iremos para os nossos camarins. Este momento não pode ser verdadeiro na vida de Maxim e na minha." Sentei-me no banco da janela e larguei-lhe as mãos. Ouvi a minha voz, dura e calma dizer: "Se acha que não somos felizes, seria melhor confessá-lo. Não quero absolutamente que finja. Eu preferia ir-me embora, não viver mais com você". Mas não era verdade. Era ainda a artista da peça a falar, não eu. Imaginei o tipo de moça que representaria aquele papel. Alta, delgada, nervosa.

— Bem, por que não me responde? perguntei.

Ele tomou-me o rosto entre as mãos, e olhou-me da maneira como me olhara antes, quando Frith apareceu com a bandeja de chá, no dia em que fomos à praia.

— Como posso responder? Se você diz que somos felizes, deixemos as coisas assim. É um assunto de que não entendo.

Aceito sua palavra. Somos felizes. Pois bem, está decidido! Beijou-me outra vez e atravessou o quarto.

Continuei sentada no banco da janela, tesa e rija, as mãos no colo.— Fala assim porque está decepcionado comigo, prossegui. Sou gauche, desajeitada, visto-me mal, muito tímida com as pessoas que encontro pela primeira vez. Eu o avisei em Monte Carlo de como seriam as coisas. Você acha que não fui feita para Manderley.

— Não seja tola. Eu nunca a acusei de gauche, ou de vestir-se mal. Imaginação sua. Quanto a ser tímida, você se modificará com o tempo, como já observei.

— Estivemos discutindo em círculo e voltamos ao ponto de partida, Maxim. E tudo por causa do cupido da saleta! Se o não tivesse quebrado, nada disto aconteceria. Teríamos tomado o nosso café, e ido para o jardim, como todos os dias.

— Oh, que vá para os diabos o cupido! gritou Maxim.

Pensa que dou qualquer importância a isso? — Era de grande valor? — Só Deus sabe. Creio que sim. Não me lembro mais.

— Todos os objetos da saleta são de muito valor? — Sim, creio que sim.

— Por que, então, tais preciosidades na saleta? — Não sei. Talvez porque fiquem bem ali.

— Estiveram sempre lá — quando sua mãe era viva? — Não, não o creio. Andavam espalhados pela casa, suponho.

— Quando foi a saleta mobiliada como está agora? — Quando me casei.

— E foi aí que levaram para lá a estatueta? — Creio que sim. Parece tratar-se de um presente de casamento. Rebecca entendia muito de porcelanas.

Não olhei para ele. Continuei a polir as unhas. Maxim falara naturalmente, calmamente, sem esforço. Depois de um momento ergui os olhos. Vi-o perto da lareira, de mãos no bolso. Olhava direto à frente.

Está pensando em Rebecca, pensei comigo mesma. Está pensando como um presente de casamento para mim tenha sido a causa da destruição de um presente de casamento para Rebecca. Está pensando na estatueta, querendo lembrar-se de quem a deu a

Rebecca. Pensando no dia em que o pacote chegou, e com que alegria Rebecca o recebeu. "Rebecca entendia muito de porcelanas". Talvez ele houvesse entrado no quarto quando ela abria a caixa do cupido. Rebecca levantara para ele os olhos, sorrindo. "Veja, Maxim, veja o que me mandaram." E ela havia retirado da caixa a figurinha que se equilibrava num pé só, de arco na mão. "Vamos levá-lo para a saleta", teria ela dito — e Maxim se ajoelharia ao seu lado, ambos examinando o primor.

Continuei a cuidar das unhas. Estavam feias como as unhas das colegiais. As películas cresciam sobre as meias luas.

A do polegar era mais curta que as outras. Olhei de novo para Maxim, sempre junto à lareira.

— Em que está pensando? indaguei.

Minha voz soou firme e calma. Diferente do meu coração, que batia descompassado no peito. Diferente dos meus pensamentos amargos e cheios de ressentimento. Maxim acendeu um cigarro, certamente o vigésimo quinto daquele dia, e atirou o fósforo na lareira. Em seguida tomou o jornal.

— Em nada. Por quê? — Oh, não sei. Você estava com ar tão sério, tão remoto...

Maxim tirou uma fumaça.

— A falar a verdade, estava pensando no campeonato de críquete deste ano.

Sentou-se de novo e dobrou o jornal. Eu olhei para fora da janela. Jasper veio para perto de mim e subiu-me ao colo.

**13**

**MAXIM** teve que ir a um banquete em Londres, em fins de junho. Um jantar de homens, qualquer coisa que se relacionava à vida do condado. Senti horror ao vê-lo partir. Quando o carro virou a curva do caminho, tive a impressão de que nunca mais o veria. Iria ocorrer algum acidente, com certeza; e mais tarde, quando eu

voltasse do passeio a pé, encontraria Frith à minha espera, branco de susto, com um recado para mim.

O médico teria telefonado de algum hospital no meio da estrada. "Precisa ser corajosa", dir-me-ia ele. "Infelizmente as notícias são más." E Frank viria, e iríamos juntos para o hospital. Maxim não me reconheceria. Sentada à mesa do almoço, antevendo tudo isso, e também a multidão agrupando-se na igreja no dia do enterro — eu apoiada ao braço de Frank. A cena aparecera-me tão real, que quase não toquei no almoço, com o ouvido atento ao telefone, o tempo todo.

À tarde fui sentar-me debaixo do castanheiro com um livro ao colo, mas quase não pude ler. Quando vi Robert atravessar o gramado, percebi que era o telefone — e senti-me desfalecer.

— Um recado do clube, senhora, dizendo que Mr. de Winter chegou há dez minutos.

Fechei o livro.

— Obrigada, Robert. Como ele foi depressa! — É verdade, senhora. Uma viagem bem rápida.

— Pediu para falar comigo? Deixou recado? — Não, senhora; apenas comunicou ter chegado bem.

Foi o porteiro quem falou.

— Muito bem, Robert, obrigada. O alívio foi imenso. Não mais me sentia mal, a dor desaparecera. Era como se tivesse chegado ao porto depois de uma tempestuosa travessia. Comecei a sentir fome, e depois que Robert se sumiu esgueirei-me pela porta-janela da sala de jantar e fui roubar alguns biscoitos. Seis. E também uma maçã.

Nunca senti tanta fome. Fui comer no bosque, porque se os empregados me vissem iriam contar à cozinheira que eu não gostava do seu tempero. E a cozinheira, ofendida, talvez se queixasse a Mrs. Danvers.

Agora que Maxim estava a seguro em Londres, e eu comera os meus biscoitos, sentia-me muito bem e estranhamente feliz. Tive consciência de uma sensação de plena liberdade. Como num domingo, quando a gente é criança. Sem lições, sem exercícios.

Quando podia fazer o que bem entendia. Uma saia usada e uns sapatos de praia, para brincar com as crianças do vizinho.

Era a mesma coisa agora. Nunca me sentira assim desde que viera para Manderley. Devia ser porque Maxim fora a Londres.

Fiquei escandalizada comigo mesma. Não podia compreender-me, pois não desejara que ele fosse. E agora esta leveza de coração, esta vivacidade no andar, o desejo infantil de correr pelo gramado e rolar pelo barranco... Chamei por Jasper. Talvez me sentisse assim por influência do dia luminoso e lindo...

Fomos pelo Vale Feliz até à gruta pequena. As azáleas se desfolhavam; as pétalas se acamavam sobre o musgo, mortas; mas as campânulas azuis ainda não tinham fenecido; formavam um tapete nos bosques acima do vale; os fetos novos estavam brotando, crespos e esmeraldinos. O cheiro do musgo era profundo e rico; o das campânulas terroso e acre.

Deitei-me na grama alta, ao lado das flores cor do céu, com as mãos atrás da cabeça e Jasper a meu lado. Havia pombos nas árvores de renda verde. Tudo muito quieto e tranquilo. Fiquei pensando na razão de um lugar nos parecer muito mais bonito quando a gente está só...

Como seria vulgar e estúpido aquele sítio, se eu tivesse uma companheira ao lado, alguma colega de colégio, a dizer: "Por falar nisso, vi Hilda outro dia. Lembra-se da Hilda? aquela que jogava tão bem tênis? Está casada, com dois filhos". E a dizê-lo sem ver as campânulas ao nosso lado, sem ouvir os pombos na copa das árvores. Eu não queria ninguém ali comigo; nem mesmo Maxim. Porque, com ele ali, eu não estaria deitada como agora, mastigando um pedaço de grama, de olhos semicerrados. Estaria observando-o, vigiando o seu olhar, a expressão do seu rosto, querendo saber se ele se sentia satisfeito ou entediado, querendo adivinhar seus pensamentos.

Mas, só, eu gozava um abandono feliz, nada me importava.

Maxim estava em Londres. Como era bom ficar só outra vez! Oh, não — não era isso o que queria dizer, pois eu tinha em Maxim a minha vida e o meu mundo. Levantei-me e chamei por Jasper. Descemos o vale juntos, a caminho da praia. A maré baixara, o mar

estava muito calmo e distante. Parecia um grande lago plácido. Eu não o podia imaginar irritado e tempestuoso, da mesma maneira que não sabia pensar no inverno durante o verão. Nenhum vento; o sol brilhava sobre as águas, principalmente nos pontos em que se formavam pequenas poças nas rochas. Jasper galgou as pedras, a espaços olhando para onde eu me achava, uma orelha batida contra a cabeça, num ar malandro.

— Por aí não, Jasper! gritei.

Ele, naturalmente, bem pouco se importou com o meu aviso. Continuou a desobedecer-me deliberadamente. "Que impertinente é este cachorro!" exclamei em voz alta — e subi a rocha atrás dele, fingindo para mim mesma não querer ir até a outra praia. "Oh, bem, não vou por culpa minha", foi o raciocínio. "E não tem importância, uma vez que Maxim não está." E continuei, trauteando uma canção. A caverna parecia diferente durante a maré baixa. Menos formidável. Haveria somente uns três pés de água na pequena enseada. Um bote flutuaria bem ali, pensei, nas baixas. A boia ainda estava no mesmo ponto. Pintada de branco e verde, o que eu não notara antes. Talvez por causa da chuva, a cor parecera-me indistinta à primeira vez. Praia deserta. Caminhei pelo cascalho até a outra caverna, e subi o baixo muro de pedra; Jasper, à frente, corria como se habituado a fazer o percurso. Havia uma argola no muro, e uma escada de ferro descendo para o mar. Ali é que a canoa seria amarrada, supus; a escada era o embarcadouro. A boia ficava perto, a uns trinta pés mais ou menos. Havia nela uma inscrição. Estiquei o pescoço para ler. "JE REVIENS". Que nome engraçado! Talvez fosse o nome dum barco francês de pesca. Os barcos franceses costumam adotar nomes assim.

"Feliz Regresso", "Eis-me aqui", "JE REVIENS" sim, parece-me um bom nome para barco. Só que não fora apropriado para aquele que nunca voltara e nunca mais voltaria...

Como devia ser frio, navegar lá fora na baía, além do farol do promontório! O mar era calmo na enseada, mas mesmo hoje, que as águas estavam tranquilas, lá longe, à volta do promontório, os rebojos de espuma branca diziam coisa diferente. Muito que dançaria um barco pequeno quando dobrasse o promontório. As

ondas espalhariam respingos por todo ele, e uma ou outra vaga correria pelo tombadilho. A pessoa ao leme enxugaria a espuma dos olhos e do cabelo, olharia de relance para a vela côncava de vento. Qual teria sido a cor do barco de Rebecca? Branco e verde, talvez, como a boia. Não muito grande, dissera Frank, e com uma cabina.

Jasper farejava a escada de ferro. "Aqui!" gritei-lhe. "Não tenho vontade de ir atrás de você." Retornei à praia; a cabana não me pareceu tão soturna e remota como da primeira vez. O sol mudava a paisagem; não havia agora a chuva tamborilando no telhado. Caminhei vagarosamente pela praia naquela direção. Afinal de contas era apenas uma cabana, onde ninguém morava. Nada de temer. Qualquer lugar parece sinistro depois de abandonado por algum tempo. Mesmo casas novas. Além do mais, tinha havido ali piqueniques ao luar, e outras coisas. Visitantes vindos para o fim de semana provavelmente desceriam para tomar banho, e depois sairiam no barco a passeio. Olhei para o jardim descuidado, sufocado de urtigas. Alguém devia vir arranjá-lo. Um dos jardineiros.

Para que deixá-lo assim? Empurrei o portão e fui até a porta da cabana. Não estava completamente fechada, e no entanto eu tinha certeza de que a fechara a última vez. Jasper começou a rosar, cheirando embaixo da porta.

— Não faça isso, Jasper, gritei. Ele não fez conta; continuou a farejar interessadamente. Empurrei a porta; espiei.

Tudo escuro, como da primeira vez. As teias de aranha continuavam a enfeitar os naviozinhos. A porta para o depósito de botes no fim do quarto estava aberta — eu a deixara fechada. Jasper rosou; ouvi o som de alguma coisa caindo.

Jasper latiu furiosamente, e passando por entre minhas pernas correu na direção daquela porta. Eu o segui, com o coração aos saltos; parei a meio caminho. "Jasper, volte! Não seja tonto!" Ele estacara diante da porta, a latir furiosamente, histericamente. Havia então alguma coisa lá dentro. Não rato.

Jasper teria continuado a avançar se tosse um rato. "Jasper, Jasper, aqui". Não atendeu. Dirigi-me lentamente para a porta

entreaberta. — Está alguém aí? gritei.

Nenhuma resposta. Curvei-me sobre Jasper, pus a mão em sua coleira e espiei pela fresta. Alguém estava lá, sentado contra a parede. Alguém que pela sua posição encolhida, mostrava mais medo que eu. Era Ben. Procurava esconder-se atrás de uma das velas.

— Que aconteceu? Quer alguma coisa? perguntei.

Ben olhou-me estupidamente, a boca de leve aberta.

— Não fiz nada! gemeu o pobre coitado.

— Quietinho, Jasper! ordenei, e sacando o cinto atei-o pela coleira. Que quer você aqui, Ben? perguntei em voz um pouco mais ousada.

Ben não respondeu; continuou a encarar-me com o olhar de mentecapto.

— Acho melhor sair daqui. Mr. de Winter não gosta que entrem na cabana.

Ele levantou-se com um sorriso sorrateiro, limpando o nariz com as costas da mão e conservando a outra atrás das costas.— Que está escondendo, Ben? perguntei. Qual criança obediente, ele mostrou-me a outra mão. Uma linha de pescar.

— Não fiz nada, repetiu.

— Essa linha é daqui? perguntei.

— É.

— Escute, Ben, você pode levar a linha, se quiser, mas não deve fazer isso outra vez. Não é honesto, tirar assim as coisas dos outros.

Ele nada disse. Olhou-me retorcendo-se todo.

— Venha, disse eu com firmeza. Fui para o quarto principal e ele seguiu-me. Jasper cessara de latir; passou a cheirar os calcanhares do idiota. Saí para o sol, com Ben atrás de mim. Fechei a porta e disse-lhe: É melhor ir para casa.

Ben apertava a linha contra o coração, como se fosse um tesouro.

— Não me mandará para o hospício, não é? perguntou.

Vi então que estava pálido de medo. Suas mãos tremiam, e os olhos fixavam-se nos meus, em muda súplica.

— Claro que não, respondi com suavidade.

— Não fiz nada, repetiu ele. Não contei nada a ninguém.

Não quero ir para o hospício — e uma lágrima rolou pelo seu rosto sujo.

— Está certo, meu caro, disse eu. Ninguém o mandará para o hospício — mas você não entra mais na cabana.

Pus-me a andar; ele seguiu-me e pegou-me na mão.

— Olhe aqui, tenho uma coisa para a senhora.

Sorria tolamente, fazia sinal com o dedo, e voltava-se para a praia. Acompanhei-o. Ben abaixou-se e ergueu uma pedra chata em certo ponto. Havia um punhado de conchas debaixo da pedra.

Escolheu uma e me deu, dizendo: — É sua.

— Muito obrigada, é bonita.

Ele sorriu outra vez, esfregando a orelha, já sem medo.

— A senhora tem olhos de anjo, disse.

Olhei para a concha outra vez, um tanto surpresa, sem saber o que dizer.

— A senhora não é como a outra.

— Que quer dizer? Que outra? Ele sacudiu a cabeça. Seus olhos voltavam de novo à expressão matreira. Pôs o dedo contra o nariz, e disse: — Alta e morena; dava à gente a impressão de serpente.

Eu vi, com estes meus olhos. Vinha de noite. Eu vi.

Ben fez uma pausa, olhando-me atentamente. Depois continuou: — Eu a vi uma vez e ela voltou-se para mim, e disse: "Você não me conhece, não é? Nunca me viu por aqui, e nunca me verá. Se eu o apanhar espiando pelas janelas, mando-o para o hospício". Foi o que ela disse. E mais: "Você não gostará de ir para o hospício, não é? Judiam muito dos loucos lá". E eu disse: "Não senhora, não digo nada", e levantei o boné, assim — continuou Ben, tocando no boné.

Mas foi-se embora, não foi? Não volta mais? perguntou-me ansiosamente.

— Não sei o que quer dizer, respondi lentamente.

Ninguém vai mandá-lo para o hospício. Até logo, Ben.

Deixei-o; fui para a praia puxando Jasper. Pobre Ben, era maluco, não havia dúvida. Não sabia sobre o que falava.

Achei pouco provável que alguém o tivesse ameaçado de hospício. Maxim considerava-o inofensivo, e também Frank.

Talvez Ben tivesse ouvido qualquer referência àquilo na própria família, e a recordação ficara como um quadro desagradável em mente de criança. Ele teria a mentalidade infantil, quanto a simpatias e antipatias. Gostaria de uma pessoa, sem razão especial, e se mostraria hoje amigo, amanhã amuado. Mostrava-se meu camarada porque eu lhe dera a linha de pescar. Se me encontrasse no dia seguinte, talvez nem me reconhecesse mais. Era absurdo dar atenção a coisas ditas por um idiota. Olhei por sobre o ombro para a caverna. A maré começara a virar. Ben desaparecera entre os rochedos; estava a praia deserta outra vez. Eu apenas distinguia a chaminé, de pedra da cabana por uma abertura nas árvores negras. Veio-me de repente um impulso irresistível de fugir. Puxei Jasper pelo cinto que o prendia e corri pelo caminho estreito e íngreme através do bosque, sem olhar para trás. Mesmo que me oferecessem todos os tesouros do mundo eu não teria voltado para a cabana outra vez. Era como se alguém lá esperasse por mim, no jardinzinho de urtigas. Alguém que me estava vigiando, e à escuta.

Jasper latia enquanto corríamos juntos. Julgava ser um novo brinquedo. Da primeira vez eu não atentara no raizame que as árvores estendiam sobre o caminho, como tendões onde a gente tropeça. Deviam limpar aquilo, pensei enquanto corria; que beleza pode haver em tal desordem? Era preciso podar as árvores, para que penetrasse luz no caminho.

Escuro, sombrio demais. Aquele eucalipto sufocado de trepadeiras parecia um membro branco de esqueleto; sob ele serpenteava um arroio turvo, silenciosamente correndo rumo à praia. Ali os pássaros não cantavam, como no vale. Tudo quieto, mas de uma quietude diferente, que deprimia, amedrontava. Mesmo correndo eu ouvia o rumor do mar, quando as águas batiam na caverna. Compreendi porque Maxim detestava aquela trilha e a caverna. Também passei a detestá-la. Fora uma tola em vir por esse caminho. Devia ter voltado para casa pelo Vale Feliz.

Muita satisfação me causou ver novamente os gramados, e a casa no meio, sólida e segura. Os bosques tinham ficado para trás. Eu pediria a Robert que me servisse o chá embaixo do castanheiro. Olhei para o relógio. Mais cedo do que pensara: nem quatro horas ainda. Teria que esperar um pouco.

Não era costume de Manderley servir o chá antes das quatro e meia. Senti-me contente de Frith ter saído. Robert não daria ao chá no jardim a importância dum cerimonial. Ao atravessar o gramado em direção ao terraço meus olhos perceberam um reflexo de sol sobre metal — coisa atrás dos rododendros, na curva. Firmei a vista. O radiador de um carro. Alguma visita? Mas se fosse, o carro estaria à frente da casa, não escondido na curva do caminho, atrás dos arbustos. Aproximei-me um pouco mais. Sim, um automóvel. Estranho. As visitas não procediam assim. E os fornecedores entravam sempre pela parte traseira. O carro de Frank não era — e eu o conhecia bem. Fiquei sem saber o que fazer. Se fosse alguma visita, Robert a teria introduzido na biblioteca ou no salão, e do salão poderiam ver-me quando eu atravessasse o gramado. E eu não queria que me surpreendessem vestida daquele modo; e ainda menos ter de convidá-los para o chá. Hesitei um instante à beira do gramado. Sem razão alguma, talvez porque o sol reverberasse por um momento no vidro, olhei para a casa e vi com surpresa que a veneziana de uma das janelas da ala oeste fora aberta. Alguém estava lá. Um homem. Creio que me viu, pois afastou-se bruscamente, e uma figura atrás dele estendeu o braço e fechou a veneziana.

Era o braço de Mrs. Danvers. Reconheci-o pela manga preta. Pensei por um instante que fosse um dos dias franqueados ao público, e que ela estivesse mostrando os quartos. Mas não podia ser; era Frith quem fazia isso. E Frith estava de folga naquele dia. Além do mais, os quartos daquela ala não eram exibidos ao público. Nem mesmo eu os tinha visitado ainda. Não, não era dia público. Ninguém vinha na terça-feira. Talvez se tratasse então de reparações em algum dos quartos. Era estranho, no entanto, que o homem se tivesse afastado assim que me viu e a janela fosse imediatamente fechada. E o carro também escondido atrás dos

rododendros, de maneira a não ser visto da casa? Enfim, isso era lá com Mrs. Danvers. Nada tinha a ver comigo. Se levava os seus amigos para a ala oeste, não era de minha conta, embora eu nunca houvesse observado isso antes.

Esquisito que tal acontecesse justamente num dia em que Maxim não estava em casa.

Atravessei o gramado um tanto constrangida, admitindo que me estivessem espiando por alguma fresta.

Subi os degraus da frente e entrei no hall. Não havia sinal de chapéu estranho, ou bengala, e nenhum cartão na salva.

Evidentemente não era uma visita oficial. Bem, eu nada tinha com aquilo. Fui para o jardim de inverno lavar as mãos, para não ter que subir. Seria desagradável encontrá-los cara a cara na escada, ou pelos corredores. Lembrei-me do meu tricô deixado na saleta, antes do almoço, e atravessei o salão para ir buscá-lo com Jasper atrás de mim. Encontrei aberta a porta da saleta, e notei que meu saco de trabalho não estava onde o deixara, no divã; alguém o tirara e o pusera noutro ponto.

Havia a marca do corpo de uma pessoa no lugar onde o meu trabalho estivera. Alguém se sentara ali recentemente e afastara o meu tricô. A cadeira da escrivaninha também fora movida. Evidentemente Mrs. Danvers recebia visitas na saleta, quando Maxim e eu estávamos ausentes. Experimentei uma sensação desagradável; preferia não ter sabido. Jasper farejava perto do divã e sacudia a cauda. Ele, ao menos, não suspeitava do visitante. Peguei no saco de trabalho e saí. Nisto a porta do salão que dava para o corredor de pedra abriu-se e ouvi rumor de vozes. Recuei a tempo para a saleta. Não me tinham visto.

Esperei atrás da porta, franzindo as sobrancelhas para o cão, que ficara entre as duas salas, olhando-me com a língua de fora e a sacudir a cauda. Jasper ia trair-me. Fiquei imóvel, contendo a respiração.

Ouvi então a voz de Mrs. Danvers: — Creio que ela foi para a biblioteca. Voltou mais cedo por qualquer motivo. Se está na biblioteca, você poderá atravessar o hall sem ser visto. Espere; vou verificar. Mrs. Danvers falava de mim. Meu desconforto aumentou.

Era tão esquisita aquela história toda! Eu não queria pegar Mrs. Danvers em falta. Súbito, Jasper virou rapidamente a cabeça para a sala de visitas, e saiu andando, sacudindo a cauda.

— Olá, bandido! ouvi dizer uma voz de homem. Jasper pôs-se a latir, e eu olhei desesperadamente à minha volta, procurando lugar para esconder-me. Inútil. E então ouvi passos bem próximos. Um homem entrou na saleta. Não me viu a princípio, porque eu me escondera atrás da porta, mas Jasper deu um salto para mim, latindo contente.

O homem voltou-se e viu-me. Nunca na minha vida dei com pessoa mais surpreendida. Eu era o ladrão; ele o dono da casa.

— Perdão! exclamou, olhando-me de alto a baixo.

Era um sujeito grandalhão, pesado, bonito e queimado de sol. Com esse olhar atrevido, ardente, que associamos às pessoas que bebem muito e levam vida desregrada. Cabelos ruivos, como a pele. Dentro de poucos anos a gordura tomaria conta do seu corpo, e o pescoço cairia em dobras sobre o colarinho. A boca o traía — era macia, muito rosada. Senti cheiro de uísque. Ele começou a sorrir a espécie de sorriso que daria a todas as mulheres.

— Espero que não a tenha assustado, minha senhora.

Eu saí de trás da porta, parecendo com certeza tão tola quanto me sentia.

— Não, claro que não, disse eu. Ouvi vozes, mas não sabia quem era. Não estava esperando visitas esta tarde.

— Que cúmulo, imagine eu intrometendo-me aqui na casa deste jeito, começou ele em voz animada. Espero que me perdoe. O fato é que dei uma chegadinha aqui para ver a Danny, que é uma velha amiga minha.

— Está muito bem.

— Querida e velha Danny! disse ele. Tem tanto cuidado, coitada, em não incomodar ninguém. Não queria aborrecer a senhora.

— Oh, isso não tem importância, murmurei, enquanto Jasper pulava e fazia festas ao visitante.— Este miserável não se esqueceu de mim? disse o homem. Está um belo animal. Era ainda pequeno

quando o vi pela última vez. Muito gordo. Precisa de um pouco mais de exercício.

— Acabo de levá-lo para uma volta.

— Sim? Que bondade a sua, disse ele, e continuou a brincar com Jasper, sorrindo para mim com familiaridade.

Depois tirou a cigarreira. Aceita um? perguntou.

— Não fumo.

— Não fuma? Oh! e tirando um cigarro acendeu-o.

A despeito de não dar muita importância a essas coisas, achei aquilo esquisito, aquela liberdade assim em casa dos outros. Evidentemente não era homem de boas maneiras.

Pouco polido.

— Como vai o velho Max? O tom de voz surpreendeu-me, soou como se conhecesse Maxim a fundo. Era esquisito, no entanto, ouvi-lo dizer "Max", quando todos diziam Maxim.

— Vai muito bem, obrigada. Está em Londres.

— E deixou a esposa sozinha em casa! Isso não está certo. Não tem medo que alguém venha raptá-la? Disse e riu-se, abrindo a boca. Não gostei do riso, que me pareceu insultante. Justamente nesse momento Mrs. Danvers entrou na saleta. Volveu os olhos para mim. Senti-me gelar.

Oh, Deus, pensei, como ela deve odiar-me! — Olá, Danny, você aqui! disse o homem. Eram preocupações inúteis. A dona da casa estava se escondendo atrás da porta. Ele riu-se de novo. Mrs. Danvers nada falou, continuou com os olhos em mim. — Bem, não vai me apresentar? perguntou ele. Afinal de contas é esse o hábito, não é? Prestar os devidos respeitos à recém-casada.

— Mr. Favell, senhora, disse Mrs. Danvers, falando em voz pausada, quase contra a vontade.

— Prazer em conhecê-lo, balbuciei, fazendo um esforço para ser amável. E depois: Não quer ficar para o chá? Aquilo pareceu diverti-lo; voltou-se para Mrs. Danvers: — Então, convite amável, não é? Fui convidado para o chá. Em nome de todos os deuses, Danny, tenho vontade de aceitar.

Vi-a lançar-lhe um olhar rápido, de aviso. Eu não "me sentia absolutamente à vontade. Aquela situação era equívoca, absurda,

completamente fora de propósito.

— Bem, talvez tenha razão, disse ele. Teria sido, no entanto, muito divertido! Creio que é tempo de ir rodando, não é mesmo? Venha ver o meu carro. — Sempre a mesma familiaridade ofensiva. Eu não queria ver carro nenhum.

Sentia-me constrangida, embaraçada. — Venha! insistiu ele É um carrinho muito ajeitado, bem mais veloz que qualquer que o pobre Max jamais tenha tido.

Não pude pensar em desculpa alguma. Tudo aquilo era tão forçado e tão estúpido! O homem me desagradava. E por que Mrs. Danvers ali a olhar para mim, com aquela expressão contida no olhar? — Onde está o carro? perguntei em voz sumida.

— Atrás da curva do caminho. Não cheguei até a porta para não incomodá-la. Pensei que fizesse repouso depois do almoço.

Eu nada disse. A mentira era por demais flagrante.

Andamos todos pelo salão e através do hall. Vi-o olhar de relance por sobre o ombro para piscar para Mrs. Danvers.

Mas Mrs. Danvers não retribuiu. A expressão do seu rosto era dura e sombria. Jasper correu à nossa frente, muito alegre com a presença do visitante. Devia conhecê-lo bem.

— Creio que deixei o boné no carro, disse o homem, fingindo olhar à sua volta quando passamos pelo hall. Por falar nisso, não foi por aqui que vim. Esgueirei-me pelos fundos, e surpreendi Danny no seu antro. Vem ver o carro também? Ele olhou interrogadoramente para Mrs. Danvers, que hesitou observando-me com o rabo dos olhos.

— Não. Adeus, Mr. Jack.

O homem pegou-lhe a mão e sacudiu efusivamente.

— Adeus, Danny, continue a passar com saúde. Você sabe como comunicar-se comigo sempre que o desejar. Fez-me muito bem tê-la visto outra vez.

Adiantou-se pelo caminho, com Jasper dançando em volta e eu a segui-lo lentamente, ainda bem pouco à vontade.

— Querida e velha Manderley! exclamou olhando para as janelas. Não mudou em nada. Danny se encarrega de tudo.

Que mulher extraordinária, hein? — Sim, muito eficiente.

— E o que é que a senhora acha de tudo isso? Gosta de estar enterrada aqui? — Gosto muito de Manderley, respondi secamente.

— Não estava vivendo no sul da França quando Max a encontrou? Monte Carlo, não é? Eu conheço muito bem Monte Carlo.

— Sim, eu estava lá.

Tínhamos alcançado o carro. Verde, tipo esporte, bem combinado com o seu dono.

— Que tal acha? perguntou ele.

— Muito bonito, respondi com polidez.

— Quer dar uma volta, até a portaria? — Não, creio que não. Sinto-me cansada.

— Talvez não ache que fique bem para a senhora de Manderley ser vista em companhia de uma pessoa como eu, não é isso mesmo? disse ele rindo-se, sacudindo a cabeça para mim.

— Oh, não é por isso, respondi corando.

Ele continuou a olhar-me de cima para baixo com expressão divertida, com aqueles olhos desagradáveis, de maneira em excesso familiar, quase atrevida. Eu me senti qual uma garçonete.

— Oh, está bem, não devemos desencaminhar a recém-casadinha, não é mesmo, Jasper? Seria muito mal feito.

Tomou o boné e um par de enormes luvas de motorista, cuspiendo fora o cigarro.

— Adeus! disse, estendendo-me a mão. Foi muito divertido o nosso encontro.

— Adeus, respondi.

— E escute uma coisa, disse ele em voz despreocupada.

Será muita bondade e muita camaradagem de sua parte não mencionar esta minha visitinha a Max. Ele não me aprecia, não sei porque; e talvez isso colocasse a velha Danny em apuros.

— Não, disse eu, constrangida. Não tenha receio.

— É muita camaradagem sua. Tem certeza de que não mudou de ideia e não deseja um passeio? — Prefiro voltar para casa.

— Adeusinho, então. Talvez volte qualquer dia para uma visita. Para baixo, Jasper, você vai estragar-me a pintura do carro.

Escute cá, acho o cúmulo Max ter ido para Londres deixando-a aqui sozinha...

— Eu não me incomodo. Gosto de estar sozinha.

— Verdade? Que coisa extraordinária! Não está certo, sabe? Contra a natureza. Há quanto tempo está casada? Três meses, não é? — Mais ou menos.

— Ora, eu gostaria de ter uma esposa de três meses esperando por mim em casa! Sou um pobre solteirão solitário. Riu-se de novo e abaixou o boné sobre os olhos.

Que os deuses a protejam! disse e deu partida ao carro, e lá se foi de escapamento aberto; Jasper o seguiu com o olhar, de orelhas baixas, a cauda entre as pernas.

— Vamos embora, não seja tolo! e encaminhei-me lentamente em direção à casa. Mrs. Danvers desaparecera.

Toquei a campainha do hall. Ninguém atendeu durante cinco minutos. Toquei de novo. Veio Alice, com ar um tanto ofendido.

— Alice, onde está Robert? Estou com vontade dum chá sob o castanheiro.

— Robert foi ao correio e ainda não voltou, senhora. Mrs.

Danvers deu-lhe a entender que a senhora chegaria tarde para o chá. Frith também saiu. Mas se deseja o chá agora, poderei servi-la. Não creio que sejam quatro e meia.

— Oh, não tem importância, Alice. Espero a volta de Robert, disse eu.

Com certeza quando Maxim partia tudo se relaxava automaticamente. Eu nunca vira Frith e Robert saírem ao mesmo tempo. Era dia de folga de Frith, naturalmente, e Mrs.

Danvers mandara Robert ao correio. E eu devia sair para um longo passeio a pé. Aquele homem, o tal Favell, escolhera bem a hora para visita a Mrs. Danvers. Bem escolhida até demais! Havia qualquer coisa de equívoco em tudo. Sim. E aquela história de pedir-me para nada dizer a Maxim.

Gostaria de saber quem era o tal Favell. Tratava Maxim de "Max", o que não era usual. Eu vira esse nome escrito uma vez, na primeira página de um livro, em letras finas e inclinadas, estranhamente pontudas, a cauda do M bem marcada, longa. Eu

julguei que só uma pessoa no mundo soubera dessa palavra "Max"...

E, enquanto ficava ali no hall, ainda indecisa sobre o chá, ocorreu-me subitamente a ideia de que talvez Mrs. Danvers não fosse honesta, e que andasse tramando alguma coisa contra Maxim. Voltando inesperadamente eu a descobrira e a esse homem, seu cúmplice, o qual usara de um blefe: fingir-se conhecedor de Maxim e da casa. Que andariam eles fazendo na ala oeste? Por que teriam fechado as venezianas quando me viram no jardim? Senti-me tomada de vaga inquietação, ao refletir sobre essas coisas. Frith e Robert tinham estado fora, e as empregadas geralmente se recolhiam aos seus quartos durante a tarde, para trocar de roupa. Mrs. Danvers, então, era a senhora única da casa. Suponhamos que esse homem fosse um ladrão e ela cúmplice? Havia coisa de muito valor na ala oeste. Tive um impulso súbito e irresistível de esgueirar-me pelas escadas até lá, para tudo verificar por mim mesma.

Robert ainda não voltara, e eu tinha tempo. Hesitei, ainda olhando a galeria. A casa parecia muito quieta e silenciosa; todos os empregados recolhidos. Jasper entrou a beber ruidosamente na sua vasilha embaixo das escadas, e o som ecoou por todo o hall de pedra. Comecei a subir devagarinho.

Meu coração batia descompassadamente, de um modo estranho.

**14**

**ENCONTREI-ME NO CORREDOR** onde estivera naquele dia. Nunca mais lá voltara, nem tampouco desejava voltar. O sol infiltrava-se pela janela da alcova, pondo inesperadas manchas de ouro nas tapeçarias escuras.

Não ouvi som algum, e senti de novo o mesmo cheiro úmido de coisa fechada. Fiquei incerta sobre a direção a tomar. O plano dos quartos me era desconhecido; mas lembrei-me que Mrs.

Danvers saíra de uma porta por ali bem atrás de mim, e a posição do quarto parecia indicar ser ele o que eu procurava; as janelas davam para o gramado. Virei o trinco e entrei. Estava escuro, com as venezianas fechadas.

Procurei pelo comutador elétrico e acendi a luz. Quarto pequeno, de vestir, pensei, com grandes guarda-roupas encostados às paredes; no fundo, outra porta aberta, que dava para um aposento maior. Fui até lá e acendi a luz. Minha primeira impressão foi de surpresa, pois o quarto estava completamente mobiliado, como se estivesse em uso.

Eu esperava ver mesas e cadeiras envoltas em lençóis, e também lençóis cobrindo a grande cama de casal. Mas não.

Havia escovas e pentes no toucador, e perfumes, e pó de arroz.

A cama estava arrumada; notei o brilho do linho engomado nos travesseiros, e a ponta de um cobertor por baixo da colcha.

Flores no toucador e na mesa ao lado da cama. Flores também sobre a chaminé ricamente esculpida. Um roupão de cetim sobre uma cadeira, e um par de sandálias no chão, ao lado. Por um momento pensei que algo de muito estranho acontecera, e que eu estivesse vendo o passado — o quarto como fora antes de Rebecca ter morrido... Dentro de um minuto ela própria entraria ali, sentaria em frente ao espelho do toucador, cantarolando, pegaria um pente e alisaria os cabelos. Se viesse, eu poderia ver o seu reflexo no espelho, e também ela me veria, ali parada, perto da porta. Mas nada disso aconteceu. E Continuei de pé, esperando alguma coisa. O tique-taque do relógio de parede trouxe-me novamente à realidade. Os ponteiros marcavam quatro e vinte e cinco, a mesma hora do meu relógio de pulso. Há qualquer coisa de normal, de confortador, no tique-taque de um relógio. Faz-me lembrar o presente, o chá que breve me esperará no jardim. Caminhei lentamente até o centro do quarto. Não, não estava em uso, ninguém mais vivia ali. Nem mesmo as flores podiam fazer desaparecer o cheiro de mofo. Cortinas abaixadas, venezianas fechadas; Rebecca nunca mais voltaria àquele ambiente.

Mesmo que Mrs. Danvers pusesse flores frescas nos vasos, ou lençóis engomados na cama, nada disso poderia fazê-la voltar.

Estava morta. Morta há um ano. Enterrada na cripta da igreja, ao lado de todos os outros de Winter também já mortos.

Eu podia ouvir distintamente o ruído do mar, e fui até à janela para abrir as venezianas. Sim, era ali que Mrs. Danvers e Favell tinham estado meia hora antes. A claridade do sol fez parecer falsa a luz elétrica no quarto. Abri um pouco mais a veneziana. A luz do dia pôs desenhos brancos sobre a cama, brilhou sobre um porta-camisola colocado em cima do travesseiro, cintilou nos cristais do toucador, nas escovas, vidros de perfume.

Deu ao quarto um ar ainda maior de realidade. Com as venezianas fechadas, e a luz elétrica, o aposento tinha a aparência de um cenário de teatro. Mas a claridade do dia tornava-o vivido, real. Esqueci-me do cheiro de mofo, e das cortinas cerradas sobre as outras janelas. Eu era de novo uma hóspede não convidada, que entrara por engano no quarto da dona da casa. Ali estavam suas escovas, e sandálias, e o roupão.

Pela primeira vez notei, desde que ali entrara, que minhas pernas tremiam e eu estava desfalecente. Sentei-me no tamborete do toucador. Meu coração parara de bater agitado; parecia chumbo. Olhei em volta, um tanto atordoada. Sim, era belo. Mrs. Danvers não exagerava no que dissera. Estava ali o quarto mais belo da casa. A encantadora lareira, o teto, o leito esculpido, as tapeçarias, até o relógio da parede e os candelabros na mesa à minha frente — coisas que eu muito teria apreciado e amado se fossem minhas. Mas não eram minhas; pertenciam a outra pessoa. Estendi a mão e toquei as escovas; vi que uma estava mais usada que as restantes. Como o meu rosto parecia branco e fino visto ao espelho! Seria eu sempre assim? Normalmente eu devia apresentar um pouco mais de corado nas faces. A minha imagem ao espelho olhou para mim com ar macilento e sem beleza.

Levantei-me e fui tocar o cetim do roupão sobre a cadeira, tomei as sandálias, olhei-as de perto. Senti uma crescente sensação de horror, de horror que se foi transformando em desespero. Passei a mão pelo acolchoado da cama, acompanhei com o dedo o

monograma do porta-camisola, as letras R de W, entrelaçadas. Letras firmes e fortes contra o cetim cor de couro. A camisola estava dentro, delicada e fina, cor de damasco. Tirei-a do invólucro, quis senti-la contra o meu rosto. Estava fria, muito fria, e ainda com uma ligeira mancha no lugar onde fora pingado o perfume. Perfume de azáleas brancas. Dobrei-a de novo, guardei-a; mas ao fazê-lo notei, com tristeza no coração, que havia rugas na camisola, que a fazenda estava amarrotada, não tendo sido tocada ou lavada desde que a tinham usado pela última vez.

Um impulso repentino me afastou da cama; fez-me voltar para a pequena antecâmara dos armários. Abri um deles. Cheio de roupa, exatamente como eu pensara. Vi vestidos de noite: aqui um brilho de prata, ali um pedaço de lamé dourado. Depois, ao lado, o colorido quente de um veludo cor de vinho. Uma cauda de cetim branco, arrastando-se no chão do guarda-roupa. E espiando-me pelo furo de um pedaço de papel, numa prateleira, lá estava um leque de penas de avestruz...

O armário tinha um cheiro esquisito de coisa fechada. O perfume de azálea, tão delicado no ar, deteriorara-se no ambiente abafado, manchando o vestido cor de prata e o lamé de ouro. Fechei os armários e fui de novo para o quarto de dormir. O jorro de luz que vinha pela veneziana entreaberta ainda brilhava sobre a coberta da cama, fazendo sobressair distintamente o R alto e inclinado do monograma.

Súbito ouvi passos atrás de mim; Mrs. Danvers. Nunca me esquecerei da expressão do seu rosto. Triunfante, ávida, excitada de uma maneira estranha, anormal, doentia. Tive medo.

— Aconteceu alguma coisa, senhora? Tentei sorrir mas não consegui. Experimentei falar.

— Não se sente bem? perguntou-me, aproximando-se mais, falando muito suavemente. Recuei. Creio que teria desmaiado se ela se achegasse um pouco mais. Sentia a sua respiração sobre o meu rosto.

— Estou bem, Mrs. Danvers, disse depois de um momento. Não esperava encontrá-la aqui. Estive olhando para cima, lá do

gramado, e notei uma das venezianas entreabertas. Subi então para fechá-la.

— Deixe que eu o faça, respondeu Mrs. Danvers — atravessando silenciosamente o quarto foi fechar a janela. A claridade do dia desapareceu. O quarto caiu novamente no irreal, na luz amarelada e falsa. Irreal e tétrico.

Mrs. Danvers voltou para junto de mim. Sorriu e em vez de mostrar-se reservada e inacessível como sempre, revelou-se inesperadamente familiar, adúladora mesmo.

— Por que me disse que as venezianas estavam abertas? Eu mesma as fechei antes de sair do quarto. A senhora abriu agora, não foi? Queria ver o quarto... Por que nunca me pediu que o mostrasse? Eu estaria pronta para fazê-lo, todos os dias; bastava pedir-me.

Eu queria fugir mas não podia; meus olhos continuavam presos aos seus, como fascinados.

— Agora que está aqui, deixe-me mostrar-lhe tudo, disse ela com voz amável, insinuante e doce como mel e ao mesmo tempo horrível e falsa. Sei que quer ver tudo, que sempre o quis, mas nunca teve coragem de o confessar. É um quarto lindo, não é? O quarto mais lindo que jamais viu.

Pegou-me pelo braço e levou-me até a cama. Não pude resistir; eu era como uma coisa sem vida, sem vontade. O contacto daquela mão pôs-me arrepios pelo corpo. E sua voz era abafada e íntima, uma voz que eu detestava e temia.

— Era esta a cama onde ela dormia. Cama linda não é? Conservo a coberta cor de ouro, que era a preferida. Aqui está a camisola dentro do saco. Esteve pegando nela, não esteve? É a camisola que usou pela última vez, antes de morrer. Gostaria de tocá-la de novo? Tirou a camisola e pô-la à minha frente. Sinta-a, segure-a.

Veja como é leve e macia. Não a lavei desde que ela a usou pela última vez. Coloquei-a desta maneira, e também as sandálias e o roupão, exatamente como na noite em que não voltou, na noite em que se afogou... Mrs. Danvers dobrou a camisola e guardou-a de novo. Eu fazia tudo para ela, a senhora sabe, disse, pegando-me

de novo pelo braço e levando-me até a cadeira. Experimentamos uma empregada atrás da outra, mas nenhuma agradou. "Você me serve melhor do que qualquer outra, Danny querida", dizia ela, "e não quero mais ninguém a não ser você". Veja, aqui está o seu roupão. Ela era muito mais alta do que a senhora, como pode ver pelo comprimento deste roupão. Meça-o. Veja como passa dos tornozelos. Tinha um belo porte, sim! Aqui estão as suas sandálias. Os pés eram pequenos para a altura.

Pegue na sandália. Pequeninas, não? Mrs. Danvers fez-me pegar as sandálias, sorrindo todo o tempo, fitando-me nos olhos.

— Ninguém suporia que fosse tão alta, não é mesmo? Estas sandálias serviriam para um pé muito pequeno. Era tão magra, também, que ninguém a julgaria tão alta antes de vê-la de perto. Exatamente da minha altura. Mas ali na cama parecia um fiapo de gente, com aquela massa de cabelos negros à volta do rosto, como auréola. Mrs. Danvers pôs os chinelos no chão e o roupão sobre a cadeira. Viu suas escovas? perguntou-me em seguida, levando-me ao toucador. Ainda estão aqui como as deixou — não foram lavadas, nem tocadas.

Eu tinha o costume de escovar os seus cabelos todas as noites, com ela sentada neste tamborete aqui, durante vinte minutos.

Ultimamente usava os cabelos cortados. Mas quando se casou, chegavam-lhe até a cintura. Mr. de Winter era quem os escovava então. Vim dezenas de vezes a este quarto, e o vi em mangas de camisa, com duas escovas na mão. "Mais forte, Max, ainda", dizia ela rindo — e ele obedecia.

Mrs. Danvers fez uma pausa, com a mão ainda sobre meu braço.

— Todos ficaram zangados quando ela cortou os cabelos.

Isso não a demoveu. "Ninguém tem nada comigo", disse. O cabelo cortado era muito mais cômodo para andar a cavalo ou pelo mar. Foi pintada a cavalo por um artista famoso, a senhora sabe. O quadro mereceu exposição na Academia. Viu-o? Sacudi a cabeça negativamente.

— Contaram-me que foi o sucesso daquele ano, continuou Mrs. Danvers; mas Mr. de Winter não gostou muito e não o quis em Manderley. Achou que não lhe fazia justiça.

A senhora gostaria de ver suas roupas, não gostaria? E sem esperar minha resposta levou-me ao quarto de entrada e abriu os armários, um por um.

— Guardo as peles aqui; as traças ainda não chegaram até elas, e duvido que cheguem. Não me descuido um só dia.

Pegue esta marta. Foi presente de casamento de Mr. de Winter. Ela me disse uma vez quanto custou, mas esqueci.

Esta chinchila aqui, quase que só a usava nas noites frias.

Este armário está cheio de vestidos de baile. A senhora já o abriu, não é? O trinco não está bem fechado. Creio que o lamé prateado era o que Mr. de Winter mais gostava que ela usasse. Mas podia usar qualquer coisa, suportar qualquer cor. Ficava linda com este vestido de veludo. Veja como é macio, ponha-o contra o rosto. O perfume ainda está fresco, não está? Parece até que ela acabou de usá-lo. Eu sabia quando ela passava por um quarto. O perfume que ficava no ar... Aqui estão as roupas de baixo, nesta gaveta. Nunca usou este jogo cor-de-rosa. Vestia um suéter e calças de homem, quando morreu. Mas foram arrancados do seu corpo pela água. Nada havia sobre ele, quando foi encontrado dois meses depois.

Os dedos de Mrs. Danvers apertaram o meu braço e ela curvou-se para mim — o rosto de espectro bem perto do meu, os olhos sombrios procurando os meus.

— As ondas a tinham despedaçado, a senhora sabe, continuou Mrs. Danvers num sussurro. O rosto lindo estava irreconhecível — e faltavam os dois braços. Mr. de Winter identificou-a. — Foi até Edgecombe especialmente para isso.

Foi sozinho. Estava muito doente na ocasião, mas foi assim mesmo. Ninguém o demoveu disso, nem mesmo Mr. Crawley.

Interrompeu-se, com o olhar ainda sobre mim. — Sempre hei de me censurar pelo acidente; foi minha culpa estar fora aquela noite. Eu tinha ido passar a tarde em Kerrith e demorei, pois Mrs. de Winter estava em Londres e só devia voltar à noite. Por isso não

me apressei. Quando voltei, às nove e meia mais ou menos, soube que ela regressara pouco antes das sete, jantara e saíra de novo. Fiquei preocupada. Soprava um forte vento sudoeste. Ela nunca teria ido se eu estivesse em casa, teria me atendido se eu pedisse que não fosse. E ficaríamos conversando sobre o que ela fizera em Londres, como era nosso costume.

Meu braço estava entorpecido pela pressão dos dedos de Mrs. Danvers.

— Mr. de Winter jantou na casa de Mr. Crawley, continuou ela. Não sei a que horas voltou, mas penso que depois das onze. O vento entrou a soprar fortíssimo pouco antes da meia-noite — e ela ainda não voltara. Desci; não havia luzes na biblioteca. Subi novamente e bati à porta do quarto de vestir. Mr. de Winter respondeu imediatamente.

Contei-lhe que estava preocupada com a demora de Mrs. de Winter. Ele esperou um momento; depois veio abrir a porta, de roupão. "Com certeza vai passar a noite na cabana", disse ele. "Se eu fosse a senhora, iria deitar-me. Ela não voltará, se o vento continuar assim." Parecia cansado, e eu não quis incomodá-lo mais. Muitas vezes ela dormira na cabana, pois navegava com qualquer espécie de tempo, com ou sem vento.

Talvez mesmo nem tivesse ido ao mar, e simplesmente quisesse passar a noite na cabana, como mudança, depois da agitação de Londres. Eu dei boa noite a Mr. de Winter e voltei para meu quarto. Mas não dormi. Fiquei pensando no que estaria ela fazendo.

Interrompeu-se. Eu não queria ouvir mais nada. Precisava livrar-me de Mrs. Danvers, fugir dali. Mas Mrs. Danvers continuou: — Fiquei sentada na cama até cinco e meia da manhã — e então não pude esperar mais. Vesti o meu casaco e fui para a praia pelo caminho do bosque. Estava clareando, mas caía uma garoazinha fina. O vento amainara. Quando cheguei, vi a boia — mas sem o barco...

Mrs. Danvers calou-se, tive a impressão de ver a caverna na madrugada cinzenta, sentir o chuvisco fino no meu rosto; e,

espiando através da neblina, perceber, indistinto e sombrio, o contorno escuro da boia...

Ela diminuiu a pressão sobre o meu braço, deixou a mão pender ao longo do corpo. Sua voz perdeu toda a expressão, tornou-se de novo a voz dura e mecânica de todos os dias.

— Um dos salva-vidas apareceu em Kerrith naquela tarde, e outro foi encontrado no dia seguinte por pescadores nos recifes abaixo do promontório. Pedacos do barco também apareceram com a maré, concluiu Mrs. Danvers, afastando-se de mim e fechando a cômoda; em seguida endireitou um dos quadros da parede, tirou um fiapo caído sobre o tapete. Fiquei a observá-la, sem saber o que fazer.

— A senhora sabe agora porque é que Mr. de Winter não usa mais estes quartos. Ouça só o mar...

Mesmo com as janelas fechadas e as venezianas trancadas eu podia ouvir o murmúrio obstinado, taciturno, das ondas a se chocarem nos calhaus brancos da caverna.

— Ele nunca mais usou estes quartos, depois da noite do desastre. Mandou remover o que era seu para um dos quartos do fundo do corredor. Mas não creio que dormisse muito, mesmo lá. Encontrávamos muita cinza de cigarro ao pé da poltrona, pela manhã. E passava o dia todo na biblioteca de lá para cá.

Mrs. Danvers fechou cautelosamente a porta entre o quarto e a antecâmara onde nos achávamos e apagou a luz.

Não vi mais a cama, nem o porta-camisola sobre o travesseiro, nem o toucador, nem as sandálias no chão. Ela atravessou o quarto pequeno, pôs a mão no trinco e esperou por mim.

— Eu mesma espano estes quartos todos os dias. Se quiser vir outra vez, basta avisar-me. Telefonar-me da saleta.

Compreenderei. Não consinto que as empregadas venham aqui. Ninguém entra, a não ser eu.

Suas maneiras voltaram a ser íntimas e desagradáveis, com aquele sorriso falso e artificial.

— Algumas vezes, quando Mr. de Winter estiver ausente, continuou ela, talvez a senhora se sinta sozinha, e queira vir até

estes quartos, sentar-se por algum tempo aqui. Basta avisar-me. São tão lindos! Ninguém diria, a julgar pela maneira como não conservados, que ela se foi já há tanto tempo, não é verdade? Parece que saiu por algumas horas, e está prestes a voltar.

Tentei sorrir. Não podia falar, tinha a garganta contraída e seca.

— E não somente aqui, continuou Mrs. Danvers. Em todos os quartos da casa, na saleta, no hall, até mesmo no pequeno jardim de inverno. Sinto a sua presença em toda a parte. E a senhora também, não é? Olhou-me com curiosidade, sua voz tornou-se um sopro.

— Às vezes, quando ando por este corredor, tenho a impressão de que a ouço atrás de mim. Aquele andar ligeiro, leve, que eu nunca deixaria de reconhecer. E também na galeria dos menestréis, em cima do hall. Posso ainda vê-la debruçada ali, nas noites de outrora, olhando para o hall embaixo, chamando pelos cães. Chego quase a vê-la certas vezes. É como se ouvisse o farfalhar do seu vestido varrendo as escadas quando descia para jantar.

Outra pausa. Mas os olhos sombrios nunca deixavam os meus — atentos, vigilantes.

— Acha que ela pode ver-nos, a conversar aqui uma com a outra? Acha que os mortos voltam e podem ver os vivos? Engoli em seco, enfiei as unhas na palma das mãos.

— Não sei, respondi. Não sei — e minha voz soou estridente e anormal — não era mais a minha voz.

— Às vezes fico pensando, disse ainda Mrs. Danvers. Às vezes fico pensando na hipótese de ela voltar a Manderley e ver a senhora e Mr. de Winter juntos aqui...

Estávamos perto da porta, olhando uma para outra. Eu não podia despregar o meu olhar do seu. Como eram escuros e sinistros aqueles olhos de caveira branca! Como eram malévolos, cheios de ódio e rancor! Nesse ponto ela abriu a porta que dava para o corredor e disse: — Robert já chegou há um quarto de hora. Tem ordem de levar o seu chá para o jardim.

Afastou-se para deixar-me passar. Atirei-me pelo corredor sem lhe dizer uma palavra; desci as escadas cegamente; enveredei pela porta que levava aos meus aposentos. Tranquei-me por dentro e guardei a chave no bolso.

Deitada, não pude dormir. Sentia-me como se fosse desfalecer.



**MAXIM TELEFONOU NO DIA SEGUINTE** para dizer que estaria de volta às sete horas. Deu o recado a Frith, sem pedir para falar comigo. Ouvi a campainha tocar quando tomava o meu café da manhã, e esperei que Frith viesse dizer: "Mr. de Winter está ao telefone, senhora".

Cheguei a pousar o guardanapo sobre a mesa e a me levantar da cadeira. Frith então entrou com o recado.

Ele vira-me afastar a cadeira e dirigir-me à porta.

— Mr. de Winter telefonou, senhora, mas não deu recado algum. Apenas avisou de que estaria de volta pelas sete.

Sentei-me de novo à mesa e peguei o guardanapo. Frith devia ter-me achado estupidamente pressurosa, correndo assim pela sala de jantar.

— Está bem, Frith, obrigada.

Continuei na minha refeição, com Jasper aos meus pés e o velho cão na sua cesta a um canto. Fiquei sem saber que emprego dar ao meu dia. Tinha dormido mal, talvez por estar sozinha no quarto. Passara uma noite desassossegada, acordando repetidas vezes. Quando pegava no sono vinham-me sonhos variados, erráticos. Estaríamos andando pelos bosques, Maxim e eu, ele sempre um pouco à minha frente.

Eu não conseguia acompanhá-lo, nem podia ver-lhe o rosto.

Apenas aquela figura caminhando à minha frente o tempo todo. Eu devia ter chorado enquanto dormia, pois dei com o travesseiro úmido pela manhã. Meus olhos também pareciam

pesados, quando me olhei ao espelho. Achei-me feia, pouco atraente. Passei um pouco de rouge no rosto, numa pobre tentativa de dar vida às faces. Foi pior. O rouge deu-me a aparência falsa de um palhaço. Talvez eu não soubesse pintar-me. Robert encarou-me quando atravessei o hall, de manhã, à hora do café.

Às dez horas mais ou menos estava eu dando migalhas aos pássaros no terraço; súbito, o telefone tocou novamente. Dessa vez para mim. Frith veio dizer que Mrs. Lacy desejava falar-me.

— Bom dia, Beatrice.

— Então, como vai, querida? disse ela, e sua voz ao telefone mostrou-se viva, masculina, tipicamente sua; Beatrice não perdia tempo com tolices; sem esperar por minha resposta foi dizendo: Pensei em ir de automóvel visitar vovó. Estou almoçando com uns amigos a vinte milhas daí. Quer que vá buscá-la também? Já é tempo de conhecer a velha, menina.

— Terei muito gosto em ir.

— Ótimo. Então está certo; vou buscá-la às três e meia mais ou menos. Giles esteve com Maxim no banquete.

Comida fraca, disse ele, mas vinho excelente. Bem, querida, até à tarde, então.

Desligou, e eu voltei para o jardim. Ótima a ideia de Beatrice. Tinha eu agora alguma coisa para quebrar a monotonia do meu dia. Ficavam tão longas as horas durante a ausência de Maxim! Eu não estava com disposição para ir até ao Vale Feliz com Jasper, nem até à gruta jogar pedras no mar.

A sensação de liberdade desaparecera-me, assim como o desejo infantil de correr pela grama, de sapatos de praia. Fui para o jardim das rosas levando o meu tricô, um livro, e um número do Times, muito caseira, bocejando ao calor do sol, enquanto as abelhas zumbiam sobre as flores.

Tentei concentrar-me na leitura do jornal, e depois do livro, para não pensar em Mrs. Danvers, nem na tarde da véspera. Tentei esquecer que ela se achava dentro de casa naquele momento, espiando-me talvez de uma das janelas...

De vez em quando, erguendo os olhos do livro e olhando através do jardim, eu tinha a impressão de não estar só.

Havia tantas janelas em Manderley, tantos cômodos não usados por Maxim ou por mim, silenciosos, cobertos de lençóis. Esses cômodos tiveram função nos velhos tempos, quando o pai e o avô de Maxim "recebiam" com extrema largueza. Seria fácil para Mrs. Danvers atravessar silenciosamente o quarto amortalhado para espiar-me por detrás das cortinas cerradas, sem que eu pudesse perceber a sua presença. Mesmo que me voltasse na cadeira e olhasse para cima, não veria. Lembrei-me do jogo infantil de nome "Acusado". Um dos jogadores fica de costas para os outros; e estes, devagarinho, sorrateiramente, tentam aproximar-se, um de cada vez. O jogador que está de costas vira-se de repente, e se acontece de surpreender um, este tem de recomeçar do ponto de partida. Mas sempre há um mais hábil que não se deixa pressentir. O jogador de costas conta até dez, como é do regulamento, e sabe, com apavorante certeza, que esse inimigo não tardará a atirar-se sobre ele, inesperadamente, invisível, com um grito de triunfo. Eu sentia a mesma tensão, a mesma expectativa angustiosa que de mim se apossava em criança durante esse brinquedo. Eu estava brincando de acusado com Mrs. Danvers.

O almoço veio quebrar a monotonia da longa manhã. A calma precisão de Frith, e a fisionomia um tanto apalermada de Robert, ajudaram-me mais que o jornal ou o livro que tentara ler. Às três e meia, exatamente, ouvi o rumor do carro de Beatrice, entrando no jardim. Corri-lhe ao encontro, já pronta, de luvas na mão.

— Bem, querida, aqui estou, disse ela. Que lindo dia, não? Bateu a porta e subiu os degraus da entrada para falar comigo. Deu-me um beijo firme e rápido, roçando-me perto da orelha.— Você não está com boa aparência, disse olhando-me de alto a baixo. Magra demais, e pálida. Que anda sentindo? — Nada, respondi humildemente, embora soubesse muito bem por que estava abatida. Nunca fui de muitas cores.

— Não me ilude, não. Está muito diferente da primeira vez que a vi.

— Com certeza o tom queimado que adquiri na Itália já desapareceu, respondi, entrando no carro.

— Absurdo! Você é como Maxim, não admite crítica à sua saúde. Feche bem a porta, o trinco não está pegando bem.

Começamos a descer o caminho.

— Não está por acaso esperando filho? perguntou Beatrice voltando-me os olhos escuros e perspicazes.

— Creio que não, respondi constrangida.

— Nenhum enjoo de manhã, ou coisa parecida?— Não.

— Oh, então... Às vezes isso não quer dizer nada. Não senti coisa alguma quando esperei o Roger. Passei otimamente os nove meses — e até joguei golfe na véspera do grande dia. Não há motivo para ficar encabulada sobre fatos da natureza, você sabe. Se tiver alguma desconfiança, é melhor dizer-me.

— Não, realmente não, Beatrice. Nada tenho para contar.

— Sinceramente desejo que você produza logo um herdeiro. Seria ótimo para Maxim. Espero que não esteja fazendo nada para evitar...

— Claro que não, respondi. Que conversa esquisita! — Não fique escandalizada, nem se incomode nunca com o que eu disser. As recém-casadas de hoje são capazes de tudo! É um transtorno para quem gosta de caçar, ver-se tolhida por uma gravidez logo na primeira temporada. Isso é o bastante para estragar um casamento — se ambos forem apaixonados pelo esporte. Já no seu caso não teria importância, porque as crianças não atrapalham a pintura. Por falar nisso — como vai de trabalhos? — Creio que não tenho feito grande coisa.

— Oh, realmente? Com um tempo tão bom para a vida fora de casa? A única coisa que tem de levar é o tamborete e a caixa de tintas. Diga-me, interessou-se pelos livros que mandei? — Muito. Foi um lindo presente, Beatrice.

— Ótimo. Fico satisfeita de que os tenha apreciado.

O carro ia a grande velocidade. Beatrice não tirava o pé do acelerador e fazia as curvas fechadíssimas. Dois passantes olharam-nos indignados das janelas dos seus automóveis e um pedestre sacudiu para nós a bengala. Corei por ela; Beatrice nem notou.

Encolhi-me mais ainda no meu banco.

— Roger vai para Oxford o semestre que vem, disse Beatrice. Só Deus sabe o que vai lá fazer. Perder tempo, acho eu, e Giles também — mas é o remédio. Naturalmente ele puxou por nós dois; só gosta de cavalos. Que será que esse carro aí na frente está pensando? Por que não mostra a mão, amigo? Francamente há muitas pessoas precisadas de tiro. Em certa curva escapamos por pouco de colidir com o carro à nossa frente.

— Já receberam algum hóspede? perguntou-me Beatrice.

— Não, temos levado uma vida muito quieta.

— Melhor isso. Uma cacetada, foi o que sempre achei.

Você não ficará alarmada, se vier passar uns tempos conosco. Gente muito boa das redondezas; conhecemo-nos todos muito bem. Jantamos uns em casa dos outros, jogamos bridge, e não nos importamos com o pessoal de fora. Joga bridge? — Assim, assim.

— Isso não tem importância, contanto que jogue. Não tolero gente que não procura aprender. Que se pode fazer entre o chá e o jantar, ou depois do jantar também, no inverno, se não jogar? Ficar sentado, conversando o tempo todo — impossível.

Fiquei sem saber por que não, mas não contestei.

— A casa anda muito divertida agora que Roger está grandinho e traz os amigos por uns dias; passamos um tempo muito agradável. Pena que você não tenha estado conosco no último Natal. Brincamos de charadas. Foi divertidíssimo.

Giles estava no seu elemento. Adora fantasiar-se; e depois de uma ou duas taças de champanhe vira a criatura mais engraçada do inundo. Dizemos-lhe sempre que errou de vocação — devia ter entrado para o palco.

Lembrei-me de Giles, com aquele rosto de lua cheia e óculos de aro, e achei que me sentiria embaraçada se o visse fazendo graças depois de algum champanhe.

— Ele e um outro, chamado Dickie Marsh, vestiram-se de mulher e cantaram um dueto, continuou Beatrice. Ninguém sonhava que relação tinha aquilo com a charada, mas todos morreram de rir.

Sorri cortesmente murmurando: "Que engraçado!" Tive a visão do grupo a torcer-se de riso no salão de Beatrice, todos

aqueles amigos se conheciam tão bem. Roger devia ser parecido com Giles. Beatrice estava rindo à lembrança da festa.

— Pobre Giles! exclamou. Nunca me esquecerei da expressão de sua cara quando Dickie esguichou um sifão nas suas costas. Quase perdemos o fôlego de tanto rir.

Tive um pressentimento desagradável — de que talvez fôssemos passar o próximo Natal com Beatrice. Talvez eu pudesse livrar-me com uma gripe; sempre era uma esperança...

— Claro que nossas representações nada têm de pretensiosas. Brincadeira apenas entre nós. Já em Manderley há campo para representações realmente sérias. Lembro-me de uma havida há alguns anos. Veio muita gente de Londres.

Mas uma coisa dessas exige uma organização terrível.

— Sim...

Beatrice guardou silêncio por alguns minutos.

— Como vai indo Maxim? perguntou depois.

— Muito bem, obrigada. — Alegre e satisfeito? — Sim, creio que sim.

A rua estreita de um vilarejo tomou toda a atenção de Beatrice. Fiquei pensando se lhe contaria o caso de Mrs.

Danvers e Favell. Meu receio era que ela agisse estouvadamente e fosse contar a Maxim, — Beatrice, decidi-me afinal, já ouviu falar de um tal Favell? Jack Favell? — Jack Favell? repetiu ela. Sim, conheço o nome.

Espere... Jack Favell, é isso. Um indesejável. Encontrei-o uma vez, há séculos.

— Ele apareceu ontem em Manderley, de visita a Mrs. Danvers.

— Realmente? Creio que...

—?!...

— Sim, tenho quase certeza de que era primo de Rebecca.

Fiquei deveras surpreendida. Aquele homem, parente de Rebecca? Evidentemente não era o tipo de primo que eu imaginaria para Rebecca. Jack Favell, seu primo! — Oh, não sabia disso, respondi.

— Talvez tivesse o hábito de ir muito a Manderley, disse Beatrice. Não sei; não posso dizer nada porque nunca fui muito frequentadora de Manderley.

Tive a impressão de que Beatrice não queria continuar no assunto.

— Não simpatizei nada com ele, disse eu.

— Não é de admirar.

Esperei, mas Beatrice nada mais adiantou. Achei melhor não contar que Favell me pedira segredo da visita. Podia engendrar complicações. De mais a mais já estávamos chegando ao nosso destino. Dois portões brancos e uma entrada de pedregulho fino.

— Não se esqueça que a vovó é quase cega, recomendou Beatrice. E não anda muito certa dos miolos, nestes últimos tempos. Telefonei à enfermeira para avisar que viríamos; tudo há de correr bem.

A casa era grande, de tijolinhos vermelhos. Do tempo da rainha Vitória, supus eu. Mas nada atraente. Pude ver num relance que era o tipo das residências agressivamente bem arranjadas, com uma multidão de criados para cuidar de tudo.

E tudo para uma velhinha já quase cega.

Uma empregada muito correta veio abrir a porta.

— Boa tarde, Norah, como vai? saudou Beatrice.

— Muito bem, obrigada, senhora. Espero que estejam todos bem em sua casa.

— Oh, sim, todos florescentes. Como vai a velha? — Um tanto confusa, senhora. Um dia bem outro mal.

Mas vai ficar contente de vê-la — e a empregada olhou curiosamente para mim.

— Mrs. Maxim, disse Beatrice.

— Sim, senhora. Boa tarde.

Atravessamos um hall estreito e uma sala de visitas abarrotada de mobília, e fomos até uma varanda que abria para o gramado. Nos degraus da escada que descia para o gramado vi vasos de pedra com alegres gerânios. A um canto, numa cadeira de rodas, encontrei a avó de Beatrice, entalada entre almofadas e coberta de xales. Quando me aproximei vi que tinha uma estranha

semelhança com Maxim. Maxim muito velho e cego ficaria assim. A enfermeira a seu lado levantou-se ao nos ver; pôs marca no livro que estava lendo em voz alta.

Sorriu para Beatrice.

— Como vai, Mrs. Lacy? Beatrice apertou-lhe a mão e me apresentou.— A velha está com boa aparência, comentou em seguida. Não sei como consegue esse milagre, aos oitenta e seis anos! Aqui estamos, vovó! prosseguiu Beatrice elevando a voz. Chegamos sãs e salvas.

A velha senhora olhou em nossa direção.

— Querida Bee, balbuciou, trêmula. Que gentileza a sua de vir ver-me. É tão insípido aqui... sem nada para fazer o dia todo...

Beatrice curvou-se e beijou-a.

— Trouxe comigo a mulher de Maxim, que quer conhecer a avozinha. Queria vir antes, mas ela e Maxim têm vivido muito ocupados.

Beatrice deu-me um tapinha nas costas.

— Beije-a.

Inclinei-me e beijei a velha na face. Em retribuição ela tocou-me o rosto com os dedos.

— Que boazinha! disse. Grande gentileza a sua de vir visitar-me. Dá-me muito prazer, querida. Por que não trouxe Maxim? — Maxim está em Londres. Deve voltar hoje à noite.

— Precisa trazê-lo da próxima vez. Sente-se aqui nesta cadeira, querida, para que eu possa vê-la. E você, Bee, venha para este lado. Como vai o caro Roger? Ele é um mau menino, nunca me vem ver.

— Virá em agosto, gritou Beatrice. Vai deixar o colégio de Eton, a senhora sabe, para entrar no de Oxford.

— Oh, meu Deus, já estará então um moço feito e não o reconhecerei.

— Já está mais alto que o Giles, informou Beatrice — e não mais parou de falar sobre Roger, e Giles, e os cães e os cavalos. A enfermeira manejava as agulhas de tricô rapidamente. Voltou-se para mim, cheia de vivacidade, alegre.

— Que tal está achando Manderley, Mrs. de Winter? — Estou gostando muito, obrigada.

— Um lindo lugar, não é mesmo? disse batendo as agulhas uma contra a outra. Sempre apreciei muito os dias que passávamos em Manderley. Já agora isso não é mais possível para ela — na sua idade.

— Apareça lá um dia, convidei.

— Muito obrigada. Seria grande o meu prazer. Mr. de Winter sempre bem, com certeza? — Sim, bem.

— Passaram a lua de mel na Itália, não é mesmo? Ficamos tão contentes com o postal que Mr. de Winter nos mandou...

Pus-me a pensar se ela usaria o "nós" no sentido aristocrático ou se considerava uma só pessoa, a sua e a da avó de Maxim.

— Mandou ele um cartão? Não me recordo...

— Oh, sim, e foi muito apreciado. Temos um álbum onde colocamos tudo que se relaciona com a família. Tudo que é agradável, naturalmente...

— Boa ideia, comentei.

Eu apanhava trechos da conversa de Beatrice, do outro lado.

— Sim, tivemos que sacrificar o velho Marksman.

Lembra-se do velho Marksman? O melhor cavalo de caça que jamais possuímos.

— Sério? O velho Marksman? lamentou a velhinha.

— Sim, o coitado. Ficou cego dos dois olhos.

— Pobre Marksman! Achei que talvez não houvesse muito tato em falar sobre cegos e olhei de relance para a enfermeira. Ela, indiferente, continuava a manejar apressada as agulhas de tricô.

— A senhora cultiva a caça, Mrs. de Winter? — Não, infelizmente não.

— Talvez logo se interesse por isso. Gostamos muito de caça por estes lados.

— Sim? — Mrs. de Winter prefere o cultivo da arte, interveio Beatrice voltando-se para a enfermeira. Há muitos sítios em Manderley próprios para a pintura.

— Oh, certamente, concordou a enfermeira, moderando a fúria de tricotar. Que interessante! Tenho uma amiga, que é um

gênio no pincel. Fomos uma vez juntas à Provença, durante a Páscoa — e que lindas coisas ela pintou! — Interessante! murmurei.

— Estamos falando de pintura, gritou Beatrice para a avozinha. Não sabia que tínhamos uma artista em casa? — Quem é essa artista? Não a conheço...

— Sua nova neta, gritou Beatrice. Pergunte-lhe qual foi o meu presente de casamento.

Sorri, à espera da pergunta. A velha voltou a cabeça na minha direção.

— Sim! Eu não sabia que você era pintora. Nunca tivemos nenhuma na família.

— Brincadeira de Beatrice, protestei. Não sou nenhuma artista. Gosto de desenhar como passatempo, mas nunca tive professor. Beatrice deu-me uma linda coleção de livros, de presente.

— Oh, Beatrice deu-lhe uns livros? repetiu a velha um tanto confusa. É o mesmo que levar carvão para Newcastle, não acha? Há tantos livros na biblioteca de Manderley! Riu gostosamente e todos fizemos coro. Desejei que o assunto morresse ali, mas Beatrice insistiu: — A senhora não compreende, vovó. Não eram livros comuns. Eram sobre arte. Seis volumes.

A enfermeira curvou-se para dar cooperação.

— Mrs. Lacy está dizendo que Mrs. de Winter gosta muito de desenhar como passatempo. E que lhe deu seis belos volumes sobre pintura, como presente de casamento.

— Que coisa engraçada! exclamou a velha. Não acho lá grande coisa isso de dar livros como presente de casamento.

Ninguém me deu livros quando me casei. E se me dessem não os leria...

Riu-se de novo. Beatrice mostrou expressão ofendida. A enfermeira recaiu no tricô.

— Quero o meu chá, rosnou a velha em voz irritada. Já não são quatro e meia? Por que Norah não traz o meu chá? — Quê?... Já com fome, depois do "nosso" almoço? disse a enfermeira, levantando-se e sorrindo para a sua doente.

Eu já me sentia exausta, e fiquei pensando, um tanto escandalizada comigo mesma, por que é que os velhos são às vezes tão enervantes. Piores que crianças ou cãesinhos, porque a gente tem de aturá-los de cara alegre. Continuei na minha cadeira, pronta a concordar com tudo quanto dissessem... A enfermeira bateu as almofadas e arranjou os xales.

A avó de Maxim tudo suportava com paciência, semicerrando os olhos, como cansada. Achei-a mais do que nunca parecida com Maxim. Pus-me a imaginá-la moça, alta e bonita, indo aos estábulos de Manderley com açúcar no bolso, segurando a saia de medo da lama. Imaginei-a de cinturinha delgada, gola alta a exigir a carruagem para as duas horas.

Tudo, porém, já se fora. Seu marido morrera havia quarenta anos já; perdera depois o filho. Tinha de viver naquela casa de tijolinhos vermelhos até que também chegasse a sua hora.

Pensei no pouco que sabíamos sobre os sentimentos da gente velha... Às crianças nós compreendemos — seus receios, esperanças e ilusões. Ainda ontem eu era uma criança, de nada me esquecera ainda. Mas a avó de Maxim, ali envolta em xales, com aqueles pobres olhos cegos — que sentiria ela? quais seriam os seus pensamentos? Saberria que Beatrice estava bocejando e olhando disfarçadamente para o relógio? Adivinharia que tínhamos vindo visitá-la apenas por dever nosso? E que, de volta à casa, Beatrice diria: "Bem, posso agora ficar de consciência tranquila por três meses"? Pensaria jamais em Manderley? Lembrar-se-ia do seu lugar à mesa, onde eu me sentava agora? Teria sido hábito seu tomar o chá sob o castanheiro? Ou estaria tudo esquecido, e nada haveria atrás daquele rosto pálido, nada, a não ser a consciência de dores ou os aborrecimentos materiais? Desejei apor minhas mãos sobre seu rosto e afastar a marca dos anos. Desejei vê-la moça como outrora, de cabelos castanhos e faces coradas, viva e ativa como Beatrice, falando sobre cavalos, caçadas e cães.

— Temos uma coisa gostosa hoje para o chá, disse a enfermeira. Sanduíches de agrião. Gostamos muito destes sanduíches.

— É dia de agrião? murmurou a velhinha, levantando a cabeça dos travesseiros e olhando para a porta. Você não me disse nada. Por que Norah não traz o chá? — Eu não gostaria de estar no seu lugar, Miss, nem mesmo por mil libras por dia, cochichou Beatrice à enfermeira.

— Oh, estou habituada a isso, Mrs. Lacy. Sinto-me muito bem aqui, a senhora sabe. Naturalmente temos os nossos dias maus — mas poderiam ser piores. Ela é fácil de se lidar, diferente de outros enfermos. A criadagem tem boa vontade, o que é o principal. Aí vem Norah.

A empregada entrou com o chá num carrinho.

— Que tempo levou, Norah! advertiu a velha.

— São exatamente quatro e meia, senhora, disse Norah, em tom vivo e alegre como o da enfermeira. Fiquei pensando se a avó de Maxim notaria que lhe falavam sempre daquela maneira; se percebera quando lhe haviam falado assim pela primeira vez... Nesse dia talvez houvesse pensado: "Acham que estou ficando velha! Que tolice!" mas foi pouco a pouco se habituando — e agora era como se as coisas sempre tivessem sido assim. Mas a moça de cabelos castanhos e cintura fina que dava açúcar aos cavalos, onde parava ela? Aproximamos nossas cadeiras da mesinha de chá e começamos a comer os sanduíches. A enfermeira preparou um especial para a doente.

— Veja, não é mesmo uma delícia? Vi um sorriso passar pela fisionomia da velhinha.

— Gosto quando é dia de sanduíche de agrião! O chá estava quente demais. A enfermeira bebeu o seu aos golinhos.

— Não passa de água fervida, observou para Beatrice. As empregadas teimam em deixar a água referver. Já lhes falei dezenas de vezes sobre isso.

— Oh, são todas iguais, disse Beatrice. Eu já me conformei.

A avozinha mexia o seu com a colher, tendo nos olhos uma expressão perdida e distante. Desejei saber sobre que estaria pensando.

— Tiveram bom tempo na Itália? perguntou-me a enfermeira.

— Sim, muito agradável.

Beatrice virou-se para a avó.— Tiveram um tempo esplêndido durante a lua de mel na Itália, é o que sua nova neta está dizendo. Maxim ficou bastante queimado de sol.

— Por que é que Maxim não veio? — Já lhe dissemos, querida; Maxim teve que ir a Londres, gritou Beatrice com certa impaciência. Um banquete, a senhora sabe. Giles também foi.

— Oh, sim. Por que é que você disse que Maxim esteve na Itália? — Porque esteve, vovó. Em abril. Já voltaram para Manderley, agora — e Beatrice olhou para a enfermeira sacudindo os ombros.

— Mr. e Mrs. de Winter estão agora em Manderley, explicou a enfermeira.

— Tivemos um tempo ótimo este mês, gritei eu, aproximando-me da avó de Maxim. As rosas estão desabrochadas. Arrependi-me de não ter trazido algumas.

— Sim, gosto muito de rosas, disse ela vagamente, olhando-me mais de perto com os seus pálidos olhos azuis.

Está em Manderley também? Eu engoli em seco. Houve uma pequena pausa. Beatrice, então, falou na sua voz alta, impaciente: — A vovó querida sabe perfeitamente que ela está morando lá. Ela e Maxim estão casados.

Notei que a enfermeira pousou a xícara de chá no pires e olhou rapidamente para a velha. A avó de Maxim inclinara-se sobre os travesseiros, puxando o xale sobre os ombros, e sua boca começou a tremer.

— Vocês falam demais, todos vocês. Não compreendo.

Depois olhou para mim, de sobrancelhas contraídas, e começou a sacudir a cabeça. Quem é você, minha querida? Eu já a tinha visto antes? Não me recordo da sua fisionomia.

Não me lembro de você em Manderley. Bee, quem é esta menina? Por que Maxim não trouxe Rebecca? Gosto tanto de Rebecca. Onde anda a minha querida Rebecca? Houve uma longa pausa, um momento de agonia, em que senti minhas faces queimarem como fogo. A enfermeira levantou-se vivamente e achegou-se à cadeira de rodas.

— Quero Rebecca, repetiu a velha. Que fizeram com Rebecca? Beatrice levantou-se, muito sem jeito, sacudindo as xícaras e pires sobre a mesa. Também ela estava rubra, com os lábios a tremer.

— Acho que seria melhor irem embora, Mrs. Lacy, disse a enfermeira, embaraçada. Ela está cansada, e estas divagações duram às vezes horas; acontece de vez em quando ficar agitada assim. Foi pena que viesse isto justamente hoje.

A senhora saberá compreender, Mrs. de Winter, acrescentou voltando-se para mim com ar de desculpa.

— Claro que sim, murmurei vivamente. O melhor é mesmo irmo-nos.

Beatrice e eu procuramos apressadamente por nossas bolsas e luvas. A enfermeira voltara-se para a sua doente.

— Que é isso, agora? Então não vai comer os gostosos sanduíches de agrião que preparei? — Onde está Rebecca? Por que é que Maxim não veio e não trouxe Rebecca? continuou aquela voz fina, cansada, queixosa.

Atravessamos a sala de visitas rumo ao hall e saímos pela porta da entrada. Beatrice deu partida no carro sem dizer palavra — e assim rodamos por sobre o pedregulho macio.

Eu olhava direto à minha frente. Não me importava por mim mesma. Aquilo seria nada, se eu tivesse estado sozinha.

Importava-me por causa de Beatrice. A cena foi sumamente penosa.

Beatrice só falou quando deixamos o vilarejo para trás.

— Minha querida, sinto imensamente o que se passou; nem sei o que dizer.

— Não seja absurda, Beatrice. Não houve nada de importância.

— Nunca imaginei que ela pudesse fazer uma coisa assim, continuou Beatrice. Se o imaginasse, nem sonharia em levá-la até lá. Sinto imensamente.

— Não há motivo para isso, Beatrice. Por favor, não diga mais nada.

— Não posso compreender... Ela estava a par de tudo.

Escrevi a respeito, e Maxim também. Mostrou-se tão interessada pelo casamento no estrangeiro...— Você não está levando em conta a sua idade. Por que haveria de lembrar-se de uma coisa dessas? Ela não me relaciona com Maxim. Quando pensa nele, pensa em Rebecca também.

Continuamos a correr em silêncio. Era um alívio estar na estrada outra vez; as curvas violentas e a trepidação do carro já não me impressionavam.

— Esqueci-me de que ela gostava tanto de Rebecca, disse Beatrice lentamente. Fui uma tonta em não prever o acesso.

Vejo agora que ela jamais se compenetrou do acidente. Oh, céus, que tarde horrível! Que não irá você pensar de mim? — Por favor, Beatrice! Não fale assim, que me ofende.

— Rebecca sempre a festejou muito... E costumava recebê-la em Manderley. Vovó era muito mais ativa então.

Morria de rir por qualquer coisa que Rebecca dissesse.

Rebecca foi sempre muito divertida — e a velha apreciava isso. Rebecca tinha um extraordinário poder de atração — para homens, mulheres, crianças, cães. Vovó nunca se esquecerá dela. Minha querida, você não me ficará agradecida pela tarde de hoje.

— Bobagem, bobagem, repeti maquinalmente. Por que aquela insistência no assunto? Aquilo não me interessava.

Que importância podia ter? Que importância pode ter qualquer coisa na vida? — Giles vai ficar aborrecidíssimo, e me culpará de a ter levado. "Que coisa idiota você fez, Bee" — estou a ouvi-lo dizer. Em que bom embrulho me meti.

— Pois não lhe diga nada, é o melhor. Eu prefiro que o incidente seja ignorado. Que fique entre nós.

— Só de me ver, Giles já saberá que aconteceu qualquer coisa. Não consigo esconder dele coisa alguma.

Caí em silêncio. Tinha a certeza de que a história ia ser comentada no círculo de Beatrice. Imaginei a cena ao almoço de domingo: os olhos arredondados, os ouvidos atentos — exclamações — bocas abertas... "Céus, que horror! E que fez você?" E depois: "E como é que ela ficou?" A coisa que me importava é que Maxim não chegasse a saber de nada. Talvez um dia eu contasse

tudo a Frank Crawley, mas não já, não por muito tempo ainda. Estávamos perto. Eu via à distância os primeiros telhados cinzentos de Kerrith, e ao lado, na baixada, os densos bosques de Manderley. E além o mar.

— Tem muita pressa em chegar? perguntou Beatrice.

— Por quê? — Não me acharia pouco gentil se a deixasse nos portões de entrada? Se eu correr bastante, terei tempo de alcançar o trem de Londres, para pegar o Giles; assim ele não necessitará tomar um táxi na estação.

— Ótimo. Continuarei a pé.

— Muito obrigada, disse Beatrice em voz agradecida.

O passeio fora-lhe excessivo. Ansiava por ver-se sozinha, livre de outro chá tardio em Manderley.

À entrada dos portões desci e beijamo-nos em despedida.

— Quero encontrá-la um pouquinho mais gorda, da próxima vez, disse ela. Você não fica bem, assim magra.

Lembranças a Maxim, e perdoe-me a tarde de hoje. Disse e desapareceu numa nuvem de poeira; atravessei os portões e entrei no caminho que levava à casa.

Teria mudado muito aquele caminho desde o tempo em que a avó de Maxim vivia em Manderley. Quantas vezes não teria passado por ali quando era moça, sorrindo à mulher da portaria, como eu sorria agora... E essa mulher teria feito uma reverência, varrendo o chão com a saia rodada. Hoje apenas me deu um cumprimento breve, e depois chamou o filho, que brincava no quintal com uns gatinhos. A avó de Maxim teria abaixado a cabeça para não roçar os galhos balouçantes e o cavalo seguiria num trote ligeiro pelo "meu" caminho. Seria esse caminho mais largo naquele tempo, mais bem cuidado; os bosques não avançariam sobre ele como agora avançam.

Não pensei na avozinha como a vira hoje, de xale aos ombros, reclinada sobre travesseiros. Via-a moça, quando Manderley era o seu lar. Via-a errando pelos jardins com um meninozinho, o pai de Maxim, que a seguia montado num pônei. Devia usar jaquetinha e colarinho redondo. Piqueniques na caverna seriam considerados expedições, festins não muito repetidos. E vi

também a avó de Maxim alguns anos mais tarde um pouco mais velha, andando pelos terraços de Manderley apoiada a uma bengala. E alguém ao seu lado, rindo, segurando-lhe o braço. Uma mulher esguia e bela, que tinha o dom de ser atraente para todo o mundo. Fácil de ser apreciada, pensei eu, fácil de ser amada.

Quando cheguei ao fim do caminho vi o carro de Maxim parado à porta de casa. Meu coração alegrou-se e corri para o hall. Vi-lhe as luvas e o chapéu sobre a mesa. Corri à biblioteca, mas ao aproximar-me entreparei; rumor de vozes lá dentro, uma de tom mais elevado que a outra — a voz de Maxim. Porta fechada. Hesitei um momento antes de entrar.

— Pode escrever-lhe dizendo que se conserve sempre afastado de Manderley, ouviu? Não se preocupe com quem me possa ter contado, isso é de menos importância. Sei que o carro desse homem foi visto aqui ontem à tarde, e basta. Se desejar vê-lo procure-o fora de Manderley. Não o quero dentro destes portões, compreende? Lembre-se de que a estou avisando pela última vez.

Afastei-me silenciosamente e fui até às escadas. Ouvi a porta da biblioteca abrir-se; subi depressa, fui esconder-me na galeria. Mrs. Danvers saiu da biblioteca e fechou a porta atrás de si. Colei-me à parede da galeria, de maneira a não ser vista.

Entrevi-a de relance... Pareceu-me lívida de ódio.

Mrs. Danvers passou pelas escadas rapidamente, em silêncio, e desapareceu pela porta que levava à ala oeste.

Esperei um momento, depois desci de novo e fui à biblioteca. Entrei. Maxim estava perto da janela, com algumas cartas na mão. Tinha as costas viradas para mim, e por um momento pensei em esgueirar-me dali, correr para o meu quarto, ficar lá. Mas Maxim devia ter-me ouvido, pois virou-se bruscamente, num gesto impaciente.

— Quem é agora? Sorri e estendi-lhe as mãos.

— Oh, você...

Vi logo que qualquer coisa o encolerizava terrivelmente.

Sua boca tinha uma expressão dura, suas narinas estavam lívidas.

— Que esteve fazendo? perguntou-me, beijando-me o alto da cabeça e pondo um braço à volta dos meus ombros.— Fui ver sua avó com Beatrice, que veio buscar-me de automóvel.

— Como vai ela? — Bem.

— E que fim levou Bee? — Voltou para encontrar-se com Giles.

Sentamo-nos juntos no banco da janela. Peguei a sua mão e disse: — Não gosto que saia daqui, sinto enormemente a sua falta.

— Verdade? Nada dissemos por alguns minutos, e eu continuei segurando-lhe a mão.

— Muito quente em Londres? perguntei.

— Sim, bastante. Sempre detestei aquela cidade.

Iria contar-me o que houve na biblioteca entre ele e Mrs. Danvers? E que lhe teria falado sobre Favell? — Está aborrecido com alguma coisa? perguntei.

— Tive um dia cansativo. Fazer essa viagem, duas vezes em vinte e quatro horas, é demais para qualquer criatura.

Levantou-se e se afastou, acendendo um cigarro. Vi que nada iria contar-me sobre a cena com Mrs. Danvers.

— Também estou cansada, disse eu. Foi um dia bem estranho hoje...

## 16

**FOI NUM DOMINGO** de grande número de visitas à tarde que o assunto do baile à fantasia foi tratado pela primeira vez. Frank Crawley viera almoçar, estávamos os três antecipando uma tarde quieta sob o castanheiro, quando ouvimos o ruído de um carro virando a curva da entrada. Era tarde demais para avisar Frith, e o carro chegou quando estávamos no terraço cheios de almofadas e jornais.

Tivemos de ir ao encontro dos indesejáveis visitantes e, como acontece tantas vezes em certas ocasiões, não seriam eles os únicos daquele dia. Meia hora depois apareceu outro carro, e logo em seguida três pessoas de Kerrith, que tinham vindo a pé. Passamos a tarde toda presos por visitas pouco interessantes; tivemos de dar a volta do costume pelos jardins e depois o passeio obrigatório: Vale Feliz.

Ficaram para o chá, naturalmente, um chá cerimonioso, no salão — o que sempre detestei — em vez de sanduíche de pepino comido despreocupadamente à sombra do castanheiro... Frith, no seu elemento, dirigia Robert com um levantar de sobrancelhas, e eu, vermelha e atrapalhada, com um enorme bule de prata e uma chaleira à minha frente, que nunca sabia muito bem como manejar. Parecia-me quase impossível perceber o momento exato em que se tornava imperativo diluir o chá na água quente, e mais difícil ainda acompanhar a conversa ligeira que ia pela sala.

Frank Crawley me era precioso em momentos desses.

Tomava as xícaras de minhas mãos e oferecia-as às visitas, e quando minhas respostas eram vagas demais por ter eu toda a atenção concentrada no bule, ele calmamente e com toda a naturalidade dizia uma: palavrinha qualquer aliviando a minha responsabilidade. Maxim estava sempre do outro lado da sala, mostrando um livro a algum curioso, ou dando informações sobre quadros, agindo como o perfeito chefe da casa, para ele a cerimônia do chá era coisa sem importância que não o preocupava.

O seu chá esfriou, esquecido sobre uma mesa ao lado, atrás de algumas flores, enquanto eu e Frank províamos às necessidades do rebanho. Foi Lady Crowan, uma mulher cansativa e exuberante, moradora em Kerrith, quem primeiro tocou no assunto. Houve uma daquelas pausas inevitáveis nesse tipo de reunião, e eu já via os lábios de Frank prestes a formularem o comentário idiota "Nasceu um padre "" quando Lady Crowan, equilibrando um pedaço de bolo no pires, olhou para Maxim, a seu lado.

— Oh, Mr. de Winter, há uma coisa que estou querendo perguntar-lhe há séculos. Diga-me, há alguma esperança de vermos voltar o delicioso baile anual à fantasia? perguntou ela inclinando a

cabeça de lado, exibindo os dentes saídos para fora, numa careta que ela supunha sorriso. Eu baixei a cabeça imediatamente, peguei minha xícara de chá e levei-a aos lábios, escondendo-me atrás do abafador.

Passaram-se dois minutos antes de Maxim responder, mas quando o fez sua voz soou natural e calma.

— Ainda não pensei sobre isso. Como ninguém, creio eu.

— Oh, mas asseguro-lhe que todos nós estamos muito interessados, insistiu Lady Crowan. Era a grande atração do verão e não imagina que prazer nos dava! Não poderei persuadi-lo a refletir sobre isso? — Oh, não sei, disse Maxim secamente. Era realmente muito difícil de organizar. Melhor perguntar a Frank; o trabalho seria todo dele.

— Mr. Crawley, por favor, ponha-se do meu lado, continuou ela — e dois ou três mais fizeram coro. Seria um gesto muito simpático a todos, o senhor sabe; não há quem não sinta falta da alegria, da vida que reinava sempre em Manderley.

Ouvi a voz calma de Frank ao meu lado.

— Não me recuso a organizar o baile, se Maxim não se opuser. A ele e Mrs. de Winter compete decidir; nada depende de mim absolutamente.

Vi-me logo assediada por todos. Lady Crowan moveu sua cadeira para mais perto, de maneira que o abafador já não mais me servia de escudo.— Então, Mrs. de Winter, use a sua influência perante seu marido que ele a ouvirá. O baile tem de ser em homenagem à recém-casada.

— Sim, naturalmente, ouvi alguém dizer — um homem.

Já perdemos a festa do casamento. É o cúmulo privar-nos de tudo dessa maneira. Quem for pelo baile levante a mão. Vê, Mrs. de Winter? Unanimidade absoluta.

Houve muitos risos e palmas.

Maxim acendeu um cigarro, e seus olhos encontraram os meus acima do bule de prata.

— Qual a sua opinião? perguntou-me.

— Oh, não sei, respondi em voz incerta.

— Claro que ela deseja um baile em sua honra, interveio Lady Crowan. Que moça não gostaria de uma festa assim? A senhora ficaria muito bem, Mrs. de Winter, vestida como pastorazinha de Dresde, com os cabelos presos por um grande tricórnio.

Pensei no desajeitado de minhas mãos e meus pés, na curva dos meus ombros. Bonita pastora de Dresde daria eu! Que grande idiota a tal Lady Crowan! Não me surpreendi de ver que ninguém concordava com a sua sugestão, e fiquei contente quando Frank desviou da minha pessoa a conversa.

— Por falar nisso, disse ele, alguém debateu este assunto, outro dia. "Com certeza vai haver festa em honra da noiva, não é, Mr. Crawley?" interpelou-me esse alguém. "Gostaria que Mr. de Winter restaurasse esses bailes. Eram tão divertidos para todos nós!" Não me lembro quem foi esse alguém — talvez Tucker, um dos empregados de Manderley — continuou Frank, voltando-se para Lady Crowan. Eles adoram tais festas. Respondi-lhe que não sabia, que Mr. de Winter nada me falara sobre o assunto.

— Que foi que eu disse? exclamou Lady Crowan triunfante. O próprio pessoal de Manderley está reclamando.

Se não nos atende, Mr. de Winter, atenda ao menos a eles.

Maxim continuava a observar-me com ar de dúvida.

Talvez supusesse que por timidez eu não me achasse à altura do acontecimento. Não querendo que ele formasse tal ideia de mim, atrevi-me a dar opinião.

— Creio também que seria muito divertido. Maxim cedeu, com um movimento de ombros.

— Pois está decidido. Frank pode tratar da organização.

Mrs. Danvers poderá ajudá-lo — há de estar lembrada dos detalhes.

— A extraordinária Mrs. Danvers está ainda aqui? perguntou Lady Crowan.

— Sim, respondeu Maxim bruscamente. Quer mais um pedaço de bolo? Oh, já terminou... Então vamos todos para o jardim.

Dirigimo-nos para o terraço, discutindo sobre o baile, e a data mais apropriada, e logo depois, com grande alívio meu, todos

decidiram partir ao mesmo tempo. Voltei para o salão e tomei outra xícara de chá, que agora apreciei muitíssimo.

Frank fez o mesmo também, e comemos os últimos bolinhos, sentindo-nos como dois conspiradores.

Maxim ficara no jardim jogando gravetos que Jasper ia buscar. Uma coisa eu gostaria de saber: será geral em todos os lares essa sensação de exuberância quando as visitas vão embora? Nada dissemos sobre o baile a princípio; só depois de ter acabado a minha xícara de chá, e limpando os dedos no guardanapo, é que perguntei a Frank: — Então? Diga sinceramente o que pensa dessa história toda.

Frank hesitou, olhando de relance para Maxim.

— Não sei. Parece que ele não se opõe. Aceitou bem a sugestão.

— Era-lhe difícil agir de outra forma, disse eu. Como é importuna a tal Lady Crowan! Acha você realmente que todo mundo aqui não pensa nem sonha senão com o baile de Manderley? — Sim, são muito cheios de convenções por estes lados.

Não creio que Lady Crowan estivesse exagerando quando sugeriu alguma coisa a ser feita em sua honra. Afinal de contas, Mrs. de Winter, a senhora é a noiva.

Como a frase soou pomposa e idiota! Eu gostaria que Frank não fosse sempre tão inexoravelmente correto.

— Não sou a noiva, disse eu. Afinal de contas, nem um casamento direito eu tive! Isto é, não tive vestido branco nem flores de laranjeira, nem damas de honra, nem marcha nupcial. Não quero saber de uma dança idiota dada em minha honra.

— Manderley em festas é um lindo espetáculo, que a senhora vai apreciar muito, disse Frank. Não terá que fazer nada de alarmante. Apenas receber os convidados, o que não é difícil. Talvez me conceda uma contradança...

Querido Frank! Gostei do seu ar de solene galanteria.

— Terá todas as danças que quiser. Não dançarei com ninguém, senão com Maxim e você.

— Oh, mas isto não estaria certo, disse ele muito convencido. Todos se ofenderiam. Tem que dançar com quem vier tirá-la.

Voltei o rosto para esconder um sorriso. Era um prazer para mim vê-lo não perceber quando eu brincava ou não.

— Acha boa a sugestão de Lady Crowan para a minha fantasia? perguntei maliciosamente.

Frank olhou-me muito compenetrado, sem sombra de sorriso.

— Sim, acho que sim. Creio que lhe ficará muito bem.

Desatei a rir.

— Oh, Frank querido, como eu o adoro! exclamei — e ele ficou róseo, um pouco escandalizado pela espontaneidade das minhas palavras, e um pouco sentido de eu estar a rir-me dele.

— Não sei o que eu disse de tão engraçado...

Maxim apareceu à janela, com Jasper dançando a seus pés.

— Que movimento é esse? perguntou.

— Frank está sendo tão galante! expliquei. Acha que a ideia de Lady Crowan para a minha fantasia não é coisa de provocar riso.

— Grande importuna que é ela! rosnou Maxim. Se tivesse que endereçar os convites e organizar tudo, talvez não sentisse tamanho entusiasmo. Foi sempre assim por aqui.

Olham para Manderley como se fosse um pavilhão de feira, e acham que somos obrigados a diverti-los. Com certeza vamos ter que convidar todo o condado.

— Tenho tudo arquivado no escritório, disse Frank. Não vai ser tanto trabalho. Pregiar os selos é o mais demorado. Fica essa parte com você, disse Maxim sorrindo para mim.

— Oh, façamos isso no escritório, sugeriu Frank. Mrs. de Winter não precisa se preocupar com coisa alguma.

Fiquei pensando no que diriam eles se eu de repente anunciasse que queria dirigir toda a história. Ririam, com certeza, e mudariam de assunto. Eu estava contente, é claro, de me ver livre de responsabilidade, mas não deixava de ser humilhante a verificação de que nem para pregar selos eu servia. Pensei na escrivanhinha da saleta, nos compartimentos marcados a tinta naquela letra inclinada e firme...

— Vai se fantasiar de que, querido? perguntei a Maxim.

— Nunca me fantasio. É um dos privilégios do dono da casa, não é, Frank?

— Não posso ir como pastora de Dresden, murmurei. Mas o que, então?... Não sou muito boa para inventar fantasias.

— Ponha uma fita em volta da cabeça, e seja "Alice no País das Maravilhas", disse Maxim despreocupadamente. É o que você parece agora, com o dedo na boca.

— Malcriado! Sei que meu cabelo é liso, mas não tanto assim! Sabe o que vou fazer? Não contarei a ninguém a minha fantasia, e você e Frank vão ter a maior surpresa do mundo. Serão incapazes de me reconhecer! — Contanto que não se pinte de preto, nem se finja de macaco.

— Tudo decidido, então! — exclamei. — Guardarei segredo até o fim. Vamos, Jasper.

Ouvi Maxim rir enquanto eu me dirigia para o jardim, e dizer a Frank qualquer coisa que não apanhei. Eu gostaria que Maxim não me tratasse eternamente como criança um tanto gatée e irresponsável, criatura a ser acariciada de vez em quando, conforme o capricho dele, mas esquecida a maior parte do tempo, recebendo tapinhas no ombro com a recomendação de "vá brincar". Desejei alguma coisa que me fizesse parecer mais séria, mais madura. Pois havíamos de eternizar aquilo? Ele caminhando à frente, com os seus pensamentos, que eu não compartilhava, suas mágoas secretas, que eu não conhecia? Não chegaríamos nunca a ficar juntos, ele um homem e eu uma mulher, ombro a ombro, de mãos dadas, sem um abismo entre nós ambos? Eu estava cansada de ser criança. Queria ser esposa, mãe. Queria ser velha.

Fiquei de pé no terraço, roendo as unhas, olhando em direção ao mar, pela vigésima vez naquele dia pensando se seria por ordem de Maxim que os quartos da ala oeste eram conservados inviolados daquela maneira. Iria ele lá? Tocaria nas escovas do toucador? Abriria os armários? Passaria a mão pelos vestidos?...

— Jasper, Jasper! Corra comigo, gritei — e saí em disparada pelo gramado, qual uma selvagem, com lágrimas amargas nos olhos, seguida por Jasper que latia histericamente.

A notícia sobre o baile espalhou-se logo. Minha empregadinha Clarice, com os olhos brilhantes de animação não falava de outra coisa. Por ela soube que os empregados estavam todos radiantes.

— Mr. Frith disse que vai ser lindo como nos tempos antigos. E a senhora, de que vai vestir-se? — Ainda não sei, Clarice; estou pensando.

— Mamãe pediu-me que não deixasse de avisá-la. Ainda não se esqueceu do último baile havido aqui. A senhora vai mandar vir de Londres a sua fantasia? — Ainda não decidi, Clarice. Mas vamos fazer uma coisa. Quando eu resolver, contarei a você, e a ninguém mais.

Será um segredo de vida e morte entre nós duas.

— Oh, senhora!... exclamou Clarice numa voz que era um sopro. Não sei como poderei esperar até que chegue o dia.

Eu estava curiosa de saber qual a reação de Mrs. Danvers quanto ao baile. Desde aquela memorável tarde na ala oeste eu temia até mesmo o som de sua voz ao telefone, e me servia de Robert quando queria mandar-lhe algum recado.

Nem podia tampouco esquecer a expressão do seu rosto quando saiu da biblioteca depois da discussão com Maxim, e agradei a Deus de não ter-me visto na galeria. Suporia ela que eu falara a Maxim sobre Favell? Neste caso, devia odiar-me mais do que nunca. Acabo de estremecer só à lembrança da sensação que tive quando sua mão se apoiou ao meu braço, e em tom íntimo, pavorosamente suave, sua voz falou perto do meu ouvido. Eu fugia de pensar em coisa nenhuma acontecida aquela tarde.

Os preparativos para o baile começaram. Tudo era feito no escritório, para onde Maxim e Frank desciam todas as manhãs. Eu não precisava preocupar-me de nada, como dissera Frank, e não creio mesmo que tivesse colado um selo.

A escolha da minha fantasia ocupava-me toda. Parecia absurdo não ter-me ainda ocorrido uma só ideia, e pus-me a pensar em todas as pessoas que viriam de Kerrith e das redondezas — a mulher do bispo, Beatrice, Giles, aquela maçante Lady Crowan, e tantas outras pessoas que eu ainda não conhecia — todos teriam curiosidade de saber o que eu escolhera. Afinal, em desespero de causa, lembrei-me dos livros que Beatrice me mandara e passei uma manhã na biblioteca examinando-lhes as ilustrações. Nada parecia servir; todas complicadas e pretensiosas; ricos trajes de

veludo e seda nas reproduções de Rubens, Rembrandt e outros. Cheguei a copiar uma ou duas delas, mas logo amarrotei os desenhos, aborrecida, desanimada.

À tarde, quando me vestia para o jantar, alguém bateu à porta. Mandeí entrar, pensando que fosse Clarice. Era Mrs. Danvers com um pedaço de papel na mão.

— Espero que me perdoe vir incomodá-la, disse ela. Mas não tenho a certeza de que estes desenhos devem ser jogados fora ou não. Todas as cestas de papel me são trazidas para verificação, porque às vezes coisas de importância são lançadas fora por engano.

Eu me sentira gelar ao vê-la, e a princípio não pude falar.

Ela me mostrava o papel — os desenhos que eu copiara aquela manhã.

— Mrs. Danvers, respondi após um momento, não tem importância. Rabiscos.

— Muito bem. Mas achei melhor vir perguntar-lhe pessoalmente, para não haver engano.

Estava liquidado o caso; Mrs. Danvers, entretanto, não se retirou.

— Então a senhora ainda não decidiu o que vai usar? disse com uma sombra de ironia na voz, um tom de satisfação.

Talvez ela soubesse das minhas vacilações por intermédio de Clarice.— Não, ainda não decidi.

Ela continuou a olhar-me, com a mão no trinco da porta.

— Por que não escolhe modelo num dos quadros da galeria? Eu fingi que limava as unhas, já curtas demais, para não pôr nela os meus olhos.

— Sim, pensarei nisso, respondi admirada de que a ideia ainda não me tivesse ocorrido. Achei ótima a solução, mas não queria que ela o percebesse; e continuei a limar despreocupadamente as unhas.

— Todos os personagens da galeria são aproveitáveis, insistiu ela. Principalmente aquela dama de branco, com o chapéu na mão. Não sei porque Mr. de Winter não organiza um baile de estilo, todos com vestimentas da mesma época, para ficar mais combinado.

Nunca achei bonito um palhaço dançar com uma dama de cabeleira empoadada.

— Algumas pessoas gostam da variedade, acham que fica mais interessante.

— Eu não acho graça nenhuma, disse Mrs. Danvers em voz normal, quase amável — e fiquei sem saber por que teria vindo pessoalmente trazer-me aquilo.

Estaria querendo aproximar-se de mim? Ou teria compreendido que não fora eu quem falara a Maxim sobre Favell, e era essa a maneira de agradecer o meu silêncio? — Mr. de Winter não lhe fez nenhuma sugestão paia a sua fantasia? — Não, respondi, depois de hesitar um momento. Quero fazer-lhe uma surpresa, a ele e a Mr. Crawley.

— Sei que não é a mim que compete dar-lhe opinião, mas quando resolver-se aconselho-a a mandar fazer o vestido em Londres. Ninguém aqui dá conta de uma coisa dessas. A casa Voce, em Bond Street, é ótima.

— Não me esquecerei.

Ela abriu a porta, dizendo ainda: — Se eu fosse a senhora estudava os quadros da galeria, principalmente o de que falei. E não pense que trairei o segredo; não direi uma palavra a ninguém. — Obrigada, Mrs. Danvers, murmurei. Ela fechou a porta muito de mansinho, e eu continuei a preparar-me para o jantar, perplexa ante sua atitude, tão diferente do nosso último encontro, sem saber se devia agradecer essa transformação ao desagradável Jack Favell.

Primo de Rebecca. Que razões tinha Maxim para não gostar do primo de Rebecca? Por que teria proibido a sua entrada em Manderley? Beatrice o considerava indesejável; e quanto mais eu pensava nele mais me inclinava a pensar como Beatrice. Aqueles ardentes olhos azuis, a boca licenciosa, o riso descuidado e familiar. Algumas pessoas o considerariam atraente — moças de casas de chá, meninotas que apresentam os programas nos cinemas — ele devia olhá-las rindo, assobiando baixinho uma ária qualquer. Tipo de olhar e assobio dos que causam mal-estar à gente. Conhecia bem Manderley... Parecera-me muito à vontade; Jasper o festejava — mas nada disso combinava com as palavras de Maxim a Mrs.

Danvers. Impossível relacionar Favell com a ideia que eu fazia de Rebecca. Com sua beleza, seu encanto, sua educação como podia Rebecca ter um primo como Favell? Não estava certo; muito fora de proporção. Admitia que ele talvez fosse a "ovelha negra" da família, e que Rebecca, com sua generosidade, o convidava de vez em quando a vir a Manderley, de pena dele — e isso nas ausências de Maxim, por saber que Maxim não o apreciava. Talvez tivesse havido alguma discussão a respeito — Rebecca defendendo-o; talvez, em consequência disso, houvesse um mal-estar em ambos, cada vez que o nome de Favell era pronunciado.

Quando tomei meu lugar à mesa de jantar, com Maxim à cabeceira, imaginei Rebecca sentada ali onde eu estava, pegando o talher de peixe; o telefone tocava; Frith vinha dizer: "Mr. Favell a chama ao telefone, senhora", e Rebecca se levantaria com um olhar rápido para Maxim, o qual nada diria, e continuaria a comer o peixe. Quando voltasse, e de novo sentasse à mesa, Rebecca falaria de outra coisa, em tom descuidado e alegre, para disfarçar a pequena nuvem de constrangimento erguida entre ambos. A princípio Maxim ficaria taciturno, respondendo por monossílabos; mas pouco a pouco ela faria voltar-lhe o bom humor, contando alguma coisa que lhe acontecera durante o dia, falando sobre alguém que vira em Kerrith; e ao fim do prato seguinte já ele estaria rindo outra vez, fitando-a com um sorriso no olhar, estendendo-lhe a mão por cima da mesa.

— Sobre que diabo está pensando? perguntou-me Maxim.

Sobressaltei-me e a cor subiu-me ao rosto, pois que naquele breve momento eu me identificara tanto com Rebecca, que o meu insípido "eu" deixara de existir, não estava em Manderley...

— Sabe que está fazendo toda sorte de acrobacias, em vez de comer o seu peixe? advertiu Maxim. Primeiro ficou à escuta, como se tivesse ouvido o telefone; depois moveu os lábios, e lançou um olhar de revés para mim. E sacudiu a cabeça, sorriu, e levantou os ombros. Tudo num segundo.

Está ensaiando o seu papel para o baile à fantasia? Maxim olhava-me rindo, e fiquei a imaginar o que diria se realmente

conhecesse os meus pensamentos; se soubesse que durante um segundo ele fora o Maxim de Rebecca e eu a própria Rebecca.

— Você parece uma criminosa, observou ele. Que houve? — Nada, respondi vivamente.

Ele insistiu em saber.

— Por que haveria eu de dizer? Você lá me conta seus pensamentos? — Você jamais me pediu isso...

— Sim, uma vez.

— Quando? — Estávamos na biblioteca.

— Pode ser. E que foi que respondi? — Que estava pensando no campeonato de críquete deste ano.

Maxim riu-se outra vez.

— Que decepção para você, hein? Sobre que esperou que eu estivesse pensando? — Sobre alguma coisa muito diferente.

— Que espécie de coisa? ] — Oh, não sei...

— Claro que não sabe. Se eu disse estar pensando no campeonato de críquete é porque estava pensando no campeonato. Os homens são mais simples do que você imagina, minha meiga criança. Mas ninguém poderá dizer o que anda pela mente tortuosa das mulheres! Você sabe que não se parecia em nada com você mesma agora há pouco? Tinha uma expressão fisionômica completamente diversa.

— Que espécie de expressão? — Não sei explicar, pareceu-me de repente muito mais velha, falsa. Expressão nada agradável, em todo o caso.

— Não tive essa intenção.

— Não, não creio que tivesse.

Tomei um gole d'água, observando-o por cima do copo.

— Não quer que pareça mais velha? perguntei.

— Não.

— Por que não? — Porque não lhe vai bem.

— Mas um dia eu ficarei mais velha, ninguém poderá evitá-lo.

Terei cabelos grisalhos, e rugas, e outras coisas.

— Oh, isso não tem importância.

— Com o que se importa, então?

— Não quero que você fique como ficou agora há pouco. Você tinha um ríctus na boca, um lampejo no olhar, de quem conhece a vida mas não como a devia conhecer.

Senti uma curiosidade, uma excitação estranha.

— Que quer dizer, Maxim? Que quer dizer com isso? Ele não respondeu por um momento. Frith entrara e estava trocando os pratos; Maxim esperou que ele saísse.

— Quando a encontrei pela primeira vez, tinha você uma certa expressão no rosto, que ainda conserva até hoje disse lentamente. Não tento defini-la; impossível. Mas foi uma das razões que me fizeram querê-la. Mas agora há pouco, quando estava fazendo aquela esquisita mímica, essa expressão desapareceu, substituída por outra.

— Que espécie de expressão era essa? Explique-me, Maxim, pedi ardentemente.

Ele considerou-me por um momento, as sobrancelhas levantadas, assobiando baixinho.

— Escute, minha querida. Quando era menina, nunca a proibiram de ler certos livros, e seu pai não fechava esses livros à chave? — Sim.

— Bem, um marido afinal de contas, não é muito diferente de um pai. Há certas coisas que é preferível você não saber, e é melhor que fiquem trancadas à chave. E pronto.

Coma agora o seu pêssego, e não faça mais perguntas — se não quiser que a ponha de castigo no canto.

— Ah, eu gostaria que não me tratasse como menina de seis anos...

— Como quer ser tratada? — Como os outros homens tratam suas mulheres.

— Que bata em você, por exemplo? — Não seja absurdo. Pare de brincar.

— Não estou brincando, estou falando muito a sério.

— Não está. Vejo-o nos seus olhos. Leva a brincar comigo o tempo todo, como se eu fosse uma menina tola.

— "Alice no País das Maravilhas". Boa ideia I Já comprou o cinto e a fita para o cabelo? — Previno-o que terá a maior surpresa

de sua vida quando me vir fantasiada.

— Tenho certeza que sim. Mas acabe esse pêssego, e não fale com a boca cheia. Tenho uma porção de cartas a escrever depois do jantar.

Maxim não esperou que eu terminasse a sobremesa; levantou-se e pediu a Frith que levasse o café à biblioteca.

Fiquei sentada quieta, de mau-humor, procurando retardar-me o mais possível para atrasar o serviço e irritar o criado. Mas Frith não se incomodou comigo, nem, com o meu pêssego, trazendo o café imediatamente. Maxim foi sozinho para a biblioteca.

Quando terminei, subi para a galeria dos menestréis, a fim de examinar os quadros da parede. Eu os conhecia bem, é claro, mas não os estudara com a intenção de copiar o traje de nenhum deles. Mrs. Danvers tinha razão. Que tonta que eu fora em não pensar nisso antes! Sempre gostara daquela formosa dama de branco com o chapéu na mão. Era um trabalho de Raeburn, o retrato da irmã do tataravô de Maxim, que se casara com um político e fora considerada uma das mulheres mais belas de Londres. Mas o retrato fora pintado antes do casamento. O vestido branco seria fácil de copiar: mangas volumosas, pufes, corpinho justo. O chapéu era mais difícil, e eu teria de usar cabeleira. Meus cabelos lisos nunca poderiam formar aqueles cachos lindos. Talvez a casa de Londres mencionada por Mrs. Danvers se encarregasse de tudo. Mandar-lhe-ia uma cópia do quadro e as minhas medidas, pedindo um vestido que fosse a reprodução exata.

Que alívio ter decidido afinal! Um peso me saiu da cabeça e comecei a pensar no baile com maior entusiasmo.

Talvez até me divertisse quase tanto como a minha camareira, a qual não sonhava com outra coisa.

Consultei a casa de Londres na manhã seguinte, mandando cópia do quadro, e recebi resposta de que se encarregariam de tudo, inclusive da cabeleira.

Clarice exultava de gosto, eu também; e à medida que a data se aproximava comecei a sentir a febre do contágio. Giles e Beatrice viriam hospedar-se conosco — e graças a Deus ninguém mais, embora muitas pessoas viessem mais cedo, para o jantar.

Julguei a princípio que iríamos ter muitos hóspedes que dormissem em Manderley, mas Maxim decidiu contra, alegando que só o baile já era um esforço grande — e fiquei na dúvida se ele determinava assim por minha causa ou porque realmente uma festa maior o aborrecia. Nas antigas festas de Manderley a afluência chegava a ser tal que até os banheiros viravam dormitórios.

A casa começou a adquirir um ar diferente, de expectativa. Vinham homens arrumar o tablado para as danças no hall, e substituir parte da mobília do salão pelas longas mesas da ceia. Instalaram luzes no terraço e no jardim das rosas.

Por onde quer que eu andasse via sinais de preparativos.

Frank vinha almoçar conosco quase todos os dias. Os criados não falavam noutra coisa. Quanto a Frith... ah! Frith andava pela casa como se o sucesso da festa dependesse exclusivamente de sua augusta pessoa. Robert chegou a perder a cabeça; começou a ficar esquecido, ora não pondo guardanapos à mesa, ora deixando de servir este ou aquele prato. Tinha sempre no rosto uma expressão atarantada de quem precisa tomar um trem. Os cães mostravam-se infelizes; Jasper andava pelo hall com o rabo entre as pernas, avançando para cada operário que via, indo latir esganiçadamente no terraço, correndo depois para o jardim, onde começava a comer grama numa espécie de frenesi. Mrs. Danvers nunca se impunha, mas eu tinha a constante sensação de sua presença.

Era a voz dela que eu ouvia no salão, quando vinham colocar as mesas, era ela quem dava ordens no hall quando armavam o tablado de dança. Mas sempre que eu entrava em cena ela "ia" desaparecendo; eu só alcançava da sua pessoa uma ponta de saia negra a sumir-se por uma porta ou o som de seus passos subindo as escadas. Eu era como uma figura de cera, sem utilidade para ninguém, que ficava por ali à toa, mais atrapalhando do que ajudando. "Perdão, senhora", eu ouviria um operário dizer atrás de mim ao passar, com um sorriso de desculpa, com duas cadeiras às costas, o rosto suado.

— Desculpe, respondia eu, afastando-me vivamente; e depois, para disfarçar minha ociosidade: Posso ajudá-lo? Não seria

bom levar as cadeiras para a biblioteca? O homem me olhava atônito: — Mrs. Danvers deu ordem para levar as cadeiras para o fundo, aqui ficarão atrapalhando.

— Oh, sim, naturalmente. Que tolice a minha! Leve-as para o fundo, como ela mandou — e eu me afastava rapidamente, murmurando qualquer coisa sobre ir procurar lápis e papel, na vã tentativa de dar ao homem a impressão de atarefamento. Ele atravessava o hall com expressão admirada no rosto, e eu ficava com a sensação de que não conseguira enganá-lo nem por um só momento.

O grande dia amanheceu nublado e nevoento, mas como o barômetro indicasse bom tempo, não nos preocupamos. Às onze horas o tempo limpou, conforme a predição de Maxim, e tivemos um maravilhoso dia de verão, sem uma só nuvem no firmamento azul. Os jardineiros passaram colhendo flores — os últimos lilases brancos, grandes tremoços, delphiniuns de cinco pés de altura, centenas de rosas e lírios.

Mrs. Danvers fez sua aparição afinal; serenamente, calmamente, dizia aos jardineiros onde deviam ser colocadas as flores, e com os dedos ligeiros compunha-as ela mesma nos vasos. Eu observava-a com fascinação. A perícia com que preparava um vaso atrás de outro, levando-os, ela mesma, do jardim de inverno à sala de visitas e outras partes da casa, colocando-os exatamente onde deviam ficar isolados ou em profusão, pondo cor onde havia necessidade disso, deixando nuas as paredes quando a sobriedade o exigia.

Maxim e eu almoçamos em casa de Frank, os três naquele humor cordial, alegre, que é comum antes de um enterro.

Pilheriávamos sobre qualquer coisa, com o pensamento nas horas que se aproximavam. Eu me sentia mais ou menos como na manhã do meu casamento. A mesma sensação de quem avançara demais para poder recuar.

Teria que aguentar a recepção daquela noite, não havia por onde fugir. Felizmente a casa Vocce me mandara o vestido a tempo. Parecia perfeito, ali envolto em nuvens de papel de seda. E a cabeleira, um triunfo! Experimentei-a antes do café da manhã, e

fiquei atônita com a minha transformação. Achei-me atraente, completamente diferente de mim mesma. A imagem que o espelho refletia não era absolutamente a minha, sim duma pessoa muito mais interessante, cheia de exuberância e vida. Frank e Maxim passaram o tempo fazendo perguntas sobre a minha fantasia.

— Nenhum de vocês me reconhecerá, disse eu. Vão ter um choque.

— Mas não vai vestir-se de palhaço, nem tentar qualquer coisa cômica, não é? murmurou Maxim com ar taciturno.

— Não, nada disso, respondi cheia de importância.

— Gostaria que se tivesse decidido por "Alice no País das Maravilhas".

— Ou Joana d'Arc, com o seu cabelo escorrido, aventurou timidamente Frank.

— Nunca pensei nisso, respondi com ar atônito — e Frank corou de leve; e acrescentou na sua maneira pomposa: — Temos a certeza de que gostaremos de qualquer coisa que tenha escolhido.

— Não a encoraje, Frank. Já está tão cheia de importância com a tal preciosa fantasia, que ninguém pode com ela. Bee porá você no lugar querida, o que já é um consolo. Se não gostar de seu vestido, di-lo-á na cara, sem a menor cerimônia. Querida velha Bee! Conseguir sempre escolher a fantasia errada nessas ocasiões, que Deus a proteja! Lembro-me dela, uma vez, vestida de Madame Pompadour! Tropeçou quando se dirigia para a ceia, e a cabeleira lhe ficou torta na cabeça. "Não aguento essa trapalhada!", exclamou naquela sua voz brusca, e jogou longe a cabeleira, ficando o resto da noite transformada numa Pompadour de cabelo à la garçonne. Imaginem o efeito! O pobre Giles não se esmerou muito aquele ano. Veio de cozinheiro, e passou toda a noite no bar, com cara muito triste. Tristeza causada pelo insucesso de Bee.

— Não, não foi isso, disse Frank. Ele havia perdido os dentes ao amansar um potrinho novo, lembra-se?... e não tinha coragem de abrir a boca.

— Beatrice confessou-me que adora brincar de charada, comentei eu, e contou-me o que sempre costumam fazer pelo Natal.

— Sei disso — e é a razão de nunca aparecer em sua casa pelo Natal.

— Mais aspargos, Mrs. de Winter, ou uma batata? — Não Frank, realmente não estou com fome, obrigada.

— Nervos, murmurou Maxim sacudindo a cabeça. Não faz mal, amanhã a estas horas já estará tudo acabado.

— Sinceramente espero que sim, disse Frank. Já mandei que os carros ficassem de prontidão às cinco da manhã.

Dei uma risadinha fraca, com lágrimas espiando nos olhos, e exclamei nervosa: — Oh, céus, vamos telegrafar a todos para que não venham!...

— Que é isso? Nada de fraquezas. É preciso enfrentar o perigo, animou Maxim. Por muitos anos estaremos livres de outro baile. Tenho um pressentimento desagradável, Frank, de que já é hora de irmos para casa. Que acha? Frank concordou — e eu os segui contra a vontade, relutante em deixar aquela salinha de jantar atulhada e pouco confortável, tão típica de Frank, mas que no momento me parecia o suprassumo da tranquilidade e da paz. Quando entramos em casa, vimos que a orquestra já chegara, e estavam todos em pé no hall, um tanto corados e sem jeito; Frith lhes servia refrescos com o ar mais importante do mundo. A orquestra seria nossa hóspede por uma noite; depois de dar boas-vindas aos músicos e trocar com eles os gracejos adequados ao momento, retiramo-nos, e eles foram conduzidos aos seus aposentos; iriam em seguida visitar os jardins.

A tarde arrastou-se, como a última hora antes da partida de um trem quando tudo já está pronto e as malas fechadas; e eu vagueei de um quarto para o outro, seguida de Jasper, que me olhava com ar de censura.

Não havia nada em que pudesse ajudar, e teria sido mais acertado se tivesse saído com Jasper para um passeio a pé. Quando me lembrei disso já era tarde, Maxim e Frank estavam pedindo o chá. Mal o terminamos, Beatrice e Giles apareceram.

— Tudo como antigamente, exclamou Beatrice, beijando Maxim e correndo os olhos em torno. Parabéns por não terem esquecido nenhum detalhe. As flores estão maravilhosas,

acrescentou virando-se para mim. Foi você quem as compôs? — Não, respondi um tanto envergonhada. A responsável por tudo é Mrs. Danvers.

— Oh, bem, afinal de contas... Beatrice não concluiu a frase, e aceitou o fósforo que Frank lhe ofereceu para o cigarro — e depois de acendê-lo pareceu esquecer o que começara a dizer.— Encarregaram Mitchell dos arranjos, como sempre? perguntou Giles.

— Sim, não creio que coisa alguma tenha sido alterada, não é verdade, Frank? respondeu Maxim. Tínhamos tudo arquivado no escritório, e creio que nada foi esquecido, nem deixamos de fora nenhum dos antigos convidados.

— Que alívio estarmos só nós aqui! exclamou Beatrice.

Lembro-me de ter chegado uma vez a esta hora, e já havia umas vinte e cinco pessoas. Todos para passar a noite. De que vão fantasiar-se, vocês? Maxim, com certeza, recusa-se como sempre? — Como sempre.

— Grande erro, meu caro. A festa mostraria outra animação, se você se fantasiasse também.

— Já ouviu falar dum baile em Manderley a que faltasse animação? — Não, meu rapaz, a organização é perfeita demais. Mas acho que o dono da casa devia dar o exemplo.— Basta que a dona da casa o dê, contraveio Maxim. Por que hei de eu abdicar do meu conforto, e parecer bobo ainda por cima? — Absurdo! Não há necessidade de parecer bobo. Com seu porte, meu caro Maxim, você podia usar qualquer fantasia.

Não teria de preocupar-se com a silhueta, como o coitado do Giles.

— Que é que vai o Giles usar hoje? perguntei. É segredo? — Não, gritou Giles com um sorriso largo. A falar verdade, creio que tive uma boa ideia. O alfaiate da vila é um mestre. Vou de sheik.

— Deus do céu! exclamou Maxim.

— Não está nada mau, disse Beatrice com calor. Giles terá que pintar o rosto, naturalmente, e tirar os óculos. O turbante é autêntico — emprestado por um amigo nosso que morou no Oriente; o resto o alfaiate copiou duma fotografia de jornal. Vai muito bem para Giles.

— E a senhora? Que vai usar, Mrs. Lacy? — Oh, creio que não tive muita inspiração, respondeu Beatrice. Arranjei uma fantasia oriental que combinasse com a de Giles, mas não tenho pretensões a que seja autêntica. Colares de contas — vocês sabem como é — e um véu sobre o rosto.— Oh, não está má. Cômoda, o que já é uma vantagem.

Se fizer muito calor, tirarei o véu. E você? — Não lhe pergunte, disse Maxim. Ela não o diz a ninguém — nunca houve maior segredo. Creio mesmo que fez a encomenda em Londres.

— Minha querida! exclamou Beatrice impressionada.

Não me diga que vai humilhar-nos a todos nós. A minha foi feita em casa, sabe disso? — Não se preocupe, disse eu rindo. Tudo muito simples.

Só que como Maxim não parava de brincar comigo, prometi uma surpresa.

— E tem toda a razão, advertiu Giles. Maxim ostenta um tal ar de superioridade! O fato é que está com inveja, e desejoso de ter arranjado uma fantasia como todos nós, mas não tem coragem de o confessar.— Deus me livre! exclamou Maxim.

— E você, Crawley? perguntou Giles.

Frank fez cara de quem se desculpa.

— Tenho estado tão cheio de tarefas que não me preocupei muito com isso. Arranjei ontem à noite um par de calças velhas e um suéter listado; ponho um pano preto sobre um dos olhos e pronto: pirata.

— Por que não nos escreveu pedindo uma fantasia? perguntou Beatrice. Temos uma de holandês, que Roger usou o ano passado na Suíça. Ir-lhe-ia admiravelmente.

— Não consinto que o meu administrador ande por aí vestido de holandês, disse Maxim. Ninguém mais lhe pagaria os aluguéis. Deixe-o como pirata; poderá amedrontar alguém.

— Frank parecerá tudo, menos pirata, sussurrou Beatrice, baixinho.

Fingi não ouvir. Pobre Frank! Estava ela de novo a fazer pouco dele.

— Quanto tempo levarei para pintar o rosto? perguntou Giles.

— Duas horas pelo menos, disse Beatrice. Eu, se fosse você, começaria já a tratar disso. Quantos seremos no jantar? — Dezesseis, contando conosco. Todos íntimos.

— Já estou ansiosa por vestir-me, disse Beatrice. Como é divertido um baile desses! Ainda bem que você se decidiu a recomeçar, Maxim.

— Agradeça aqui à sua amiga, disse Maxim, indicando-me com a cabeça.

— Oh, não é verdade! protestei. A culpa foi de Lady Crowan.

— Tolice. Sabe você que está tão animada como criança que vai à primeira festa? — Não é verdade! — Estou louca por ver o seu vestido, disse Beatrice.

— Não tem nada de extraordinário...

— Mrs. de Winter diz que a não reconheceremos, falou Frank.

Todos olharam para mim e sorriram. Senti-me contente, animada e feliz. Estavam se mostrando tão gentis, tão amigos.

Comecei a gostar da ideia do baile — e de ser a dona da casa.

Sim, a festa era dada em minha honra, porque eu era a recém-casada. Sentei-me em cima da mesa da biblioteca, balançando as pernas com todos à minha volta, com uma vontade louca de subir, de ir pôr o vestido e a cabeleira, de virar-me e revirar-me em frente ao longo espelho. Era nova em mim esta sensação de ser importante, de ver Giles, Beatrice, Maxim e Frank ali a me olharem, a discutirem sobre minha fantasia, curiosos por saber o que eu escolhera. Pensei no macio vestido branco, enrolado em papéis de seda, e como esse vestido saberia esconder minha silhueta chata, meus ombros um pouco inclinados. Pensei nos meus cabelos lisos, cobertos de cachos leves, brilhantes e sedosos...

— Que horas são? perguntei em voz descuidada, bocejando ligeiramente, fingindo não dar importância a nada.

Eu ansiava por ir para cima.

Ao atravessarmos o grande hall a caminho de nossos quartos, notei pela primeira vez como a casa se prestava para aquele gênero de festa. Até mesmo a sala de visitas, que eu sempre

achara convencional e fria, estava agora um sonho colorido, com flores por toda a parte; rosas vermelhas em vasos de prata sobre as toalhas brancas das mesas da ceia; as janelas abertas para o terraço, onde, assim que escurecesse, seriam acendidas luzes de várias cores. A orquestra já colocara os instrumentos na galeria dos menestréis, e o hall tinha um estranho ar de expectativa.

A severidade da mansão desaparecera. Manderley surgia animada, cheia duma vivacidade que nunca julguei possível.

Não era a Manderley quieta e silenciosa que eu conhecia; em tudo eu notava um significado diferente, novo, que não existia antes. Um ar despreocupado, triunfante, feliz. Era como se a casa revivesse os velhos dias de outrora, quando o hall era realmente o hall dos banquetes, com armas penduradas nas paredes, e os homens sentados a uma mesa longa e estreita, rindo mais alto do que ríamos agora, pedindo vinho, e música, e canções, atirando pedaços de carne aos cães sonolentos.

Mais tarde, em outra época, o ambiente seria ainda alegre, mas já impregnado de certa graça e dignidade; e Caroline de Winter, a dama que eu ia representar aquela noite, desceria a larga escadaria de pedra para ir dançar o minueto. Desejei poder afastar os anos para vê-la. Desejei que naquela noite não aviltássemos a mansão com músicas muito modernas, tão fora de lugar ali, tão desprovidas de romance e graça.

Vi de repente que concordava com Mrs. Danvers, e que devíamos ter preferido um baile de estilo à miscelânea que iríamos ter, com Giles, pobre coitado, alegre e cheio de boa vontade, no seu disfarce de sheik do deserto. Encontrei Clarice esperando-me no quarto com o rosto redondo vermelho de animação. Rimos nervosamente uma para a outra, como duas colegas; depois fechamos a porta à chave. Ruído de papéis de seda, farfalhante e misterioso. Falávamos como conspiradores, andávamos na ponta dos pés; eu me sentia uma criança na véspera do Natal. A agitação de ir para lá e para cá pelo quarto, descalça, quase que pisando em nuvens, os risos contidos, as exclamações abafadas, tudo me fazia lembrar os meus tempos infantis. Maxim achava-se no seu quarto de vestir e a porta de comunicação estava fechada à chave.

Somente Clarice ali — aliada e amiga. O vestido serviu-me perfeitamente. Fiquei quieta, sem poder conter minha impaciência, enquanto Clarice abotoava os colchetes.

— É uma maravilha, senhora! repetia ela apoiando-se sobre os saltos para ver melhor. Um vestido digno da rainha da Inglaterra.

— Veja bem o ombro esquerdo. A alça não está aparecendo?  
— Não, senhora. Tudo direito.

— Que tal está? Que tal estou eu? e sem esperar resposta eu me virava e me revirava à frente do espelho, franzindo as sobrancelhas, sorrindo. Já me sentia diferente, não mais entredada pela minha aparência vulgar; minha personalidade insípida e desinteressante havia enfim desaparecido. Dê-me a cabeleira, pedi vivamente, mas tenha cuidado, não amasse os cachos.

Clarice estava atrás de mim; vi refletido no espelho o seu rosto redondo, os olhos brilhantes, a boca semiaberta. Puxei para trás da orelha os meus cabelos lisos e tomei com dedos trêmulos os cachos fofos e sedosos, rindo baixinho, olhando para Clarice.

— Oh, Clarice, que vai achar Mr. de Winter? Escondi então meus cabelos debaixo da cabeleira crespa, não querendo deixar transparecer o meu triunfo, tentando ocultar a minha alegria. Alguém bateu à porta.

— Quem é? perguntei apavorada. Ninguém pode entrar.

— Sou eu querida, não se alarme, disse Beatrice. Como vai indo? Eu queria ver sua fantasia.

— Não, não! Não pode entrar, não estou pronta ainda.

Clarice, toda agitada, ia-me dando os grampos, um por um.

— Descerei quando estiver pronta, Bee! Vão todos para baixo, não esperem por mim. Diga a Maxim que nem ele pode entrar.

— Maxim já desceu. Não se demore. Estamos todos tão curiosos! Tem certeza de que não precisa de auxílio? — Não! gritei impaciente. Vá-se embora para baixo, depressa...

Por que haveria ela de importunar-me? Aquilo me punha nervosa, irritada. Consertei um cacho rebelde, e não ouvi mais Beatrice; com certeza havia descido. Sentir-se-ia bem nas suas vestes de oriental, e teria Giles conseguido pintar o rosto? Que

coisa absurda, tudo aquilo! pensei. Teríamos virado crianças? Não reconheci o rosto que me olhou do espelho. Os olhos certamente maiores, boca mais bem feita, pele mais branca e pura... Os cachos leves formavam uma nuvem sobre minha cabeça... Olhei para aquela pessoa que não era eu, e sorri — um sorriso novo, lento, diferente.

— Oh, Clarice! exclamei, pegando a saia nas mãos e fazendo uma reverência.

Ela riu nervosamente, um tanto embaraçada, corada, radiante. Passei de cá para lá em frente ao espelho, examinando o meu reflexo.

— Abra a porta. Vou descer. Vá na frente e veja se estão todos lá. Ela obedeceu, rindo sem motivo, e eu de saia arregaçada para não tocar no chão, segui-a pelo corredor.

Logo depois olhou-me e fez um sinal de cabeça.

— Já desceram todos, falou num sopro. Mr. de Winter e o major Lacy. Mr. Crawley também está lá. Todos de pé no hall. Sim, lá estavam eles. Giles, fantasiado de árabe, rindo alto, com um punhal à cintura; Beatrice numa vestimenta esquisita, verde-clara, com diversos colares ao pescoço; e o pobre Frank pouco à vontade e um tanto tolo, com o seu suéter listrado e botas de pirata. Maxim, o único normal do grupo, vestia traje de rigor.

— Não sei o que estará fazendo, dizia este. Fechou-se no quarto há horas. Quantas são, Frank? Os convidados devem chegar a qualquer minuto.

A orquestra já havia tomado posição na galeria, e um dos músicos estava afinando o violino. A luz batia sobre o retrato de Caroline de Winter.

Sim, o meu vestido era uma cópia exata do quadro. As mangas fofas, o cinto, a fita, o grande chapéu batido que eu tinha na mão. E os meus cachos eram os seus cachos, leves, fofos, soltos na cabeça. Creio que nunca em toda a minha vida me senti tão animada como naquele momento, nem tão feliz ou mais vaidosa. Fiz sinal para o homem do violino, e levei o dedo aos lábios pedindo silêncio. Ele sorriu e curvou-se, e veio depois até onde eu estava.

— Faça o tambor anunciar-me, pedi-lhe baixinho. O tambor toca e o senhor anuncia Miss Caroline de Winter.

Quero fazer uma surpresa a todos lá embaixo. O violino inclinou a cabeça em sinal de compreensão. Meu coração batia de uma maneira absurda, minhas faces ardiam como fogo. Que divertido era! Quão loucamente, ridiculamente, infantilmente divertido! Sorri para Clarice, ainda ali oculta no corredor, e arrepanhei os folhos da saia nas mãos. Nesse momento o som do tambor encheu o hall. Todos olharam surpresos para cima.

— Miss Caroline de Winter! anunciou o homem.

Adiantei-me até o topo das escadas, e ali fiquei sorrindo, de chapéu na mão, tal qual a dama do quadro. Esperei o bater de palmas, risadas, enquanto lentamente descia os degraus.

Mas ninguém bateu palmas, ninguém se moveu.

Apenas me olharam, como criaturas mudas. Beatrice deixou escapar um grito abafado, e levou a mão à boca. Eu continuei sorrindo, com os dedos sobre o corrimão.

— Boa noite, Mr. de Winter! saudei.

Maxim não se moveu. Continuava a olhar para mim, como copo de uísque na mão. Não havia vestígio de cor em seu rosto; estava lívido. Vi Frank dirigir-se a ele como se quisesse dizer alguma coisa, mas Maxim afastou-o com um gesto.

Hesitei, já com um pé no degrau da escada. Alguma coisa acontecera, que eles não compreendiam. Por que estava Maxim daquele jeito? Por que estavam todos como bonecos, ou criaturas em transe? Maxim adiantou-se para a escada, os olhos sempre fixos em meu rosto.

— Que diabo pensa que está fazendo? disse ele. Os seus olhos chamejavam de cólera, mas o rosto ainda estava lívido, cor de cera.

Eu não pude mover-me, continuei ali de pé, com a mão apoiada ao corrimão.

— É o retrato, murmurei apavorada com o seu olhar. É o retrato da galeria.

Houve um longo silêncio, em que continuamos a olhar um para o outro. Ninguém se moveu no hall. Senti-me sufocar, e levei a

mão à garganta.

— Que houve? perguntei. Que foi que fiz? Se ao menos não olhassem para mim daquele modo com rostos imóveis e inexpressivos, se ao menos alguém dissesse alguma coisa! Quando Maxim falou de novo, não lhe reconheci a voz. Era uma voz surda, morta, gélida, uma voz que eu não lhe ouvira nunca.

— Vá mudar de vestido, ordenou ele. Pouco importa qual. Ponha um vestido de baile qualquer. Vá antes que apareça alguém. Nada pude responder, apenas continuei a olhar para ele.

Os olhos eram a única coisa viva na máscara branca daquele rosto.— Por que continua aí de pé? disse ele numa voz esquisita e áspera. Não ouviu o que disse? Virei-me e corri cegamente através das arcadas até o corredor além. Vi de relance a expressão atônita do músico que me anunciara. Por ele passei tropeçando, sem olhar onde pisava, sem ter consciência de coisa alguma. Clarice já se fora, e o corredor estava deserto. Olhei em torno estupidamente, como uma criatura perseguida. Vi que a porta para a ala oeste estava aberta e ali se achava alguém.

Mrs. Danvers. Nunca me esquecerei da expressão de seu rosto: odienta, triunfante, horrorosa e má. A fisionomia de um demônio exultante. Ali continuou ela de pé, sorrindo para mim.

E então fugi através do longo corredor estreito até o meu quarto, tropeçando, pisando os folhos do meu vestido branco.



**CLARICE ESTAVA A MINHA ESPERA NO QUARTO**, pálida e amedrontada; ao ver-me desatou em choro. Eu nada disse; comecei a desabotoar o vestido, quase rasgando a fazenda no meu nervosismo. Não consegui fazê-lo sozinha, e Clarice veio ajudar-me, ainda chorando ruidosamente.

— Não tem importância, Clarice, não é sua a culpa, murmurei, e ela sacudiu a cabeça, as lágrimas rolando-lhe pelo rosto.— O seu lindo vestido, senhora, o seu lindo vestido branco! — Não faz mal, Clarice. Não consegue encontrar o colchete? Deve estar aqui atrás, e um outro logo abaixo.

Suas mãos tremiam, e eu teria andado mais depressa se me despisse sozinha.

— Que é que vais vestir, senhora? — Não sei, não sei. Ela conseguiu encontrar os colchetes, e eu, afinal, saí de dentro do vestido rodado. Creio que prefiro ficar só, Clarice; é melhor deixar-me; eu me arranjarei sozinha. Esqueça-se do que aconteceu, quero que você se divirta e aproveite bem a festa.

— Não quer que lhe passe um vestido? Não levará um minuto.

— Não, não se preocupe com isso. Prefiro que se vá agora. E, escute, Clarice... Não diga nada... não diga nada sobre o que aconteceu.

— Nada direi, senhora, respondeu ela rompendo numa torrente de lágrimas.

— Não deixe que os outros a vejam assim. Vá para o seu quarto e lave o rosto; não há motivo para chorar.

Alguém bateu à porta; Clarice me lançou um olhar amedrontado. — Quem é? perguntei; a porta abriu-se e vi Beatrice.

Veio imediatamente até onde eu estava, uma figura um tanto burlesca em suas vestimentas orientais, as pulseiras tilintando nos pulsos.

— Minha querida, minha querida! exclamou ela, estendendo-me as mãos.

Clarice saiu do quarto, e de súbito senti uma cansaça imensa; fiquei incapaz de esforço algum. Sentei-me na cama, saquei fora a cabeleira. Beatrice observava a cena.

— Sente alguma coisa? perguntou-me. Está tão pálida...

— É efeito da luz.

— Fique sentada alguns minutos que logo se sentirá bem.

Espere, vou ver um copo d'água.

Foi até o banheiro, as pulseiras chocalhando a cada movimento, e logo depois voltou de copo na mão.

Bebi uns goles para contentá-la, não que o desejasse.

— Desde o princípio vi que se tratava de um engano terrível, começou Beatrice. Você não podia saber.

— Saber o que? — Que o vestido do retrato de Carolina de Winter foi o que Rebecca usou no último baile à fantasia. Idêntico. O mesmo quadro, o mesmo vestido. Você ficou ali parada sobre as escadas, e por um momento horrível pensei que...

Não concluiu a frase e bateu-me no ombro.

— Minha pobre criança, que infelicidade! Mas como é que você poderia saber? — Eu devia ter sabido, respondi com ar parado, olhando para ela. Eu devia ter sabido...

— De que maneira? Foi coisa que nunca entraria na cabeça de nenhum de nós. Que choque! ninguém esperava por isso — e Maxim...

— Sim, Maxim? — Ele pensa que você o fez de propósito. Havia uma aposta, ou qualquer coisa assim, de que você o surpreenderia, não é? Alguma brincadeira tola. E naturalmente ele

não compreende. Foi um choque terrível para ele, mas afirmei imediatamente que você não poderia ter feito uma coisa dessas de propósito, e que apenas um azar incrível a fizera escolher aquele quadro.

— Eu devia ter sabido, repeti. Foi tudo culpa minha; eu devia ter percebido.

— Não se aborreça; poderá explicar-lhe calmamente enquanto estiverem a sós. Tudo se arranjará. Chegaram algumas pessoas justamente quando eu subia, e estão nos aperitivos. Eu disse a Giles e Frank que inventassem uma história qualquer quanto ao vestido — que não lhe serviu, por exemplo, e que você estava muito decepcionada.

Calei-me. Continuei sentada na cama, com as mãos ao colo.

— Que poderá usar em vez desse maldito vestido? Beatrice interrogou-se, indo escancarar as portas do armário. Achei. Este vestido azul. Muito bonitinho. Vista-o.

Ninguém notará coisa alguma. Depressa, eu a ajudarei.

— Não. Eu não vou descer.

Beatrice, com o meu vestido azul no braço, olhou para mim com ar preocupado e infeliz.

— Mas, minha querida, é preciso, disse ela assustada.

Não é possível que você deixe de comparecer.

— Mas, Beatrice, não desço. Não posso enfrentá-los depois do que aconteceu.

— Mas ninguém saberá coisa nenhuma. Frank e Giles não deixarão escapar uma palavra. A desculpa já está arranjada. A casa de Londres mandou o vestido errado, que não serviu, de modo que você vai usar um vestido de baile comum. Todos acharão natural, e isso não fará a menor diferença para o sucesso da festa.

— Você não compreende. Não me importo com o vestido, não é o que me dói, absolutamente. É pelo que aconteceu, pelo que fiz. Não posso descer, Beatrice, não posso.

— Mas, minha querida, Giles e Frank compreenderam perfeitamente, estão todos com pena de você. Maxim também. Foi apenas o primeiro choque... Vou chamá-lo de lado por um minuto e explicar-lhe tudo.

— Não, não!...Beatrice colocou o vestido azul ao meu lado na cama.

— Devem estar todos chegando, disse muito preocupada. Há de parecer tão esquisito, se você não descer! não posso inventar nenhuma repentina enxaqueca...

— Por que não? gemi desanimada. Que importância tem isso? Invente qualquer coisa. Ninguém se importará, ninguém me conhece...

— Vamos, querida! insistiu Beatrice, dando-me um tapinha na mão. Faça um esforço, ponha este vestido azul, tão bonito. Pense em Maxim; pense que precisa descer por causa dele.

— Em Maxim vivo pensando o tempo todo... Mas não posso, não posso, declarei, mordendo a unha, balançando-me na cama para lá e para cá.

Alguém bateu à porta.

— Céus, quem será? e Beatrice foi ver. Quem é? Era Giles, que ficou do lado de fora e disse: — Já chegaram todos; Maxim manda-me ver o que está acontecendo por aqui.

— Ela está decidida a não descer. E agora? Que faremos? Giles espiou de relance pela porta entreaberta.

— Oh, Deus, que complicação medonha! murmurou baixinho. Que poderei dizer a Maxim? São já oito e cinco.

— Diga que ela não está se sentindo bem, e tentará descer depois. E que a não esperem para o jantar. Descerei daqui a alguns segundos e arranjarei tudo.

— Está certo.

Ele ainda olhou de relance para mim, com expressão amiga, mas um tanto curiosa, sem compreender por que ficava eu ali sentada sobre a cama. Sua voz era a dos dias de acidente, antes da chegada do médico.

— Há alguma coisa que eu possa fazer? perguntou.

— Não. Vá para baixo, eu irei logo em seguida, disse Beatrice.

Giles obedeceu, e afastou-se sacudindo-se no seu traje árabe. Daqui a alguns anos, pensei comigo, hei de rir-me deste momento dizendo: "Lembra-se de Giles vestido de árabe, e de

Beatrice com um véu sobre o rosto, e pulseiras barulhentas nos braços?" E o tempo suavizará tudo, fará deste momento um motivo de riso. Mas agora não era nada cômico, nem eu tinha vontade de rir; ainda não era o passado, sim o trágico presente.

— Quer um pouco de brandy? perguntou Beatrice num último esforço. Sei que dá apenas uma coragem artificial, mas às vezes consegue maravilhas.

— Não, não quero coisa alguma.

— Vou ter que descer; diz Giles que nos estão esperando para o jantar. Tem certeza de que ficará bem sozinha? — Sim, Beatrice, muito agradecida.

— Oh, querida, não me agradeça. Bem que gostaria de poder fazer qualquer coisa.

Parou em frente ao espelho para empoar o rosto.

— Meu Deus, que cara! Este diabo de véu vive torto.

Enfim, não há remédio.

Quando Beatrice se retirou do quarto eu senti que perdera o direito à sua solidariedade, por ter-me recusado a descer. Eu mostrara a pena branca da covardia.

Ela não compreendera, pois pertencia a outro tipo humano ou outra raça. As mulheres de sua raça tinham coragem, não eram como eu. Se aquilo tivesse acontecido com Beatrice, ela teria posto o outro vestido e descido para saudar os convidados; teria ficado ao lado de Giles, apertando a mão dos que chegavam, sorrindo mesmo. Mas eu não podia agir assim. Não tinha aquele orgulho, nem aquela coragem. Eu não era bem criada.

Uma só coisa eu via: o olhar de Maxim a arder no rosto lívido; e, atrás dele, Beatrice, Giles e Frank encarando-me fixamente, olhando-me como devem olhar criaturas sem vida.

Levantei-me da cama e fui espiar à janela. Os jardineiros estavam experimentando as luzes no jardim das rosas, uma a uma, para ver se funcionavam bem. Céu pálido, como algumas listas cor de salmão a oeste. Logo que escurecesse, as luzes seriam acesas, luzes de todas as cores, azuis, violetas, vermelhas e brancas como o luar. Havia mesas e cadeiras no jardim das rosas, para os pares que ali quisessem descansar.

Eu podia sentir o perfume das flores, ali na janela. Os jardineiros riam e conversavam. "Há uma lâmpada queimada aqui", disse um deles. "Vá buscar outra — uma azul, Bill." Depois que colocou a lâmpada, pôs-se a assobiar uma ária popular em voga no momento — e eu pensei que logo à noite a orquestra tocaria aquela mesma música lá no hall. "Está certo", disse o homem. "Todas acendem. Vamos ver as do terraço." Afastaram-se e eu ainda ouvi o assobio a distância.

Que vontade de ser aquele homem... Mais tarde na noite ele ficaria ao lado do seu amigo vendo os carros chegar, com as mãos no bolso, o boné atrás da cabeça. Estaria num grupo de moradores das terras de Manderley, e beberia cidra na longa mesa arranjada para os empregados no centro do terraço.

"Como nos tempos antigos, não?" diria ele. Mas o seu amigo de cachimbo na boca sacudiria a cabeça. "A Mrs. de agora não é igual à nossa Mrs. de Winter; é completamente diferente." E uma mulher ao lado concordaria, e os outros também — todos.

"Onde está ela agora? Ainda não veio ao terraço uma só vez." "Não sei dizer; nem sequer a conheço." "Mrs. de Winter costumava estar aqui, ali e em toda a parte." "Sim, isso é verdade." E a mulher se voltaria para os seus vizinhos, meneando a cabeça misteriosamente: o "Dizem que não vai aparecer hoje." "Deixe disso!" "É verdade. Pergunte aqui à Mary." "É verdade, sim. Uma das empregadas da casa me disse que Mrs. de Winter não desceu do quarto a noite toda." "Que aconteceu com a menina? Estará doente?" "Não; emburrada, creio. Dizem que o vestido não lhe agradou." Risadas, um murmúrio do grupo todo.

J.,Í "Onde já se viu uma coisa assim? É uma ofensa para Mr. de Winter." "Eu não aguentaria isso dum fiapo de gente como aquele." "Talvez não seja verdade; nada sabemos ao certo." "É verdade, sim. Não falam em outra coisa lá dentro." Um para o outro. Este para o seguinte. Um sorriso, um piscar de olhos, um encolher de ombros. Um grupo, e depois outro grupo. E espalhando-se até entrar os convidados dispersos pelo terraço e pelo gramado. Um par viria sentar-se naquelas cadeiras ali no jardim das rosas.

"Julga que seja verdade o que dizem?" "Que é que você ouviu?" "Oh, que ela não tem nada; que o que houve foi uma discussão terrível e ela não vai aparecer, afinal de contas!" "Não diga!" Sobrancelhas levantadas, assobio entre dentes.

"É incrível, não é mesmo? Quero dizer, ninguém fica com uma violenta dor de cabeça assim de repente. Acho a história toda muito esquisita." "Venho achando Mr. de Winter um pouco taciturno." "Também eu." "Naturalmente você já ouviu falar que o casamento não foi lá um grande sucesso." "Não diga!" "É o que muita gente rosna. Que ele está começando a compreender o erro.. Ela não é nenhuma beleza, você sabe." "Ouvi dizer. Mas quem é ela, afinal?" "Oh, ninguém. Moça pegada no sul da França, uma governante de criança, ou coisa que o valha." "Deus do céu!" Continuei a olhar para as cadeiras vazias, para o céu cujo tom de salmão passara a cinza. Sobre minha cabeça brilhava uma estrela, e nos bosques além do jardim das rosas os pássaros despediam-se da luz moribunda. Solitária gaivota cortou o espaço. Saí da janela e voltei para a cama. Peguei do chão o vestido branco e guardei-o na caixa, entre os papéis de seda. Também pus a cabeleira na caixa em que viera. Procurei depois no meu armário o pequeno ferro de passar roupa que eu usava em Monte Carlo para os vestidos de Mrs. Van Hopper.

Estava no fundo da prateleira, entre algumas malhas que havia tempo eu não usava. O ferro era de voltagem universal; liguei-o à tomada da parede e comecei a passar o vestido azul que Beatrice tirara do armário — a passá-lo lentamente, metodicamente, como costumava fazer em Monte Carlo com os vestidos de Mrs. Van Hopper.

Quando acabei, estendi-o sobre a cama. Depois tirei do rosto a pintura da fantasia, penteiei os cabelos, lavei as mãos.

Vesti o vestido azul e calcei sapatos que combinassem. Quase voltei a ser aquela menina que andara pelos hotéis à sombra de Mrs. Van Hopper. Saí para o corredor. Tudo em silêncio; não parecia haver festa alguma lá embaixo. Atravessei o corredor pé ante pé, virei a curva. A porta que dava para a ala oeste estava fechada, não se ouvia som de espécie alguma. Quando cheguei à

arcada da galeria, pude ouvir o murmúrio de vozes na sala de jantar. Estavam ainda à mesa, e vi o grande hall deserto. Também na galeria não havia ninguém. Os homens da orquestra com certeza também jantavam.

Do ponto onde me achava, eu podia ver o retrato de Caroline de Winter, olhando-me lá na galeria. Podia ver os cachos que lhe emolduravam o rosto e distinguir o sorriso de seus lábios. Lembrei-me do que me dissera a senhora do bispo: "Nunca me esquecerei dela, vestida de branco, com aquela nuvem de cabelos negros a emoldurar-lhe o rosto". Eu devia ter-me lembrado disso, devia ter desconfiado. Como os instrumentos de música pareciam esquisitos, largados ali na galeria — as estantes portáteis, o enorme tambor... Um dos músicos deixara o lenço numa cadeira. Debrucei-me sobre o balaústre e espiei o hall embaixo. Breve estaria cheio de gente, como dissera a mulher do bispo, e Maxim ficaria perto das escadas, recebendo a todos, dando apertos de mão à medida que os convidados chegavam. O som das vozes ecoaria até o teto e a orquestra tocaria ali onde me achava agora, com o violinista a sorrir, acompanhando o ritmo com a cabeça.

Uma tábua do soalho rangeu atrás de mim. Voltei-me rápida. Ninguém. A galeria sempre deserta. Mas senti no rosto uma corrente de ar; alguém deixara uma janela aberta no corredor. O zunzum de vozes continuava a subir da sala de jantar; não entendi aquele ranger, pois eu não fizera movimento algum. A corrente de ar continuava. Uma partitura de música voou de uma das estantes. Olhei na direção da arcada, em cima. Vinha de lá o vento. Fui até lá. Quando penetrei no grande corredor vi que a porta para a ala oeste estava escancarada. Muito escuro o corredor; nenhuma luz acesa. Sentia o vento no rosto, vindo de uma janela aberta. Procurei um interruptor, mas não encontrei nenhum. Podia agora ver a janela num ângulo do corredor, com as cortinas balançando. A luz acinzentada da noite desenhava estranhas sombras sobre o chão. O ruído do mar chegou aos meus ouvidos, o assobio suave da maré vazante abandonando os cascalhos brancos.

Não fui fechar a janela. Fiquei ali um momento, tremendo naquele meu vestido leve, ouvindo os gemidos do mar distante.

Por fim tranquei a porta da ala oeste e saí dali.

O murmúrio de vozes tinha crescido e a porta da sala de jantar estava agora aberta. Tinham acabado de jantar. Pude ver Robert junto à porta, ouvi o ruído de cadeiras que se afastavam; rumor de conversas e risos.

Desci lentamente as escadas...

Quando penso na minha primeira festa em Manderley — primeira e última — lembro-me de pequenas coisas isoladas a sobressaírem no vasto fundo branco da noite iluminada. O cenário era confuso, um mar de rostos indistintos, que eu não conhecia, e o lento lamuriar da orquestra repisando uma valsa sem fim. Os mesmos pares rodando, os mesmos sorrisos fixos e eu, ali ao lado de Maxim, ao pé da escadaria, cumprimentando os retardatários, tinha a impressão de que aqueles pares eram marionetes movimentadas por mão invisível.

Havia uma mulher cujo nome nunca vim a saber, que nunca mais vi, de vestido cor de salmão, rodado, de estilo de não sei que época, século 16, 17 ou 18. Cada vez que passava por mim a orquestra repetia uma cadência balanceada, e ela inclinava-se, bamboleando-se, sorrindo sempre para o meu lado. Tantas vezes isso aconteceu que se tornou automático afinal, uma questão de rotina, como aqueles passeios a bordo pelo tombadilho, quando encontramos sempre as mesmas pessoas a fazerem exercício, e sabemos, com uma certeza absoluta, que iremos dar com elas de novo na outra volta.

Posso vê-la ainda agora, de dentes saídos, uma alegre mancha de rouge nas maçãs do rosto, o sorriso vazio, feliz de quem está se divertindo muito. Vi-a mais tarde na ceia, os olhos agudos examinando a comida, a encher o prato de maionese e lagosta. Também lá estava Lady Crowan, monstruosa, de vermelho, fantasiada não sei de que romântica personagem do passado, que tanto podia ser Maria Antonieta como Nell Gwynne — ou uma estranha combinação das duas. Não parava de proclamar em voz estridente, um pouco mais alta que do costume por causa do champanhe: — É a mim que devem agradecer isto, e não aos de Winter.

Lembro-me que Robert deixou cair uma bandeja de sorvetes, da expressão do rosto de Frith ao ver que era Robert o culpado e não um dos garçons de fora. Tive vontade de ir consolar Robert: "Sei como você se sente; compreendo muito bem... Eu fiz ainda pior esta noite". Até hoje ainda posso sentir o sorriso fixo dos meus lábios, não condizente com a miséria do meu olhar. Posso ver a querida Beatrice, tão amiga e sem tato, dependurada nos braços de seu par, a observar-me, com as pulseiras bimbalhando nos pulsos, o véu continuamente escapando da fronte encalorada. E posso verme rodando pelo salão numa dança desesperada com Giles, cuja bondade de coração ignorou a minha recusa, mas que me conduzia através da multidão como se eu fora um dos seus cavalos. "Muito bonitinho este seu vestido. Faz que os fantasiados pareçam supinamente tolos", disse ele — e eu agradeci-lhe do fundo do coração aquela frase tão simples, mas patética de sinceridade e compreensão.

Foi Frank quem veio trazer-me um prato de galinha e presunto, que não consegui comer, e ainda Frank quem ficou ao meu lado com uma taça de champanhe, que eu não pude beber.— Gostaria que bebesse, implorou em voz suave. Está precisando — e para lhe proporcionar prazer tomei três goles.

O pano preto sobre os olhos dava-lhe uma aparência estranha, tornando-o mais velho, diferente — e pareceu-me ver no seu rosto rugas que não percebera antes.

"Ele passeava por entre os convidados como pessoa da família, cuidando do bem-estar de todos, atento a que fossem bem servidos, dançando de maneira solene e sem abandono, conduzindo o seu par pela sala com expressão fixa no rosto.

Frank não sabia dar naturalidade ao pirata em que se transformara; havia qualquer coisa de trágico nas suíças que enfiara sob o lenço vermelho da cabeça. Imaginei-o lá no seu quarto, em frente ao espelho, encrespando aquelas suíças à volta dos dedos. Pobre Frank! Querido Frank! Nunca perguntei, nunca vim a saber até que ponto ele se escarmentara com o último baile à fantasia jamais dado na mansão de Manderley.

A orquestra continuava a tocar: os pares rodopiavam no grande hall como marionetes; mas não era eu quem os observava, não era uma pessoa de carne e osso, que pensasse, ou sentisse — mas sim o boneco que tomara o meu lugar, que tinha um sorriso fixo nos lábios. O homem ao meu lado também era de madeira; seu rosto, pura máscara. Os olhos de Maxim não eram os do homem que eu conhecia e amava.

Atravessavam a minha pessoa e seguiam para além, gélidos, inexpressivos — para além, até um lugar de sofrimento e tortura, até algum inferno íntimo e desconhecido a que não me era dado penetrar.

Maxim não se dirigiu a mim; nem uma só vez me tocou.

Estávamos ao lado um do outro, o dono e a dona da casa, mas não estávamos juntos. Eu observava a sua cortesia para com os convidados, atirando uma palavra a um, uma brincadeira a outra, um sorriso a terceiro, mas ninguém podia saber, a não ser eu, que cada palavra que pronunciava, cada movimento que fazia era algo automático, algo produzido por máquina.

Embora atores na mesma peça, estávamos divididos, não representávamos de acordo. E tínhamos que suportar aquilo, de representar até o fim por causa daquela gente para mim desconhecida, e que eu não queria ver nunca mais.

— Ouvi dizer que o vestido de sua senhora não chegou a tempo, observou alguém, um homem de cara pintada e rabicho de marinheiro, rindo e dando uma pancadinha em Maxim. O cúmulo, hein? Se fosse eu, processava a loja. Já uma vez deu-se coisa assim com uma prima de minha mulher.

— Sim, foi pena, ecoou Maxim.

— Vou dizer-lhe uma coisa, continuou o marinheiro. — A sua senhora devia dizer-se miosótis. São azuis os miosótis, e lindos. Não acha, de Winter? Aconselhe sua senhora a dizer-se miosótis, — e afastou-se, rindo à larga, arrastando seu par e repetindo: "Boa ideia, hein? Miosótis!" Nisto Frank novamente apareceu atrás de mim com um copo, dessa vez uma limonada.— Não, Frank, obrigadíssima, murmurei.

— Por que não dança um pouco? Ou prefere sentar-se um minuto? Há no terraço um canto tranquilo.

— Obrigada, prefiro ficar de pé.

— Não quer um sanduíche, uma pera?

— Não, obrigada, não quero nada.

A dama de salmão passou de novo, e desta vez esqueceu-se de sorrir. Estava afogueada, de olhos sempre erguidos, fitando o rosto do seu par — um homem alto e magro, com queixo de violino.

A orquestra tocou o Danúbio Azul, a valsa Destiny, a Viúva Alegre; um, dois, três, um dois, três, rodando sempre.

A dama de vestido cor de salmão. Outra de verde. Beatrice, novamente, com o véu puxado para trás. Giles, com o rosto alagado. De novo o marinheiro com outro par. Pararam perto de mim. Eu não conhecia essa dama. Fantasiada à moda dos Tudor — uns tufos em volta do pescoço, vestido de veludo negro. — Quando vêm nos ver? perguntou-me como se fôssemos velhas conhecidas, e eu respondi: — Logo, naturalmente; ainda o outro dia falamos nisso.

Admirei-me da minha facilidade de mentir. Não exigia esforço algum.

— Que linda festa! — Meus parabéns, continuou a dama.

— Obrigada. Está realmente divertida, não é? respondi.

— Ouvi dizer que lhe mandaram o vestido errado?...

— Pois foi. Veja que absurdo, não? — Essas lojas são todas iguais; não se pode ter confiança em nenhuma. Mas a senhora está encantadora, assim de azul.

Muito mais agradável do que este meu veludo preto quentíssimo. Não se esqueça, precisam ambos vir jantar no Palácio brevemente.

— Com o maior prazer.

Que queria ela dizer com "palácio"? Estaríamos recebendo alguém da família real? Ao som do Danúbio Azul a dama voltou aos braços do marinheiro, com o seu vestido de veludo varrendo o chão. Só muito mais tarde vim a saber que a mulher fantasiada à Tudor era a esposa do bispo — a que gostava tanto de andar nos Pennines. Que horas seriam? Eu não tinha a menor ideia, só sabia

que a noite se arrastava com lentidão extrema. As mesmas caras sempre e sempre as mesmas melodias. De vez em quando os jogadores de bridge emergiam da biblioteca, como eremitas, para observar os pares em giro, e logo depois voltavam à toca. Beatrice, de véu rastejante, veio murmurar ao meu ouvido: — Por que não se senta? Parece uma morta.

— Estou muito bem.

Giles, com a pintura a escorrer-lhe pelo rosto, sufocando em suas mantas árabes, também veio até mim, convidar-me para ver do terraço os fogos de artifício.

Lembro-me de ter ido até lá e de ter olhado o céu enquanto os foguetes subiam, arrebetavam e caíam traçando na lousa da noite riscos luminosos. Lá vi a pequena Clarice a um canto, com um dos rapazes de Manderley, sorrindo satisfeita, dando gritinhos nervosos. Já havia esquecido as lágrimas.

— Olá! agora é um grande! exclamou Giles, de nariz para o ar e boca aberta. Lá vem ele. Bravo, muito bem 1 O assobio lento do foguete ganhando impulso no ar. O ruído da explosão. A chuva de estrelinhas verdes. O murmúrio de aplauso da multidão. Gritos delicados, bater de palmas...

A dama de salmão, bem à minha frente, tinha no rosto uma expressão de expectativa, e um comentário a cada estrela que caía. "Que beleza!... aquela, agora!... Que linda!... Esta não explodiu... Cuidado, vem do nosso lado... Que estão fazendo aqueles homens lá adiante?..." Até os eremitas deixaram a toca e vieram ao terraço juntar-se aos dançarinos.

Os gramados estavam apinhados de gente. As estrelinhas que caíam brilhavam sobre os rostos virados para cima.

Inúmeras vezes os rojões subiam como flecha e coloriam o céu de vermelho, verde, violeta ou cor de ouro. Manderley destacava-se então como um encantamento, as vidraças em fogo, as paredes enluzadas. Mansão do fogo a sobressair contra o fundo negro dos bosques em sombra. E quando o último foguete explodiu e os vivas se acabaram, a noite, que fora bela, tornou-se por contraste insípida e pesada, com o céu triste como um palio. Os grupos se dissolveram; às portas do terraço amontoavam-se todos,

vindos dos salões. Era a reação, o cansaço, a falta de entusiasmo depois do exagero da alegria.

Ficamos todos por ali, com caras inexpressivas. Alguém me ofereceu uma taça de champanhe; ouvi o rumor dos carros que vinham alinhar-se para receber a carga humana.

"Começa a dispersão", pensei comigo. A dama de salmão, entretanto, ainda estava repetindo a ceia. Até que o último convidado se fosse... Frank veio fazer um sinal à orquestra. Eu me quedara entre a sala de visitas e o hall ao lado de um homem desconhecido.

— A festa esteve encantadora, disse-me ele.

— Sim?...

— Diverti-me imensamente.

— Tenho muito gosto em saber isso.

— Molly ficou furiosa de não poder vir.

— Não diga?...

A orquestra rompeu o "Auld Lang Syne". O homem tomou minha mão e começou a balançá-la. "Venham!" gritou a algumas pessoas perto. "Venham"! Alguém me pegou a outra mão, e muitos se reuniram a nós. Formamos um grande círculo e pusemo-nos a cantar. O homem da Molly que ficara furiosa por não vir, vestia-se de mandarim; suas unhas postiças ficaram presas nas mangas quando balançamos as mãos para cima e para baixo. Ele quase estourou de rir — e todos nos rimos também. Shottld auld acquaintance be forgot — cantamos.

A ruidosa alegria acabou com os últimos acordes, e o tambor rompeu o inevitável prelúdio do "God Save the King".

Os sorrisos abandonaram todas as fisionomias, como se apagados por esponja. O mandarim ficou atento, com as mãos penduradas ao longo do corpo. Lembro-me de ter vagamente pensado na hipótese de pertencer ele ao exército. Que estranha aparência, aquela inexpressiva cara de jogador de pôquer, os bigodes escorridos para baixo! O meu olhar cruzou-se com o da dama vestida de salmão. O "God Save the King" pegara-a de surpresa, com um prato de galinha fria na mão, que ela segurava como a uma bandeja de coleta na igreja. A animação desaparecera-

lhe do rosto. Mas quando a última nota morreu no ar, ela atacou de novo a galinha com verdadeiro frenesi, falando com o seu par por sobre o ombro. Alguém veio apertar-me a mão.— Não se esqueça de que vêm jantar conosco no dia quatorze do mês que vem.

— Sim?...

— Oito e meia, gravata preta. Terei muito prazer em receber a sua visita.

— Sim, sim, ótimo...

O povo começou a formar fila para o adeus. Maxim estava do lado oposto. Consegui fazer voltar aos meus lábios o sorriso fixo que desaparecera com o "Auld Lang Syne".

— A noite mais agradável dos meus últimos tempos, disse-me alguém.

— Muito prazer!...

— Prazer...

— Obrigadíssimo pela ótima festa, que apreciei muitíssimo.

— Aqui ficamos até o fim.

— Muito prazer...

Não haveria outra frase que permitisse variar? Eu inclinava a cabeça e sorria qual um polichinelo, meus olhos procurando Maxim por cima daquelas cabeças. Vi-o preso no bolo de gente saída da biblioteca. Beatrice também estava cercada, e Giles levava um grupo de atrasados ao bufete.

Frank, à porta, dirigia o serviço dos autos. Vi-me rodeada de estranhos.

— Boa noite e muito agradecida...

— Muito prazer...

O grande hall começou a esvaziar-se; já ia adquirindo o ar desanimado e deserto de fim de festa. O palor da madrugada já me permitia distinguir o contorno das armações dos fogos de artifício.

— Boa noite, uma linda festa.

— Muito prazer...

Maxim fora reunir-se a Frank. Beatrice veio procurar-me, tirando as pulseiras dos braços.

— Não aguento estas coisas nem mais um minuto! Céus, como estou cansada! Não creio que tenha perdido uma só dança.

Em todo caso, foi um sucesso tremendo.

— Foi!...

— Minha querida, por que não vai já para a cama? Você parece exausta, e ficou de pé quase toda a noite. Onde estão os homens?— Lá fora, no jardim.

— Vou tomar uma xícara de café com ovos e bacon. Não quer também? — Não, Beatrice, creio que não.

— Você ficou muito bem de azul. Foi o que todo o mundo disse. E ninguém desconfiou nada... portanto, não se aborreça.

— Não.

— Se eu fosse você, passava deitada o dia todo. Não se levante, tome as refeições na cama.

— Sim, talvez.

— Direi a Maxim que você já subiu, quer? — Sim, faça-me esse favor, Beatrice.

— Ótimo, querida. Durma bem — e ela beijou-me rapidamente, batendo-me no ombro em seguida, e foi à procura de Giles no bufete. Subi lentamente os degraus da escada, um a um. Os músicos tinham apagado as luzes na galeria e descido para comer ovos com bacon. Folhas de música espalhadas pelo chão. Uma cadeira caída, um cinzeiro grande cheio de pontas de cigarro. Fim de festa. Atravessei o corredor em direção ao meu quarto. O dia clareava. Os pássaros começavam a cantar. Não foi preciso acender a luz para despir-me. Um ventinho cortante entrava pela janela aberta. Madrugada fria, sim. Vi que muita gente devia ter estado no jardim das rosas — as cadeiras espalhavam-se em desordem. Uma bandeja de copos vazios sobre uma das mesas. Alguém esquecera lá uma bolsa. Corri as cortinas para escurecer o quarto, mas a luz da madrugada insinuava-se pelas aberturas laterais.

Enfiei-me na cama, moída de cansaço e com dor nas costas.

Deitei-me e fechei os olhos sentindo o contacto agradável dos lençóis de linho e desejando que o meu espírito pudesse descansar, como o meu corpo — não pensar, adormecer — em vez de vibrar daquele jeito, acompanhando a música, seguindo o ondular constante de um mar de rostos.

Passei as mãos sobre os olhos, mas a dança do excesso de imagens não cessou.

Quanto tempo se demoraria Maxim ainda? Sua cama ao meu lado parecia fria e nua. Breve não haveria mais sombras no quarto; paredes, teto, chão, tudo a luz do sol ia conquistando. Os pássaros elevavam o vozerio — já havia manchas de ouro nas cortinas. O relógio à minha cabeceira pulsava um a um os minutos. Os ponteiros faziam a sua eterna volta. Deitei-me de lado, observando-os. Deram a volta toda, e foram além, começando nova jornada. Maxim não vinha...

18

**CREIO TER ADORMECIDO** pouco depois das sete.

Lembro-me ainda estar acordada com dia claro, com as cortinas não dando mais ilusão de esconderem o sol. A luz entrava pela janela aberta, desenhando riscas douradas na parede. Ouvi rumor dos criados no jardim das rosas, a recolherem as cadeiras e mesas, e as mágicas lâmpadas que nos tinham encantado à noite. A cama de Maxim continuava deserta. Eu me deitara com os braços sobre os olhos, posição pouco apropriada para o sono, mas consegui chegar até àquele estado de semi-inconsciência que é quase sono — e afinal dormi. Quando acordei já era mais de onze horas; Clarice devia ter entrado sem que eu a sentisse, pois estava ali uma bandeja de chá gelado e minhas roupas tinham sido arrumadas.

Tomei o chá com o pensamento ainda confuso depois daquele sono pesado e breve, e olhei para a parede branca à minha frente. A cama vazia de Maxim fez-me voltar à realidade, e a angústia profunda da noite anterior mais uma vez se apoderou de mim. Ele não viera aquela noite. Os pijamas dobrados, a cama intacta. Que teria pensado Clarice quando veio com o chá? Contá-lo-ia aos outros criados? Seria aquele o assunto na copa? Fiquei a ponderar por que motivo uma coisa dessas me preocupava, por que a ideia

dos criados a discutirem sobre isso na cozinha me causava aborrecimento. Talvez porque eu tivesse mentalidade estreita, sentisse horror a comentários sobre minha pessoa.

Por isso descera eu a noite passada, com aquele vestido azul, em vez de ficar em meu quarto. Nada havia de belo ou louvável nesse meu gesto, que não passava de tributo às convenções. Eu não descera por causa de Maxim, nem de Beatrice, nem de Manderley. Descera por não querer que me julgassem brigada com Maxim. Não queria que fossem para casa dizendo: "Está claro. Eles não se combinam. Ouvi dizer que ele não é nada feliz". Eu descera por amor de mim mesma, do meu pobre orgulho. E enquanto tomava o chá refleti, com uma sensação de cansaço e amargo desespero, que eu me contentaria em viver num canto de Manderley, com Maxim no outro, contanto que o mundo nunca viesse a saber disso.

Mesmo que Maxim deixasse de ter afeição por mim, e nunca mais me beijasse, jamais me dirigisse a palavra a não ser por motivo de absoluta necessidade — mesmo assim creio que eu poderia suportar a vida se tivesse a certeza de que ninguém sabia disso. Se pudéssemos subornar os criados para nada dizer, e representar diante dos parentes, diante de Beatrice e de todos...

Pareceu-me, naquele momento em que me via ali sentada na cama, que nada havia de mais vergonhoso, de mais degradante, que um casamento falho. Que falhasse depois de três meses, como o meu. Porque eu já não tinha ilusões, nem fazia esforços para enganar-me a mim mesma.

A noite passada mostrara-me claramente em que pé estavam as coisas. Meu casamento fora um fracasso. Tudo o que dissessem sobre ele, se pudessem adivinhar a nossa vida, seria verdadeiro. Não combinávamos. Não éramos companheiros. Não tínhamos sido feitos um para o outro. Eu era muito moça para Maxim, muito inexperiente e, acima de tudo, não pertencia ao seu mundo. Pouco importava que o amasse de maneira doentia, dorida e desesperada, como uma criança ou como um cão. Não era de amor que ele precisava.

Precisava de outra coisa que eu não podia dar-lhe, e que antes possuía. Pensei no entusiasmo e na presunção tão grandes, mas próprios da mocidade, com que eu me atirara a esse casamento, pensando que iria levar-lhe a felicidade — a Maxim, que já conhecera felicidade maior. Até mesmo Mis.

Van Hopper, tão estreita de visão, adivinhara o erro que eu ia cometer. "Vai arrepender-se", dissera-me ela. "Na minha opinião, está cometendo um grave erro." Recusei-me a ouvi-la, achei-a cruel. Hoje vejo que estava certa. Certa em todos os pontos. Aquela última estocada antes de dizer-me adeus: "Não tenha ilusão de que ele esteja apaixonado por você. É que se sente sozinho, não pode suportar a ideia de morar naquele casarão vazio" — frase cruel, sim, mas talvez a mais verdadeira que ela jamais proferisse em toda a sua vida. Maxim não me amava, nunca tinha me amado. Nossa lua de mel no Mediterrâneo nada significara para ele, nem tampouco a nossa vida aqui. O que supus ser amor por mim, por mim como pessoa, não era amor.

Ele era homem; eu, sua mulher e moça, mais nada. Maxim não me pertencia, absolutamente. Pertencia a Rebecca. Ainda pensava em Rebecca. Nunca poderia amar-me por causa de Rebecca. Ela ainda vivia na casa, como dissera Mrs. Danvers, naquele quarto da ala oeste, na biblioteca, na saleta, na galeria.

Até mesmo no pequeno jardim de inverno onde a sua capa se dependurava. E nos jardins, nos bosques, e lá embaixo, na cabana de pedra. Seus passos soavam, nos corredores, seu perfume ainda pairava no ar. Os criados ainda obedeciam às suas ordens; a comida que nos serviam era a de que ela gostava. Suas flores prediletas enchiam as salas, suas roupas estavam nos armários de seu quarto, as escovas sobre a mesa, os sapatos embaixo da cadeira, a camisola sobre a cama.

Rebecca ainda era senhora de Manderley. Rebecca ainda era Mrs. de Winter. Eu nada tinha que fazer ali. Viera tontamente, qual pobre estouvada, invadir terreno alheio. "Onde está Rebecca?" perguntara a avó de Maxim. "Quero Rebecca. Que fizeram de Rebecca?" Ela não me conhecia, e pouco se importava comigo. E por que havia de importar-se? Eu era uma estranha, não pertencia

a Maxim ou a Manderley. E Beatrice, no nosso primeiro encontro, olhando-me de cima para baixo, dissera-me na sua maneira direta, franca: "Como você é diferente de Rebecca!" Frank, sempre reservado e embaraçado, abriu-se quando lhe falei sobre Rebecca: "Sim, era a criatura mais linda que jamais vi".

Rebecca, sempre Rebecca. Onde quer que eu andasse em Manderley, onde quer que me sentasse; mesmo nos meus pensamentos e nos meus sonhos, sempre encontrava Rebecca.

Eu a conhecia agora, as pernas longas e bem feitas, os pequenos e delicados pés. Ombros mais largos que os meus, mãos inteligentes e débeis. Mãos que sabiam governar um barco, que podiam sofrer um cavalo. Mãos que arranjavam flores, construíam modelos de navios e escreviam "A Max, Rebecca", na página branca de um livro. Eu conhecia o seu rosto também, de oval perfeito, a pele acetinada e branca, moldura de cabelos negros. Sabia qual o perfume que usava, podia adivinhar-lhe o riso e o sorriso. E se entre centenas de outras eu ouvisse sua voz, saberia reconhecê-la.

Rebecca, sempre Rebecca! Eu nunca me libertaria de Rebecca. Mas talvez eu a atormentasse, como ela me atormentava a mim; talvez me olhasse, realmente, de cima da galeria, como dissera Mrs. Danvers, e se sentasse ao meu lado quando eu escrevia à sua escrivãzinha. Eram seus aquela capa de borracha que eu vestira e o lenço que estivera entre minhas mãos. Talvez me tivesse visto usá-los. Jasper era seu, e corria agora atrás de mim. As rosas eram suas, e eu as colhia. Será que minha presença a perturbava, e que também ela me temia, como eu a temia? Queria ela que Maxim ficasse sozinho naquela casa outra vez? Eu podia lutar contra os vivos, mas não contra os mortos. Se houvesse em Londres uma mulher que Maxim amasse, alguém a quem ele escrevesse, com quem jantasse e dormisse, eu poderia lutar contra ela. Estaríamos em pé de igualdade, e eu não teria medo. Raiva e ciúme eram coisas que podiam ser dominadas e vencidas. Um dia a mulher ficaria velha, ou cansada, ou diferente, e Maxim não a amaria mais.

Mas Rebecca nunca envelheceria. Rebecca seria sempre a mesma. E contra ela eu não poderia lutar. Forte demais para mim. Levantei-me da cama e abri as cortinas. O sol entrou em cheio no

quarto. Os homens já tinham posto ordem no jardim das rosas. Fiquei cismando se estariam a comentar o baile, como é costume no dia seguinte a uma festa.

"Acha que esteve tão bom como antigamente?"

"Oh, acho que sim."

"A orquestra arrastou-se um pouco, na minha opinião."

"A ceia esteve formidável."

"Os fogos nada maus."

"Bee Lacy está começando a ficar velha."

"Quem não parecerá velha com semelhante pintura?"

"Achei-o muito abatido."

"Está sempre assim."

"Qual a sua opinião sobre a recém-casada?"

"Nada de extraordinário. Um tanto insípida."

"Será que deu certo?..."

"Será?..."

Súbito notei um bilhete embaixo da porta. Fui apanhá-lo. Reconheci a letra quadrada de Beatrice.

Bati à sua porta mas não tive resposta, e pensei então que tivesse seguido o meu conselho de descansar bastante da noite passada. Giles está aflito por voltar para casa, pois telefonaram que precisa ir substituir um amigo num jogo de críquete, que começa às duas horas. Só Deus sabe como irá enxergar a bola, depois de todo o champanha que ingeriu esta noite! Estou sentindo um pouco de cansaço nas pernas, mas dormi como um justo.

Diz Frith que Maxim tomou café bem cedo, mas agora não há sinal dele.

Apresente-lhe as nossas lembranças — para ambos deixo um "muito obrigado" pela divertida noite de ontem. Não pense mais sobre a fantasia.

(Essa última frase estava sublinhada com força.)

Afetuosamente, BEE.

E um pós-escrito: Precisam vir ver-nos logo.

Ela escrevera "nove e meia" em cima do bilhete, e eram agora quase onze e meia. Já tinham partido havia duas horas, e já deviam estar em casa. Beatrice com a mala ainda por desfazer, indo

até o jardim, começando a vida normal de todos os dias; Giles preparando-se para o jogo.

À tarde Beatrice poria um vestido fresco e um chapéu de abas largas, para ir ver Giles no críquete. Depois tomariam chá debaixo dum caramanchão. Giles muito vermelho e encalorado, Beatrice rindo e conversando com os seus amigos, "Sim, fomos ao baile de Manderley. Esteve muito divertido.

Não sei como Giles ainda conseguiu correr." Sorri para Giles, batendo-lhe nas costas. São ambos de meia-idade, pouco românticos, sem ilusões ou anseios da mocidade. Casados de vinte anos, com um filho já em Oxford. Eram muito felizes; seu casamento fora um sucesso, não fracassara depois de três meses, como o meu.

Eu não podia continuar ali; as empregadas tinham de arrumar o quarto. Talvez Clarice não tivesse notado a cama de Maxim. Desarrumei-a de maneira a parecer que ele dormira ali.

Tomei banho, vesti-me, descii. O tablado das danças fora retirado, e também as flores. As estantes de música já não se achavam na galeria. Os jardineiros varriam o gramado e o caminho já estava livre das armações dos fogos de artifício.

Breve não haveria mais nenhum sinal do baile à fantasia de Manderley. Como os preparativos tinham sido longos, e tudo era rápido agora! Lembrei-me da dama de vestido salmão, de pé à portada sala de visitas, com o prato de galinha fria em punho, e pareceu-me que era uma fantasia da minha imaginação, ou que aquilo acontecera há já muito tempo. Robert estava lustrando a mesa da sala de jantar. Tinha voltado ao seu normal outra vez, era de novo a criatura pesada e insípida de todos os dias.

— Bom dia, Robert.

— Bom dia, senhora.

— Viu Mr. de Winter por aí? — Saiu após o café, senhora, antes de terem descido o Major e Mrs. Lacy — e ainda não voltou.

— Não sabe para onde foi? — Não senhora.

Voltei para o hall, atravessei a sala de visitas e fui ter à saleta. Jasper correu para mim, e lambeu-me as mãos no auge do entusiasmo, como se me estivesse vendo depois de longa ausência.

Passara a noite no quarto de Clarice; eu não o vira desde a hora do chá, na véspera. Talvez as horas lhe tivessem parecido tão longas quanto a mim..

Peguei o telefone e mandei ligar para o escritório. Talvez Maxim estivesse com Frank. Eu precisava falar-lhe, nem que fosse por dois minutos. Precisava explicar-lhe que o que eu fizera não fora de propósito, mesmo que nunca mais lhe falasse disso. O empregado que atendeu disse que Maxim não estava.

— Mas Mr. Crawley está, Mrs. de Winter. Gostaria de falar com ele?

Eu ia recusar quando a voz de Frank soou.

— Aconteceu alguma coisa? Que maneira engraçada de começar uma conversa! pensei eu. Não me deu bom dia, nem me perguntou se eu dormi bem.

— Frank, sou eu. Onde está Maxim?

— Não sei, não o vi hoje. Ainda não apareceu no escritório.

— Não apareceu no escritório?!

— Não.

— Oh!... Bem...

— A senhora não o viu pelo café da manhã? Perguntou Frank.

— Não. Eu não descí.

— Ele dormiu bem? Hesitei antes de responder, mas Frank era a única pessoa que não me importava que soubesse.

— Ele não me apareceu no quarto depois da festa.

Houve um silêncio do outro lado da linha, como se Frank estivesse procurando o que dizer.

— Oh, exclamou afinal, muito lentamente. Oh, sei — e depois de um minuto: Eu temia isso...

— Frank, disse eu com desespero, que foi que ele disse a noite passada, quando todos foram embora? Que fizeram vocês? — Fui comer um sanduíche com Giles e Mrs. Lacy.

Maxim não nos acompanhou. Deu uma desculpa qualquer e afundou na biblioteca. Voltei para casa imediatamente; talvez Mrs. Lacy possa informá-la.

— Beatrice já partiu. Saíram logo depois do café.

Deixou-me um bilhete onde dizia não ter visto Maxim.

— Oh... exclamou Frank. Não gostei da sua entonação. Era brusca e agourenta.

— Para onde acha que ele foi? perguntei.

— Não sei; talvez saísse a um passeio a pé. A voz de Frank lembrava a voz que os médicos usam nos hospitais quando os parentes vêm pedir notícias dos enfermos.

— Frank, preciso ver Maxim, preciso explicar-lhe o caso de ontem.

Frank não respondeu. Representei-me a expressão ansiosa, do seu rosto — as rugas de sua testa.

— Maxim pensa que fiz de propósito, tentei explicar, mas a voz faltou-me, contra a minha vontade, e as lágrimas que me tinham cegado a noite passada, e que eu não conseguira verter, brotaram agora, dezesseis horas mais tarde. Maxim pensa que eu fiz de propósito uma brincadeira trágica dessas...

— Não, disse Frank. Não...

— Pensa, tenho certeza. Você não lhe viu os olhos, como eu vi. Não ficou ao seu lado a noite toda, observando-o, como eu. Ele não me dirigiu a palavra, Frank, não olhou para o meu lado uma vez sequer. Ficamos juntos a noite toda, e não nos falamos um ao outro.

— Não houve ocasião, disse Frank. Toda aquela gente...

Naturalmente que vi. Pensa então que não conheço Maxim? Escute...

— Eu não o censuro, interrompi. Se ele acreditar que fiz de propósito, tem todo o direito de pensar de mim o que quiser, e de nunca mais falar comigo, e de nunca mais procurar ver-me.

— Não deve falar assim, não sabe o que está dizendo.

Deixe-me ir vê-la; creio que poderei explicar-lhe a situação.

De que adiantava Frank vir ver-me, e sentarmo-nos os dois juntos na saleta? Frank procurando consolar-me, Frank mostrando tato, Frank mostrando-se bondoso... Eu não queria a bondade de ninguém agora. Tarde demais...

— Não, não quero discutir mais sobre isso, declarei. O que aconteceu não pode ser alterado. Talvez tenha sido uma coisa boa, afinal de contas, porque me fez compreender aquilo que eu devia

ter percebido antes — que devia ter suspeitado quando me casei com Maxim...

— Que quer dizer com isso? A voz de Frank era áspera, estranha. Por que haveria de importar-se que Maxim não me amasse? Por que não queria que eu soubesse? — Sobre ele e Rebecca, disse eu — e esse nome pronunciado agora, soou estranhamente amargo, como palavra proibida; não mais um alívio, não mais um prazer, mas quente e vergonhoso como um pecado posto a nu.

Frank não respondeu por um momento. Ouvi-o respirar profundamente do outro lado da linha.

— Que quer dizer com isso? perguntou ele de novo em tom mais breve e mais áspero ainda.

— Que ele não me ama, e sim a Rebecca. Nunca se esqueceu dela, ainda pensa em Rebecca noite e dia. Nunca me amou. É sempre Rebecca, Rebecca, Rebecca...

Ouvi Frank soltar uma exclamação assustada, mas pouco me importava a que ponto eu pudesse escandalizá-lo.

— Agora você sabe como me sinto. Agora pode compreender.

— Escute aqui, disse ele. Preciso vê-la, tenho que ir vê-la, compreende? É muito importante — não posso falar pelo telefone. Mrs. de Winter? Mrs. de Winter?...

Larguei o fone e levantei-me da escrivaninha. Eu não queria ver Frank, que não podia ajudar-me numa coisa dessa.

Ninguém podia ajudar-me, a não ser eu mesma. Meu rosto estava vermelho e inchado de tanto chorar. Andei pelo quarto mordendo o lenço, rasgando-lhe a renda.

A sensação de que nunca mais iria ver Maxim era forte em mim. Era certeza, nascida não sei de que estranho instinto.

Ele se fora e não mais voltaria. No fundo do coração eu sabia que Frank pensava a mesma coisa, e não quisera confessá-lo ao telefone para não me assustar. Se eu telefonasse para o escritório, verificaria que Frank já tinha saído. O empregado diria: "Mr. Crawley acaba de sair, Mrs. de Winter". E eu podia ver Frank, sem chapéu, subindo ao seu automóvel pequenino e velho e partindo em procura de Maxim.

Fui debruçar-me à janela e olhei para a clareira do fauno. Os rododendros vermelhos já não existiam. Os arbustos pareciam desmazelados, cansados, agora que o colorido se fora. A névoa que vinha do lado do mar impedia-me de ver os bosques além do gramado. Muito. Muito quente o dia, muito abafado. Eu podia imaginar os nossos convidados da noite passada dizendo uns aos outros: "Ainda bem que não tivemos este nevoeiro ontem, porque nos estragaria os fogos!" Fui para o terraço. O sol escondera-se atrás duma muralha de neblina; era como se uma sombra tivesse caído sobre Manderley, roubando-nos o céu e a luz do dia. Um dos jardineiros passou por mim, com um carrinho cheio de pedaços de papel e cascas de fruta deixadas no jardim na noite da festa.

— Bom dia, saudei.

— Bom dia, senhora.

— Parece que o baile aumentou muito o trabalho de vocês...

— Não tem importância, senhora; creio que todo o mundo se divertiu bastante, e isso é o principal, não é verdade? — Sim, creio que sim. O homem olhou na direção do mar. As árvores pareciam maiores à distância, erguendo-se esguias e confusas.

— Vem vindo cerrada! disse ele, referindo-se à neblina.

— Sim, é verdade.

— Ainda bem que não foi a noite passada.

— É verdade.

O homem esperou um momento, depois tocou no boné e seguiu o seu caminho. Atravessei o gramado e fui até a orla dos bosques. A neblina nas árvores tinha-se transformado em gotinhas pequenas, que caíam sobre minha cabeça como chuvisco. Jasper estava a meus pés, desanimado, de cauda abaixada e língua pendente, sentindo também o calor opressivo do dia. Ali de onde me achava eu podia ouvir o mar, taciturno e moroso, insinuando-se nas grutas da praia. A neblina branca passou por sobre a minha cabeça, trazendo consigo um cheiro de algas marinhas e de sal molhado.

Olhando para a casa, não pude distinguir-lhe as chaminés ou o contorno das paredes; apenas vi vagamente as janelas da ala

oeste, e os jarrões de flores do terraço. Estava aberta a veneziana do quarto principal da ala oeste e alguém se achava lá, olhando para o gramado. Um vulto sombrio e indistinto, que, por um momento, julguei ser Maxim. Mas o vulto moveu-se, vi o braço estendido para fechar a veneziana.

Reconheci Mrs. Danvers. Estivera me espionando. Vira-me andar, lentamente, do terraço até o gramado; talvez tivesse ouvido minha conversa com Frank ao telefone, e saberia que Maxim não viera ao meu quarto. Teria ouvido a minha voz, e sabia das minhas lágrimas. Conheceria o papel que eu, no meu vestido azul, representara ao lado de Maxim durante aquelas horas intermináveis. Saberia que ele não olhara para mim e não me dirigira a palavra. Saberia, porque planejara aquilo e tudo fora obra sua; e sairiam vitoriosas, ela e Rebecca.

Pensei em Mrs. Danvers como a vira a noite passada, olhando-me da porta oeste, com aquele sorriso diabólico na fisionomia espectral, e lembrei-me que era uma criatura como eu, que respirava e vivia, feita de carne e osso. Não estava morta, como Rebecca. Eu podia falar-lhe, mas não com Rebecca.

Num repentino impulso atravessei o gramado e voltei para casa. Entrei no hall, subi a grande escadaria, passei pela arcada da galeria — pela porta da ala oeste — através dos corredores silenciosos e escuros que levavam ao quarto de Rebecca. Virei o trinco da porta e entrei.

Mrs. Danvers estava perto da janela, com as venezianas agora fechadas.

— Mrs. Danvers, comecei — e ela voltou-se para mim; notei que seus olhos estavam vermelhos e inchados de chorar, como os meus, e que havia sombras escuras no rosto macilento.

— Que é? perguntou-me em voz abafada e rouca das lágrimas que derramara.

Eu não esperava encontrá-la assim. Imaginara-a sorrindo, como a noite passada, perversa e má. E via agora apenas uma mulher velha, cansada e doente.

Hesitei com a mão sobre o trinco da porta, sem saber o que fazer ou dizer.

Ela continuou a encarar-me com aqueles olhos vermelhos e inchados.

— Deixei o menu na escrivaninha, como de costume, disse-me ela. Deseja que modifique alguma coisa? Suas palavras deram-me coragem, e eu entrei até o meio do quarto.

— Mrs. Danvers, não vim para falar sobre o menu. Sabe disso.

Não respondeu. Sua mão esquerda abria-se e fechava-se.

— Conseguiu o que desejava, não é verdade? Queria que isso acontecesse, e aconteceu. Está contente agora? Sente-se feliz? Ela virou a cabeça e olhou para fora da janela, como fizera quando entrei no quarto.

— Por que veio para cá? começou a dizer. Ninguém a queria em Manderley. Estávamos todos bem até que chegasse.

Por que não ficou onde estava, na França? — Parece esquecer-se de que amo ao meu marido.

— Se o amasse, nunca se teria casado com ele.

Eu não soube o que responder. A situação era absurda, irreal. Mrs. Danvers prosseguiu naquele mesmo tom abafado, sempre de cabeça virada.— Pensei que a odiasse, mas não a odeio agora, disse-me ela. Parece que todo o sentimento que eu tinha se esgotou.

— Por que me odiaria? perguntei. O que fiz a ela para que me odeie?

— Tomou o lugar de Mrs. de Winter.

Nem ao dizer isso olhou para mim. Continuou ali de pé, taciturna, o olhar duro.

— Não alterei coisa nenhuma aqui, disse eu. Manderley continuou na vida de sempre. Não dei ordem alguma, deixei tudo a seu cuidado. Teria sido sua amiga, se me tivesse deixado, mas pôs-se contra mim desde o princípio, como pude ver pela expressão do seu rosto no momento em que pela primeira vez lhe apertei a mão.

Ela não respondeu; sua mão continuava a abrir-se e fechar-se contra o vestido negro.

— Muitas pessoas, continuei, se casam duas vezes, homens e mulheres. Há milhares de segundos casamentos realizando-se

todos os dias. Fala como se o meu casamento com Mr. de Winter fosse um crime, um sacrilégio contra os mortos. Não temos o direito de ser felizes, tanto quanto os outros?

— Mr. de Winter não é feliz, disse ela encarando-me afinal. Qualquer pessoa pode ver isso. Basta olhar para os seus olhos. Ele ainda vive num inferno — e foi sempre assim desde que ela morreu.

— Não é verdade, contestei. Não é verdade. Era feliz quando estávamos juntos na França, mais moço, muito mais moço — e risonho e alegre.

— Bem, ele é homem, não é? Nenhum homem se priva muito na lua de mel, não é verdade? Mr. de Winter ainda não tem quarenta e cinco anos.

Riu-se com desprezo e encolheu os ombros.

— Como se atreve a falar-me dessa maneira? exclamei.

Eu não tinha mais medo de Mrs. Danvers. Fui vê-la, sacudi-a pelo braço.

— Fez-me usar aquele vestido a noite passada. Eu nunca teria pensado em semelhante coisa. Fez para ferir Mr. de Winter, para vê-lo sofrer. Ele já não sofreu tanto? Acha que a dor de Mr. De Winter pode ressuscitar a morta?

Mrs. Danvers libertou-se com um gesto brusco; um rubor colérico subiu-lhe às faces.

— Que me importa o seu sofrimento? Ele nunca se importou com o meu. Pensa que não me doeu ver a senhora aqui, tomando o lugar dela, andando por onde ela passou, tocando os objetos que foram seus? Que pensa que senti, vendo-a todos esses meses sentar-se à escrivaninha dela, usando a pena que ela usou, falando pelo telefone, como ela costumava falar comigo todas as manhãs? Que sabe do que eu sentia, quando eu ouvia Frith e Robert tratando-a de Mrs. de Winter? "Mrs. de Winter saiu para um passeio a pé." "Mrs. de Winter quer o carro às três horas da tarde." "Mrs. de Winter não voltará para o chá senão às cinco horas" — e todo o tempo a minha Mrs. de Winter, a minha senhora de sorriso alegre, rosto lindo e maneiras francas, a verdadeira Mis. de Winter.

morta, fria, esquecida lá na sepultura! Se ele está sofrendo é porque merece sofrer, visto ter-se casado com uma menina como a

senhora, dez meses depois! Bem, está ele pagando agora, não está? Vi o seu rosto, e vi o seu olhar. Ele constituiu o seu próprio inferno e não pode culpar senão a si próprio.

"Ele sabe que ela o vê, sabe que todas as noites ela vem espiá-lo. E não vem suavemente, não a minha senhora! Não era dessas de ficar resignada quando a ofendiam. "É mais fácil vê-los no inferno, Danny" dizia-me ela. "Hei de vê-los no inferno." "Está certo, querida", respondia-lhe eu. "Ninguém pode obrigá-la. Nasceu para tirar do mundo o máximo." E é o que ela fazia, e não se importava com coisa alguma, não tinha medo. Tinha a coragem e o ânimo de um rapaz atrevido — se tinha! A minha Mrs. de Winter! Devera ter nascido homem, como eu lhe disse muitas vezes. Criei-a desde pequenina.

Sabia disso? — Basta, Mrs. Danvers. Não quero ouvir mais nada, não quero saber. Não tenho os seus sentimentos. Não pode compreender o que para mim significa ouvir pronunciar o nome dela, e ficar aqui ouvindo o que diz dela.

Mrs. Danvers não me atendeu; continuou no seu delírio, qual uma louca, uma fanática, torcendo e retorcendo com os dedos a fazenda do vestido.

— Era linda, linda como uma pintura! Os homens voltavam-se para vê-la passar, e isso desde os doze anos. E ela o sabia, e piscava para mim... "Vou ser uma beleza, não vou, Danny?" "Veremos, meu amor, veremos." Tinha a mentalidade de uma pessoa crescida, e conversaria com homens e mulheres tão inteligentemente, e cheia de manhas, como menina de dezoito anos. Fazia do pai o que queria, e teria sido o mesmo com a mãe, se esta não houvesse morrido.

E que coragem! Ninguém sobrepujava a minha senhora em coragem! Aos quatorze anos guiou uma charrete de quatro cavalos; seu primo, Mr. Jack, subiu e procurou tomar-lhe das mãos as rédeas. Lutaram os dois durante três minutos, como um par de gatos selvagens — e os cavalos no galope " Mas a minha senhora ganhou. Chicoteou-o e derrubou-o — e lá se foi no comando dos cavalos. Faziam um bom par, digo-lhe eu — ela e Mr. Jack. Mandaram-no para a Marinha, onde não pôde aguentar a disciplina

— e não o censuro por isso. Tinha independência demais para obedecer ordens, como minha senhora também.

Eu a observava horrorizada e fascinada; um estranho sorriso de êxtase pairava sobre os lábios daquela mulher fazendo-a parecer mais velha, tornando sua fisionomia de caveira vívida e real.

— Ninguém podia dominá-la, ninguém, ninguém, continuou Mrs. Danvers. Fazia o que queria, vivia como entendia. E tinha a força de um leãozinho. Lembro-me que aos dezesseis anos montou um dos cavalos da casa, um cavalo enorme, que o tratador considerava feroso demais para ele. Mas soube manter-se firme na sela! Posso vê-la ainda, de cabelos esvoaçantes, chicoteando o animal, cravando-lhe as esporas nos flancos. Quando apeou, o cavalo estava palpitante, todo espuma e sangue. "Isso há de ensiná-lo, não é verdade, Danny?" disse-me — e foi lavar as mãos, calma e despreocupada como se nada houvesse acontecido. E foi assim que se conduziu na vida, quando cresceu. Posso dizê-lo, pois sempre estive ao seu lado. Não se importava com coisa nenhuma, nem ninguém. Mas foi vencida, afinal. Não por um homem, ou por uma mulher — mas pelo mar. Só o mar pôde subjugar-la.

Mrs. Danvers interrompeu-se, com uma estranha expressão na boca de cantos caídos. Rompeu a chorar ruidosamente, de boca aberta e olhos enxutos.

— Mrs. Danvers, Mrs. Danvers... Eu estava à sua frente, sem saber o que fazer. Não mais desconfiava dela, não mais a temia, mas o fato de vê-la ali, a soluçar de olhos enxutos, perturbava-me extraordinariamente. Mrs. Danvers, a senhora não se está sentindo bem, deve ir deitar-se. Por que não se recolhe ao quarto? Ela voltou-se para mim brutalmente.

— Por que não me deixa em paz? Que lhe importa que eu mostre a minha dor? Não me envergonho do meu sofrimento, não me fecho no quarto para chorar. Não ando de lá para cá, de cá para lá, de portas fechadas, como Mr. de Winter.

— Que quer dizer? Mr. de Winter não faz assim.

— Fazia, quando ela morreu. De lá para cá, de cá para lá, na biblioteca. Eu sei. Espiei pelo buraco da fechadura. Para diante e para trás, como animal enjaulado.

— Não quero ouvir, não quero...

— E depois vem dizer-me que o fez feliz na lua de mel! Fazê-lo feliz, a senhora, uma menina ignorante, bastante moça para ser sua filha? Que é que conhece da vida? Que é que sabe dos homens? Veio para aqui pensando que pode tomar o lugar de Mrs. de Winter. A senhora! Tomar o lugar de Mrs. de Winter! Tem graça. Os próprios empregados riram-se quando a senhora chegou a Manderley. A própria criada que encontrou no corredor dos fundos, naquela primeira manhã. Eu gostaria de saber o que Mr. de Winter pensou quando a viu em Manderley, depois de finda a preciosa lua de mel.

Gostaria de saber o que pensou quando a viu sentada à mesa de jantar, pela primeira vez.

— Pare com isso, Mrs. Danvers. Vá para o seu quarto.

— "Vá para o seu quarto, vá para o seu quarto", imitou-me ela. A dona da casa acha que devo ir para o meu quarto! E depois, que mais? Vai correndo procurar Mr. de Winter, para dizer: "Mrs. Danvers não foi nada amável comigo. Mrs. Danvers chegou a ser grosseira". Vai correndo me denunciar, como fez quando Mr. Jack esteve aqui.

— Eu não contei coisa alguma daquele incidente, afirmei.

— Mentira! Quem mais poderia ter contado? Ninguém estava aqui. Frith e Robert tinham saído, e nenhum dos outros empregados sabia. Resolvi então dar uma lição aos dois. Fazê-los sofrer. Que me importa que sofram! Por que não haveria eu de ver Mr. Jack aqui em Manderley? É o único elo que me prende a Mrs. de Winter. "Não o quero aqui. Aviso-o pela última vez." Ele ainda não perdeu o ciúme, não é verdade?

Lembrei-me que eu me encolhera na galeria, quando a porta da biblioteca se abriu. Lembrei-me da voz de Maxim, alterada, colérica, dizendo as palavras que Mrs. Danvers acabava de repetir. Ciúmes. Maxim, com ciúmes...

— Tinha ciúmes quando ela vivia, e tem ciúmes agora que está morta, continuou Mrs. Danvers. Proíbe a Mr. Jack de vir aqui, como antigamente. Isso prova que não se esqueceu dela, não é verdade? Claro que tem ciúmes! Também eu tinha — e todos que a conheciam. Ela não fazia caso — apenas ria. "Viverei como bem

entender, Danny, e ninguém no mundo poderá impedir-me." Bastava um homem vê-la uma vez para ficar de cabeça virada. Eu os vi aqui, aos homens que conhecera em Londres e trazia para os weekends.

Iam ao banho de mar, e faziam depois piqueniques na cabana da praia. Todos a cortejavam — e quem não? Ela ria, e ao voltar contava-me o que tinham dito, o que tinham feito.

Fazia daquilo um esporte. Um jogo. Quem não teria ciúmes? Todos tinham ciúmes, todos eram loucos por ela. Mr. de Winter, Mr. Jack, Mr. Crawley, todos que a conheciam, todos que vinham a Manderley.

— Não quero saber mais nada, não quero...

Mrs. Danvers chegou bem perto de mim, pôs o rosto bem junto ao meu: — Não adianta, não é? Não conseguirá nunca vencê-la.

Embora tenha morrido, ela é ainda a senhora de Manderley, a verdadeira Mrs. de Winter. A senhora sim, não passa duma sombra, dum fantasma. É a indesejável, a esquecida, a que é posta de lado. Por que não entrega Manderley à verdadeira dona? Por que não se vai embora? Afastei-me até a janela, sentindo renascer o meu antigo terror. Ela pegou-me o braço com dedos de ferro.

— Por que não se vai daqui? Ninguém a deseja. Ele não a quer, jamais a quis. Não pode esquecer-se da verdadeira.

Quer ficar de novo sozinho nesta casa, com ela. A senhora é quem devia estar na cripta da igreja, é quem devia estar morta, e não Mrs. de Winter.

Empurrou-me para a janela. Eu podia ver o terraço lá embaixo, cinzento e indistinto na gaze branca do nevoeiro.

— Olhe para baixo, disse Mrs. Danvers. É fácil, não é? Por que não salta? Não dói — quebrar o pescoço não dói. É fácil, rápido. Não é como afogar-se. Por que não experimenta? Por que não se atira? A cerração úmida e densa entrou pela janela aberta, penetrando-me pela narinas. Agarrei-me ao parapeito com ambas as mãos.

— Não tenha medo, continuou Mrs. Danvers. Não a empurrarei, não ficarei ao seu lado. Pode pular de livre vontade. De que adianta ficar aqui em Manderley, se não é feliz? Mr. de Winter

não a ama. Não há nada para prendê-lo à vida. Por que não salta, e acaba com tudo de uma vez? Deixaria de ser infeliz.

Eu via os jarrões de flores no terraço, o azul amontoado e compacto das hortênsias. As lajes de pedra, cinzentas e lisas, não ásperas ou desiguais. O nevoeiro as fazia parecer assim...

Mas não estavam tão longe, na realidade, nem a janela era muito alta.

— Por que não pula? insistiu. Por que não experimenta? A cerração tornara-se mais densa, e o terraço já se ocultava aos meus olhos. Eu já não via os jarrões de flores, nem as pedras lisas e macias. Nada à minha frente, afora a neblina branca, cheirando a algas marinhas. A única realidade era o parapeito da janela a que minhas mãos se agarravam, e a pressão dos dedos de Mrs. Danvers sobre o meu braço. Se eu pulasse, não veria as pedras subindo ao meu encontro, ocultas como estavam pelo sudário branco. A dor seria repentina e rápida, como dissera Mrs. Danvers. Meu pescoço se quebraria na queda. Não seria morte lenta, como no afogar-se. Num instante tudo terminado. Maxim não me amava. Maxim queria estar de novo só com Rebecca.

— Vá, murmurou Mrs. Danvers. Não tenha medo.

Fechei os olhos. Estava já atordoada de olhar para o terraço, com os dedos doloridos de agarrar-me ao parapeito. A neblina penetrava-me pelas narinas, e demorava-me na boca, salitrada, sufocante. Como um cobertor. Como um anestésico. Eu estava principiando a esquecer que era infeliz, a esquecer meu amor por Maxim. Estava começando a esquecer Rebecca.

Logo não teria mais que pensar em Rebecca...

Quando relaxei os músculos das mãos, e suspirei, a neblina branca (e o silêncio que fazia parte dela) foi subitamente rompida por uma explosão que fez tremei a janela. Os vidros tilintaram nos caixilhos. Abri os olhos para Mrs. Danvers. A primeira explosão foi seguida de outra — de outra — de mais outra. O som demorou-se no ar. Pássaros ergueram-se dos bosques.

— Que é isso? perguntei aturdida.

Mrs. Danvers soltou o meu braço e espiou para fora da janela.

— São foguetes, respondeu. Algum navio deve ter encalhado na baía.

Ficamos à escuta, procurando desvendar o segredo da névoa. Alguém lá embaixo corria.

## 19

**ERA MAXIM. EU** não conseguia vê-lo mas podia ouvir-lhe a voz. Gritava por Frith, o qual respondeu de dentro do hall e logo depois apareceu no terraço.

Os dois vultos pareciam maiores, dentro da cerração.

— Encalhou, certamente, disse Maxim. Eu estava observando do promontório, e vi-o entrar na baía e dirigir-se aos recifes. Não conseguirão tirá-lo numa maré dessas. Deve ter confundido nossa pequena enseada com a baía de Kerrith. A neblina parece uma muralha, lá embaixo. Diga em casa que tenham comida e bebidas preparadas, caso os tripulantes queiram alguma coisa, e avise Mr. Crawley do que aconteceu. Vou voltar à praia para ver se posso ajudar em alguma coisa. Vá pegar cigarros para mim.

Mrs. Danvers afastou-se da janela. Sua fisionomia voltara ao inexpressivo, à máscara pálida que eu conhecia.

— Melhor descermos, disse ela. Frith há de estar procurando por mim para receber ordens. Mr. de Winter talvez traga os tripulantes, como disse. Cuidado com suas mãos, vou fechar a janela.

Recuei até o meio do quarto, ainda aturdida, não muito segura dela ou de mim mesma. Observei-a enquanto fechava a janela e cerrava as cortinas.

— Ainda bem que o mar está calmo, observou Mrs.

Danvers. Do contrário não haveria muita esperança para eles. Num dia como este não há perigo. Mas o navio está perdido, se é que foi de encontro aos recifes, como disse Mr. de Winter.

Olhou à volta do quarto para ver se tudo estava em ordem, arranjou a coberta da cama de casal. Foi depois até à porta e abriu-

a para mim.

— Avisarei na cozinha que sirvam um almoço frio na sala de jantar, e assim não terá importância a hora em que vierem. E Mr. de Winter talvez não queira voltar correndo de madrugada, se estiver ocupado na praia.

Ainda atônita, olhei para ela, e saí do quarto, tesa e rija como um boneco de madeira.

— Quando encontrar Mr. de Winter, senhora, faça o favor de avisá-lo que, se quiser, poderá trazer os homens do navio.

Encontrarão refeição quente a qualquer momento em que chegarem.

— Sim, disse eu. Sim, Mrs. Danvers.

Ela virou as costas e atravessou o corredor em direção à escada de serviço — uma figura sombria no seu vestido negro, de saia a varrer o chão, como as saias rodadas de trinta anos passados.

Caminhei devagarinho pelo corredor, com o pensamento ainda confuso e o raciocínio lento, como se acabasse de acordar de um longo sono. Desci as escadas sem saber o que fazer. Frith atravessava o hall em direção à sala de jantar, parou ao verme e esperou que eu chegasse embaixo.

— Mr. de Winter esteve aqui há alguns momentos, senhora. Tomou cigarros e voltou para a enseada. Parece que um navio encalhou.

— Sim, ouvi os foguetes.

— Eu estava na copa com Robert, e a princípio pensamos que um dos jardineiros tivesse soltado alguma bomba sobrada de ontem. E disse a Robert: "Por que hão de fazer uma coisa assim? Por que não as guardam para as crianças?" E então ouvimos o segundo, e depois o terceiro. "Não são fogos", disse Robert. "É um navio em perigo." "Creio que tem razão", concordei e fui até o hall, onde ouvi Mr. de Winter chamar-me do terraço.

— Sim...

— Não é coisa para admirar, com esta cerração, senhora.

Foi o que eu disse a Robert inda há pouco. É difícil a gente orientar-se na estrada, quanto mais no mar.

— É verdade.

— Se quiser alcançar Mr. de Winter, ele atravessou o gramado há dois minutos apenas.

— Obrigada, Frith. Saí para o terraço, e já pude distinguir as árvores além do gramado. A cerração ia-se dissipando, erguendo-se em pequenas nuvens para o céu rodeando-me a cabeça como coroa de fumaça. Olhei para as janelas de cima e vi que estavam hermeticamente fechadas. Parecia impossível que se pudessem abrir de par em par...

A larga janela do centro era a em que havia estado cinco minutos antes. Como parecia alta e distante! E as pedras sob meus pés senti-as duras e sólidas. Olhei para baixo e para cima outra vez, e ao fazê-lo notei que minha cabeça estava rodando e que eu sentia muito calor. Uma gota de suor correu-me pelo pescoço; pontos negros começaram a dançar à minha frente.

Entrei novamente no hall e sentei-me numa cadeira. Minhas mãos estavam úmidas. Fiquei muito quieta, segurando os joelhos.

— Frith, chamei.

Vindo da sala de jantar, ele apareceu imediatamente.

— Não se admire, Frith, mas eu gostaria de um cálice de brandy.

— Pois não, senhora.

Continuei segurando os joelhos sem mover-me. Frith voltou com um cálice numa salva de prata.

— Não se está sentindo bem, senhora? Gostaria que eu chamasse Clarice? — Não, ficarei logo boa, Frith. Um pouco de calor, só.

— Está muito quente esta manhã, senhora. De fato muito quente. Calor opressivo.

— Sim, Frith. Muito abafado.

Pus o cálice de novo na salva.

— Talvez o som dos foguetes a tenha alarmado; explodiram muito de repente.

— Talvez seja isso.

— E com a manhã tão quente e o cansaço da noite passada...

— Sim, tem razão.

— Não gostaria de descansar por uma meia hora? Está muito fresco na biblioteca.

— Não, vou sair daqui a pouco. Não se preocupe, Frith.

— Muito bem, senhora. Mais uma vez fiquei só, no hall. Estava muito quieto, fresco e agradável. Todos os vestígios da noite anterior tinham desaparecido. Era como se nunca tivesse havido festa. O mesmo hall de sempre, silencioso e austero, com seus quadros e armas nas paredes. Mal podia crer que a noite passada eu houvesse ficado ali, ao pé das escadas, apertando a mão de mais de quinhentas pessoas. Não podia acreditar que vira estantes de música na galeria dos menestréis onde tocara a orquestra, fazendo gemer um violino e reboar o tambor.

Levantei-me e fui de novo para o terraço.

A neblina já se levantara; estava agora à altura da copa das árvores, deixando-me distinguir os bosques no fim do gramado. Sobre minha cabeça, um sol pálido tentava rasgar o céu espesso. O calor aumentava. Opressivo, como dissera Frith. Uma abelha, barulhenta, afoita, zumbiu perto de mim, em busca de mel, e insinuando-se dentro de uma flor tornou-se de repente silenciosa. Na rampa, ao longe, o jardineiro pôs a máquina de cortar grama em movimento. Um pintarroxo assustado com o ruído das lâminas fugiu para a quietude do jardim das rosas. O jardineiro curvou-se sobre o cabo da máquina e começou a caminhar lentamente, espalhando uma chavinha fina de grama cortada e cabecinhas de margaridas ainda em botão. O cheiro quente da grama chegou até onde eu estava, e o sol bateu em cheio sobre mim. Assobieei para Jasper. Não veio. Talvez tivesse ido com Maxim à praia. Olhei para o meu relógio e vi que faltavam vinte para uma. Ontem a esta hora Maxim e Frank e eu estávamos no jardimzinho da casa deste, esperando que nos viessem chamar para o almoço.

Vinte e quatro horas apenas. Estavam brincando comigo, caçoando do meu vestido. "Terão ambos a maior surpresa da sua vida", dissera eu.

Senti-me corar de vergonha à recordação dessas palavras. E pela primeira vez tive consciência de algo que não notara antes. Maxim não se fora, como eu esperara e temera. A voz que eu

ouvira no terraço era normal, calma — voz que eu conhecia. Não mais a que ouvira a noite passada, lá no alto das escadas. Maxim não fora embora, estava lá embaixo, na praia. Era o mesmo de sempre, o Maxim de todos os dias. Acabou de dar um passeio a pé, como dissera Frank. Estivera no promontório e vira o navio dirigir-se rumo à praia. Todos os meus receios tinham sido infundados. Nada lhe acontecera. Eu acabara de passar por um momento horrível, depressivo e louco, que já não chegava a bem compreender, nem queria relembrar; momento que eu desejava enterrar para sempre no mais profundo do meu "eu", lá para onde foram os terrores infantis há muito olvidados. Mas nem isso importava, contanto que nada tivesse acontecido a Maxim. E então desci pelo caminho íngreme que levava à praia através dos bosques sombrios.

Já quase não havia neblina, e ao chegar à praia vi imediatamente o navio a duas milhas mais ou menos, com a proa apontando para os recifes. Fui ao talha-mar e lá fiquei encostada ao muro. Havia muita gente sobre os rochedos, pessoas de Kerrith, que deviam ter vindo a pé pelo caminho ao longo da costa. Os recifes e o promontório pertenciam a Manderley, mas o público sempre usara o caminho reservado, ao longo dos recifes. Procuravam todos melhor posição para observar o navio encalhado. Lá estava ele, num ângulo esquisito, com a popa empinada, rodeado por vários barcos a remo. Vi perto um bote de salvamento, onde uma pessoa em pé gritava por um alto-falante. Não pude ouvir o que dizia.

Uma leve neblina ainda ocultava o horizonte. Apareceu à vista mais um barco a motor, cinzento-escuro, com vários homens dentro. Pude distinguir um homem fardado. Devia ser o capitão do porto de Kerrith; o agente do Lloyd vinha-lhe ao lado. Apareceu outro barco a motor, com excursionistas vindos de Kerrith. Começaram a rodar e rodar à volta do navio encalhado, falando animadamente. Eu podia ouvir o som de suas vozes ecoando sobre as águas tranquilas.

Deixei o talha-mar e subi os rochedos ao encontro dos outros curiosos. Não vi Maxim em parte alguma. Frank lá estava, conversando com um dos guardas da costa. Recuei quando o vi,

sentindo certo constrangimento. Fazia apenas uma hora que ele me ouvira chorar ao telefone — e eu não sabia agora que atitude assumir. Acenou para mim assim que me viu. Fui até lá. O guarda me conhecia.

— Veio ver o movimento, Mrs. de Winter? perguntou sorrindo. Creio que vai ser um trabalho difícil. Os rebocadores talvez consigam desencalhá-lo, mas duvido. Está bem preso nos recifes.

— E que irão fazer? perguntei.— Fazer um escafandrista verificar o dano feito no casco.

Veja — aquele homem de boné vermelho. Quer espiar pelo binóculo? Aceitei o oferecimento e vi um grupo de homens examinando a popa, um deles apontando para alguma coisa. O homem no bote de salvamento ainda gritava pelo alto-falante.

O capitão do porto fora reunir-se aos que estavam na popa do navio encalhado.

Os barcos dos excursionistas continuavam rodando à volta do navio, e uma mulher de pé, em um deles, apanhava instantâneos. Um grupo de gaivotas pousara na água, gritando tontamente, na esperança de algumas migalhas. Devolvi o binóculo ao guarda.

— Não estão fazendo coisa alguma, disse eu.

— O escafandrista vai descer imediatamente. Hão de discutir um pouco, antes, como todos os estrangeiros. Aí vêm os rebocadores.

— Nunca conseguirão coisa alguma, disse Frank. Olhe em que ângulo está. É muito mais raso lá do que pensei.

Os recifes avançavam um pedaço mar a dentro, o que não se nota quando se está num barco pequeno. Mas um navio grande assim haveria de esbarrar neles na certa, observou o guarda.

— Eu estava na caverna do vale quando ouvi os foguetes, contou Frank. Mal podia enxergar três palmos adiante do nariz.

Pensei como todo o mundo é igual em momentos de interesse comum. Frank, como Frith, estava dando a sua versão da história, como se aquilo tivesse importância, como se interessasse a alguém. Eu sabia que ele ficara inquieto, como eu, e fora à praia em procura de Maxim. E agora tudo estava esquecido, nossa

conversa ao telefone, nossa ansiedade mútua, sua insistência em ver-me. Tudo porque um navio encalhara na cerração.

Um garoto veio correndo até onde estávamos.

— Os marinheiros vão afogar-se? perguntou.

— Não, não há perigo, meu pequeno, disse o guarda. O mar ali é chato como a palma da minha mão.— Se o fato se desse a noite passada, não teríamos ouvido os foguetes, lembrou Frank. Confundir-se-iam com os nossos.

— Engano, disse o guarda. Pelo clarão teríamos visto de que direção saíram. Lá está o escafandrista, Mrs. de Winter.

Vê? — aquele que está pondo o capacete...

— Quero vê-lo, gritou o menino.

— Lá está ele, disse Frank, curvando-se e apontando.

Aquele homem que está pondo o capacete. Vão fazê-lo descer ao fundo do mar.

— Não irá afogar-se? quis saber o pequeno.

— Não há perigo, afirmou o guarda — e deu-lhe uma ligeira explicação sobre os escafandros.

— Onde está Maxim? perguntei a Frank.

— Levou um dos marinheiros para Kerrith, um que perdeu a cabeça e atirou-se ao mar, quando o navio encalhou.

Encontramo-lo agarrado a um rochedo, encharcado até os ossos, naturalmente, e tremendo como varas verdes. Não falava uma palavra da nossa língua. Maxim foi até lá, viu que estava ferido. Falou-lhe em alemão, depois chamou um dos barcos que andavam por ali, como tubarões esfomeados, e partiu à procura de um médico. Se tiver sorte, encontrará o velho Phillips sentando-se à mesa do almoço.

— Quando partiu? indaguei.

— Pouco antes de a senhora chegar, respondeu Frank. Há cinco minutos mais ou menos. Admiro-me de que não tenha visto o barco. Maxim estava sentado atrás, com o marinheiro alemão.

— Devia ter sido enquanto eu galgava o rochedo.

— Maxim é esplêndido em ocasiões dessas, disse Frank.

Sempre faz o que pode. Vai ver que ainda acaba convidando a tripulação toda para ir jantar em Manderley — e ainda por cima

passar a noite.

— É verdade, confirmou o guarda. Não há o que não faça para salvar um homem. Seria bom se houvesse muitos como ele no país.

— Sim, não seria nada mau, ajuntou Frank.

Continuamos a olhar para o navio. Os rebocadores ainda ali estavam parados, mas o bote de salvamento voltara para Kerrith.— Hoje não é dia deles, disse o guarda.

— Não, e não creio que seja serviço para rebocadores tampouco. Para mim não há esperança de salvar o navio.

O guarda tirou o boné e enxugou a testa.

— Como está abafado, não? — É verdade, concordei.

Os excursionistas da máquina fotográfica zarparam em direção a Kerrith.

— Fartaram-se de esperar, disse o guarda.

— E foram-se com razão, apoiou Frank. Nada acontecerá durante horas. O escafandrista terá que fazer o seu relatório antes que tentem qualquer providência. E não vejo motivo para continuarmos aqui. Não podemos ajudar em coisa alguma — e a hora do meu almoço está chegando.

Eu nada disse. Frank hesitou. Senti seus olhos sobre mim.

— Que vai fazer? perguntou-me.

— Ficar aqui por mais algum tempo. O nosso almoço é frio; poderei voltar a qualquer hora. Quero ver o trabalho do escafandrista.

Eu não queria ficar a sós com Frank, naquele momento.

Queria-o com alguém que eu não conhecesse — com o guarda, por exemplo.

— Não acontecerá nada, disse Frank. Não há nada para ver. Por que não vem almoçar comigo? — Não, sinceramente...

— Está bem. Sabe onde me encontrar, se precisar de mim. Ficarei no escritório o dia todo.

Cumprimentou o guarda e afastou-se. Ter-se-ia ofendido? Paciência. Não era minha a culpa. As coisas se arranjariam algum dia. Aconteceram tantos imprevistos desde que eu lhe falara ao telefone, que eu não mais queria pensar sobre o assunto. Todo meu

desejo era ficar ali sentada sobre os rochedos, olhando para o navio.

— Boa pessoa este Mr. Crawley, observou o guarda.

— Excelente.

— E daria a mão direita por Mr. de Winter.

— Sim, creio que sim. O garoto ainda continuava a correr na grama à nossa frente.

— Quando é que o homem vai subir? perguntou.

Uma mulher com um vestido de riscas cor-de-rosa e redinha na cabeça, vinha vindo para o nosso lado.

— Charlie? Onde está você? gritava.

— Aí vem sua mãe, disse o guarda.

— Eu vi o escafandrista, mamãe.

A mulher olhou para nós e sorriu. Não me conhecia. Era uma das pessoas que viera de Kerrith.

— Parece que o movimento vai acabar, não? Estão dizendo que o navio ficará ali durante dias.

— Estão à espera do relatório do escafandrista, informou o guarda.

— Não sei como conseguem fazê-lo descer dessa maneira, disse a mulher. Devem pagar-lhe muito bem.

— E pagam — disse o guarda.

— Quero ser um escafandrista, mamãe.

— Precisa pedir a papai, respondeu ela rindo para nós. É um lugar lindo, não é mesmo? acrescentou virando-se para mim.

Vimos fazer piquenique, e por cima ainda apanhamos um navio encalhado. Já estávamos pensando em voltar, quando estouraram os foguetes. Meu marido é como o pequeno; fez questão de ficar. Eu por mim não vejo nada de extraordinário.

— Tem razão, concordou o guarda.

— Bonitos bosques estes aqui. Com certeza são particulares? O guarda tossiu embaraçado, olhando para mim. Comecei a mordiscar uma folhinha de grama, e virei-me para o outro lado.

— Sim, são, disse ele.

— Meu marido diz que os bosques de todas essas grandes propriedades acabarão abatidos um dia para permitir a construção

de bangalôs. Eu gostaria de viver em um aqui com frente para o mar. Mas não creio que gostasse desse lugar no inverno. Continuei a mordiscar a folhinha de grama. O menino corria, agora em círculo. O guarda consultou o relógio, — Bem, já estou na minha hora, disse ele. Boa tarde. Fez uma saudação de cabeça e seguiu seu caminho.

— Venha, Charlie, vamos procurar papai, disse a mulher.

Cumprimentou-me cordialmente, e afastou-se com o garoto. Um homem magro fez-lhe sinal com a mão e ela foi reunir-se a ele. Sentaram-se os três na grama e a mulher começou a abrir uns embrulhos.

Desejei perder a minha identidade e juntar-me a eles.

Comer ovos cozidos e sanduíches de língua em conserva, poder rir alto, tomar parte na conversa, e voltar com eles à tarde para Kerrith, correndo pela praia de areia branca. Ir depois até a casa deles, onde teríamos bolinhos quentes para o chá. Em vez disso tinha que voltar para Manderley, sozinha, através dos bosques, e ficar à espera de Maxim, sem saber o que iríamos dizer um ao outro, qual seria a expressão do seu olhar, ou o tom da sua voz. Continuei sentada nos rochedos, sem sentir fome nem pensar no almoço.

Chegaram outras pessoas que por ali ficaram a observar o navio. Era o divertimento da tarde. Não vi ninguém que eu conhecesse. O mar estava muito tranquilo; e as gaivotas não mais esvoaçavam, tinham pousado sobre a água, a pequena distância do navio. Apareceram outros excursionistas; os barqueiros de Kerrith iriam fazer boa féria aquele dia. O escafandrista subiu e tornou a descer. Um dos rebocadores afastou-se; o outro ficou. O capitão do porto regressou no seu barco cinzento, levando consigo alguns homens e o escafandrista, o qual viera à tona pela segunda vez. A tripulação do navio atirava migalhas às gaivotas, enquanto nos barcos de recreio os visitantes olhavam curiosamente para a embarcação prisioneira nas pedras. Nada de extraordinário parecia estar acontecendo. Com a maré muito baixa, o navio tinha um aspecto esquisito, assim inclinado de lado com a hélice bem à mostra. Nuvenzinhas brancas começaram a formar-se no céu, a oeste, e o sol tornou-se quase pálido.

Ainda estava muito quente.

Olhei para o meu relógio; passava das três horas.

Levantei-me e desci até à caverna. Tudo silencioso e deserto como sempre. O cascalho estava agora escuro, cinzento, mas a água na pequena enseada aparecia límpida qual um espelho.

Meus pés, andando sobre os calhaus, faziam um ruído áspero, persistente. Nuvens brancas cobriam agora todo o céu, escondendo o sol. Quando cheguei ao fim da gruta, dei com Ben, o idiota, agachado diante de um pequeno poço entre duas rochas, apanhando mariscos. Minha sombra refletiu-se na água; o pobre mentecapto levantou a cabeça.

— Bom dia! exclamou, arregalando os dentes.

— Boa tarde, respondi.

Ben levantou-se e abriu um lenço sujo que enchera de mariscos.

— Gosta de mariscos? perguntou-me.

Eu não quis magoá-lo.

— Obrigada.

Ben despejou uma dúzia na minha mão; enfiei-os no bolso da saia.

— São muito bons com pão e manteiga, disse Ben. Mas precisa cozê-los antes.

— Sim, está certo.

Ele continuava parado ali, rindo para mim.

— Vê a embarcação? perguntou-me.

— Sim, encalhou, não é mesmo? — Eh? — Encalhou, repeti. Creio que tem um rombo na quilha.

Ele teve uma expressão aparvalhada, atônita, e disse: — Sim, ela está lá embaixo, sim. Não soltará mais.

— Talvez os rebocadores consigam tirá-la, com a maré própria, observei eu.

Ben não respondeu, continuou a olhar para a embarcação presa nos recifes, onde os tripulantes ainda se debruçavam para dar de comer às gaivotas. Os botes a remo estavam voltando para Kerrith.

— É holandesa, não é? perguntou Ben.

— Não sei. Holandesa ou alemã.

— Vai despedaçar-se, lá onde está.— É bem possível.

Ele arreganhou de novo os dentes, e limpou o nariz com as costas da mão.

— Há de quebrar-se pedaço por pedaço; não se afundará como uma pedra, como a pequenina — e ele estalou a língua.

Os peixes já a comeram, não é verdade? — Quem? perguntei.

Ben apontou com o dedo em direção ao mar.

— Ela, a outra.

— Os peixes não comem embarcações, Ben.

— Eh? Ele encarou-me novamente com ar aparvalhado e atônito.

— Preciso ir para casa, disse eu. Adeus.

Deixei-o e dirigi-me para o caminho que cortava os bosques. Não olhei para a cabana, mas sabia que lá estava ela, à minha esquerda, cinzenta e silenciosa. Entrei pela mata e comecei minha ascensão. A meio caminho parei, virei-me para trás e ainda pude distinguir, através das árvores, a embarcação encalhada, apontando para a praia. Os botes de recreio tinham partido; até mesmo a tripulação se recolhera.

Nuvens brancas velavam todo o céu. Um ventinho surgiu não sei de onde, e soprou sobre meu rosto. Da árvore acima de minha cabeça caiu uma folha, que veio tocar em minha mão.

Estremeci sem saber por que. Então o vento soprou novamente, morno. O navio tinha dolorosa aparência, assim inclinado, sem ninguém no tombadilho, com a chaminé negra apontando para a praia. Continuei na subida íngreme, sentindo as pernas relutantes e a cabeça pesada — e um estranho presságio no coração.

A casa surgiu-me muito tranquila no meio do gramado, abrigada e protegida, mais bela do que nunca. Olhando-a tive, talvez pela primeira vez, a consciência exata de que era o meu lar, e que Manderley me pertencia. As árvores, a grama e os jarrões de flores do terraço refletiam-se nas vidraças. Tênuê coluna de fumaça erguia-se para o céu, saindo de uma das chaminés. A grama recém-cortada rescendia um aroma doce.

Um melro cantava sobre o castanheiro. Por mim passou uma borboleta amarela, em voo louco, indo pousar ao longe numa flor.

Entrei em casa e dirigi-me para a sala de jantar. Meu lugar estava em ordem, mas o prato de Maxim fora retirado.

Sobre o aparador havia carnes frias e salada. Hesitei e depois toquei a campainha. Apareceu Robert.

— Mr. de Winter voltou? — Sim senhora, pouco depois das duas; almoçou rapidamente e saiu de novo. Perguntou pela senhora; Frith respondeu que talvez tivesse ido ver a embarcação.

— Disse quando voltaria? — Não, senhora.

— Talvez tenha ido à praia por outro caminho, e nos desencontramos.

— Sim, senhora.

Olhei para o prato de frios sobre o aparador. Sentia o estômago vazio, mas não tinha fome.

— Vai almoçar? perguntou-me Robert.

— Não; traga-me chá, Robert, na biblioteca. Nada de bolos ou sanduíches. Apenas chá, pão e manteiga. Achei esquisito não ter Jasper ali comigo. Talvez estivesse acompanhando Maxim. Peguei um número do Times e folheei-o, sem ler nada. Era estranha aquela sensação de estar fazendo tempo, como alguém na sala de espera de um dentista.

Impossível concentrar-me num livro ou no tricô. Estava esperando que acontecesse alguma coisa, algo de imprevisto. Aquela minha manhã de horror, o navio encalhado, e o fato de não ter almoçado, tudo se misturava numa excitação latente que eu não podia compreender.

Parecia-me que entrara numa nova fase da minha vida, e que as coisas nunca mais tornariam a ser as mesmas. A jovem que a noite passada se vestia de azul ficara para trás. Tudo acontecera já de muito tempo. Aquela que se achava ali no banco da janela era outra — nova — diferente.

Robert trouxe o chá e comi com apetite algumas fatias de pão. Também trouxera biscoitos, sanduíches e bolo de anjo.

Achara, com certeza, não ficar bem trazer só pão com manteiga — coisa contrária ao hábitos de Manderley. Apreciei os

biscoitos e o bolo de anjo, lembrando-me que apenas tomara um chá frio às onze e meia, e não almoçara. Mal ingeri a minha terceira xícara de chá, Robert entrou.

— Mr. de Winter ainda não voltou, não é, senhora?— Não, por quê? Alguém deseja vê-lo? — Sim, senhora. O Capitão Searle, capitão do porto de Kerrith, está ao telefone. Quer saber se pode vir pessoalmente procurar Mr. de Winter.

— Não sei o que responder. Talvez Maxim não volte tão cedo.

— Provavelmente, senhora.

— É melhor pedir-lhe que telefone de novo às cinco horas, disse eu. Robert saiu da sala e voltou dentro de alguns minutos.

— O Capitão Searle gostaria de vê-la, se fosse de sua conveniência, senhora. Diz que é assunto de urgência. Tentou comunicar-se com Mr. Crawley, mas não o conseguiu.

— Sim, eu o receberei, uma vez que é urgente. Diga que pode ser quando quiser. Ele tem carro?

— Creio que sim, senhora.

Robert retirou-se e eu fiquei pensando no que iria dizer ao Capitão Searle. Com certeza vinha falar sobre o navio encalhado, mas eu não podia compreender o que podia ter Maxim com o assunto. Teria sido diferente, se o navio houvesse encalhado na enseada que pertencia a Manderley.

Talvez quisessem pedir licença para dinamitar as rochas, ou coisa parecida. Mas a baía aberta e as rochas sob a água não pertenciam a Maxim.

O Capitão Searle devia ter tomado o carro logo depois da resposta de Robert, porque em menos de um quarto de hora já o introduziram na biblioteca.

Ainda estava de uniforme, como eu o vira de manhã, através do binóculo. Levantei-me e fui apertar-lhe a mão.

— Sinto que meu marido ainda não esteja de volta, Capitão Searle. Com certeza retornou para os recifes e antes disso tinha ido a Kerrith. Não o vi o dia todo.

— Sim, soube que fora a Kerrith, mas nos desencontramos.

Deve ter voltado a pé, pelos recifes ao longo da costa, enquanto eu estava no meu bote. E também não consigo encontrar

Mr. Crawley.

— Creio que este navio veio desorganizar tudo. Também eu estive na praia e nem almocei. Mr. Crawley já estava lá muito antes de mim. Que acontecerá ao navio? Os rebocadores conseguirão salvá-lo?

— Está com um rombo enorme na quilha, informou o Capitão Searle. É navio que não verá mais Hamburgo. Mas deixemo-lo em paz. O proprietário e o agente do Lloyd decidirão do caso. Não, Mrs. de Winter, não foi o navio que me trouxe aqui. Trata-se duma notícia que tenho de comunicar a Mr. de Winter, e não sei como fazê-lo — disse e corou e olhou-me bem de frente com aqueles seus vivos olhos azuis.

— Que espécie de notícia, Capitão Searle?

Ele tirou um grande lenço branco do bolso e assoou o nariz.  
— Bem, Mrs. de Winter, não é muito agradável para mim dizer à senhora tampouco. Nunca desejei causar tristeza ou sofrimento à senhora e ao seu marido. Em Kerrith gostamos todos imensamente de Mr. de Winter, a senhora sabe, e a família de Winter sempre fez muito por todos aqui. É duro para ele, e também para a senhora, que não possamos deixar o passado em paz. Mas não vejo de que maneira seria isso possível, dadas às circunstâncias.

Fez uma pausa e pôs o lenço no bolso. Abaixou a voz, embora estivéssemos sozinhos na sala.

— Mandamos o escafandrista descer para inspecionar o casco do navio, e enquanto estava embaixo, ele fez uma descoberta. Encontrou o rombo do navio, e quando foi examinar o outro lado, para ver se havia outras avarias, deu com um pequeno barco de vela absolutamente intacto. Como é um homem daqui mesmo, reconheceu o barco imediatamente. Era o barco pertencente à falecida Mrs. de Winter.

Minha primeira sensação foi de alívio por ver que Maxim não estava presente para ouvir. Esse novo golpe, vindo tão depressa depois da minha mascarada da véspera, parecia irônico, horrível mesmo.

— Sinto muito, disse eu lentamente. É uma coisa que ninguém jamais esperaria. Será necessário contá-lo a Mr. de

Winter? Não poderia o barco ficar onde está, uma vez que não atrapalha ninguém? — Ficaria, Mrs. de Winter, em outras circunstâncias, e eu seria o último homem do mundo a querer tocar nisso. E daria tudo, como já lhe disse, para poupar um aborrecimento a Mr. de Winter. Mas não é só isso. O homem deu a volta ao barco e fez outra descoberta ainda mais importante. A porta da cabine estava hermeticamente fechada, assim como as escotilhas. Quebrou um dos vidros e espiou dentro da cabine.

Estava cheia de água, que deveria ter entrado por algum buraco no fundo, pois não parecia haver avaria em parte alguma. E então ele teve o maior choque de sua vida, Mrs. de Winter.

O Capitão Searle fez uma pausa e olhou por sobre o ombro, como se temesse que um dos empregados o ouvisse.

— Havia um corpo no chão da cabine, disse ele em voz abafada. Estava dissolvido, é claro, sem carne nenhuma. Um esqueleto. Ele viu a cabeça e os membros. Subiu à tona e veio comunicar-se imediatamente comigo. E agora compreende porque é que preciso ver seu marido.

Olhei para ele, espantada a princípio, e depois chocada, quase me sentindo mal em seguida.

— Mas pensaram que ela tivesse saído sozinha! falei num sopro. Havia então alguém com ela o tempo todo, sem que ninguém soubesse? — É o que parece.

— Quem poderia ter sido? Certamente, se alguém desaparecesse, os parentes haveriam de saber. Os jornais comentaram tanto o caso! Por que haveria de estar uma pessoa na cabine, quando Mrs. de Winter foi encontrada muitas milhas além, meses depois? O Capitão Searle sacudiu a cabeça.

— Nada posso dizer, da mesma maneira que a senhora.

Só o que sabemos é que os restos humanos estão lá e tenho de dar parte. Haverá publicidade, com toda a certeza, Mrs. de Winter. Não sei como poderemos evitá-lo. É realmente um golpe para a senhora e para Mr. de Winter. Aqui estão os dois tranquilamente instalados, querendo ser felizes — e acontece uma coisa dessas! Eu compreendia agora a razão do meu pressentimento.

Não fora o navio encalhado que me parecera sinistro, nem os gritos das gaivotas, nem a chaminé negra e esguia apontando para os rochedos. Fora a placidez das águas escuras, e as coisas desconhecidas que o seu mistério ocultava. Fora o escafandrista, descendo àquelas profundidades calmas e frias, dando com o barco de Rebecca, e com o companheiro morto de Rebecca. Ele tocara o barco, espiara dentro da cabine — e eu todo tempo ali sentada nos rochedos, sem de nada desconfiar...

— Se ao menos não tivéssemos de o contar a Maxim, disse eu. Se ao menos pudéssemos evitar que ele soubesse! — A senhora sabe que eu o faria, se me fosse possível, Mrs. de Winter, mas os meus sentimentos pessoais têm que ser postos de lado num caso desses. Preciso cumprir o meu dever e dar parte do encontro.

Nesse momento a porta abriu-se e Maxim entrou.

— Alô! Que está acontecendo por aqui? indagou ele. Eu não sabia da sua chegada, Capitão Searle. Aconteceu alguma coisa? Não pude suportar mais nada. Saí da sala, como a covarde que era, e fechei a porta atrás de mim, sem nem mesmo olhar o rosto de Maxim. Tive a impressão de que ele estava desarrumado, cansado, sem chapéu. Fui para o hall e fiquei perto da porta de entrada. Jasper bebia ruidosamente na sua vasilha. Sacudiu a cauda quando me viu e continuou a beber; depois pulou para perto de mim. Beijei-lhe a cabeça, e fui sentar-me no terraço. O momento de crise chegara, e eu precisava enfrentá-lo. Meus antigos receios, meu acanhamento, minha timidez, meu imensurável senso de inferioridade precisavam ser vencidos, postos de banda. Se eu fracassasse agora, fracassaria para sempre. Nunca teria outra oportunidade. Rezei com fervor desesperado pedindo coragem — e minhas unhas cravaram-se na palma das mãos. Fiquei ali sentada durante cinco minutos, olhando fixamente para o gramado e os jarrões de flores. Ouvei o som da partida de um carro. Devia ser o Capitão Searle, que dera a notícia a Maxim e se fora. Levantei-me, atravessei lentamente o hall em direção à biblioteca. Virava e revirava no bolso os mariscos que Ben me dera, apertando-os com força nas mãos.

Maxim estava de pé, perto da janela, de costas voltadas para mim. Esperei junto à porta. Não se moveu. Tirei a mão do bolso e aproximei-me. Tomei-lhe a mão, encostei-a ao meu rosto. Ele nada disse, continuou imóvel.— Sinto tanto, murmurei. Sinto tanto, tanto.

Ele não respondeu. Suas mãos estavam gélidas. Beije-as, e depois beijei-lhe os dedos, um a um.

— Não quero que passe por isso sozinho, murmurei.

Quero estar ao seu lado, querido. Eu envelheci, Maxim, em vinte e quatro horas. Nunca mais serei a criança que fui. Ele pôs o braço à volta da minha cintura e puxou-me para si.

Minha reserva fora quebrada, e também minha timidez.

Fiquei ali com o rosto contra o seu ombro.

— Você perdoou-me afinal? perguntei.

E Maxim falou.

— Perdoar? Que tenho eu a perdoar a você? — A noite passada. Você pensou que eu o fiz de propósito.

— Ah, aquilo, murmurou ele. Já havia esquecido. Fiquei muito zangado com você, não foi?

— Sim. — Maxim não disse mais nada, apenas continuou a apertar-me contra o peito.

— Maxim, não poderíamos começar de novo? Não poderíamos começar desde hoje a enfrentar juntos o que a vida nos reservar? Não quero que me ame, não peço coisas impossíveis. Serei seu amigo, seu companheiro, como um rapaz. Nada mais desejo do que isso.

Ele pegou meu rosto entre as mãos e olhou-me. Notei pela primeira vez como sua fisionomia estava abatida, repuxada, cheia de rugas. E havia grandes sombras em torno de seus olhos.

— Até que ponto você me ama? perguntou-me.

Não pude responder. Só sabia olhar para aqueles pobres olhos torturados, para aquele pálido rosto desfeito.

— É tarde demais, minha querida, tarde demais. Perdemos nossa pequenina chance de felicidade.

— Não, Maxim, não.

— Sim. Está tudo acabado agora. Aquilo aconteceu.

— Aquilo?

— Aquilo que sempre esperei. Aquilo com que sonhei, dia após dia, noite após noite. Não fomos feitos para a felicidade, eu e você — disse, e sentou-se no banco da janela, comigo ajoelhada à sua frente, as mãos sobre os seus ombros.

— O que é que está tentando dizer? perguntei.

Maxim segurou-me as mãos e fitou-me bem nos olhos..

— Rebecca venceu, disse ele.

Olhei para Maxim, sentindo o coração bater descompassadamente; minhas mãos tornaram-se repentinamente frias sob as suas.

— A sua sombra paira entre nós dois o tempo todo, entre mim e você, disse Maxim. A sua maldita sombra nos separa um do outro. Como eu poderia viver, querida, com o medo de que uma coisa destas viesse a acontecer? Lembro-me do olhar que me lançou antes de morrer. Lembro-me do seu sorriso traiçoeiro. Mesmo naquela ocasião ela sabia que isto iria acontecer. Tinha a certeza de vencer no fim.

— Maxim! gritei. — Que está dizendo? O que está tentando dizer?

— O barco de Rebecca. Encontraram-no. O escafandrista encontrou-o esta tarde.

— Sim, eu sei. O capitão Searle veio dizer-me. Você está pensando no corpo, não é? No corpo encontrado na cabine?

— Sim.

— Quer dizer que ela não estava sozinha. Quer dizer que havia alguém com Rebecca, o tempo todo. E você precisa descobrir quem era. Não é isso, Maxim?

— Não. Você não pode compreender.

— Quero compartilhar tudo com você, querido. Quero ajudá-lo.

— Não havia ninguém com Rebecca — ela estava sozinha.

Continuei ajoelhada, observando o seu rosto, a expressão dos seus olhos.

— É o esqueleto de Rebecca que está no chão da cabine, disse Maxim.

— Não! Não!...

— A mulher enterrada na cripta não é Rebecca. É o corpo de uma mulher desconhecida, não reclamada, não pertencente a ninguém. Nunca houve acidente algum. Rebecca não se afogou. Eu a matei, eu! A tiros, na cabana da praia. Carreguei depois o corpo para o barco, saí com o barco para o mar — e afundei-o, lá onde foi encontrado hoje. É Rebecca quem está no chão da cabine. Poderá me olhar bem nos olhos e dizer que ainda me ama?



**REINAVA SILÊNCIO NA BIBLIOTECA.** O único som que de vez em quando se ouvia era o de Jasper lambendo a pata. Com certeza ferira-se em algum espinho, porque continuava a lamber e sugar a pele. Ouvi depois o tique-taque do relógio de Maxim bem perto do meu ouvido. Os pequenos sons normais de todos os dias. E sem razão alguma um provérbio dos meus tempos de colégio me veio à memória: "O Tempo e a Maré não esperam por ninguém". Essas palavras voltaram-me constantemente ao pensamento. "O Tempo e a Maré não esperam por ninguém." Quando uma pessoa recebe um grande choque ou perde um membro do corpo, creio que nada sente a princípio. Se sua mão for cortada, você, durante alguns segundos, não saberá que a perdeu. Continuará a sentir os dedos, a movê-los no ar, um por um, embora não haja ali coisa alguma — nem mão, nem dedos. Ajoelhei-me ao lado de Maxim, meu corpo contra o seu, minhas mãos sobre seus ombros, sem ter no entanto consciência de emoção alguma, nem de dor nem de medo; e não havia horror no meu coração. Pensei de que maneira iria tirar o espinho do pé de Jasper, e se Robert viria logo buscar a bandeja de chá. Parecia esquisito que eu pudesse pensar em semelhantes coisas — na pata de Jasper, no relógio de Maxim, em Robert, e bules de chá. Fiquei escandalizada com a minha falta de emoção, com essa estranha ausência de tristeza ou dor.

Pouco a pouco a sensibilidade me voltará, pensei eu, e chegarei à compreensão dos fatos. Eles se ajustarão lentamente, como peças de um quebra-cabeças, formando desenho, algo que tenha significação. Neste momento nada sou, não tenho coração, nem pensamento, nem sentidos; sou apenas uma coisa de madeira

nos braços de Maxim. Ele começou então a beijar-me. Nunca antes me beijara daquela maneira — nem com tal ardor. Uni as mãos atrás de sua cabeça e fechei os olhos. R — Eu a amo tanto, murmurou ele. Tanto, tanto...

Era aquilo que tanto desejei que ele me dissesse cada dia e cada noite, pensei eu — e ele afinal o estava dizendo. Foi com aquilo que sonhei em Monte Carlo, na Itália e depois em Manderley. E era agora o que ele estava dizendo. Abri os olhos e fitei o pequeno pedaço de cortina acima de sua cabeça.

Maxim continuava a me beijar — beijos famintos, desesperados; e murmurava o meu nome. Eu olhava para o pedaço de cortina, notando como o sol o desbotara, tornara-o mais claro que a parte superior. Como estou calma! pensei.

Aqui a examinar um pedaço de cortina, enquanto Maxim me beija, dizendo pela primeira vez que me ama.

Ele parou de repente, afastou-me, e levantou-se do banco da janela.

— Vê que tenho razão, disse. É tarde demais. Você não me ama agora. E por que haveria de me amar? Atravessou a sala e foi para perto da lareira. — Esqueçamos disso. Não acontecerá outra vez.

Voltei a mim de repente, sentindo uma espécie de pânico no coração.

— Não é tarde demais, gritei levantando-me, correndo para onde ele estava, enlaçando-o nos meus braços. — Não diga isso, você não compreende, querido. Amo-o mais do que tudo no mundo. Mas quando me beijou agora eu estava aturdida, abalada, não podia entender coisa alguma, era incapaz de sentir emoção.

— Você não me ama, por isso não senti coisa alguma. Sei. Compreendo. Cheguei tarde demais para você...

— Não!

— Isso devia ter acontecido há quatro meses. Eu devia ter previsto. As mulheres não são como os homens.

— Quero que me beije outra vez, por favor, Maxim.

— Não, agora é tarde.

— Não podemos ficar separados um do outro, implorei. Precisamos estar sempre juntos, sem segredo, sem sombras entre nós. Por favor, querido, por favor...

— Não é mais tempo. Talvez só tenhamos algumas horas, alguns dias. Como poderemos ficar juntos, agora que o desastre aconteceu? Eles encontraram o barco e acharam Rebecca.

Olhei para ele tonta, sem compreender.

— E o que farão? perguntei.

— Identificarão o corpo, tudo na cabine indicará que é ela. Suas roupas, seus sapatos, os anéis. Eles a identificarão e lembrarão da outra mulher enterrada na cripta.

— E que vai você fazer?

— Não sei. Não sei...

A sensibilidade estava me voltando pouco a pouco, como eu previra. Desapareceu o frio de minhas mãos; uma onda de calor subiu-me ao rosto. Pensei no Capitão Searle, no escafandrista, no agente do Lloyd, em todos aqueles homens no navio encalhado, que eu vira olhando para o mar. Pensei nos lojistas de Kerrith, em mensageiros assobiando nas ruas.

no vigário saindo da igreja, em Lady Crowan colhendo flores no seu jardim, na mulher de vestido cor-de-rosa e no garoto em cima dos penhascos. Todos logo o saberiam — dentro de algumas horas, amanhã cedo, ao café. "Acharam o barco de Mrs. de Winter, e dizem que há um corpo na cabine." Um corpo. Rebecca lá estava no chão da cabine — não na cripta da igreja. Era outra mulher, a que se achava na cripta. Maxim matara Rebecca. Rebecca não se afogara. Maxim matara-a.

Atirara-a na cabana dos bosques. Carregara o seu corpo até o barco, e afundara o barco na baía. A cabana cinzenta e silenciosa, chuva tamborilando no telhado. As peças do jogo, reajustando-se rapidamente. Quadros desgarrados passando velozmente, um por um, pelo meu cérebro atordoado. Maxim ao meu lado no automóvel. Sul da França.

"Aconteceu alguma coisa o ano passado que alterou completamente minha vida. Preciso recomeçara viver..." O silêncio de Maxim, certas disposições de espírito incompreensíveis. Nunca

falando sobre Rebecca. Nunca pronunciando o seu nome. A aversão de Maxim pela caverna, pela cabana. "Se você tivesse as minhas recordações, também não gostaria de lá ir." A maneira pela qual subira o caminho por entre os bosques, sem nunca olhar para trás. Maxim andando de cá para lá, de lá para cá na biblioteca, depois da morte de Rebecca. "Parti apressadamente", dissera a Mrs. Van Hopper — e uma linha quase imperceptível lhe aparecera entre os olhos... "Dizem que não se conforma com a morte da mulher." O baile à fantasia ontem a noite, e eu aparecendo no alto das escadas com o vestido de Rebecca. "Matei Rebecca", dissera Maxim. "Assassinei-a a tiros na cabana do bosque " E o escafandrista a encontrara lá, no chão da cabine, no fundo do mar...

— Que vai fazer agora? perguntei. O que diremos?

Maxim não respondeu. Continuou ali, de pé junto à lareira, de olhos arregalados, olhando sem ver.

— Alguém sabe? Qualquer pessoa — alguém?

Ele sacudiu a cabeça: — Não.

— Ninguém, a não ser você e eu?

— Ninguém, a não ser nós.

— E Frank? perguntei de repente. Tem certeza de que Frank não sabe? — Como poderia saber? Não havia lá ninguém a não ser eu. Estava escuro... Interrompeu-se. Sentou-se numa cadeira e pôs a mão sobre a fronte. Fui ajoelhar-me ao seu lado. Ele ficou muito quieto um momento, e eu afastei a mão que escondia aquele rosto querido, e olhei para dentro de seus olhos.

— Amo-o, murmurei. Amo-o! Não quer acreditar-me agora? Ele beijou-me o rosto e as mãos, ficou a segurá-las com força, como criança que procura ganhar confiança.

— Pensei que enlouquecesse, aqui sentado dias e dias esperando que acontecesse alguma coisa. Sentado a esta escrivaninha, respondendo a cartas de pêsames. Notícias nos jornais, entrevistas, tudo o que se segue a uma morte.

Comendo, bebendo, tentando ser normal, tentando conservar o juízo perfeito. Frith, os criados, Mrs. Danvers. Mrs. Danvers que eu não tive coragem de despedir porque dada a sua intimidade com Rebecca talvez tivesse suspeitado, talvez tivesse adivinhado...

Frank, sempre ao meu lado, discreto, amigo. "Por que não vai embora?" perguntava-me ele.

"Deixe tudo por minha conta. Devia sair daqui." E Giles, e Bee, a pobre Bee, sempre sem tato. "Você está com uma aparência muito doentia; por que não vai ao médico?" E eu tendo que olhar para todos eles, para essa gente toda, sabendo que cada palavra que eu pronunciava era uma mentira.

Eu continuava a prender com força as mãos de Maxim entre as minhas. Encostei-me a ele, pertinho, bem pertinho.

— Quase o contei a você uma vez, continuou Maxim.

Naquele dia em que Jasper fugiu para a caverna e você saiu em procura de um cordel. Estávamos aqui, como agora, mas Frith e Robert entraram com o chá...

— Sim, lembro-me. Por que não me contou? Quanto tempo perdemos de estar juntos! Todos esses dias, semanas...

— Você se mantinha tão isolada, sempre sozinha com Jasper no jardim e nos passeios a pé... Nunca veio me procurar, como agora.

— Por que não me contou? murmurei. Por quê? — Pensei que se sentisse infeliz, que se aborrecesse aqui.

Sou tão mais velho que você! Parecia sempre ter mais que conversar com Frank, do que comigo. Mostrava-se esquisita comigo, sem jeito, tímida.

— Como poderia procurá-lo, quando sabia que estava pensando em Rebecca? Como podia pedir-lhe que me amasse, sabendo que ainda amava a Rebecca? Maxim puxou-me para bem perto, e procurou o meu olhar.

— Que está dizendo? Que quer dizer com isso? Ajoelhei bem diante dele.

— Todas as vezes que você me tocava, eu pensava que me estivesse comparando com Rebecca. Sempre que falava comigo, ou olhava para mim, quando andávamos juntos pelo jardim, ou eu me sentava à mesa do jantar, parecia-me estar dizendo para si mesmo: "Também fiz isto com Rebecca — e isto, e mais isto".

Maxim olhou-me atônito, como se não compreendesse.

— Era verdade, não era? perguntei.

— Oh, meu Deus! disse ele — e afastando-me levantou-se e começou a andar para lá e para cá, de punhos fechados.

— Que é? Que houve? perguntei.

Maxim voltou-se rapidamente e olhou para mim, ali encolhida no chão.— Pensou que eu amasse Rebecca? Pensou que a matei por amor? Eu a odiava — era essa a verdade; nosso casamento foi uma farsa desde o princípio, era geniosa, perversa ao extremo. Nunca nos amamos, nunca tivemos um momento de felicidade um com o outro. Rebecca era incapaz de sentimentos de amor, de ternura ou decência.

Sentei-me no chão, apertando os meus joelhos, olhando para ele.

— Inteligente, sim, é claro. Diabolicamente inteligente. Quem a conhecesse nunca poderia duvidar que fosse a mais generosa, a melhor, a mais bem dotada criatura do mundo. Sabia exatamente o que dizer a cada pessoa, como adaptar o seu temperamento ao dos outros. Se houvesse conhecido você, teria ido em sua companhia ao jardim, de braço dado, chamando por Jasper, falando sobre flores, música ou pintura, ou o que quer que fosse agradável a você. E você teria caído, como os outros, teria se iludido, como todos. Ela se sentaria a seus pés, adorando-a também.

Para lá e para cá, andando pela biblioteca.

— Quando nos casamos, consideraram-me o homem mais feliz do mundo. Tão linda, tão dotada, tão divertida! Até mesmo a vovó — a pessoa mais difícil de contentar naqueles tempos — adorou-a desde o primeiro dia. "Ela tem as três melhores qualidades de uma esposa", disse a vovó. "Educação, inteligência e beleza." E acreditei nela. Mas todo o tempo, no íntimo do coração, eu tinha uma dúvida. Havia qualquer coisa em seus olhos...

As peças do meu quebra-cabeça ajustavam-se afinal, e a verdadeira Rebecca apareceu a minha frente, surgindo do mundo das sombras como uma criatura viva que deixa a moldura de um quadro. Rebecca chicoteando o cavalo; Rebecca pegando a vida com ambas as mãos; Rebecca triunfante, debruçando-se na galeria dos menestréis, com um sorriso nos lábios.

Mais uma vez me vi na praia, ao lado de Ben. "A senhora é boa, não é como a outra. Não vai mandar-me para o hospício, não é?" Alguém andando à noite pelos bosques, uma mulher alta e delgada, dando a impressão de serpente...

Maxim, no entanto, ainda falava; Maxim andava de cá para lá na biblioteca.— Não tardei a descobrir o que era — cinco dias após o casamento. Lembra-se da primeira vez que fomos de automóvel aos topos de Monte Carlo? Eu quis ir lá mais uma vez para relembrar. Ela se sentara ali, rindo, os cabelos negros esvoaçantes ao vento. Contou-me sua vida, contou-me coisas que nunca repetirei a ninguém. Só então vim a saber com quem tinha casado. Beleza, inteligência, educação... Oh, meu Deus! Maxim interrompeu-se bruscamente e foi sentar-se perto da janela, olhando para o gramado lá fora. Começou a rir. Ficou ali, rindo. Não pude suportar aquilo; a cena me amedrontava, deixava-me perturbada, doente. Não aguentei mais.

— Maxim! gritei. — Maxim!

Ele acendeu um cigarro e começou a fumar em silêncio.

Levantou-se depois, e recomeçou a caminhar incessantemente.

— Quase a matei então. E teria sido tão fácil! Um passo em falso, uma escorregadela. Lembra-se do precipício? Assustei-a naquele dia, não é verdade? Pensou que eu estava louco. Talvez estivesse. Talvez esteja. Não é muito fácil conservar o juízo quem conviveu com o demônio.

Fiquei olhando para Maxim. Para lá e para cá, para lá e para cá...

— Fez um acordo comigo, lá no alto do morro, à beira do precipício. "Tomarei conta de sua casa", foi o que me disse.

"Tomarei conta de sua preciosa Manderley, farei dela o lugar mais famoso do país, se você assim o desejar. Todos virão visitar-nos, e nos invejarão, e falarão de nós; dirão que somos o par mais feliz, mais venturoso, mais belo da Inglaterra. Que peça, Maxim, que triunfo do inferno!" Foi o que me disse, sentada lá no alto do morro, rindo — despedaçando uma flor entre os dedos.

Maxim atirou para dentro da lareira vazia o cigarro apenas começado.

— Mas não a matei; fiquei observando-a sem nada dizer, ouvindo o seu riso. Reentramos no carro e partimos. E Rebecca sabia que eu faria como ela desejava, que voltaríamos a Manderley, teríamos casa aberta, receberíamos — fazendo do nosso matrimônio a inveja do mundo. Eu ia sacrificar orgulho, honra, sentimentos pessoais, tudo, para não deixar que, após uma semana de casamento, a sociedade viesse a saber o que ela me contara sobre si própria. Nunca a denunciaria a uma corte de divórcio, para não ver dedos apontando-nos na rua, nem receber sobre nossas pessoas a lama atirada pelos jornais, nem perceber todo o mundo baixando a voz quando pronunciassem o meu nome. Excursionistas de Kerrith chegando até os portões de entrada, espiando através das grades: "É aqui que ele vive, Manderley é aqui. É esta a propriedade daquele sujeito do divórcio. Lembra-se do que o juiz disse de sua mulher?..." Maxim parou e estendeu-me as mãos.

— Você me despreza, não é? Não pode compreender minha vergonha, meu ódio, meu nojo.

Eu nada disse, mas apertei-lhe as mãos contra o meu coração. Nada me importava a sua vergonha. Nada do que me dissera importava, de maneira nenhuma. Eu estava agarrada a um pensamento, um só, e repetia-o sem parar.

Maxim não amava Rebecca. Nunca a amara — nunca, nunca. Nunca tinham tido um momento de felicidade comum. Que importava o que Maxim dissera e estava dizendo depois dessa confissão?

— Eu pensava demais em Manderley, continuou ele. E punha Manderley acima de tudo. Essa espécie de amor não é saudável. Não pregam sobre ela nas igrejas; Cristo nada disse sobre pedras e muros e tijolos, e o amor que o homem possa ter pelo seu pedacinho de terra, seu solo, seu pequeno reino..

Nenhuma dessas coisas entra no credo cristão.

— Meu querido, meu Maxim, meu amor, murmurei encostando suas mãos contra meu rosto.

— Diga se me compreende, diga!

— Sim, meu querido, meu amor — mas eu olhei para o outro lado, de modo que Maxim não pudesse ver meu rosto.

Que importava eu compreendesse ou não? Meu coração parecia mais leve que uma pena esvoaçante. Ele nunca amara Rebecca.

— Não quero volver os olhos para esses anos passados.

Não queria falar sobre eles nem mesmo a você. A vergonha, e a degradação... A mentira que vivemos, ela e eu... A farsa miserável e sórdida, que representávamos juntos, diante de amigos e parentes, mesmo dos criados, de criaturas fiéis e de confiança como o velho Frith. Todos aqui acreditavam na sinceridade de Rebecca, admiravam-na; nunca souberam como ela se ria nas costas de todos, caçoando, imitando-os.

Lembro-me da casa cheia de gente — um garden party ou uma representação qualquer — ela andando por aqui com um sorriso angelical no rosto, de braço dado comigo, distribuindo prêmios às crianças; e já no dia seguinte de madrugada fugindo de automóvel para Londres, arrastando-se até aquele seu apartamento à beira do rio, como um animal que procura a fumaça. E voltando no fim de uma semana, depois de cinco dias inomináveis. Oh, sim, eu cumpri a minha parte do contrato, e nunca traí o seu segredo. Seu gosto estético fez de Manderley o que é hoje. Os jardins, os rododendros, as azáleas do Vale Feliz; pensa que existiam no tempo do meu pai? Céus, isto aqui era selvagem; belo, sim, mas selvagem e solitário; tudo pedia tratamento, remodelação e muito dispêndio de dinheiro.

Meu pai nunca pensou nisso. E nem eu pensaria, tampouco, se não fosse Rebecca. A metade das coisas que você vê não estava antes aqui. A sala de visitas tal qual é hoje, a saleta — tudo isso é Rebecca. As cadeiras que Frith aponta com tanto orgulho aos visitantes nos dias públicos, o painel de tapeçaria — Rebecca outra vez. Alguns objetos de arte já estavam aqui, guardados nos quartos do fundo — meu pai não entendia de mobílias ou quadros; mas a maioria foi Rebecca quem comprou. A beleza de Manderley, que se vê hoje, sobre a qual tanto se fala, a Manderley reproduzida em quadros e fotografias, tudo isso é obra de Rebecca.

Eu não dizia nada, apenas o apertava contra o coração.

Queria que continuasse a falar assim, que a amargura o abandonasse de vez, levando consigo o ódio acumulado durante os anos perdidos — o ódio, o nojo, tudo.

— E assim vivemos, disse ele. Semana após semana, ano após ano. Eu aceitava tudo — por causa de Manderley. O que ela fazia em Londres não me atingia, porque não feria Manderley. Rebecca foi cautelosa durante os primeiros anos; nunca houve um comentário a seu respeito, um murmúrio sequer. Depois, aos poucos, começou a descuidar-se. Você sabe como um homem se vicia em beber. Começa devagarinho, um pouco de cada vez, excedendo-se de quando em quando. Mas o intervalo entre os quandos vai diminuindo. De seis em seis meses passa a ser de mês em mês; depois de quinze em quinze dias, de semana em semana — e assim por diante. Já não existe mais a margem de segurança; toda a cautela astuciosa desaparece. Foi o que se deu com Rebecca. Começou a convidar seus amigos para virem aqui. Um ou dois a princípio, que se misturavam ao grupo de convidados para o fim de semana, de modo que eu não podia ter certeza de nada. Organizava piqueniques na cabana da enseada. Uma vez em que eu havia ido caçar na Escócia, ao voltar encontrei-a lá com meia dúzia deles, gente que eu nunca vira antes. Preveni-a; ela encolheu os ombros. "Que diabo você tem com isso?" Disse-lhe que ela podia ver seus amigos em Londres, mas Manderley era minha — foi esse o trato. Ela sorriu, sem nada dizer. Depois começou com Frank, pobre Frank, tão fiel, tão acanhado. Ele veio me ver um dia para dizer que ia deixar Manderley e procurar outro emprego. Discutimos durante duas horas, aqui na biblioteca, e só no fim compreendi. Rebecca não o deixava em paz, não saía da casa dele, tentando levá-lo à cabana da praia. O querido Frank não compreendia, julgava que fôssemos um casal normal — como parecíamos ser...

Acusei Rebecca, e ela inflamou-se, praguejou, usou todas as palavras baixas do seu vocabulário particular. Foi uma cena nojenta, horrível. Em seguida partiu para Londres, e lá ficou um mês. Voltou mais quieta; pensei que tivesse aprendido a lição. Bee e Giles vieram passar um fim de semana. E vi então que eu não errara,

suspeitando que Bee não gostava de Rebecca. Creio que com o seu caráter franco, brusco, espontâneo, Bee via através de Rebecca, adivinhando que qualquer coisa não estava certa. Foi um fim de semana desagradável, enervante. Giles saiu com Rebecca no barco e Bee e eu ficamos preguiçosamente no jardim. Mas quando voltaram pude ver, pelo jeito jovial e animado de Giles, e pela expressão dos olhos de Rebecca, que ela avançara também sobre ele. À hora do jantar vi Bee observando o marido, que ria mais alto que de costume, falando demais. E todo o tempo Rebecca ali na cabeceira da mesa, parecendo um anjo...

Enquanto Maxim falava, em minha cabeça se ajustavam as peças do quebra-cabeça. Os pedaços esquisitos, que nunca davam certo, entravam no lugar. A estranha atitude de Frank quando eu lhe falara sobre Rebecca; a reserva de Beatrice, suas maneiras retrateis. O silêncio que eu sempre tomara como respeito e saudade era silêncio nascido do embaraço e da vergonha. Parecia-me agora incrível que eu não houvesse compreendido. Pensei em todas as pessoas do mundo que sofrem, e continuam a sofrer, porque não podem libertar-se das redes da timidez e reserva que se veem envolvidas; em todas as pessoas que, em sua cegueira e loucura, erguem à sua frente um grande muro para esconder a verdade. Fora o que eu fizera. Pintara quadros falsos no meu pensamento, e ficara a contemplá-los. Nunca tivera ânimo de pedir que me explicassem a verdade. Se eu tivesse dado um só passo fora da minha habitual reserva, Maxim ter-me-ia contado, quatro ou cinco meses atrás, o que me confessava agora.

— Foi o último fim de semana que Bee e Giles passaram em Manderley, continuou Maxim. Nunca mais os convidei.

Vinham oficialmente às festas e garden-parties. Bee nunca me falou sobre isso, nem eu a ela tampouco. Mas creio que adivinhou minha vida, creio que sabia — sim. Tanto quanto Frank. Rebecca tornou-se outra vez astuciosa. Seu comportamento era perfeito exteriormente. Mas, se acontecesse estar eu fora quando ela se achava em Manderley, eu nunca tinha certeza do que podia suceder. Primeiro Frank, depois Giles. Ela podia pegar qualquer dos empregados, ou alguém de Kerrith — qualquer... E então

arrebentaria a bomba. Os comentários; a publicidade que me apavorava.

Maxim interrompeu-se, e tive a impressão de estar de novo na cabana, ouvindo a chuva cair gota a gota no telhado.

Via poeira acumulada nos modelos de navios, os buracos feitos pelos ratos na mobília. E Ben, com o seu pobre olhar medroso de idiota. "Não me mandará para os hospício, não é? " E pensei no caminho íngreme pelo meio da mata... e que se uma mulher ali ficasse, atrás das árvores, o seu vestido farfalharia à brisa leve da noite...

— Tinha um primo, prosseguiu Maxim lentamente, um indivíduo que vivera no estrangeiro e estava de volta à Inglaterra. Começou a frequentar a casa, sempre que eu saía.

Frank viu-o muitas vezes. Jack Favell.

— Conheço-o! Esteve aqui no dia em que você foi para Londres.

— Viu-o também? Por que não me contou? Soube disso por Frank, que viu o seu carro entrando aqui.

— Não quis contar de medo que isso o fizesse lembrar-se de Rebecca.

— Lembrar-me? Oh, Deus! Como se fosse preciso que ma fizessem lembrar! Interrompeu a narrativa, e ficou com o olhar fixo à sua frente. Talvez estivesse pensando, como eu, no barco no fundo do mar, lá na baía.

— Costumava reunir-se ao tal Favell na cabana; iludia aqui os empregados dizendo que ia sair no barco e não voltaria senão de madrugada. E passava a noite lá com ele. Preveni-a mais de uma vez. Se o encontrasse aqui, ou em qualquer ponto de Manderley, eu o mataria. Era criatura de péssimos antecedentes, repugnante... Só o pensamento de um tipo como esse andando pelos bosques de Manderley, por lugares como o Vale Feliz, quase me punha louco. Declarei a Rebecca que não admitia semelhante coisa. Ela sacudiu os ombros, mas não blasfemou. E achei-a mais pálida que do costume, nervosa, abatida. Pensei então no que lhe aconteceria quando começasse a ficar velha, a sentir-se velha. As coisas continuavam no ritmo do costume. Nada de extraordinário

aconteceu. Mas certa ocasião ela foi para Londres, e voltou no mesmo dia, o que não estava nos seus hábitos. Eu não a esperava, estava jantando em casa de Frank, pois tínhamos muito serviço naquela ocasião.

Maxim falava agora de uma maneira brusca, entrecortada.

Eu conservava suas mãos bem apertadas nas minhas.

— Cheguei depois do jantar, às dez e meia mais ou menos, e vi as luvas dela numa cadeira do hall. Fiquei sem saber por que diabo voltou aquela noite. Fui até a saleta; não a encontrei. Desconfiei que tivesse ido para a cabana. Eu não podia mais suportar aquela vida de mentiras e imundícies.

Tinha que resolver a situação de um jeito ou de outro. Pensei em levar o revólver para amedrontar o sujeito que devia estar lá — amedrontar os dois. Fui diretamente para a cabana. Sem que os criados me vissem, esgueirei-me pelos jardins e atravessei os bosques. De longe vi luz filtrando-se pela janela da cabana — dirigi-me para lá. Com grande surpresa, encontrei Rebecca sozinha. Estava deitada no divã, com um cinzeiro cheio de pontas ao lado. Parecia doente, esquisita. Comecei a falar sobre Favell, e ela me ouvia sem dizer coisa nenhuma. "Já vivemos bastante esta vida de degradação, mulher. Agora é o fim, compreende? O que a senhora faz em Londres não me diz respeito. Pode viver lá com Favell, ou com quem quiser. Mas não aqui. Não em Manderley!" Rebecca nada disse por um momento. Apenas olhou para mim e sorriu.

"Suponhamos que convenha mais aqui — e então?" interpelou-me.

"Conhece as condições", disse eu. "Cumprir minha parte da miserável e suja combinação, não é verdade? Mas você não. Pensa que pode fazer da minha casa o que faz do seu antro em Londres? Já suportei bastante, mas, por Deus, Rebecca, esta é sua última oportunidade." Lembro que ela esmagou o cigarro no cinzeiro, levantou-se e esgueirou-se com os braços acima da cabeça.

"Tem razão, Max. É tempo de virarmos a página." Achei-a pálida, magra. Começou a andar de um lado para outro, com os dedos enfiados no cós das calças. Parecia um rapazinho, nas roupas que usava para navegar, um rapazinho com fisionomia de um anjo de Botticelli.

"Já pensou alguma vez", perguntou ela, "como lhe seria difícil mover contra mim uma ação de divórcio? Lembra-se, por acaso, de que não tem uma só prova contra mim, que nunca a teve, desde o princípio? Todos os seus amigos, até mesmo os criados, juram que o nosso casamento é um sucesso." "E que me diz de Frank e Beatrice?" perguntei. Ela jogou a cabeça para trás e riu. "Que força poderia ter o depoimento de Frank contra o meu? Não me conhece você bastante ainda, Max? Beatrice... seu papel seria o de uma esposa ciumenta que vai depor simplesmente porque o marido perdeu a cabeça por causa de outra mulher. Oh, não, Max. Você teria um trabalho dos infernos para tentar provar qualquer coisa contra mim." Ela ficou a observar-me, balançando-se nos saltos, com as mãos nos bolsos, sorriso nos lábios. "Não sabe que eu poderia fazer Danny, como minha criada particular, dizer no tribunal o que eu quisesse? E jurar? E os outros criados, na sua ignorância cega, não lhe seguiriam o exemplo, jurando também? Pensam todos que estamos vivendo em Manderley como marido e mulher, não pensam? E assim como os criados, todos os seus amigos, todo o nosso mundinho. E como vai você provar o contrário?" Ela sentou-se à beira da mesa, balançando as pernas, observando-me. "Representamos bem demais o papel de marido e mulher apaixonados, não é verdade?" Lembro-me de ter ficado a ver o seu pé na sandália de tiras, balançando-se no ar. Meu sangue começou a ferver. "Danny e eu podemos fazer com que você apareça ao mundo sob um aspecto bem grotesco", disse ela suavemente. "Podemos fazê-lo parecer tão tolo que ninguém acreditaria no que você dissesse, Max, absolutamente ninguém." E aquele pé balançando-se no ar, aquele pé do inferno na sandália de tiras azuis e brancas...

Súbito ela deixou-se escorregar da mesa e ficou à minha frente, sorrindo sempre, de mãos nos bolsos.

"Se eu tivesse um filho, Max, nem você, nem ninguém no mundo poderia provar que não era seu. Cresceria aqui em Manderley, usando o seu nome, sem que você pudesse fazer coisa alguma. E quando você morresse, Manderley lhe pertenceria. De maneira alguma você poderia evitá-lo, pois a propriedade está

vinculada aos descendentes. Não gostaria de um herdeiro, Max, para a sua bem-amada Manderley? Ficaria contente vendo o meu filho num carrinho, embaixo do castanheiro, ou brincando no gramado, ou caçando borboletas no Vale Feliz? Seria a coisa mais emocionante da sua vida, Max, ver o meu filho crescer dia a dia, e saber que tudo aqui seria dele." Rebecca fez uma pausa, balançando-se nos saltos; depois acendeu um cigarro e foi para a janela. Começou a rir. Continuou rindo. "Céus, que engraçado!" exclamou. "Engraçadíssimo, extraordinariamente cômico! Bem, você me ouviu dizer que vou virar uma nova página, não ouviu? Agora sabe a razão. Vão todos ficar contentíssimos. Todos estes pobres bonachões daqui, todos os seus malditos inquilinos. E fatalmente me dirão: "Foi o que sempre desejamos, Mrs. de Winter". E eu serei uma mãe perfeita, Max, como fui uma esposa perfeita. E ninguém jamais desconfiará, ninguém saberá da verdade."E, dizendo isto, Rebecca virou-se e olhou para mim, sorrindo, uma das mãos no bolso, outra segurando o cigarro. E ainda sorria quando a matei. Alvejei-a no coração. A bala atravessou-a. Ela não caiu imediatamente. Ficou ali, olhando para mim, com aquele sorriso lento nos lábios, de olhos abertos...

A voz de Maxim era tão baixa, tão baixa, que mais parecia um sopro. A mão que eu guardava entre as minhas estava gélida. Não olhei para ele. Meus olhos estavam em Jasper, que dormia a meus pés.

— Eu não sabia, continuou Maxim — e sua voz era arrastada agora, cansada e inexpressiva — eu não me lembrava de uma coisa chamada sangue...

Havia um furo no tapete da biblioteca, naquele momento sob a cauda de Jasper, um furo feito por brasa de cigarro. Há quanto tempo estaria ali? — Tive que ir buscar água na caverna, continuou Maxim.

Tive que ir e voltar muitas vezes. Mesmo perto da lareira, onde ela não esteve, havia uma mancha. Por toda a parte, a sua volta, no chão. O vento começou a soprar lá fora. Não havia ferrolho na janela, e a janela começou a bater enquanto eu lutava contra o sangue, ajoelhado no chão, com o balde d'água ao lado.

"E a chuva no telhado", pensei eu. "Maxim esqueceu-se da chuva caindo gota a gota no telhado. Fina, leve, e muito, muito apressada." — Levei-a para o barco, continuou Maxim. Devia ser quase meia-noite. Escuridão. Nada de lua. O vento soprava em rajadas, vindo do oeste. Levei-a para a cabina do barco e deixei-a lá. Depois tive que pôr o barco em movimento, com a canoa atrás, e sair da enseada, contra a maré. O vento me era favorável; vinha em lutadas, eu estava a barlavento, protegido pelo promontório. Lembro-me que a vela principal, quando eu a fazia subir, enguiçou a meio mastro.

Há muito que eu não lidava com embarcações, pois nunca saía com Rebecca. O vento soprava do promontório como por um funil. Levei o barco para a baía, além do promontório, e tentei dar a volta para evitar os recifes. A bujarrona estremeceu; não consegui enrolá-la. Um golpe de vento a arrancou de minhas mãos — e ela foi enrolar-se ao mastro. Estalou com um chicote sobre minha cabeça. Que fazer? Eu não me lembrava. Procurei alcançar a vela, inutilmente. Mais uma rajada violenta. O barco foi arrastado para os recifes. Estava escuro, infernalmente escuro; eu não enxergava coisa alguma naquele tombadilho escorregadio e negro. Sem saber como, consegui chegar, aos cambaleios, até à cabina. Levava um espigão comigo. Se não o fizesse agora, seria tarde demais. Abri as válvulas. A água começou a entrar. Dei com o espigão nas pranchas do fundo; uma delas rachou-se ao meio. Ataquei outra prancha. A água cobriu-me os pés. Deixei Rebecca ali no chão; fechei as escotilhas; saí e tranquei a porta. Quando voltei ao tombadilho, vi que estávamos a vinte jardas dos recifes.

Joguei ao mar algumas peças que estavam no tombadilho — um salva-vidas, um par de remos, um rolo de corda. Saltei para a canoa. Afastei-me do barco; depois parei de remar e fiquei olhando. O barco continuava a desgarrar. Começara a afundar também. Afundar de proa. A bujarrona ainda continuava palpitando, estalando qual chicote. Pensei que alguém poderia ouvir, alguém que andasse à noite pelos recifes, ou algum pescador de Kerrith cujo bote eu não pudesse ver. O barco foi-se tornando menor; era

apenas uma sombra negra nas águas. O mastro estremeceu e partiu-se.

Súbito, o barco virou, ao mesmo tempo em que o mastro se quebrou em dois, bem no centro. O salva-vidas e os remos boiaram na água. O barco desaparecera. Lembro-me de ter ficado olhando fixamente para o lugar onde estivera momentos antes. Voltei para terra. Começara a chover.

Maxim aqui fez uma pausa. Continuava de olhos fixos à sua frente. Depois voltou-os para mim — ali sentada no chão, a olhá-lo.

— É tudo, concluiu ele. Nada mais há que dizer. Larguei a canoa onde Rebecca costumava deixá-la. Voltei para a cabana. O chão estava molhado de água salgada, mas ela mesma poderia ter feito aquilo. Subi o caminho através dos bosques. Entrei em casa. Subi as escadas. Lembro-me de ter tirado a roupa. Começou a chover e ventar forte. Eu estava sentado na cama quando Mrs. Danvers bateu. Pus o meu roupão e fui abrir. Estava preocupada com Rebecca. Eu disse-lhe que fosse dormir. Fechei de novo a porta, e fui sentar-me à janela, ainda de roupão, e fiquei vendo a chuva, ouvindo o som das ondas a quebrarem-se na praia.

Maxim fez uma pausa, e ficamos os dois sentados na biblioteca, de mãos dadas. Por que Robert não vinha tirar o chá? — O barco afundou perto demais, disse ainda Maxim. Eu tinha a intenção de levá-lo para fora — para a baía. Nunca o teriam encontrado lá. Afundou perto demais.

— A culpa foi do navio, disse eu. Nada teria acontecido, se não fosse o navio. Ninguém jamais viria a saber.

— Afundou perto demais...

Recaíamos em silêncio. Comecei a sentir um cansaço infinito.

— Eu receava o que acontecera. Mesmo quando fui a Edgecombe e identifiquei aquele corpo como sendo o dela, eu bem sabia que aquilo era nada, absolutamente nada. A revelação viria — era só questão de tempo. A vencedora seria Rebecca, no fim. Não fez diferença ter você entrado na minha vida, não é mesmo? O meu amor por você não altera coisa alguma. Rebecca sabia que tinha de vencer no fim. Não me sai dos olhos o seu sorriso, quando morreu.

— Rebecca está morta, exclamei. É nisso que nos devemos firmar. Rebecca está morta. Não pode falar, nem servir de testemunha. Não pode fazer-nos mal.

— Existe o corpo de Rebecca. O escafandrista o viu. Está lá, no chão da cabine...

— Arranja-se uma explicação, temos que encontrar uma explicação. É o corpo de alguém que você não conhece, de alguém que você nunca viu.

— Suas coisas ainda estarão lá — os anéis nos dedos...

Mesmo que as roupas tenham apodrecido, ainda deve haver coisas lá. Não é como um corpo perdido no mar, batido contra os rochedos. A cabine está intacta. Rebecca deve estar lá no chão como a deixei. O barco ficou em repouso no fundo todos estes meses — ninguém tocou em coisa alguma.

— Um corpo apodrece na água, não é verdade? Mesmo assim fechado na cabine a água há de apodrecê-lo, não é?

— Não sei, sussurrou Maxim. — Não sei...

— Como vai saber?

— O escafandrista descerá de novo amanhã cedo, às cinco e meia. Searle já fez os preparativos. Vão tentar içar o barco. Ninguém estará por ali. Vou com eles, o bote de Searle vem pegar-me na caverna. Às cinco e meia da manhã.

— E então? E depois?

— Searle deixará perto uma chata. Se a madeira do barco não estiver podre o guindaste conseguirá arrastá-lo até a chata.

E lá vai tudo para Kerrith. Searle a fará ancorar naquela angra pouco usada, a meio caminho de Kerrith. Os excursionistas de canoa não podem chegar até lá, porque há lama na maré baixa. Ficaremos sós. Diz ele que teremos que deixar a água escoar do barco para que a cabine fique vazia. Vai levar um médico.

— Para quê? O que fará o médico?

— Não sei.

— Se descobrirem que é Rebecca, você dirá que se enganou quanto ao outro corpo. Deve dizer que quando foi a Edgecombe estava doente, muito doente, não sabia o que fazia. Não tinha

certeza, mesmo naquela ocasião. Não podia dizer ao certo. Foi um engano, apenas um engano. Você dirá isso, não é? — Sim, sim...

— Nada podem provar contra você. Ninguém o viu naquela noite. Você tinha ido dormir. Não podem provar coisa alguma. Ninguém sabe dos fatos, a não ser você e eu.

Nem mesmo Frank. Somos as duas únicas pessoas no mundo a saber, Maxim — você e eu.

— Sim, sim...

— Pensarão que o barco afundou enquanto ela estava na cabine. Pensarão que desceu à procura de uma corda, ou de qualquer outra coisa, e que enquanto estava embaixo o vento veio do promontório e virou o barco, e Rebecca ficou presa. É o que pensarão, não é? — Não sei, não sei...

Nesse momento o telefone soou.

## 21

**MAXIM FOI ATENDER** e fechou a porta atrás de si.

Logo depois veio Robert tirar a mesa do chá. Fiquei de pé de costas para ele, para que não me visse o rosto.

Eu ouvia dali o murmúrio da voz de Maxim ao telefone.

Senti de novo aquela sensação esquisita na boca do estômago.

O som da campainha parecera despertar cada nervo do meu corpo, pois eu estivera sentada no chão, ao lado de Maxim, numa espécie de sonho, com a minha mão na sua e meu rosto contra seu ombro. Eu ouvira a sua história, e uma parte do meu ser fora com ele, qual uma sombra a seguir-lhe os passos.

Também eu matara Rebecca, também eu afundara o barco na baía. Também eu ouvira, ao lado dele, o uivo do vento e os gemidos do mar. Também eu esperara pela batida de Mrs.

Danvers à porta do quarto. Tudo isso eu sofrerá com ele, tudo e mais alguma coisa. Mas a outra parte do meu "eu" ficara ali no tapete, despreendida e não emocionada, pensando numa coisa

somente, a única que importava: "Ele não amava Rebecca. Nunca a amara". Agora, ao som do telefone, esses dois entes fundiam-se num só — e eu voltei a ser a pessoa que sempre fora. Não tinha mudado, embora experimentasse uma sensação nova, desconhecida. Meu coração, apesar de toda a dúvida e ansiedade dos últimos acontecimentos, sentia-se livre, leve — muito leve. Vi que não mais temia Rebecca. Não mais a odiava. Depois de saber que ela fora perversa, vil, miserável, eu deixara de odiar Rebecca. Ela não tinha mais o poder de ferir-me, ou atormentar-me. Quando me sentasse à sua escrivaninha, poderia pegar a sua caneta, e olhar para os compartimentos classificados sem sentir emoção alguma.

Poderia subir ao seu quarto da ala oeste e ficar à janela sem que o pavor me tomasse o coração. O poder de Rebecca dissolvera-se no ar, como a neblina branca da manhã. Sua lembrança não mais me perseguiria. Rebecca não tornaria a subir comigo as escadas, nem se sentaria a meu lado na sala de jantar, nem se debruçaria na galeria para espiar-me no hall.

Maxim jamais a amou. Eu não a detestava agora. Seu corpo voltou, o barco foi achado, o barco que tinha aquele nome estranhamente profético: "Je Reviens" — mas eu estava livre de Rebecca para sempre.

Livre agora de ficar com Maxim, de tocá-lo, apertá-lo nos meus braços, amá-lo com toda a força do meu ser. Nunca mais voltaria a ser criança. Dali por diante, nunca mais me sentiria sozinha, não seria eu, eu somente, e sim nós, sempre nós.

Estaríamos lado a lado, juntos enfrentaríamos a grande prova, ele e eu — o Capitão Searle, e o escafandrista, e Frank e Mrs.

Danvers, e Beatrice, a população toda de Kerrith que lê os jornais — ninguém poderia vencer-nos agora. Nossa felicidade não chegara tardiamente. Eu já não era criança. Já não era tímida. Já não tinha medo. Saberá lutar por Maxim. Mentiria, cometeria perjúrio; saberá jurar, blasfemar, orar. Rebecca não vencera. Rebecca fora derrotada.

Robert levava o chá e Maxim voltou para a biblioteca.

— O Coronel Julyan, que acabou de falar com Searle. Vai conosco amanhã no bote. Searle contou-lhe tudo.

— Por que o Coronel Julyan? — É o magistrado de Kerrith e tem de estar presente.

— Que disse ele? — Perguntou-me se eu tinha alguma ideia de quem poderia ser o corpo.

— E você respondeu...

— ...que não sabia, que sempre pensei que Rebecca houvesse partido sozinha.

— Disse ele mais alguma coisa? — Sim. Perguntou-me se era possível ter-me enganado quando fiz a identificação em Edgecoombe.

— E então? — Respondi que era possível.

— Ele estará então com você amanhã cedo? Ele, o Capitão Searle e um médico? — O inspetor Welch também.

— Por que o Inspetor Welch? — É praxe, quando encontram um corpo. Calei-me. Olhamos um para o outro. Senti de novo aquela dor na base do estômago.

— Talvez não consigam içar o bote.

— Talvez.

— Então não poderiam fazer coisa alguma a respeito do corpo, não é verdade? — Não sei.

Maxim olhou pela janela. Céu branco e velado como quando eu voltara do mar. Mas não havia vento; tudo muito tranquilo, ar parado.

— Esperei vento sudoeste para hoje, mas parece que não vem.

— Sim.

— O mar estará muito calmo amanhã, para o escafandrista.

O telefone tocou de novo. Havia qualquer coisa de perturbador no chamado estridente da campainha. Nossos olhares se cortaram.

Maxim foi atender, fechando a porta como da primeira vez. A dorzinha esquisita e persistente ainda não me abandonara, e pareceu mesmo recrudescer com os chamados da campainha. A sensação desagradável levou-me de volta aos anos passados da

minha infância. Era aquilo mesmo que eu sentira em pequenina, quando via queimarem-se fogos nas ruas de Londres. Da primeira vez, trêmula, sem compreender coisa alguma, eu fora esconder-me num armário embaixo das escadas. A mesma sensação agora.

Maxim voltou.

— Já começou, disse ele.

—?!...

— Um repórter agora, do County Chronicle. Perguntou se era verdade que o barco pertencente à falecida Mrs. de Winter fora encontrado.

— Que respondeu? — Que sim, que haviam encontrado um barco, mas que talvez não seja o dela.

— Foi tudo o que ele disse? — Não. Perguntou-me ainda se eu podia confirmar o boato de que fora encontrado um corpo dentro da cabina.

— Não!...— Sim. Alguém andou falando. Searle não foi — tenho certeza. Talvez o escafandrista, ou um dos seus amigos. Não se pode conter essa gente. A história estará na boca de Kerrith inteira amanhã à hora do café.

— E que respondeu você quanto ao encontro do corpo? — Disse que nada sabia — que não tinha declarações a fazer. E que ficaria grato se não me telefonassem mais.

— Essa atitude os irritará. Porá todos contra você.

— Não é minha a culpa. Não farei declarações a jornal algum. Não quero essa gente a telefonar-me para aqui o tempo todo.

— Talvez precisemos deles do nosso lado.

— Se eu tiver de lutar, lutarei sozinho. Não quero saber de jornal algum atrás de mim.

— O repórter telefonará a um dos outros — ao Capitão Searle — ao Coronel Julyan.

— Não adiantará o expediente.

— Se ao menos pudéssemos fazer alguma coisa, disse eu.

Tantas horas à nossa frente e nós aqui sentados, ociosos, esperando que chegue o dia de amanhã...

— Não há nada que possamos fazer.

Ainda ficamos na biblioteca por algum tempo. Maxim pegou de um livro, mas vi que não lia. De vez em quando levantava a cabeça e ficava à escuta, como se ouvisse de novo o telefone. Ninguém mais nos importunou, entretanto.

Vestimo-nos para o jantar, como de costume. Parecia incrível que ontem, a estas horas, eu estivesse pondo o meu vestido branco, sentada em frente ao espelho do toucador, arranjando um cacho rebelde da cabeleira loura. Parecia um pesadelo esquecido, algo de que a gente se lembra meses depois, com dúvida e descrença. Jantamos. Frith, já de volta de seu dia de folga, serviu-nos, como de costume. A expressão de seu rosto era solene, inexpressiva. Fiquei conjecturando se ele teria estado em Kerrith, se teria ouvido alguma coisa.

Depois do jantar fomos para a biblioteca. Quase não falamos. Sentei-me no chão ao lado de Maxim, o rosto contra seus joelhos, e ele começou a passar a mão pelos meus cabelos. Mas dum modo diferente. Não mais como se estivesse acariciando Jasper. Às vezes me beijava; de vez em quando me dizia qualquer coisa. Não havia mais sombras entre nós, e quando ficávamos calados era porque tínhamos necessidade de silêncio. Incrível que eu me pudesse sentir tão feliz, quando o nosso mundo se apresentava tão negro. Uma estranha espécie de felicidade. Não a que eu sonhara, ou imaginara em minhas horas de solidão. De nenhum modo felicidade febril, ruidosa, exaltada; mas tranquila, quieta, silenciosa. As janelas da biblioteca estavam abertas de par em par, e quando não falávamos, olhávamos para fora, para a monotonia acinzentada do céu.

Devia ter chovido durante a noite, pois quando me levantei no dia seguinte, pouco depois das sete, e olhei para o jardim, vi que as rosas estavam fechadas e de cabeças baixas, e que no gramado tremiam centenas de gotinhas rebrilhantes.

Pairava no ar um cheiro de névoa e umidade — o cheiro que aparece com o cair das primeiras folhas. Talvez aquele ano o outono viesse dois meses fora do tempo. Maxim não me acordara quando deixou a cama às cinco horas. Esgueirara-se sem fazer barulho. Estaria agora na baía, com o Coronel Julyan, o Capitão

Searle e os outros. A chata estaria lá, com o guindaste e a corrente, içando o barco de Rebecca à superfície.

Pensei sobre aquilo calmamente, friamente, sem emoção. Vi todos eles na baía, e vi o casco escuro do barco subindo lentamente à superfície, encharcado, gotejante, com verdes algas marinhas e mariscos escuros aderentes aos flancos.

Quando erguessem o barco até à chata, a água sairia em jorros dos lados, indo misturar-se à do mar. A madeira estaria negra e fofa, mole em alguns lugares. Teria um cheiro de umidade e ferrugem, e das algas sombrias que vivem no fundo dos mares, sobre rochas nunca descobertas. Talvez a placa com o nome do barco ainda estivesse presa à popa. "Je Reviens". As letras verdes quase apagadas. Os parafusos enferrujados. E Rebecca, deitada no chão da cabine.

Levantei-me, tomei o meu banho e desci para o café, às nove horas, como de costume. Encontrei várias cartas no meu prato, de pessoas que agradeciam a festa. Corri os olhos por todas — não as li. Frith veio saber se devia guardar almoço para Maxim; deixei-o na mesma. Frith tinha um ar solene, grave. Mais uma vez pensei se ele saberia ou não.

Depois do café levei minhas cartas para a saleta. A atmosfera ali era abafada; as janelas não tinham sido abertas. Abri-as de par em par, deixando entrar o ar fresco da manhã.

As flores sobre a chaminé tinham as corolas inclinadas, muitas já completamente murchas, com pétalas caídas no chão.

Toquei a campainha; Maud, uma das empregadas, apareceu.

— Esta sala não foi arrumada hoje — observei. Até as janelas estavam fechadas. E as flores murchas. Faça o favor de levá-las daqui.

Maud ficou nervosa e toda sem jeito.

— Desculpe, senhora, disse, e dirigiu-se à chaminé para tirar os vasos.

— Que isto não aconteça outra vez —, insisti.

— Não senhora, disse ela — e saiu do quarto levando as flores. Vi o menu do dia sobre a escrivaninha. Salmão frio e maionese, costeletas, galantine de galinha, suflê.

Reconheci os pratos da noite do baile. Ainda estávamos evidentemente aproveitando os restos. Este almoço frio era com certeza o mesmo da véspera, e que eu não comi. A criadagem estava levando tudo na calma, ao que parecia.

Passei o lápis pela lista e chamei Robert. — Diga a Mrs. Danvers que quero qualquer coisa quente. Se ainda há muitos restos frios, que não me apareçam mais.

— Muito bem, senhora.

Depois que Robert saiu, fui até o jardim de inverno buscar as tesouras, para colher uns botões no jardim das rosas.

A frescura do ar desaparecera; e o dia ameaçava vir quente e abafado como o da véspera.

Ainda estariam eles na baía, ou já teriam ido para a angra perto de Kerrith? Já era tempo de saber. Talvez Maxim voltasse para me informar. Acontecesse o que acontecesse, eu precisava conservar a calma e o sangue-frio. Não podia ter medo. Cortei as rosas e voltei à saleta. O tapete fora varrido; as pétalas do chão haviam desaparecido. Comecei a arranjar as flores nos vasos que Robert enchera d'água. Ia terminando o serviço, quando alguém bateu à porta.

Mrs. Danvers trazia na mão o menu. Parecia cansada e pálida, com grandes círculos roxos à volta dos olhos.

— Bom dia, Mrs. Danvers.

— Não compreendo, — começou ela, por que a senhora devolveu o menu e me mandou aquele recado. Quer explicar?

Olhei para ela, ainda com uma rosa na mão.

— Essas costeletas e o salmão foram servidos ontem, vi-os sobre o aparador. Prefiro hoje qualquer coisa quente. Se não comerem os frios na cozinha, é melhor jogá-los fora. Há tanto desperdício nesta casa que um pouco mais não fará diferença.

Ela me encarou, mas nada disse. Coloquei no vaso a rosa que tinha na mão.

— Não me diga que não pode me atender, Mrs. Danvers. A senhora deve ter menus de todos os tipos.

— Não estou habituada a receber recados por intermédio de Robert. Quando Mrs. de Winter queria modificar alguma coisa,

avisava pelo telefone interno.

— Não me interessa o que Mrs. de Winter fazia. Mrs. de Winter agora sou eu — e mandarei os recados pelo Robert, se quiser.

Robert apareceu na saleta.

— O County Chronicle ao telefone, senhora.

— Responda que não estou em casa — e, voltando-me para Mrs. Danvers: — Bem, deseja mais alguma coisa?

Ela continuou a me encarar em silêncio.

— Se nada tem a dizer, é melhor ir avisar a cozinheira sobre o almoço. Estou muito ocupada.

— Que queria o County Chronicle com a senhora?

— Não tenho a menor ideia, Mrs. Danvers.

— É verdade o que Frith veio contando ontem, ao chegar de Kerrith — que o barco de Mrs. de Winter foi encontrado?

— Dizem isso? Nada sei sobre o assunto.

— O capitão do porto de Kerrith esteve aqui ontem.

Robert contou-me. Diz Frith que em Kerrith só se fala no encontro do barco de Mrs. de Winter pelo escafandrista.

— Muito bem. Acho melhor esperar por Mr. de Winter e indagar dele.

— Por que Mr. de Winter levantou-se hoje tão cedo?

— Isso é coisa que só a ele diz respeito.

Mrs. Danvers continuou a me olhar. — Frith diz que encontraram um corpo na cabine do barco. Como pode estar lá esse corpo? Mrs. de Winter sempre saía sozinha no barco.

— Não adianta me perguntar, Mrs. Danvers. Sei tanto quanto a senhora.

— Não sabe? — murmurou ela lentamente, com os olhos ainda sobre mim.

Voltei-me e coloquei o vaso sobre a mesa da janela.

— Darei suas ordens sobre o almoço, — disse ela — e ainda esperou um momento; como eu nada dissesse, deixou a sala.

Ela já não consegue me amedrontar, pensei comigo. Perdeu o poder — ao mesmo tempo que Rebecca. O que agora dissesse ou fizesse não podia mais me machucar. Eu sabia que era minha

inimiga — e não me importava. Mas se viesse a conhecer a verdade sobre o corpo da cabine, e se se tornasse inimiga de Maxim, o que haveria então? Sentei-me, larguei as tesouras sobre a mesa, já sem vontade de cuidar das rosas.

Pus-me a pensar em Maxim. Que estaria fazendo? Por que teria o repórter telefonado outra vez? Aquela mesma sensação desagradável dentro de mim... Fui debruçar-me ao parapeito da janela: estava muito quente lá fora, com ameaças de tempestade no ar. Os jardineiros cortavam a grama, e eu podia ver, da janela onde me achava, um deles caminhando vagorosamente atrás da máquina. Não pude continuar ali. Fui para o terraço e comecei a andar para cá e para lá, com Jasper atrás de mim, muito admirado de que eu o não levasse a um passeio a pé. Às onze e meia apareceu Frith.

— Mr. de Winter ao telefone, senhora.

Fui atender. Minhas mãos tremiam quando peguei o fone.

— Estou falando do escritório, disse Maxim. Frank está comigo. Levarei Frank e o Coronel Julyan para almoçarem conosco. Já içaram o barco. Acabamos de voltar.

— Sim? — Searle estava lá, e Frank, o Coronel Julyan e os outros.

Foi só. Maxim não me disse mais nada. Talvez Frank estivesse ao seu lado, e fosse essa a razão de mostrar-se tão frio, tão distante.

— Muito bem; espere-nos à uma hora, concluiu ele. Desliguei o telefone. Maxim nada me contara; eu continuava sem saber o que acontecera. Voltei para o terraço, depois de avisar Frith de que seríamos quatro ao almoço.

Passou-se uma hora, lenta e interminável. Subi ao meu quarto para pôr um vestido mais leve. Desci de novo e fiquei na sala de visitas, à espera. Quando faltavam cinco minutos para uma, ouvi som de carro na entrada, e depois vozes no hall. Endireitei o cabelo ao espelho e levantei-me. Entraram.

Ao coronel Julyan eu já havia visto no baile, vestido de Cromwell. Parecia murcho agora, diferente, um homem muito

menor. O coronel saudou-me na sua voz grave, tranquila, como de médico.

— Peça a Frith para trazer sherry, disse-me Maxim. Vou lavar as mãos.

— Também eu, ajuntou Frank, e saíram ambos. Antes, porém, que eu tocasse a campainha, Frith apareceu com o sherry. O Coronel Julyan não aceitou, e eu tomei um cálice para ter qualquer coisa que pegar.

— É um acontecimento lamentável, Mrs. de Winter, disse ele suavemente. Sinto-o imensamente, tanto pela senhora como por seu marido.

— Obrigada, Coronel, murmurei, tomando um gole de sherry e largando o cálice sobre a mesa, com medo que ele percebesse que minha mão tremia.

— O que dificulta tudo é o fato de seu marido ter identificado aquele primeiro corpo, há um ano, frisou ele.

— Não compreendo bem...

— Não sabe então o que encontramos hoje de manhã?] — Sei que havia um corpo encontrado pelo escafandrista.

— Sim, disse ele. E depois, olhando de relance por sobre o ombro para o lado do hall: e sem dúvida nenhuma creio que é ela, continuou, baixando a voz. Não posso entrar em detalhes agora, mas as provas foram suficientes para que seu marido e o Dr. Phillips a identificassem.

Parou de repente e afastou-se. Maxim e Frank entraram.

— O almoço está pronto, avisou Maxim.

Entramos no hall; eu sentia o coração como pedra — pesado, insensível. O Coronel Julyan sentou-se à minha direita; Frank à esquerda. Não olhei para Maxim. Frith e Robert serviram o primeiro prato. Falamos sobre o tempo.

— Vi no Times que o termômetro marcou mais de trinta ontem, em Londres, informou o Coronel Julyan(\*).

— Realmente? exclamei, admirada.

— Sim. Coisa terrível para os que não podem sair da cidade.

— Horrível, sim...

— Em Paris, às vezes, faz mais calor do que em Londres, advertiu Frank. Lembro-me de ter passado lá um fim de semana em que não pude dormir. Não havia a mais leve aragem, e a temperatura andava acima de noventa.

— Os franceses dormem de janelas fechadas, não é mesmo? disse o Coronel Julyan pedindo confirmação.

— Não sei. Eu estava num hotel em que a maioria dos hóspedes era americana.

— Conhece a França, naturalmente, não Mrs. de Winter? perguntou-me o Coronel Julyan.

— Não muito bem.

— Oh, eu tinha a ideia de que vivera lá muitos anos.

— Eu estava em Monte Carlo quando a encontrei, murmurou Maxim. E não se pode chamar àquilo França, não é mesmo? — Creio que não. Monte é demasiado cosmopolita.

Acho linda a costa.

— Bonita, sim.

— E não acidentada, como a nossa aqui. No entanto, prefiro a nossa. Dê-me a Inglaterra, todas as vezes que for para fixar residência. A gente sabe onde está.

— Os franceses hão de sentir o mesmo em relação à França, observou Maxim.

— Sem dúvida.

Continuamos a comer em silêncio. Frith estava presente, e embora todos nós só tivéssemos um pensamento, precisávamos continuar a representação por causa dele. É provável que também ele pensasse na mesma coisa — e eu refleti comigo como seria bom se abandonássemos as (\*) Oitenta graus Fahrenheit convenções e o deixássemos aderir à nossa conversa, contando o que tivesse para contar. Robert veio com as bebidas. O segundo prato foi servido. Mrs. Danvers providenciara sobre o almoço quente.

— Creio que todos gostaram muito da maravilhosa festa em Manderley, disse o Coronel Julyan. Uma coisa dessas faz muito bem a um lugar como este.

— Sim, creio que sim.

— Parece um instinto da criatura humana o usar disfarces, não acha? advertiu Frank.

— Nesse caso, devo ser muito pouco humano, sorriu Maxim. O Coronel Julyan era do parecer de Frank.

— É natural, creio eu, que cada um de nós queira parecer diferente do que é. Até certo ponto somos como as crianças.

Teria ele gostado de fantasiar-se de Cromwell? Eu quase não o vira na noite do baile, pois passara quase todo o tempo na saleta jogando bridge.

— Não joga golfe, não é mesmo, Mrs. de Winter? — Não, infelizmente não.

— Precisa jogar. Minha primeira filha é apaixonada por golfe e quase não consegue encontrar parceiras moças por aqui.! Dei-lhe, no seu aniversário, a baratinha que ela mesma dirige — o que lhe permite ir ao golfe todos os dias. Assim tem, pelo menos, em que se ocupar.

— Ótimo! exclamei.

— Ela devia ter nascido menino, — continuou o Coronel Julyan. — Já o meu filho é completamente diferente. Não se interessa por esporte nenhum; o que quer é fazer poesia.

Talvez com o tempo sare da mania.

— Oh, sim, há de sarar, opinou Frank. Também eu era poeta na idade dele. E só escrevia tolices, naturalmente. Hoje não penso mais nisso.

— Deus do céu, espero que não! caçoou Maxim.

— Não sei de quem o meu menino herdou esse gosto. De mim não foi — nem da minha mulher.

Houve outro silêncio. O Coronel Julyan serviu-se mais uma vez do segundo prato, e continuou:— Mrs. Lacy estava muito bem, na noite do baile.

— Sua fantasia desmoronou, como de costume, riu-se Maxim.

— Essas vestimentas orientais são muito complicadas, observou o Coronel Julyan. No entanto, dizem que são mais confortáveis e frescas do que as roupas europeias.

— Verdade? admirei-me.

— É o que dizem. Parece que aqueles véus soltos espantam o calor dos raios solares.

— Curioso. Sempre me pareceu que fosse justamente o contrário, disse Frank. Conhece o Oriente, Coronel? — Conheço parte. Estive na China durante cinco anos. E em Singapura.

— Não é lá que fazem o curry? perguntei.

— Sim, e ótimo em Singapura.

— Gosto muito de curry, declarou Frank.

— O que nos dão na Inglaterra não é propriamente o curry, sim o ensopado, advertiu o Coronel Julyan.

Robert levou os pratos e trouxe um suflê e uma salada de frutas.

— Os medronhos daqui já devem estar acabando, observou o Coronel. Tiveram um ótimo verão, não é mesmo? Em casa preparamos potes e potes de geleia.

— Nunca apreciei muito a geleia de medronho, disse Frank.

— Encaroçada demais.

— Precisa experimentar a nossa. Não tem esse defeito.

— Vai haver muitas maçãs em Manderley este ano, continuou Frank. Estive dizendo a Maxim outro dia que será o nosso melhor ano. Poderemos exportá-las para Londres.

— Acha que valha a pena? — perguntou o Coronel Julyan.

Acha que deixa algum lucro? — Claro que sim.

— Interessante. Hei de contar isso à minha mulher.

Depois do suflê e da salada de frutas Robert trouxe queijo e biscoitos, alguns minutos mais tarde Frith veio com o café e os cigarros. Em seguida saíram, fechando a porta.

Tomamos o café em silêncio.

— Eu estava dizendo à sua senhora, antes do almoço, começou o Coronel Julyan dirigindo-se para Maxim, que o mais complicado de tudo é o fato de ter você identificado aquele primeiro corpo.

— Sim, realmente.

— Mas parece-me engano muito compreensível, dadas as circunstâncias, disse Frank vivamente. As autoridades pediram a Maxim que fosse a Edgecombe, na suposição de que o corpo fosse

o dela. E Maxim não estava bem naquela ocasião. Eu quis acompanhá-lo — ele teimou em ir sozinho.

— Absurdo. Eu estava perfeitamente bem.

— Não adianta discutir esse ponto agora, disse o Coronel Julyan. Você fez a primeira identificação, e a única coisa a fazer agora é admitir o erro. Parece que não há dúvida desta vez. Eu gostaria de poder poupar-lhe as formalidades e a publicidade de um inquérito, mas creio que isso está fora de discussão.

— Naturalmente.

— Mas não creio que seja demorado. Questão apenas de reafirmar a identificação, e citar Tabb que foi o restaurador do barco quando sua mulher o trouxe da França, para que venha depor — venha dizer se o barco estava em boas condições quando saiu de sua oficina. Mera formalidade, você sabe. A coisa não teria importância, se não fosse a publicidade.

Desagradável para você e sua senhora...

— Não importa, disse Maxim. Nós compreendemos.

— Uma infelicidade que aquele navio encalhasse justamente ali! Se não fosse tal circunstância, tudo ficaria como estava. O consolo agora é sabermos que a pobre Mrs. de Winter deve ter tido uma morte rápida, não a agonia lenta que supúnhamos. Não houve tentativa de nadar.

— Nenhuma, disse Maxim.

— Ela deve ter descido para buscar qualquer coisa; a porta bateu, fechou-se e uma rajada apanhou o barco sem ninguém ao leme. Uma coisa horrível, continuou o Coronel Julyan.

— Sim, murmurou Maxim.

— Parece ser esta a solução, não acha, Crawley? — Oh, não vejo outra.

Vi Frank fitando Maxim, o qual desviou imediatamente o olhar, não antes de eu entender o significado. Frank sabia. E Maxim não sabia que ele sabia. Continuei a mexer o meu café, sentindo as mãos quentes, úmidas.

— Poucos escapam a esses descuidos, continuou o Coronel Julyan. E pagamos por eles. Mrs. de Winter devia saber como o vento sobrevém de chofre na baía — em funil, por assim dizer — e

que não era seguro abandonar o leme dum barco pequeno como aquele. Ela já devia ter navegado sozinha por ali dezenas de vezes — e um dia arriscou. Sofreu as consequências. É uma lição para todos nós.

— É tão fácil acontecer um acidente, murmurou Frank, Até mesmo aos mais experimentados. Pense no número de pessoas que morrem todos os anos, durante a estação da caça.

— Oh, sei disso, mas em geral é a queda do cavalo que ocasiona o desastre. Se Mrs. de Winter não tivesse abandonado o leme, nunca teria ocorrido o acidente. E espanta-me a sua imprudência. Observei-a muitas vezes nas regatas de Kerrith e nunca a vi cometer o mais pequeno engano.

— O mar estava muito agitado e tempestuoso aquela noite, disse Frank. Deve ter acontecido algo à engrenagem; alguma coisa deve ter enguiçado — e ela desceu para procurar um instrumento qualquer.

— Possível, mas nunca o saberemos ao certo — e não creio que nos adiantasse alguma coisa saber. Como disse antes, eu gostaria de evitar o inquérito, mas não posso. Vamos fazê-lo terça-feira de manhã, e será o mais rápido possível.

Apenas uma formalidade. Mas não creio que possamos nos livrar dos repórteres.

Houve outra pausa. Achei que era tempo de sairmos da mesa.

— Vamos para o jardim? convidei.

Levantamo-nos todos e seguimos para o terraço. O Coronel Julyan fez uma carícia a Jasper.

— Está um bonito animalzinho.

Ficamos por ali alguns minutos; por fim o Coronel olhou para o relógio.

— Obrigado pelo excelente almoço, Mrs. de Winter. — Tenho uma tarde muito cheia à minha frente, e espero que me perdoe por sair correndo deste jeito.

— Naturalmente.

— Lamento muito o que aconteceu. Acho mais duro para o seu marido. Mas, breve estará tudo terminado — e é tratar de

esquecer o incidente. Meu carro está aqui. Posso deixar Crawley no escritório — se quiser.

— Obrigado.

Frank achegou-se a mim e pegou-me a mão.

— Até logo.

Retribuí a saudação sem fitá-lo. Tive medo que pudesse ler nos meus olhos. Eu não queria que ele percebesse que eu sabia. Maxim acompanhou-os até o carro; depois voltou para o terraço onde eu estava e pegou-me pelo braço. Ficamos olhando, através do gramado, para o mar ao longe, para o farol do promontório.

— Tudo correrá bem, disse ele. Estou muito calmo, muito confiante. Gostei da atitude de Julyan e de Frank. Não haverá complicação alguma.

Eu nada disse; apenas apertei com força o braço.

— No exame não foi admitida a hipótese de tratar-se do corpo dum desconhecido, disse Maxim. O que vimos bastou para o Dr. Phillips fazer a identificação de Rebecca — sem o meu auxílio. Tudo muito direito, muito simples. Não havia no esqueleto vestígios de bala.

Uma borboleta passou por nós no terraço, voando loucamente e sem destino.

— Você ouviu o que eles disseram. Julgam que ela ficou presa na cabine. O júri também pensará da mesma forma; o laudo de Phillips vai ser esse.

Fez uma pausa. Eu nada disse.

— Só sinto por você. Nada mais eu lamento, continuou Maxim. Se tivesse de acontecer outra vez, eu não agiria de outra maneira. Estou satisfeito de ter matado Rebecca, e nunca terei remorso, nunca, nunca. Mas você. Não posso esquecer o que isto fez de você. Eu estava a observá-la, sem pensar em outra coisa se não em você durante o almoço todo.

Aquele arzinho engraçado, juvenil, perdido, que você tinha e eu tanto apreciava, desapareceu para sempre. Nunca mais voltará. Eu também matei isso quando me confessei sobre o caso de Rebecca. Desapareceu em vinte e quatro horas. Você está tão mais velha...

**NAQUELA TARDE**, quando Frith nos trouxe o jornal de Kerrith, vi que havia manchetes enormes na primeira página. Ele colocou o jornal sobre a mesa.

Maxim tinha subido mais cedo para vestir-se para o jantar, e eu estava só. Frith ficou ali um momento, esperando que eu dissesse alguma coisa, e pareceu-me tolice, insultuoso mesmo, pretender ignorar o que tanto significava para todos da casa.

— Que coisa horrível, Frith, disse eu.

— Sim, senhora, estamos todos profundamente desolados.

— Tão doloroso para Mr. de Winter, ter que passar por tudo outra vez...

— Sim, senhora, muito doloroso, ter de identificar o segundo corpo, depois de o ter feito ao primeiro. Creio que já não há dúvida agora de tratar-se realmente da falecida Mrs. de Winter...

— Infelizmente, não, Frith. Dúvida nenhuma.

— Parece-nos tão estranho, senhora, que ela ficasse presa daquele modo na cabine, ela, tão perita na manobra de barcos...

— Realmente, Frith, é o que todos pensamos. Mas não há o que não aconteça na vida — e ninguém jamais saberá o que realmente se deu.

— Haverá inquérito, senhora? — Sim, por mera formalidade, você sabe.

— Naturalmente, senhora. Será que algum de nós vai ser chamado para depor? — Não o creio.

— Eu teria todo o prazer em fazer qualquer coisa que pudesse ajudar a família. Mr. de Winter sabe.

— Sim, Frith, tenho certeza disso. — Eu aconselhei aos criados para que não discutissem o assunto, mas é difícil contê-los, principalmente às moças.

Posso tomar conta de Robert só. Mrs. Danvers sofreu um abalo enorme, ao saber da notícia.

— Sim, Frith, e não é para admirar.

— Foi para o quarto logo depois do almoço, e ainda não desceu. Alice levou-lhe uma xícara de chá e o jornal há alguns minutos; Mrs. Danvers pareceu-lhe muito doente e abatida.

— Seria melhor que continuasse no quarto. Se não está se sentindo bem, por que levantar-se? Alice que vá dizer-lhe isso. Posso muito bem tomar conta da casa. A cozinheira e eu nos arranjaremos.

— Sim, senhora. Não creio que ela esteja realmente doente, mas o abalo que recebeu foi grande. Era muito dedicada a Mrs. de Winter — Sim, eu sei.

Frith deixou o quarto, e eu corri os olhos no jornal antes que Maxim descesse. Uma coluna, na primeira página, e um retrato de Maxim, duns quinze anos antes. Era horrível, vê-lo ali na primeira página, olhando para mim. E um pequeno parágrafo no fim da coluna, dizendo com quem Maxim se casara a segunda vez e falando sobre o baile que acabara de dar. Parecia tudo tão cru, tão desumano, ali em letras negras sobre o papel... Rebecca, que eles descreviam como linda, talentosa e amada por todos que a conheciam, morrera afogada um ano antes e Maxim casara de novo na primavera seguinte, trazendo imediatamente a esposa para Manderley (assim diziam eles) e dando o baile à fantasia em sua honra. E no dia seguinte, o corpo de sua primeira mulher era encontrado, fechado na cabina do barco, no fundo da baía.

Tudo verdade, embora salpicado aqui e ali de pequenas inexatidões. Isso dava mais sabor à história, tornando-a apta a saciar a sede de centenas de leitores curiosos, que queriam alguma coisa em troca dos seus níqueis. Maxim aparecia como um homem vil, uma espécie de sátiro, por ter trazido a "jovem esposa" para Manderley e dado um baile, como se nossa intenção tivesse sido exhibir-nos ao mundo inteiro.

Escondi o jornal sob a almofada da cadeira para que Maxim o não visse — mas não poderia fazer o mesmo com as edições da manhã. A notícia estava também nos jornais de Londres. Uma vista de Manderley e a história embaixo.

Manderley era o assunto do dia, e Maxim também. Falavam dele como Max de Winter. Vulgar, horrível. Todos os jornais

insistiam no fato de o corpo de Rebecca ter sido encontrado no dia seguinte ao baile, como se houvesse nisso algo intencional.

Aparecia sempre o adjetivo "irônico".

Pelo café da manhã vi Maxim empalidecer, à medida que lia os jornais de Londres, um atrás do outro, e depois o jornal de Kerrith. Não pronunciou uma palavra. Apenas olhou para mim — e eu estendi-lhe a mão.

— Miseráveis! exclamou então. Miseráveis, miseráveis...

Pensei em todas as coisas que poderiam publicar, se soubessem a verdade... Não uma coluna, mas cinco ou seis.

Cartazes em Londres. Jornaleiros gritando nas ruas, na plataforma das estações. A horrorosa palavra escrita em caracteres grandes e negros.

Frank veio depois do café. Parecia pálido e cansado como se não houvesse dormido.

— Preveni ao "Interurbano" que todos os chamados para Manderley fossem endereçados para o escritório, disse ele a Maxim. Pouco importa de quem sejam. Se for de repórter, fica por minha conta. Não quero que sejam importunados, nenhum dos dois. Já tivemos muitos telefonemas de gente daqui. Dei a todos a mesma resposta — que Mr. e Mrs. de Winter ficavam muito gratos pelas manifestações de simpatia, esperavam que seus amigos compreendessem que não podiam receber visitas. Mrs. Lacy telefonou às oito e meia. Queria vir imediatamente.

— Oh, meu Deus... começou Maxim.

— Não se preocupe — ela não virá. Disse-lhe francamente que não adiantava, que você não queria ver ninguém, a não ser Mrs. de Winter. Perguntou para quando seria o inquérito; respondi que o dia ainda não fora fixado.

Não creio que possamos impedi-la de comparecer, se vier a saber pelos jornais.

— Malditos repórteres!

— Tem razão. Pudéssemos torcer o pescoço a todos — mas cumpre compreender-lhes o ponto de vista. A notícia sensacional constitui-lhes o pão de cada dia — são obrigados a fazer isso. Se não conseguem "furos", vão para o olho da rua.

E se o redator não consegue edições que se vendam, o proprietário o alija. E se as edições encalham, o proprietário perde o seu dinheiro. Mas você não terá de vê-los ou falar com eles, Maxim. Isso fica a meu cargo. O que tem a fazer é refletir sobre o seu depoimento no inquérito.

— Sei o que vou dizer.

— Claro que sabe, mas não se esqueça de que quem o preside é o velho Horridge. Um tipo esquisito, que insiste em detalhes sem importância, para mostrar ao júri como é meticoloso no cumprimento do dever. Não permita que ele o desnorteie.

— Por que diabo haveria eu de me desnortear? Não há motivo para isso.

— Claro que não. Mas como já compareci a atos desses, sei como a gente se enerva e irrita. Não adianta contrariar o homem.

— Frank tem razão, disse eu. Compreendo o que ele quer dizer. Quanto mais depressa e mais suavemente for a coisa, melhor para nós. E depois de tudo acabado esqueceremos a história — como todo mundo também a esquecerá, não é verdade, Frank?

— Naturalmente.

Eu ainda evitava o olhar de Frank, mas me convencera de que ele sabia a verdade. Que sempre soubera. Lembrei-me da primeira vez que o vi, quando Beatrice deu provas de tão pouco tato ao comentar a saúde de Maxim; lembrei-me da maneira discreta pela qual Frank tentou desviar o assunto, e a má vontade que mostrou em discutir comigo sobre Rebecca.

Sua atitude reservada, estranha, sua maneira pomposa de falar, todas as vezes que beirávamos uma conversa mais íntima; eu compreendia tudo. Frank sabia, sem que Maxim desconfiasse disso. E Frank não queria que Maxim soubesse que ele sabia.

E ali estávamos os três, olhando um para o outro, atrapalhados por aquelas pequeninas barreiras.

O telefone deixou de nos importunar. Todos os chamados eram feitos para o escritório. Tudo agora se resumia em esperar — e esperar até terça-feira.

Não vi mais Mrs. Danvers. O menu era submetido à minha aprovação, como de praxe, mas eu não alterava coisa alguma.

Perguntei dela a Clarice. Respondeu-me que Mrs.

Danvers continuava nas ocupações do costume, mas não falava com ninguém, e tomava as refeições na salinha pegada a seu quarto.

Clarice olhava-me com os olhos redondos de curiosidade, mas não me perguntou nada. Com certeza discutiam sobre o caso na cozinha, na propriedade toda, na portaria, nas casas dos inquilinos. Em Kerrith provavelmente não se falava de outra coisa. Ficamos em Manderley, sempre ali pelos jardins, perto da casa. Nem mesmo íamos até os bosques. A atmosfera ainda continuava abafada, os dias muito quentes. Pairava no ar a ameaça contínua da tempestade, e atrás do céu branco escondia-se uma chuva que não caía. Eu sentia-a, cheirava-a, em acúmulo lá atrás das nuvens. O inquérito realizar-se-ia na terça-feira, às duas da tarde.

Fomos para a mesa pouco antes de uma hora. Frank estava conosco — mas, graças a Deus, Beatrice telefonara declarando não poder vir. Roger estava com sarampo, e todos guardavam quarentena. Não creio que Maxim tivesse podido suportar a presença de Beatrice. Beatrice hospedada conosco, sincera, afetuosa, amorosa, mas fazendo perguntas uma atrás da outra. Querendo saber isso e aquilo, sem parar.

O almoço foi apressado, num ambiente de tensão.

Nenhum de nós falou muito. Eu sentia de novo aquela dor insistente; não pude comer coisa alguma. Impossível engolir.

Foi um alívio quando a farsa do almoço terminou, e saímos para tomar o carro. O som do motor pareceu acalmar-me um pouco, pois equivalia à chegada da hora de, afinal, fazer alguma coisa. Não mais ficar ali esperando. Frank segue-nos em seu carro. Eu pus a mão sobre os joelhos de Maxim, e assim o tempo todo, enquanto ele guiava. Maxim parecia muito calmo, sem nervosismo algum. Para mim a impressão era de acompanhar alguém a um sanatório, alguém que ia ser operado. Quem lá sabe o resultado final das operações? Minhas mãos estavam frias, meu coração batia de maneira estranha, aos trancos. E todo o tempo aquela dorzinha persistente abaixo do estômago. O inquérito teria lugar em Lanyon, a seis milhas de Kerrith. Tivemos de deixar os carros no grande

largo de pedra, perto do mercado. O automóvel do Dr. Phillips já lá estava, assim como o do Coronel Julyan. E também outros. Vi um transeunte olhar curiosamente para Maxim, e depois dar uma cutucada no braço do companheiro.

— Creio que vou ficar aqui, disse eu. Pensando bem, acho que é o melhor.

— Eu desde o princípio não queria que você viesse, lembrou Maxim. Podia muito bem esperar o resultado em Manderley.

Frank veio até a janela do nosso carro.

— Mrs. de Winter não entra? — Não, prefere ficar no carro, respondeu Maxim.

— É o melhor, apoiou Frank. Não há motivo algum para descer — e não nos demoraremos muito. Em todo o caso guardarei um lugar para a senhora, se mudar de ideia.

Foram-se os dois, deixando-me ali sozinha. Era dia de o comércio fechar mais cedo; as lojas pareciam mal arrumadas e pouco atraentes; ruas quase vazias. Fiquei olhando para as casas silenciosas e os minutos foram passando. O que estariam eles fazendo, o juiz, Frank, Maxim, o Coronel Julyan! Desci e comecei a andar a esmo pelo largo do mercado. Parei diante de vitrinas. Andei, andei. Um policial me olhava curiosamente; tomei uma ruazinha de lado, para evitar passar por ele.

Estranhamente, e sem saber porque, eu sentia estar-me encaminhando para o prédio da sessão. A hora não fora mencionada nos jornais, de modo que não havia multidão à espera na porta como eu temera e esperara. O lugar parecia deserto. Subi os degraus, entrei, e fiquei bem perto da porta.

Um policial apareceu.

— Deseja alguma coisa? perguntou.

— Não. Não.

— Não pode ficar aqui.

Desci de novo as escadas, para a rua.

— Perdão, disse ele. A senhora não é Mrs. de Winter?

— Sim.

— Então o caso é outro. Pode entrar. Não quer que lhe traga uma cadeira, para ficar esperando nesta sala?

— Obrigada.

O policial levou-me para uma saleta, onde havia apenas uma escrivaninha. Parecia sala de espera de estação.

Passaram-se cinco minutos sem que nada acontecesse. Era pior do que estar fora, sentada no carro. Levantei-me, fui para o corredor. O guarda ainda lá se achava.

— Quanto tempo demorará ainda? — perguntei.

— Vou saber, se a senhora desejar.

Desapareceu no corredor; minutos depois voltava. — Não creio que demorem muito. Mr. de Winter acaba de prestar seu depoimento. O Capitão Searle, o Dr. Phillips e o escafandrista já o fizeram. Só faltava um, Mr. Tabb, o construtor de barcos.

— Deve, então, estar quase no fim, murmurei.

— Gostaria a senhora de ouvir os últimos depoimentos? Há uma cadeira bem perto da porta. Ninguém notará a sua entrada.

— Muito bem.

Estava quase terminado o inquérito, então. Maxim já prestara o seu depoimento, e a mim não me impressionaria o resto. Só o de Maxim eu não quisera ouvir, e por isso não os acompanhara até lá.

Segui o policial. Entrei de mansinho e sentei-me perto da porta. Fiquei de cabeça baixa, para não ter de olhar para ninguém. Sala menor do que eu supusera — muito quente, abafada. Eu havia imaginado uma grande sala nua, cheia de bancos, como na igreja. O juiz era homem magro, idoso, de pince-nez. Vi muitas pessoas desconhecidas. Espiava-as disfarçadamente. Meu coração bateu forte quando reconheci Mrs. Danvers. Estava sentada bem atrás, ao lado de Favell.

Jack Favell, o primo de Rebecca, tinha o queixo entre as mãos e os olhos fixos em Mr. Horridge. Eu não esperava encontrá-lo ali. Maxim tê-lo-ia visto? James Tabb, o construtor de barcos, estava de pé; o juiz acabara de fazer-lhe uma pergunta.

— Sim senhor, reformei o barco de Mrs. de Winter. Era um barco francês que Mrs. de Winter comprou por uma bagatela. Encarregou-me de modificá-lo e transformá-lo num pequeno iate.

— Estava em condições de navegar?— Perfeitamente, quando estive ao meu cuidado, em abril do ano passado. Mrs. de Winter

mandou-o para o meu estaleiro em outubro, em março deu-me ordem para pô-lo a navegar. O passeio do desastre seria na quarta estação, depois da reforma do barco.

— O barco já havia virado alguma vez?

— Não, senhor. Mrs. de Winter teria avisado se acontecesse uma coisa dessas. Estava satisfeítíssima com ele em todos os sentidos, como me disse mais de uma vez.

— O manejo requeria muito cuidado?

— Sempre é preciso muita atenção quando se sai ao mar, isso é coisa estabelecida. Mas o barco de Mrs. de Winter não era dessas embarcações traiçoeiras que a gente não pode deixar por um momento, como há algumas aqui em Kerrith. Barco sólido, bem forte no vento. Mrs. de Winter já tinha saído nele em tempo muito pior que o daquela noite. O vento soprava em rajadas, mas não continuamente; e como eu sempre disse, nunca pude compreender como é que o barco de Mrs. de Winter pôde perder-se numa noite daquelas.

— Mas se Mrs. de Winter houvesse descido para buscar um casaco, como se supõe, e uma lufada súbita de vento viesse do promontório, seria isso bastante para virar o barco? James Tabb sacudiu a cabeça.

— Não, respondeu ele obstinadamente. Não vejo como.

— Bem, mas com certeza foi o que aconteceu. Não creio que Mr. de Winter, ou nenhum de nós, tenha intenção de responsabilizá-lo pelo acidente, ou de dizer que o seu serviço não foi perfeito. O senhor pôs o barco em condições de navegabilidade, no princípio da estação, é só o que desejamos saber. Infelizmente Mrs. de Winter descuidou-se durante alguns momentos, e perdeu a vida tendo o barco virado com ela a bordo. Já houve outros acidentes assim, e ninguém está pensando em censurá-lo.

— Peço perdão, disse Mr. Tabb. Mas há nisto alguma coisa mais do que parece. Se me dessem licença eu gostaria de fazer outra declaração.

— Perfeitamente.

— O que quero dizer é isto. O ano passado, depois do acidente, muitas pessoas em Kerrith andaram dizendo coisas

desagradáveis sobre o meu serviço. Censurando-me alguns por ter deixado Mrs. de Winter usar um barco já velho; e cheguei mesmo a perder duas ou três encomendas por causa disso. Era uma injustiça, mas o barco havia afundado e nada eu podia fazer para reabilitar-me. Mas depois do encalhe do navio na cerração, descobriram o barco de Mrs. de Winter, e içaram-no à tona. O Capitão Searle em pessoa me deu licença de ir examiná-lo ontem, e foi o que fiz. Queria certificar-me se o meu serviço estava bem feito ou não, apesar da permanência debaixo d'água durante um ano ou mais.

— Muito natural essa curiosidade. E ficou satisfeito?

— Sim, plenamente. Nada se podia dizer sobre o serviço que eu fizera. Examinei o barco cuidadosamente. Tinha repousado sobre areia, a cinco pés dos recifes, mais ou menos, dissera-me o escafandrista, e não tocara absolutamente na rocha. E não havia realmente marca nenhuma de ter batido contra os recifes.

Tabb fez uma pausa; o juiz fitou-o, expectante.

— Bem. É tudo o que tem a dizer?

— Não, senhor, não é tudo, — respondeu Tabb com ênfase. — O que eu desejaria saber é isto: quem fez os furos nas pranchas? Não foram as rochas, disso estou certo. De mais a mais, não eram marcas de batidas em rochas. Eram buracos feitos com um objeto com ponta de metal.

Eu não olhei para ele, olhei para o chão. Havia um oleado cercando a sala. Verde. Foi para o oleado verde que fiquei olhando.

Por que o juiz não dizia coisa alguma? Por que a pausa durava tanto? Quando o juiz falou, afinal, sua voz parecia muito distante.

— Que quer dizer? Que espécie de buracos?

— Havia três, disse o homem. Um adiante, perto do armário da corrente da âncora, ao lado direito, abaixo da linha da água. Os outros dois no centro, bem juntos, embaixo das tábuas do soalho, na quilha. O lastro fora movido também. Estava solto. E não é só isso. As válvulas tinham sido abertas.

— Válvulas? Que é isso? perguntou o juiz.

— É a peça que regula a entrada e saída da água do aparelho sanitário. Mrs. de Winter mandara instalar uma toailete na parte de

trás do barco. Havia lá uma válvula; e outra na frente, numa pia onde costumavam lavar louça e outras coisas. Devem estar sempre hermeticamente fechadas essas válvulas, para que a água do mar não entre. Mas quando o examinei ontem, vi que as válvulas estavam abertas.

Dia quente, muito quente. Por que não abriam as janelas? Sufocaríamos, se continuássemos ali. Tanta gente, todos a respirarem o mesmo ar viciado. Tanta gente...

— Com aqueles furos, e as válvulas abertas, um barco pequeno não tardaria a afundar. Não levaria mais de dez minutos, acho eu. Aqueles furos não estavam no barco quando ele saiu das minhas mãos. Sempre tive orgulho do meu trabalho — e Mrs. de Winter sabia apreciá-lo. Na minha opinião, o barco não afundou. Foi posto a pique deliberadamente.

"Preciso tentar chegar até à porta. Preciso tentar voltar para a sala de espera. Não há ar aqui nesta sala."...Alguém à minha frente se erguera e falava. Falavam todos. Eu não sabia o que estava acontecendo, não podia ver coisa nenhuma. Quente, muito quente. O juiz pedia silêncio. E disse qualquer coisa sobre "Mrs. de Winter". Eu não podia ver.

O chapéu daquela mulher à minha frente... Maxim estava agora de pé. Não pude olhar para ele. Eu não devia olhar para ele. Já me sentira assim uma vez. Quando? Não sei. Não me lembro. Ah, sim, com Mrs. Danvers, aquela vez em que ficou ao meu lado na janela. Mrs. Danvers, estava ali agora, ouvindo tudo. E Maxim, de pé, daquele lado. O calor subia do chão, elevando-se em ondas lentas envolvendo-me toda.

O juiz falou: — Pode Mr. de Winter dizer alguma coisa sobre os furos nas pranchas, referidos por James Tabb?

— Nada, absolutamente.

— Não tem nenhuma ideia sobre o que podia ser aquilo?

— Não, claro que não.

— É a primeira vez que ouviu falar nisso?

— Sim.

— Foi um choque para o senhor, com certeza.

— Já foi choque bastante saber que cometi um erro de identificação há um ano; e agora acabo de saber que minha falecida esposa não somente se afogou na cabine do barco, como que nele havia furos feitos com a intenção deliberada de afundá-lo. Surpreende-se de que eu me tenha chocado? Não, Maxim, não. Você assim o irritará. Lembre-se do que disse Frank. Não deve contrariá-lo. Essa voz, não este tom encolerizado, Maxim. Ele não compreenderá. Por favor. Oh, Deus, fazei com que Maxim não perca a paciência! Não deixeis que ele se exalte...

— Mr. de Winter, quero que saiba que todos nós sentimos profundamente, pelo senhor, o que aconteceu. Sem dúvida sofreu um choque, um choque muito grande, ao saber que sua falecida esposa se afogou na cabina, e não no mar, como supusera. Estou procurando investigar o caso para benefício seu. Quero, por sua causa, saber exatamente como e porque ela morreu. Não estou conduzindo este inquérito para meu regalo particular.

— Isto é evidente, senhor juiz.

— Espero que o seja. James Tabb acaba de dizer que o barco apresentava três furos no fundo, e que as válvulas estavam abertas. Põe em dúvida o seu depoimento? — Claro que não. Ele é um construtor de barcos, e sabe o que está dizendo.

— Quem cuidava do barco de Mrs. de Winter?

— Ela mesma.

— Não encarregava ninguém disso?

— Não, ninguém.

— O barco era ancorado na enseada particular pertencente a Manderley?

— Sim.

— Qualquer estranho que mexesse no barco seria visto? Não há caminho público que leve à enseada?

— Não, nenhum.

— É um lugar quieto, cercado de árvores?

— Sim.

— Poderia alguém ir até lá sem ser visto?

— Possivelmente.

— James Tabb nos disse, e não temos razão para duvidar de sua palavra, que o barco, com aqueles furos no fundo e as válvulas abertas, não poderia flutuar por mais de dez ou quinze minutos.

— Certo.

— Portanto, podemos deixar de lado a hipótese de que tenham danificado o barco antes de Mrs. de Winter ter saído ao mar, pois se isso se desse ele teria afundado ainda perto do ancoradouro.

— Sem dúvida.

— Somos, por consequência, levados a supor que a pessoa que levou o barco aquela noite fez os furos e abriu as válvulas.

— Assim parece.

— O senhor já nos disse que encontraram a porta da cabina fechada assim como as escotilhas, e que os restos mortais de sua esposa estavam no chão. Foi este o seu depoimento, o do Capitão Searle e do Dr. Phillips. E agora ficamos sabendo que além disso foram feitos furos no fundo do barco, e que as válvulas foram abertas. Não lhe parece, Mr.

de Winter, uma coisa muito esquisita?

— Certamente.

— Não tem nenhuma sugestão a fazer? — Absolutamente nenhuma.

— Mr. de Winter, por mais penoso que me seja, sou obrigado a fazer-lhe uma pergunta muito pessoal.

— Sim.

— O senhor e a falecida Mrs. de Winter viviam em bons termos?

Tinham que chegar, é claro, aqueles pontinhos negros à frente dos meus olhos, girando, dançando, confundindo-se na nebulosidade do ar; e estava quente, tão quente!... Todas aquelas pessoas, todos aqueles rostos, e nenhuma janela aberta; a porta, em vez de achar-se perto de mim, como eu pensara, estava longe, muito longe e o assoalho subia ao meu encontro.

E então dentro da estranha névoa que me envolveu, ouvi a voz de Maxim, nítida e forte, dizendo: "Poderá alguém retirar a minha senhora da sala? Está prestes a desmaiar".

## 23

**VI-ME DE NOVO** sentada na salinha pequena, a que parecia a sala de espera de estação. O policial lá estava, inclinado sobre mim, dando-me um copo d'água e a mão de alguém me segurava o braço. A mão de Frank. Fiquei muito quieta; e pouco a pouco o chão, as paredes, os vultos de Frank e do guarda começaram a definir-se aos meus olhos.

— Lamento muito, murmurei. Que coisa tão idiota! Mas estava tão quente naquele recinto, tão quente...

— Realmente, concordou o policial. Tem havido muitas reclamações, mas nunca tomam providências. Não é a primeira senhora que desmaia ali.

— Está-se sentindo melhor? perguntou-me Frank.

— Sim, muito. Ficarei boa em instantes. Não espere por mim.

— Vou levá-la para Manderley.

— Não.

— Maxim pediu-me que o fizesse.

— Não; você deve ficar com ele.

— Maxim me disse que a levasse de volta para Manderley.

Frank deu-me o braço.

— Pode andar até o carro ou quer que o traga para aqui? — Posso andar. Mas preferia ficar, gostaria de esperar por Maxim.

— Maxim talvez ainda tenha de demorar-se muito tempo.

Por que dizia aquilo? Que significavam tais palavras? Por que não olhava para mim? Pegou do meu braço, e juntos andamos pelo corredor em direção à porta da rua, e assim descemos os degraus de fora. Maxim talvez ainda tenha de demorar-se muito tempo...V Não falamos. Fomos até o carro de Frank; ele abriu a porta e ajudou-me a entrar. Depois subiu e deu partida.

Deixamos o largo de pedra, atravessamos a cidade deserta e ganhamos a estrada de Kerrith.

— Por que vão demorar-se? Que vão fazer? — Talvez tenham que rever os depoimentos, disse Frank, olhando direto à sua frente.

— Já ouviram tudo o que deviam ouvir. Não há nada mais para dizer.

— Nunca se sabe. É possível que Mr. Horridge faça as perguntas de maneira diferente. As declarações de Tabb alteraram tudo. O júri terá agora que encarar a coisa sob outro prisma.

— Outro prisma? — Não ouviu o depoimento de Tabb? Ninguém mais acreditará que tenha sido acidente.

— Que absurdo, Frank! Que coisa ridícula! Não deviam dar atenção a Tabb. Como é que depois de tantos meses ele pode dizer de que maneira foram feitos os rombos no barco? O que estão tentando provar?

— Não sei.

— Aquele homem continuará a enervar Maxim, fazendo-o perder a paciência até dizer coisas que não tenciona dizer, Fará uma pergunta atrás da outra, Frank, e Maxim não estará por isso, tenho a certeza de que não.

Frank nada respondeu. O carro estava rodando muito depressa. Pela primeira vez, desde que o conhecia, não encontrou uma frase convencional para dizer. Isso significava preocupação extrema. Ele geralmente guiava com tanto cuidado, tão lentamente, quase parando quando chegava nas encruzilhadas, espiando à direita e à esquerda, tocando a buzina todas as vezes que ia fazer uma curva.

— Aquele homem estava lá, disse eu. Aquele que veio a Manderley ver Mrs. Danvers.

— Favell? Sim, também o vi.

— Estava lá com Mrs. Danvers.

— Sim, eu sei.— Por quê? Que direito tem ele? — Era primo dela.

— Não é direito que esse homem e Mrs. Danvers estejam lá sentados ouvindo os depoimentos. Não confio neles, Frank.

— Nem eu.

— Talvez façam algum mal, talvez tramem qualquer coisa. Frank não respondeu; percebi que sua lealdade para com Maxim era tão grande, que nem comigo queria discutir o assunto. Frank ignorava até que ponto eu sabia do caso. Nem eu podia julgar a extensão do seu conhecimento. Éramos aliados,

caminhando juntos pela mesma estrada, mas sem olhar um para o outro e sem arriscar uma confissão.

Atravessamos os portões de ferro de Manderley, e pela primeira vez notei que as hortênsias tinham começado a florir. Apesar de toda a sua beleza, havia nelas algo de sombrio e funéreo, como as coroas duras e artificiais que se vê dentro de caixas de vidro nos cemitérios. Ao longo do caminho ali estavam elas, com a sua monotonia azul, espectadores alinhados para nos ver passar.

Entramos em casa afinal, e Frank perguntou-me: — Está bem agora? Vai deitar-se um pouco, não vai?

— Sim, talvez.

— Eu volto para Lanyon. É possível que Maxim precise de mim.

Sem dizer mais nada, Frank retomou o carro e partiu de novo. Maxim talvez precisasse dele. Por que dissera aquilo? Talvez fossem interrogar também Frank... Perguntar-lhe sobre aquela noite, há doze meses passados, quando Maxim jantara com ele. Queriam saber a hora exata em que Maxim se despediu. Queriam saber se alguém vira a que horas Maxim voltara para casa. Se os criados sabiam que já entrara.

Se alguém podia provar que Maxim fora imediatamente para a cama. Talvez interrogassem Mrs. Danvers, talvez lhe pedissem para depor. E Maxim começando a perder a calma, começando a empalidecer...

Subi para o quarto e deitei-me, como me aconselhara Frank. Pus as mãos sobre os olhos, mas continuei a ver a sala, e todas aquelas fisionomias. O rosto enrugado, severo, do magistrado de pince-nez sobre o nariz. "Não estou conduzindo este inquérito para meu regalo particular." Sua mentalidade cuidadosa, lenta, tão cheia de suscetibilidades. Que estariam dizendo? Que estaria acontecendo? Suponhamos que Frank voltasse dentro de alguns minutos, sozinho...

Eu ignorava a marcha dum processo daqueles. Lembrei-me de retratos de homens em jornais, ao deixarem semelhantes

recintos. Suponhamos que levassem Maxim? Não me deixariam ir ao seu encontro, não permitiriam que eu o visse.

Eu teria de ficar em Manderley, dia após dia, noite após noite, esperando, como agora. Pessoas como o Coronel Julyan mostrando consideração, bondade. Dizendo: "Não deve ficar sozinha, venha ficar conosco". O telefone tocando — os jornais — o telefone outra vez. "Não; Mrs. de Winter não pode ver ninguém. Mrs. de Winter não tem declaração alguma a fazer ao Country Chronicle." E mais um dia. E mais outro dia.

Semanas que não contariam, que não fariam parte da minha existência. Frank levando-me afinal para ver Maxim. Iria encontrá-lo magro, abatido, como os doentes nos hospitais...

Outras mulheres tinham passado por isso. Mulheres sobre quem eu lera nos jornais. Mandavam cartas para o ministro do Interior, cartas que nada adiantavam. De lá respondiam que a justiça tem que seguir o seu curso. As petições mandadas pelos amigos — tudo inútil. O ministro nada podia fazer. E o público lendo sobre o caso nos jornais: "Como poderia sair livre? Matou a mulher, não matou? A pobre coitada! Este sentimentalismo sobre a abolição da pena de morte só serve para incentivar o crime. O tal indivíduo que refletisse um pouco antes de matar a mulher. É muito tarde agora. Tem que ser enforcado, como qualquer outro assassino.

E será bem feito. Que sirva de exemplo para os outros." Lembrei-me de ter visto uma vez uma gravura em jornal dum magote de povo reunido em frente ao portão de um cárcere; um policial havia afixado um boletim. Qualquer coisa dizendo que a sentença fora cumprida. "Sentença de morte executada hoje de manhã às nove horas. O governador da prisão, o médico e o delegado do condado estavam presentes." O enforcamento era uma coisa rápida. O pescoço quebra-se imediatamente. Não, não era verdade. Ouvei dizer uma vez que nem sempre a força funciona bem. Alguém que conhecera o governador de uma prisão. Colocam uma venda nos olhos do prisioneiro e lá vai ele para uma pequena plataforma; súbito, o chão lhe foge aos pés. Apenas três minutos, da cela até o momento em que é enforcado. Não, cinquenta segundos, disse alguém. Não, que absurdo. Não podia ser cinquenta

segundos. Há alguns degraus de escada no lado do barracão, para a cova. O médico vai lá olhar. A morte é instantânea. Não, não é. O corpo se debate algum tempo, nem sempre o pescoço se quebra. Mas mesmo assim não sentem nada. Alguém disse que sim. Alguém cujo irmão era médico da prisão. Só que não era uma coisa de que dessem conhecimento ao público, por causa do escândalo; mas nem sempre morriam imediatamente. Os olhos ficam abertos, por muito tempo. Deus do céu, não deixeis que eu fique pensando sobre isso. Fazei com que eu pense sobre outra coisa. Sobre Mrs. Van Hopper na América. Devia estar hospedada agora em casa da filha. Aquela casa em Long Island, para onde iam no verão. Com certeza jogavam muito bridge. E iam às corridas. Mrs. Van Hopper gostava muito de corridas. Será que ainda usa aquele chapéu amarelo? Era pequeno demais.

Muito pequeno para aquele rosto enorme. Mrs. Van Hopper, sentada no jardim da casa de Long Island, com romances, revistas e jornais ao colo. Mrs. Van Hopper pondo seus óculos de ópera e dizendo à filha: "Escute aqui, Helen: os jornais estão afirmando que Max de Winter matou a primeira mulher. Sempre achei que havia qualquer coisa de esquisito nele. Avisei àquela pequena tonta do erro que ia cometer, mas naturalmente não quis ouvir-me. Que agradeça a si própria.

Com certeza vão fazer-lhe uma boa oferta para entrar no cinema". Alguma coisa tocou na minha mão. Era Jasper, que me seguira do hall. Por que será que a gente tem vontade de chorar quando vê um cachorro? Há qualquer coisa de meigo, de comovente, na maneira de o cão mostrar que nos compreende, que sente conosco. Jasper sabia que qualquer coisa acontecera, como os cães sempre sabem.

Eu devia ter adormecido, pois acordei assustada com o rebo do trovão. Sentei-me na cama e olhei para o relógio.

Cinco horas. Fui à janela. Não havia aragem nenhuma; as folhas estavam imóveis nas árvores, à espera. O céu tinha o cinzento da ardósia. De vez em quando um relâmpago rompia o espaço, e outro trovão ecoava na distância. Mas a chuva não caía. Fui até o corredor e fiquei à escuta. Nada. Adiantei-me até o topo

das escadas. Ninguém. O hall muito escuro, devido à ameaça de tempestade. Desci para o terraço. Mais um ronco surdo — e uma gota de chuva caiu sobre minha mão. Uma gota. Uma só. A atmosfera era sombria, e o mar ao longe parecia um lago negro. Mais uma gota de chuva, mais um rugido de tempestade. Uma das empregadas começou a fechar as venezianas dos quartos de cima. Robert apareceu e cerrou as janelas da sala de visitas atrás de mim.

— Os homens ainda não voltaram, Robert? perguntei.

— Ainda não. Pensei que estivesse com eles, senhora.

— Já voltei há algum tempo.

— Quer que sirva o chá?! — Não. Esperarei.

— Parece que o tempo vai mudar, senhora.

— É verdade.

Mas a chuva não caía. Nada mais que duas gotas sobre minha mão. Entrei e fui para a biblioteca. Às cinco e meia Robert entrou.

— O carro acaba de entrar, senhora.

— Que carro? — O carro de Mr. de Winter.

— É ele mesmo quem está guiando? — Sim, senhora.

Procurei levantar-me mas tinha as pernas bambas. Fiquei de pé, apoiada ao sofá. Tinha a garganta seca, as mãos frias.

Depois de um segundo, Maxim entrou na sala. Parecia cansado, envelhecido. Havia nos cantos de sua boca rugas que eu não vira antes.

— Está tudo acabado, disse ele.

Esperei, ainda sem poder falar ou chegar até onde ele estava.— Suicídio, disse Maxim. Sem provas suficientes para determinar o estado mental da morta. Todos desnorteados, é claro, não sabiam o que estavam fazendo.

Sentei-me no sofá.

— Suicídio? perguntei. — Mas o motivo? Onde estava o motivo?

— Só Deus sabe. Não acharam necessário exigir um motivo. O velho Horridge, espiando para o meu lado, queria saber se

Rebecca tinha alguma preocupação com dinheiro. Preocupações de dinheiro! Deus do céu!

Maxim foi até a janela, olhou para o gramado verde. — Vai chover. Graças a Deus vai afinal chover.

— Conte tudo, pedi. — O que disse o juiz? Por que ficaram lá todo esse tempo?

— O juiz voltava, e insistia em voltar sempre ao mesmo ponto. Pequenos detalhes sobre o barco, que a ninguém interessavam. Eram as válvulas duras de virar? Em que posição estava o segundo furo em relação ao primeiro? O que era lastro? Que efeito teria a remoção do lastro na estabilidade do barco? Poderia uma mulher remover o lastro sozinha? Fechava-se bem a porta da cabina? Que pressão de água era necessária para forçar a porta? Pensei que fosse enlouquecer. Mas mantive o sangue-frio. Ao ver você ali junto à porta lembrei-me da coisa justa a fazer. Se você não tivesse desmaiado eu não teria conseguido me manter firme.

Aquilo me fez voltar a mim como uma ducha. Vi claramente o que devia dizer. E encarei Horridge de frente, nunca desviei meus olhos daquele seu rosto fino, intrometido, com aquele pince-nez de ouro. Lembrar-me-ei daquela cara até no dia da minha morte. Estou cansado, querida. Tão cansado que não posso ver, nem ouvir, nem sentir coisa alguma.

Sentou-se ao banco da janela. Inclinou-se para a frente, pôs a cabeça entre as mãos. Fui sentar-me ao seu lado. Dentro de poucos minutos Frith entrou, seguido de Robert com a mesinha do chá. O mesmo ritual de todos os dias: abrir as folhas da mesa, ajustar os pés, colocar a toalha cor de neve. O bule de prata e a chaleira sobre a chama. Bolinhos, sanduíches.

Jasper sentado perto da mesa, os olhos cheios de expectativa fixos em mim. É engraçado, pensei, como a rotina da vida persiste e, aconteça o que acontecer, fazemos sempre as mesmas coisas: comemos, dormimos, tomamos banho e nos vestimos. Nenhuma crise da existência rompe a força do hábito. Servi o chá, levei uma xícara até onde estava Maxim, dei-lhe um bolinho e comecei a passar manteiga no meu.

— Onde está Frank? perguntei.

— Foi procurar o vigário. Eu teria ido também, mas queria voltar imediatamente para onde estava você. Não podia deixar de pensar em você aqui sozinha, esperando, sem saber o que estava acontecendo.

— Procurar o vigário para quê?

— Temos uma coisa a fazer esta noite. Na igreja.

Olhei para ele, atônita. E então compreendi. Iam enterrar Rebecca. Iam trazer Rebecca do necrotério.

— Está marcado para as seis e meia. Ninguém sabe a não ser Frank, o Coronel Julyan, o vigário e eu. Ninguém estará ali espiando. Foi tudo arranjado ontem, e o veredicto não faz diferença alguma.

— A que horas?

— Vou encontrá-los na igreja às seis e vinte e cinco.

Continuei a tomar o meu chá sem nada dizer. Maxim deixou de lado o sanduíche sem mesmo tocá-lo.

— Ainda está muito quente, não? disse ele.

— É a tempestade suspensa. Não quer desabar.

— Estava trovejando quando saí de Lanyon: céu negro como breu. Por que não chove, em nome dos céus?! Os pássaros estavam silenciosos nas árvores. A escuridão era grande ainda.

— Gostaria que você não tivesse que sair outra vez, murmurei.

Maxim não respondeu. Parecia cansado, mortalmente cansado.

— Teremos que conversar hoje à noite, disse ele. Temos muita coisa a fazer juntos. Recomeçar tudo de novo, não é verdade? Eu tenho sido para você o pior dos maridos.

— Não! exclamei. Não!

— Começaremos de novo, depois que isso ficar para trás. Recomeçaremos juntos, você e eu. Já não é como se estivéssemos sozinhos. O passado não poderá nos ferir, se estivermos juntos. Você terá filhos, também.

Depois de uns minutos Maxim olhou para o relógio.

— São seis e dez. Tempo de ir indo. Não é longe. Meia hora daqui. Temos que ir para a cripta da igreja.

Segurei-lhe a mão.— Vou com você, Maxim. Deixe-me ir com você.

— Não. Não quero que venha.

Disse isso e deixou o quarto. Ouvi o ronco do automóvel lá fora; foi diminuindo — desapareceu...

Robert veio tirar o chá. A mesma coisa de todos os dias.

E eu fiquei pensando se teria sido a mesma coisa se Maxim não tivesse voltado de Lanyon. Se Robert teria ficado ali de pé daquela maneira com a sua fisionomia inexpressiva, tirando as migalhas da toalha, fechando a mesa.

Depois que Robert se foi, a biblioteca pareceu muito silenciosa. Fiquei pensando nos que estavam àquela hora na igreja, passando por certa porta, descendo os degraus que levavam à cripta. Eu nunca estivera lá, apenas entrevira a porta. Fiquei pensando como deveria ser, e haveria caixões...

O pai e a mãe de Maxim. Que aconteceria com o caixão da mulher que ali tinha sido posta por engano? Quem seria ela, pobre criatura de ninguém reclamada, a ninguém pertencendo, batida pelo vento, contra a maré... Outro caixão iria para lá agora. Também Rebecca repousaria na cripta silenciosa. Estaria o vigário lendo o ofício dos mortos, com Frank, o Coronel Julyan e Maxim ao lado? Cinzas! Tu és pó, e ao pó hás de tornar. Parecia-me que Rebecca já não era uma realidade. Fora destruída quando a encontraram no chão da cabina. A Rebecca que jazia no caixão da cripta silenciosa era pó, somente pó.

A chuva começou a cair pouco depois das sete.

Suavemente a princípio, batendo de leve nas árvores, e tão fina que eu não podia vê-la. Depois, mais forte e mais depressa, caindo em torrente do céu negro. Abri bem as janelas, e respirei profundamente o ar puro. Caíram respingos nas minhas mãos e no meu rosto, Além do gramado não se distinguia coisa alguma, pois a chuva vinha cerrada e com muita força. Ouvi-a pingando das calhas, e batendo nas lajes do terraço. Cessaram os trovões. A chuva tinha um cheiro de terra, de musgo, de casca de árvore.

Não ouvi Frith entrar, pois estava perto da janela olhando para fora. Não o vi até que ele chegasse bem perto de mim.

— Perdão, senhora, mas sabe se Mr. de Winter vai demorar?

— Não demora; deve voltar já.

— Há um senhor que deseja vê-lo, disse Frith depois de um momento de hesitação. — E não sei bem o que fazer. Insiste absolutamente em ver Mr. de Winter.

— Quem é? perguntei. — Alguém que você conheça?

Frith pareceu um tanto contrafeito.

— Sim, senhora, é um senhor que costumava vir aqui frequentemente no tempo em que Mrs. de Winter era viva. Um senhor chamado Favell.

Ajoelhei-me no banco da janela e fechei as venezianas, pois a chuva estava molhando as almofadas. Depois virei-me e olhei para Frith.

— Talvez seja melhor que eu veja Mr. Favell.

— Muito bem, senhora.

Atravessei a sala e fui para perto da lareira vazia. Havia a possibilidade de libertar-me de Favell antes que Maxim viesse.

Eu não saberia o que iria dizer-lhe, mas não me sentia amedrontada.

Frith voltou pouco depois e introduziu Favell na biblioteca. Parecia o mesmo da última vez, talvez um pouco mais rude, um pouco mais desarrumado. Era desse tipo de homem que invariavelmente anda sem chapéu; seu cabelo estava manchado pelo sol forte dos últimos dias, e sua pele mais queimada também. Tinha os olhos vermelhos, como se tivesse bebido.

— Infelizmente Maxim não está, disse eu. E não sei quando voltará. Não seria melhor marcar uma hora para vê-lo no escritório amanhã cedo? — Esperar não é coisa que jamais me tenha preocupado, e de mais a mais não creio que tenha de esperar por muito tempo, a senhora sabe. Espiei na sala de jantar antes de vir até aqui, e vi que o lugar de Max estava preparado.

— Modificamos nossos planos, e talvez Maxim nem volte hoje à noite.

— Fugiu, não é? perguntou Favell com uma espécie de sorriso, que não me agradou absolutamente. Gostaria de saber se está falando a verdade. Naturalmente seria a coisa mais acertada a

fazer, debaixo das circunstâncias. Falatórios e comentários não são coisas agradáveis, principalmente para certas pessoas. É bem melhor evitá-los, não é mesmo? — Não sei o que quer dizer com isso.

— Não sabe? Oh, vamos! Espera então que eu acredite numa coisa dessas? Diga-me, está-se sentindo melhor? Uma pena, desmaiar daquela maneira hoje à tarde. Eu teria ido em seu auxílio, mas vi que já tinha um cavalheiro às suas ordens.

Garanto que Frank apreciou bem o seu papel! A senhora deixou que ele a trouxesse para casa — e no entanto não quis que eu a levasse no meu carro nem cinco jardas, quando a convidei! — Que deseja com Maxim? Favell inclinou-se sobre a mesa e serviu-se de um cigarro.

— Não se incomoda de que eu fume? Não irá enjoá-la, por acaso? A gente nunca sabe, com recém-casadas.

Observou-me por cima da chama do isqueiro.

— Cresceu um pouco desde que a vi, parece-me. Que anda fazendo? Desencaminhando Frank Crawley? Tirou uma baforada do cigarro e soprou-a no ar. Diga-me, poderia pedir ao velho Frith que me trouxesse um copo de uísque com soda? Não respondi, e fui tocar a campainha. Ele sentou-se no braço do sofá, balançando as pernas com aquele meio-sorriso nos lábios. Robert atendeu à campainha.

— Um uísque para Mr. Favell, disse eu.

— Olá, Robert. Há muito tempo não o vejo! disse Favell. Ainda continua torturando o coração das donzelas de Kerrith? Robert corou e, terrivelmente embaraçado, lançou um olhar para meu lado.

— Está certo, meu velho, não o denunciarei. Traga-me agora um uísque duplo, e correndo.

Robert desapareceu. Favell deu uma risada deixando cair cinzas pelo chão.

— Levei Robert, uma vez, no seu dia de saída, disse ele.

Rebecca apostou cinco libras que eu o não convidaria. Ganhei as cinco libras, é claro, e passei uma das noites mais divertidas da minha vida. E como me ri! Robert na farra é mesmo dos bons,

posso garantir-lhe! E tem bom olho para as pequenas, se tem! Escolheu logo a mais bonita que encontramos aquela noite.

Robert voltou com o uísque numa bandeja. Ainda estava muito vermelho e sem jeito. Favell observou-o com um sorriso, enquanto ele o servia. Depois começou a rir, inclinado para trás, apoiando-se ao encosto do sofá. Assobiava o estribilho de uma canção, observando Robert o tempo todo.

— Era esta a toada, não era? Ainda gosta de cabelos vermelhos, Robert? Robert teve um sorriso amarelo, parecendo sentir-se muito infeliz, o coitado. Favell riu ainda mais alto. Robert virou-se e deixou a sala.

— Pobre coitado, não creio que tenha dado muitas fugidinhas depois daquela. O tonto do velho Frith o traz num cortado! Favell começou a beber o uísque, examinando a sala, olhando para mim de vez em quando e sorrindo.

— Não creio que me importe muito se Max não voltar para o jantar, disse ele. Que acha? Não respondi. Continuei ali perto da lareira, com as mãos atrás das costas.

— Não havia de querer desperdiçar aquele lugar na sala de jantar, não é mesmo? perguntou ele sorrindo, olhando-me com a cabeça inclinada de lado.

— Mr. Favell, não quero parecer pouco amável, mas, por ser franca, estou muito cansada. O dia de hoje foi longo e exaustivo. Se não pode dizer para que veio procurar Maxim, não adianta ficar aí sentado. É melhor fazer o que sugeri, e aparecer no escritório amanhã cedo.

Favell escorregou do braço do sofá e veio até onde eu estava, trazendo o copo na mão.

— Não, não. Não seja tão cruel e pouco amável.

Também eu tive um dia exaustivo. Não fuja, deixando-me aqui. Sou realmente inofensivo, pode acreditar-me. Com certeza Max andou contando coisas a meu respeito...

Continuei calada.

— Pensa que sou o lobo mau da floresta, não é? Engano. Sou um sujeito igual aos outros, completamente inofensivo.

Acho que sua atitude em tudo isso tem sido extraordinária, realmente esplêndida! Tiro o meu chapéu para a senhora; pode acreditar-me que é verdade.

Suas últimas palavras saíam enroladas, espessas. Desejei não ter dito a Frith que o receberia.

— A senhora vem para cá, para Manderley, continuou Favell fazendo um gesto vago com o braço, — vem, toma conta disso, é apresentada a centenas de pessoas que nunca viu antes, tem que aguentar Max com o seu temperamento caprichoso, e no entanto não dá a menor confiança a ninguém, continua a viver a seu modo. Digo francamente que acho isso extraordinário, e pouco me importo de dizê-lo a quem quer que seja. Extraordinário!

Favell cambaleou um pouco, mas endireitou-se e pôs o copo sobre a mesa. — Esta história toda foi um choque para mim, sabe? Um choque dos diabos. Rebecca era minha prima, e eu gostava muito dela.

— Sim. Sinto muito pelo senhor.

— Fomos educados juntos, e ótimos companheiros sempre. Gostando das mesmas coisas, das mesmas pessoas. Creio que ninguém no mundo gostava de Rebecca mais do que eu. E ela também gostava de mim. Tudo isso foi um choque dos infernos.

— Sim, naturalmente.

— E que vai fazer Max? É isso o que me interessa. Pensa que pode ficar quieto, agora que a farsa desse inquérito terminou? Diga-me, por favor... e Favell já não sorria, e inclinava-se para mim ao falar. Hei de cuidar que façam justiça a Rebecca, continuou ele em voz cada vez mais alta.

Suicídio... Deus Todo-Poderoso! O tonto daquele velho Horridge fez o júri declarar suicídio! Mas a senhora e eu sabemos que não foi suicídio — e ele inclinou-se ainda para mais perto de mim. Não sabemos? repetiu lentamente.

Nisto a porta se abriu e Maxim entrou, seguido de Frank.

Maxim entrou e ficou imóvel, perto da porta, olhando para Favell.

— Que diabo está fazendo aqui? Favell voltou-se para ele, com as mãos no bolso. Esperou um momento, depois começou a

sorrir.

— Max, meu velho, vim dar-lhe os parabéns pelo inquérito de hoje à tarde.— Poderá fazer o favor de deixar minha casa? disse Maxim. Ou prefere que Crawley e eu o atiremos fora? — Calma, calma, um momento! exclamou Favell, sentando-se de novo no braço do sofá e acendendo o cigarro. Não quer que Frith ouça o que vou dizer, ou quer? Pois bem, ele ouvirá — se você não fechar essa porta.

Maxim não se moveu. Vi Frank fechar a porta muito silenciosamente.

— Agora escute, Max, disse Favell. Você se saiu muito bem desse negócio todo, não é verdade? Melhor do que esperava. Oh, sim, eu estive lá também e garanto que você me viu. Estive do princípio ao fim. Vi sua senhora desmaiar num momento crítico, e não a censuro por isso. Esteve pendendo por um fio, não esteve, Max, o rumo que as coisas iam tomar? Mas felizmente para você a coisa tomou outro rumo. Você não tinha subornado aqueles idiotas que estavam servindo no júri, não é? Pareceu-me bem que sim.

Maxim fez um movimento na direção de Favell, o qual levantou a mão.

— Não pode esperar um momento? Ainda não terminei.

Você compreende Max, meu velho, que posso fazer as coisas tornarem-se más para você. Não somente desagradáveis, mas, direi mesmo, perigosas...

Sentei-me na poltrona perto da lareira, e fiquei segurando com força os braços da poltrona. Frank veio colocar-se atrás de mim. Maxim continuou imóvel, sem tirar os olhos de cima de Favell.

— De que maneira pode tornar as coisas perigosas para mim? interpelou-o secamente.

— Escute, Max. Creio que não tem segredos para sua mulher, e pela aparência das coisas vejo que Crawley completa o feliz trio. Pode-se falar com franqueza, pois é o que vou fazer. Sabe de tudo o que havia entre mim e Rebecca. Nunca o neguei, e nunca o negarei. Muito bem, então. Até hoje eu acreditava, como qualquer outro idiota, que Rebecca se afogou por acidente na baía, e que o seu corpo fora encontrado em Edgecombe semanas depois. Foi um

choque para mim naquela ocasião, um choque dos infernos. Mas eu disse a mim mesmo: "Esta é a espécie de morte que Rebecca escolheria; gostaria de morrer como viveu, lutando". Favell fez uma pausa sentado ali no braço do sofá, olhando para todos nós, um por um. E então, há poucos dias, pego o jornal e leio que o barco de Rebecca fora encontrado pelo escafandrista daqui mesmo, e que havia um corpo na cabina. Não pude compreender. Quem, em nome dos diabos, iria Rebecca levar consigo no barco? Aquilo era incompreensível. Vim até aqui, fiquei numa hospedaria perto de Kerrith. Comuniquei-me com Mrs. Danvers, e ela contou que o corpo da cabine era o de Rebecca. Mesmo assim pensei que tivesse havido um engano da primeira vez, e que Rebecca, ao descer para pegar um casaco, tivesse ficado presa na cabina. Bem, estive presente à sessão de hoje à tarde, como sabe. E tudo correu na maciota até que Tabb prestou o seu depoimento. E então, Max, meu velho, o que você tem a dizer sobre os furos nas pranchas e as válvulas completamente abertas? Maxim falou lentamente.

— Pensa que depois de todas aquelas horas de falatório hoje à tarde, vou recomeçar a discutir o assunto com você? Ouviu as testemunhas, e ouviu o veredicto. Se satisfez o juiz, há de satisfazer a você.

— Suicídio, hein? comentou Favell. Rebecca, suicidar-se! Escute, você nunca soube que eu recebi este bilhete aqui.

Guardei-o, por ser o último que ela me escreveu. Vou lê-lo agora, porque é de interesse para você.

Enquanto falava, tirou do bolso uma folha de papel em que reconheci uma certa letra fina, pontuda, inclinada.

"Tentei telefonar-lhe do apartamento, mas não tive resposta. Vou voltar imediatamente para Manderley, e estarei na cabana hoje à noite. Se receber esta a tempo, pegue o carro e venha ao meu encontro. Passarei a noite na cabana e deixarei a porta aberta para você. Tenho uma coisa para contar-lhe, e quero vê-lo o mais depressa possível. Rebecca." Favell acabou de ler e guardou a carta no bolso.

— Não é este o tipo de carta que alguém escreve antes de suicidar-se, não é verdade? Encontrei-a no apartamento quando

voltei, às quatro horas da manhã. Eu não tivera a menor ideia de que Rebecca iria a Londres aquele dia, senão teria tentado comunicar-me com ela. Por uma miserável determinação do destino aconteceu que eu fora a uma festa aquela noite. Quando li a carta, às quatro da manhã, achei que era muito tarde para vir a Manderley. Fui para a cama, decidido a telefonar quando acordasse. E telefonei. Ao meio dia. E soube então que Rebecca se afogara.

Favell ali ficou, encarando Maxim. Nenhum de nós disse coisa alguma.

— Suponhamos que o juiz tivesse lido esta carta hoje à tarde. As coisas não teriam sido tão fáceis para você, não é Max, meu velho? — E então? Por que razão não a apresentou ao juiz? — Calma, meu velho, calma. Não há razão para perder o sangue-frio. Não quero arruinar-lhe a vida, Max. Deus sabe que você nunca foi meu amigo, mas não guardo rancor. Todos os homens casados com mulheres bonitas são ciumentos, não é verdade? E alguns deles não podem deixar de representar o papel de Otelo. São feitos assim, e não os censuro. Tenho, pena deles. Sou um tanto socialista, não vejo razão para que os homens não possam repartir as esposas com outros, em vez de matá-las. Que diferença pode fazer? Continuam a desfrutá-las da mesma maneira. Uma mulher bonita não é como um pneumático; não se gasta. Quanto mais usada, melhor vai. Pronto, Max. Coloquei minhas cartas sobre a mesa. Por que não chegamos a um acordo? Não sou um homem rico. Gosto demais de jogo para chegar a ser rico.

Mas o que me atrapalha é nunca ter capital a que possa recorrer. Agora, se eu tivesse uma renda certa de duas ou três mil libras por ano, durante o resto da vida, poderia arranjar-me muito bem. E nunca mais o importunaria. Diante de Deus o juro.

— Já lhe pedi que deixasse esta casa. Não vou fazê-lo segunda vez. Há uma porta aí atrás, pode abri-la, você mesmo.

— Um minuto, Maxim. A coisa não é tão fácil como você pensa, disse Frank. E, voltando-se para Favell: Compreendo a que se refere. Acontece que você realmente poderia, como disse, torcer as coisas de maneira a torná-las desagradáveis para Maxim. Não creio que ele tenha percebido a situação tão claramente quanto eu.

Qual a quantia exata que desejaria extorquir? Vi Maxim empalidecer, e uma veia começou a pulsar na sua frente.

— Não se meta nisso, Frank, é negócio que só a mim diz respeito. Não vou ceder à chantagem.

— Não creio que sua mulher queira, ser apontada como Mrs. de Winter, a viúva de um assassino, de um sujeito que foi enforcado, disse Favell, rindo e olhando de relance para mim.

— Pensa que pode amedrontar-me, Favell? disse Maxim.

Engana-se. Não tenho medo de coisa alguma de tudo quanto possa fazer-me. Há um telefone no quarto pegado; quer que eu chame o Coronel Julyan e lhe peça que venha até aqui? Ele é um magistrado, e esta sua história há de interessar-lhe.

Favell olhou para Maxim e riu-se.

— Ótimo blefe, mas não pega, disse ele. Você não se atreveria a chamar o velho Julyan. Tenho provas suficientes para levá-lo à força, meu velho Max.

Maxim atravessou a sala lentamente e foi para o quartinho pegado. Ouvi o clique do telefone.

— Não o deixe fazer isso! pedi a Frank. Pelo amor de Deus, não o deixe.

Frank olhou para mim, e foi em passos rápidos até à porta de comunicação entre as duas salas.

Ouvi a voz de Maxim, muito calma. "Quero Kerrith 17", disse. Favell olhava para aquele lado, com uma expressão tensa na fisionomia.

— Deixe-me em paz, ouvi Maxim dizer a Frank. E depois, dois minutos mais tarde: É o Coronel Julyan? Aqui é de Winter. Sim, sim, eu sei. Poderia vir até aqui imediatamente? Sim, a Manderley. É urgente. Não posso explicar pelo telefone, mas saberá assim que chegar.

Desculpe-me incomodá-lo. Sim. Muito agradecido. Até logo. Maxim voltou para onde estávamos.

— Julyan vem imediatamente, disse ele, e atravessando o quarto foi à janela e abriu-a. Ainda estava chovendo bastante. Ficou ali de costas para nós, respirando o ar fresco da noite.

— Maxim, chamou Frank em voz abafada.

Mas Maxim não respondeu. Favell riu e pegou outro cigarro.

— Se quer ser enforcado, meu velho, isto é lá com você, disse ele e, pegando um jornal de cima da mesa atirou-se ao sofá, cruzou as pernas e começou a folhear as páginas. Frank hesitava sobre o que fazer, olhando alternadamente para mim e para Maxim. Depois veio para onde eu estava.

— Não pode fazer alguma coisa? perguntei-lhe muito baixinho. Ir ao encontro do Coronel Julyan e dizer que foi tudo um engano, impedi-lo de vir aqui? Maxim falou de onde estava, sem se voltar: — Frank não deixará esta sala. Vou liquidar isto sozinho.

O Coronel Julyan chegará dentro de dez minutos.

Nenhum de nós disse coisa nenhuma. Favell continuou a ler o jornal. O único som que se ouvia era o da chuva, insistente, firme, monótona. Eu me sentia desanimada, cansada, sem forças. Não havia o que eu pudesse fazer; o mesmo com Frank. Numa peça de teatro, ou numa fita de cinema, eu teria pegado o revólver, teríamos matado Favell, escondendo depois o seu corpo num armário. Mas ali não havia revólver, não havia armário. Não éramos personagens de ficção, e sim simples criaturas a quem não acontecem tais coisas. Eu não podia ir-me a Maxim e pedir-lhe de joelhos que desse o dinheiro a Favell.

O ruído da chuva não nos deixaria ouvir o som do carro quando entrasse no jardim. Era um ruído persistente, que abafava todos os outros sons. Só soubemos que o Coronel Julyan chegara quando Frith abriu a porta, introduzindo-o na biblioteca.

Maxim voltou-se bruscamente. — Boa noite. Veio depressa!

— Felizmente o motorista deixou o carro em ordem.

Que noite! Olhou incerto para Favell, e depois veio apertar-me a mão, cumprimentando Frank com a cabeça.

— Ainda bem que caiu a chuva, disse ele. Andou ameaçando muito tempo. Espero que esteja melhor, Mrs. de Winter.

Murmurei qualquer coisa, e ele ficou ali, olhando para um e outro, esfregando as mãos.— Deve compreender que não o chamei aqui, numa noite destas, para uma meia hora de prosa antes do jantar, disse Maxim. Este é Jack Favell, primo de minha primeira mulher.

Não sei se já se conhecem.

O Coronel Julyan inclinou a cabeça.

— Creio que sua fisionomia não me é estranha. Talvez o tenha encontrado aqui em outros tempos, — Provavelmente, disse Maxim. Pode começar, Favell.

Favell levantou-se e atirou de novo o jornal sobre a mesa.

Aqueles dez minutos pareciam tê-lo tornado de novo sóbrio e mais firme. Já não sorria. Tive a impressão de que não ficara lá muito satisfeito com o rumo que tinham tomado as coisas, e não se sentia preparado para o encontro com o Coronel Julyan.

Começou a falar em voz alta, um tanto dominadora.

— Escute, Coronel Julyan. Não adianta falar com rodeios.

O motivo que me traz aqui, é não ter eu ficado satisfeito com o veredicto de hoje à tarde.

— Oh, não? perguntou o Coronel Julyan. Não é então a de Winter que isso diz respeito e sim ao senhor? — Tenho o direito de falar, não só como primo de Rebecca, mas como seu futuro esposo, se ela tivesse vivido.

O Coronel Julyan pareceu levar um choque. — É verdade, de Winter?

Maxim sacudiu os ombros.

O Coronel Julyan olhou-nos a todos com ar de dúvida.

— Escute, Favell. Diga exatamente o que pretende.

Favell encarou-o por um instante. Vi que estava planejando qualquer coisa, mas que ainda não tinha a cabeça suficientemente clara para tanto. Enfiou vagarosamente a mão no bolso do colete e sacou a carta de Rebecca.

— Esta carta foi escrita poucas horas antes de Rebecca ter partido para aquele passeio, com a suposta intenção de se matar. Aqui está. Quero que a leia, e me diga se uma mulher que escreve isto poderá suicidar-se.

O Coronel Julyan puxou os óculos e começou a ler. Por fim devolveu a carta a Favell.

— Não. Pensando bem, acho que não. Mas não sei a que se refere o bilhete. Talvez o senhor possa informar. Ou talvez de Winter?...

Maxim nada disse. Favell enrolava o papel na mão, olhando todo o tempo para o Coronel Julyan.

— Minha prima marcou encontro naquela noite, não é verdade? E pediu claramente que viesse a Manderley porque tinha algo a me contar. O que era, nunca o saberemos com certeza, mas não vem ao caso. Combinou a entrevista, disse que passaria a noite na cabana para me ver a sós. O fato de ter saído no barco não me surpreendeu. Era o que costumava fazer, por uma ou duas horas, depois de ter passado um dia cansativo em Londres. Mas abrir furos na cabine do barco, e se afogar deliberadamente — conduta de uma criatura histérica, impulsiva, neurótica — ah, não! Não, Coronel Julyan, em nome de todos os deuses, não!

A cor voltara ao rosto de Favell; suas últimas palavras saíram quase gritadas.

Aquelas maneiras não o ajudavam; pude ver, pela linha fina e comprida da boca do Coronel Julyan, que Favell não lhe causava boa impressão.

— Meu caro senhor, não adianta exaltar-se comigo. Não fui eu que presidi o inquérito hoje, e não fiz parte do júri que deu o veredicto. Sou apenas um magistrado do distrito. Naturalmente quero ajudá-lo na medida de minhas forças, e ajudar a de Winter também. Diz o senhor que se recusa a acreditar que sua prima se tenha suicidado, e por outro lado ouviu, como todos nós, as declarações de Tabb. As válvulas tinham sido abertas, os furos lá estavam também. Muito bem. É melhor chegarmos ao que interessa. O que acha que realmente aconteceu?

Favell virou a cabeça e olhou vagarosamente para o lado de Maxim. Ainda continuava enrolando a carta nos dedos.

— Rebecca nunca abriu aquelas válvulas, nem fez os furos nas pranchas. Rebecca nunca se suicidou. O senhor pediu a minha opinião, e, por Deus, a terá! Rebecca foi assassinada. E se quer saber quem é o assassino veja, ali está ele perto da janela, com aquele superior sorriso do inferno no rosto! Nem mesmo pôde esperar que se passasse um ano para casar-se com a primeira mulher que viu. Ali está ele, ali está o assassino de Rebecca — Mr.

Maximilian de Winter. Olhe para ele. Ficaria muito bem numa forca, não acha?

E Favell começou a rir, num gargalhar de bêbedo — estridente, forçado, idiota, sempre enrolando nos dedos a carta de Rebecca.

## 24

**BENDITO SEJA DEUS** pelo riso de Favell. Bendito seja Deus por aquele dedo apontado, aquele rosto rubro, aqueles olhos convulsionados. Bendito seja Deus pela maneira como ele cambaleou, porque aquilo fez o Coronel Julyan colocar-se do nosso lado. Vi a expressão de desprezo em seus olhos, o movimento rápido dos seus lábios. O Coronel Julyan não acreditou em Favell. O Coronel Julyan estava do nosso lado.

— Este homem está bêbedo, disse ele. — Não sabe o que diz.

— Estou bêbedo, estou? berrou Favell. Oh, não, meu elegante amigo. O senhor pode ser um magistrado, e um coronel ainda por cima; isso não me impressiona. A lei está comigo e vou aproveitar-me da circunstância. Há outros magistrados além do senhor, neste país dos infernos. Sujeitos com miolo na cabeça, que compreendem o significado da justiça. Não soldados que foram despedidos há anos por incompetência, e andam por aí a exibirem no peito medalhas de latão. Max de Winter matou Rebecca, é o que hei de provar.

— Espere um momento, Mr. Favell, disse o Coronel Julyan. Esteve presente ao inquérito desta tarde, não esteve? Lembro-me agora de o ter visto lá. Se ficou tão indignado com a sentença, por que não protestou na hora, não levou sua queixa ao juiz e aos jurados? Por que não apresentou essa carta? Favell olhou para ele e riu-se.

— Por quê? Porque não quis, e basta! Preferi vir procurar de Winter pessoalmente.

— Por isso é que lhe telefonei, Coronel, disse então Maxim, adiantando-se. Já ouvimos esta acusação da boca de Favell, e eu lhe fiz a mesma pergunta: por que não deu parte de suas suspeitas ao juiz? Respondeu-me que não era um homem rico, e não mais me aborreceria se eu lhe garantisse uma renda vitalícia de duas ou três mil libras por ano. Frank e minha mulher estavam presentes; poderão confirmar o que digo.

— É verdade, disse Frank. Trata-se pura e simplesmente duma chantagem.

— Sim, está claro, disse o Coronel Julyan. Só que a chantagem não é coisa lícita, nem simples, tampouco. Pode trazer aborrecimentos a muita gente, mesmo que o chantagista se veja numa cela ao fim de alguma semanas. E algumas vezes pessoas inocentes também vão parar na prisão. E é o que queremos evitar, no presente caso. Não sei se está suficientemente sóbrio, Favell, para responder às minhas perguntas; e se se abster de referências a pessoas que não vêm ao caso, poderemos chegar mais depressa ao fim da questão. Acaba de fazer uma acusação grave contra de Winter. Tem alguma prova para sustentar essa acusação?

— Provas? Por que diabo serão precisas provas? Aqueles buracos no barco não são prova suficiente? — Claro que não; a não ser que possa apresentar urna testemunha que o tenha visto fazer esses furos. Onde está a sua testemunha?

— A testemunha que vá para os infernos! Claro que foi de Winter. Quem mais poderia ter matado Rebecca?

— Kerrith tem uma grande população; por que não vai de porta em porta perguntar? Eu mesmo poderia tê-lo feito, E parece que o senhor não tem mais prova contra de Winter do que contra mim.

— Oh, estou percebendo, disse Favell. O senhor vai dar-lhe mão forte neste negócio. Vai pôr-se do lado de Winter.

Não o abandonará, porque jantou em casa dele, e ele jantou na sua. De Winter é um nome importante aqui. Trata-se do proprietário de Manderley, não é, seu idiota do inferno! — Cuidado, Favell, cuidado.

— Pensa que pode passar-me a perna? Julga que não tenho o que apresentar numa corte de justiça? Arranjarei provas, pode ficar descansado. Digo-lhe que de Winter matou Rebecca por minha causa, porque eu era seu amante, e ele tinha ciúmes. Ciúmes loucos. Sabia que ela estava esperando por mim na cabana da praia, e desceu até lá aquela noite, matou-a. Depois levou o corpo para o barco, e afundou o barco na baía.

— Uma história muito inteligente, Favell, até certo ponto.

Mas repito mais uma vez que não tem provas. Apresente uma testemunha, e começarei a levá-lo a sério. Conheço a cabana da praia. Um lugar para piqueniques, não é isso? Mrs. de Winter costumava lá guardar os apetrechos do barco. Se houvesse mais cinquenta bangalôs na vizinhança, talvez isso ajudasse a sua história, porque haveria a probabilidade de alguém ter visto alguma coisa.

— Fique firme, fique firme... disse Favell lentamente. Há uma probabilidade e vale a pena verificar. Que diria se eu apresentasse uma testemunha? O Coronel Julyan sacudiu os ombros. Vi Frank olhar para Maxim com ar interrogativo. Maxim nada disse; estava observando Favell. E de repente percebi a quem o homem se referia. Num momento de medo e horror, vi que ele tinha razão. Houvera uma testemunha aquela noite. Frases deslocadas voltaram-me à memória, palavras que eu não compreendera, que julgara serem divagações de uma pobre mente doentia. "Ela está lá, não está? E nunca mais voltará." "Eu não disse nada a ninguém." "Eles não a encontrarão, não é? Os peixes a terão comido, não é verdade?" "Ela não voltará mais." Ben sabia. Ben vira. Ben, aquele pobre mentecapto que vivia pelas praias, testemunhara tudo.

Estivera escondido nos bosques aquela noite, vira Maxim tirar o barco do pequeno ancoradouro e voltar sozinho na canoa. Senti que toda a cor fugia do meu rosto, e encostei-me desalentada no espaldar da cadeira.

— Existe aqui um rapaz abobado, que passa a maior parte do tempo na praia, disse Favell. Estava sempre por ali quando eu ia encontrar Rebecca, e eu o vi muitas vezes. Costumava dormir nos bosques ou na praia, nas noites quentes. O rapaz é amalucado, e

nunca se apresentaria espontaneamente. Mas creio que eu poderia fazê-lo falar, caso ele tenha visto alguma coisa aquela noite. E há certamente uma probabilidade de que tenha visto.

— Quem é essa pessoa? perguntou o Coronel Julyan.

— Deve estar-se referindo a Ben, disse Frank lançando outro olhar para o lado de Maxim. Filho de um dos nossos inquilinos, mas o rapaz não é responsável pelo que diz ou faz. Sempre foi abobado, desde que nasceu.

— Que raio de importância tem isso? perguntou Favell.

Ele tem olhos, não tem? Sabe muito bem o que vê, e basta responder sim ou não. Estão ficando com a pulga atrás da orelha, não é verdade? Perdendo a confiança, não é? — Seria possível chamar este indivíduo aqui para ser interrogado? perguntou o Coronel Julyan.

— Certamente. Frank, diga a Robert que dê um pulo à casa de Ben e o traga aqui.

Frank hesitou. Vi que me olhava de soslaio.

— Vá, pelo amor de Deus, disse Maxim. Precisamos acabar com isto.

Frank saiu do quarto, e eu comecei a sentir de novo aquela dor esquisita abaixo do coração.

Dentro de poucos minutos Frank reapareceu.

— Robert levou o carro; se Ben estiver em casa não demorará dez minutos.

— Não terá saído, por causa da chuva; podem estar descansados que virá, disse Favell — e riu-se, olhando para Maxim. Ainda tinha o rosto rubro, e a excitação fizera-o transpirar; gotas espessas corriam-lhe pela frente. Notei como o seu pescoço se dobrava sobre o colarinho, e como as orelhas ficavam bem baixas na cabeça. Aquela sua vistosa e exuberante beleza não duraria muito tempo. Já andava ofegante. Acendeu mais um cigarro.

— São como um sindicato, vocês aqui em Manderley.

Ninguém quer trair o outro. Até mesmo o magistrado da cidade faz parte da panelinha. Devemos excluir a recém-casada, é claro. A esposa não pode depor contra o marido.

Crawley, está visto que foi subornado; sabe que perderia o emprego se dissesse a verdade. E não duvido muito que em seu coração haja uma pontinha de rancor contra mim. Você não teve muito sucesso com Rebecca, meu Crawley? Não conseguiu lá grande coisa, hein? Vai ser um pouco mais fácil agora, não é verdade? A recém-casada ficará agradecida pelo apoio dos seus braços fraternais, todas as vezes que desmaiar.

Quando ouvir o juiz sentenciar o marido à morte, esses seus braços virão bem a propósito.

Aconteceu tudo muito rapidamente. Rápido demais para que eu pudesse ver como Maxim agiu. Mas vi Favell cambalear, ir bater de encontro ao sofá e estender-se ao chão. Senti uma vertigem. Havia algo de degradante no fato de Maxim ter agredido Favell. Eu preferia não ter sabido, não ter estado ali. O Coronel Julyan nada disse. A expressão do seu rosto era sombria, taciturna. Virou as costas a ambos e veio para mim.

— Acho melhor subir, minha senhora, disse-me em voz tranquila.

Sacudi a cabeça, murmurando: — Não, não.

Favell levantou-se vagarosamente. Sentou-se pesadamente no sofá, passou o lenço pela testa.

— Arranje-me um drinque, pediu. Um drinque! Maxim olhou para Frank. Frank saiu do quarto. Nenhum de nós disse uma palavra. Pouco depois voltou Frank com uísque e soda numa bandeja. Preparou a bebida num copo, e deu-o a Favell, que bebeu avidamente, como um animal.

Havia qualquer coisa de sensual e horrível na sua maneira de beber, fechando os lábios sobre as bordas do copo dum modo peculiar. No ponto onde o punho de Maxim o atingira formara-se uma mancha vermelho-escura. Maxim voltara para a janela. Olhando de relance para o Coronel Julyan, vi que ele examinava Maxim com olhar curioso, atento. Meu coração começou a bater mais depressa. Por que estaria a observá-lo daquele jeito? Felizmente Maxim, que estava olhando para fora, não percebeu aquele olhar. Som contínuo, monótono, da chuva pesada e forte. Ingerido o uísque, Favell colocou o copo sobre a mesa ao lado do

sofá. Estava com a respiração ofegante; não olhava para nenhum de nós, sim para o soalho a sua frente.

O telefone tocou na sala pegada. Frank foi atender; voltou quase imediatamente e olhou para o Coronel Julyan.

— É sua filha, que deseja saber se o senhor quer que o esperem para o jantar.

O Coronel Julyan teve um gesto impaciente.

— Diga-lhes que jantem, que não sei quando voltarei.

Olhou para o relógio; resmungou: imaginem, tocar para isso! Que momento escolheram.

Frank saiu para dar o recado, e eu pensei na moça do outro lado da linha. Aquela que jogava golfe, com certeza. Eu quase podia vê-la, voltando-se para a irmã: "Papai diz que podemos jantar. O que estará fazendo a estas horas? O bife vai ficar duro como pedra". A rotina de sua vida quebrada por nossa causa. Todos esses fios prendendo-se uns aos outros, porque Maxim matara Rebecca. Olhei para Frank. Estava pálido, com uma expressão grave na fisionomia.

— Ouvi Robert entrar com o carro, disse ele. Aquela janela dá para a entrada do automóvel.

Disse e saiu para o hall. Favell ergueu a cabeça, ficou olhando para a porta, com um sorriso estranho, mau, a contorcer-lhe os lábios.

A porta abriu-se e Frank entrou. Virou-se depois para alguém que ficara no hall.

— Não tenha medo, Ben, Mr. de Winter quer dar-lhe uns cigarros. Entre, não tenha medo.

Ben entrou desajeitadamente na sala. Trazia na mão a capa de borracha, e achei-o esquisito, assim sem chapéu. Pela primeira vez notei que tinha a cabeça completamente rapada.

Achei-o diferente, assustador.

A luz pareceu ofuscá-lo. Ben olhou tontamente à volta da sala, piscando os olhinhos pequenos. Viu-me, e esbocei-lhe um sorrisinho fraco, trêmulo. Não sei se me reconheceu ou não. Apenas piscou os olhos. Favell aproximou-se dele.

— Olá! Como vai indo, desde a última vez que nos encontramos? Ben encarou-o, sem dar mostras de reconhecê-lo, e continuou em silêncio.

— E então? Sabe quem eu sou, não sabe? perguntou Favell. Ben continuou a torcer o capuz da capa de borracha.

— Eh? exclamou.

— Tome um cigarro — e Favell apresentou-lhe a cigarreira. Ben olhou para Maxim e Frank.

— Está certo, tire quantos quiser, disse Maxim.

Ben tirou quatro, pondo dois atrás de cada orelha. Depois continuou a revirar o capuz nas mãos.

— Sabe quem eu sou, não sabe? tornou a perguntar Favell.

Ben não respondeu. O Coronel Julyan aproximou-se então.

— Você vai voltar para casa dentro de poucos minutos, Ben. Ninguém lhe vai fazer mal, queremos apenas que responda a uma ou duas perguntas. Conhece Mr. Favell, este homem aqui? Desta vez Ben sacudiu a cabeça.

— Nunca vi esse homem, respondeu.

— Não seja idiota! gritou Favell com brutalidade. Sabe muito bem que me viu antes. Viu-me indo para a cabana da praia, a cabana de Mrs. de Winter. Viu-me lá ou não viu? — Não, disse Ben. Nunca vi ninguém.

— Seu mentiroso do inferno! Tem coragem de ficar aí e dizer que nunca me viu o ano passado, andando pelos bosques com Mrs. de Winter, indo até a cabana? Não o pegamos então uma vez espiando pela janela? — Eh? exclamou de novo Ben.

— Uma testemunha muito convincente, comentou o Coronel Julyan sarcasticamente.

Favell virou-se bruscamente para o Coronel: — Isso é negócio combinado! Alguém procurou este idiota e subornou-o também. Afirmando que me viu dezenas de vezes. Olhe aqui, Ben. Isto não o faz lembrar-se? e Favell tirou do bolso uma nota de uma libra, que exibiu à frente de Ben. Lembra-se agora? Ben sacudiu a cabeça.

— Nunca vi este homem, repetiu. E depois pegou no braço de Frank. Ele veio para me levar ao hospício? — Não, claro que não, Ben.

— Não quero ir para o hospício. São malvados lá, quero ficar em casa. Não fiz nada, não fiz nada...

— Está certo, Ben, disse o Coronel Julyan. Ninguém vai mandá-lo para o hospício. Tem certeza de que nunca viu este homem? — Nunca vi, repetiu Ben.

— Lembra-se de Mrs. de Winter, não se lembra? perguntou o Coronel Julyan. Ben olhou indeciso para mim.

— Não esta senhora, não. A outra, a que costumava ir para a cabana.

— Eh? — Lembra-se da senhora que tinha o barro? Ben piscou os olhos e disse: — Ela foi embora.

— Sim, sabemos disso. Costumava sair no barco, não é? Você estava na praia quando ela foi pela última vez? Naquela noite, há doze meses mais ou menos, quando não voltou mais? Ben recomeçou a enrolar o capuz nas mãos. Olhou para Frank, e depois para Maxim.

— Eh? — Você estava lá, não estava? disse Favell, inclinándose para ele. Viu Mrs. de Winter ir para a cabana, e logo depois Mr. de Winter seguir atrás dela. Que aconteceu então? Vamos, que aconteceu? Ben encolheu-se contra a parede.

— Não vi nada. Quero ficar em casa, não quero ir para o hospício. Nunca vi nem o senhor nem ela nos bosques — e o coitado começou a choramingar como criança.

— Seu rato do inferno! gritou Favell. Rato idiota do inferno! Ben enxugava os olhos na manga, do casaco.

— Parece que a sua testemunha não o ajudou muito, disse o Coronel Julyan a Favell. A comédia só nos fez perder tempo. Há mais alguma pergunta que queira fazer-lhe? — É uma conspiração, gritou Favell. Uma conspiração contra mim. Estão todos combinados, todos. Alguém pagou este idiota, é o que digo. Foi pago para dizer esta série de mentiras.

— Creio que Ben pode retirar-se, disse o Coronel Julyan.

— Pode ir, Ben; Robert o levará para casa, disse Maxim.

E ninguém vai mandá-lo para o hospício, não tenha medo.

Diga a Robert que lhe dê qualquer coisa na cozinha, acrescentou Maxim virando-se para Frank. Carne fria, ou o que ele

queira comer.

— Pagamento de serviços prestados, hein? rosnou Favell. Fez um bom trabalhinho para você, o idiota...

Frank levou Ben para fora da sala. O Coronel Julyan olhou então para Maxim e disse: — Estive observando-o; estava com um medo terrível, e tremia como varas verdes. Nunca foi maltratado? — Não. É completamente inofensivo, e sempre deixei que andasse pela propriedade toda com a máxima liberdade.

— Fizeram-lhe medo alguma vez. Estava mostrando o branco dos olhos, como um cachorro que sabe que vai apanhar.

— E por que não experimentou esse método? perguntou Favell. É o que lhe deviam ter feito, e então talvez se lembrasse de que me conhecia. Mas não; em vez disso vai ganhar um bom jantar pelo serviço prestado.

— Ben não foi grande auxílio para o seu caso, disse o Coronel Julyan. Ainda estamos no mesmo ponto. Não pode apresentar a menor prova contra de Winter, e sabe muito bem disso. O motivo que deu não teria valor algum, e sua acusação não se aguentaria um minuto, Favell, numa corte de justiça.

Diz que iria ser o futuro esposo de Mrs. de Winter, e que tinha ela encontros na cabana. Até mesmo o pobre idiota que saiu desta sala jura que nunca o viu. Nem mesmo pode provar a sua própria história.

— Ah, não posso? gritou Favell — e a sorrir atravessou a sala e foi tocar a campainha.

— Que está fazendo? perguntou o Coronel Julyan.

— Espere um momento e verá.

Eu já lhe adivinhara a intenção.

Foi Frith quem atendeu.

— Peça a Mrs. Danvers que venha até aqui, disse Favell.

Frith olhou para Maxim, que fez um sinal de assentimento com a cabeça.

— Mrs. Danvers não é a governanta? perguntou o Coronel Julyan depois que Frith partiu.

— Era também amiga íntima de Rebecca, disse Favell.

Viveu em sua casa muitos anos, antes de Rebecca se casar; quase que a criou, para falar a verdade. Vai achar Danny uma testemunha muito diferente de Ben.

Frank voltou neste momento.

— Mandou Ben para casa? perguntou Favell. Deu-lhe um bom jantar e um tapinha no ombro, dizendo-lhe que era um bom rapaz? Ah, mas desta vez não vai ser tão fácil para o sindicato! Frank lançou um olhar rápido para Maxim, o que não passou despercebido ao Coronel Julyan. Vi os lábios deste se contraírem. Não gostei daquilo. Decididamente não gostei. E comecei a roer as unhas.

Ficamos todos a esperar, com os olhos pregados na porta.

Poucos minutos depois Mrs. Danvers entrou na sala. Talvez por que sempre a tivesse visto sozinha, e ao meu lado ela parecia alta e magra, achei-a agora emurchecida, envelhecida.

Ficou parada à porta, com as mãos cruzadas à frente, olhando ora para um, ora para outro.

— Boa noite, Mrs. Danvers, saudou o Coronel Julyan.

— Boa noite, senhor.

Sua voz era aquela voz morta, mecânica, que eu tantas vezes lhe ouvira.

— Em primeiro lugar, Mrs. Danvers, desejo fazer-lhe uma pergunta. Tinha conhecimento das relações que havia entre a falecida Mrs. de Winter e Mr. Favell aqui presente? — Eram primos-irmãos.

— Não estou falando de relações de parentesco, Mrs. Danvers. Refiro-me a coisa mais íntima.

— Creio que não o compreendo, senhor.

— Oh, deixe-se de história, Danny! disse Favell. Sabe perfeitamente aonde ele quer chegar. Eu já contei ao Coronel Julyan, e ele não pareceu acreditar. Rebecca e eu vivíamos juntos, há anos, não vivíamos? Ela me amava, não é verdade? Vi com surpresa que Mrs. Danvers o observou por um momento antes de falar, e que havia uma sombra de desprezo no olhar que lhe lançou.

— Claro que não, respondeu.

— Escute aqui, velha idiota... começou Favell, mas Mrs. Danvers interrompeu-o bruscamente.

— Não o amava, e nem a Mr. de Winter, e nem a ninguém. Rebecca desprezava todos os homens. Estava acima de tudo isso. Um rubor encolerizado subiu às faces de Favell.

— Escute aqui. Não vinha ela, então, todas as noites, pelo caminho do bosque, encontrar-se comigo? Não ficava você acordada à sua espera? Não vinha ela passar os weekends comigo em Londres? — E então, que tem isso? exclamou Mrs. Danvers com súbito ardor. Tinha o direito de divertir-se. O amor era um jogo para ela, um jogo, apenas. Foi o que me disse muitas vezes. E prestava-se a isso para divertir-se, para rir. Para rir, digo-lhe eu. E ria do senhor como dos outros. Lembro-me de tê-la visto, ao voltar, sentar-se na cama, e rir até não poder mais de todo o bando! Havia qualquer coisa de horroroso naquela súbita torrente de palavras — de horroroso e inesperado. Aquilo me revoltou, embora não fosse novidade para mim. Maxim fez-se pálido.

Favell encarou-a com ar atônito, como se não tivesse compreendido bem. O Coronel Julyan começou a puxar com força o bigode. Ninguém disse coisa alguma durante alguns minutos; não se ouvia na sala outro som a não ser o da chuva lá fora, que ainda continuava a cair com força. Súbito Mrs.

Danvers começou a chorar, a chorar como naquela manhã no quarto de Rebecca. Virei o rosto por não poder olhar para ela.

Ninguém dizia palavra. Apenas dois sons na sala: o choro de Mrs. Danvers e o ruído da chuva. Tive vontade de gritar. Tive vontade de sair da sala gritando, gritando.

Ninguém fez um movimento para ajudá-la ou consolá-la. Depois, ao fim do que parecia uma eternidade, Mrs. Danvers conseguiu dominar-se, e pouco a pouco parou de chorar. Ficou imóvel, de rosto transtornado, com as mãos agarradas à fazenda negra do vestido. Ficou quieta afinal, e o Coronel Julyan falou-lhe em voz serena, lenta:— Mrs. Danvers, não pode pensar em uma razão, por menos plausível que seja, que pudesse levar Mrs. de Winter a atentar contra a própria vida? Mrs. Danvers teve um sobressalto, e continuou com as mãos agarradas ao vestido.

— Não, disse sacudindo a cabeça. Não.

— Vê? disse Favell vivamente. Seria impossível, e Danny tem disso tanta certeza quanto eu, Foi o que eu lhes disse.

— Cale-se, ordenou o Coronel Julyan. Dê a Mrs.

Danvers tempo para pensar. Concordamos todos que à primeira vista parece uma coisa absurda, fora de discussão.

Não estou negando a autenticidade do bilhete que recebeu.

Qualquer de nós pode lê-lo. Ela escreveu-o durante as horas em que estive em Londres, e disse que tinha uma coisa para contar-lhe. É possível que, se soubéssemos que coisa era essa, viéssemos a descobrir a chave do terrível problema. Deixe que Mrs. Danvers leia a carta. Talvez consiga clarear a situação.

Favell encolheu os ombros, mas tirou o bilhete do bolso e atirou-o aos pés de Mrs. Danvers. Ela abaixou-se e apanhou-o.

Vimos os seus lábios moverem-se enquanto lia. Depois leu uma segunda vez — e sacudiu a cabeça.

— Não esclarece nada, disse ela. Não sei a que se referia.

Se tivesse alguma coisa importante a dizer a Mr. Favell, teria me contado primeiro.

— Não a viu naquela noite? — Não, eu estava fora, tinha ido passar a tarde em Kerrith. Nunca me perdoarei por isso. Nunca, até o dia de minha morte.

— Então não sabe o que sua ama tinha em mente? Não pode pensar em uma explicação para essas palavras: Tenho uma coisa para contar-lhe? — Não, absolutamente nenhuma.

— Alguém sabe por acaso o que ela foi fazer em Londres naquele dia? Ninguém respondeu. Maxim sacudiu a cabeça. Favell blasfemou por entre os dentes e disse: — Escutem aqui. O porteiro viu Rebecca deixar este bilhete no meu apartamento às três horas da tarde. Em seguida ela deve ter vindo diretamente para cá — e precisava ter corrido como um raio.

— Mrs. de Winter tinha hora marcada no cabeleireiro, do meio-dia à uma e meia, disse Mrs. Danvers. Lembro-me, porque fui eu mesma que pedi pelo telefone. Do meio-dia à uma e meia. Sempre almoçava no seu clube depois que ia ao cabeleireiro, porque podia deixar os grampos na cabeça. É quase certo ter almoçado lá naquele dia.

— Digamos que tenha levado meia hora para almoçar: o que terá feito entre duas e três horas? É o que precisamos verificar, disse o Coronel Julyan.

— Oh, por Jesus Cristo! Quem se incomoda lá que diabo estava ela fazendo? berrou Favell. Ela não se matou — é esse o único raio de coisa que interessa, não é? — Tenho o seu caderno de notas no meu quarto, disse Mrs. Danvers vagarosamente. Todas as suas coisas estão guardadas comigo, pois Mrs. de Winter nunca mais pediu. É possível que ela tenha anotado o que ia fazer aquele dia, pois era muito metódica nesses pormenores. Costumava marcar tudo, e riscar depois a lápis o que já fizera. Se acham que possa adiantar, irei buscar o caderno.

— E então, de Winter, que nos diz a isso? Importa-se que vejamos esse livro de apontamentos? perguntou o Coronel Julyan.

— Claro que não.

Mais uma vez vi o Coronel Julyan lançar-lhe aquele olhar rápido, curioso. E desta vez também Frank o notou. Vi Frank olhar para Maxim, e depois para mim. Levantei-me e fui para perto da janela. A chuva ia amainando. A luz acinzentada do anoitecer tomara conta de todo o céu. O gramado estava escuro e encharcado, e as árvores tinham aparência desanimada e triste. Ouvei uma das empregadas fechar as janelas em cima. A rotina de sempre, inevitável, que não se interrompia nunca. Cortinas cerradas, sapatos levados para a limpeza, a toalha estendida na cadeira do banheiro, torneira aberta para o meu banho. Camas preparadas para a noite, chinelos colocados sob a cadeira. E ali estávamos nós na biblioteca, sem nada dizer, sabendo, no íntimo dos nossos corações, que Maxim estava passando por uma prova da qual dependia sua vida.

Voltei-me quando ouvi o rumor à porta. Mrs. Danvers voltava com o caderno.— Acertei, disse ela em voz baixa. Mrs. de Winter marcou o que tinha a fazer em Londres, como eu disse. Aqui estão os apontamentos do dia em que morreu.

Abriu um pequeno livro vermelho e deu-o ao Coronel Julyan, que mais uma vez tirou os óculos da caixa. Houve uma longa pausa enquanto ele o examinava — e pareceu-me o pior momento da

noite, aquele em que o juiz examinou o caderno de notas de Rebecca.

Enfiei as unhas nas palmas das mãos, sem poder olhar para Maxim. Impossível que o Coronel Julyan não percebesse as descompassadas batidas do meu coração dentro do peito.

— Ah! disse ele afinal, parando com o dedo no meio da página.

"Alguma coisa vai acontecer" pensei eu. "Vai acontecer alguma coisa horrível." — Sim, sim, está aqui. Cabeleireiro ao meio-dia, como disse Mrs. Danvers. E uma cruz ao lado. Quer dizer que estive lá. Almoço no clube. Outra cruz. Que será isto?!...

Baker, duas horas. Quem era Baker? Olhou com ar interrogativo para Maxim, que sacudiu a cabeça. Depois para Mrs. Danvers.

— Baker? repetiu Mrs. Danvers. Ela não conhecia ninguém que se chamasse Baker. Nunca ouvi este nome antes.

— Bem, mas está aqui, disse o Coronel Julyan apresentando-lhe o caderno. Pode verificar por si mesma.

Baker. E ela fez uma grande cruz à margem, como se quisesse quebrar o lápis. É evidente que viu esse Baker, seja lá ele quem for.

Mrs. Danvers fitava o nome escrito no caderno, com a cruz ao lado.

— Baker, repetia, ela. Baker...

— Se soubéssemos quem é esse Baker talvez chegássemos logo ao fim da história, disse o Coronel Julyan.

Não andaria ela "na garra dos agiotas? Mrs. Danvers fitou-o com escárnio.

— Mrs. de Winter?! Era só o que faltava! — De chantagistas, então? continuou o Coronel olhando de relance para Favell. Mrs. Danvers apenas sacudiu a cabeça, repetindo: — Baker... Baker...

— Não tinha algum inimigo, alguém que a tivesse ameaçado e a quem ela temesse?

— Mrs. de Winter com medo? Ela não tinha medo de nada nem de ninguém. Só havia uma coisa no mundo que a preocupava:

o pensamento da velhice, de ficar doente, de morrer deitada numa cama. Foi o que me falou muitas vezes.

"Quando eu morrer, Danny, quero que seja depressa, como uma vela que se apaga ao sopro do vento." Esse foi o meu único consolo depois de sua morte. Dizem que uma pessoa não sofre quando morre afogada, não é? Olhou para o Coronel Julyan com ar perscrutador, o qual ficou hesitante, retorcendo o bigode. Vi-o olhar mais de uma vez para o lado de Maxim.

— Para que diabo serve tudo isso? perguntou Favell adiantando-se. Estamos nos afastando do que interessa.

Quem se importa lá com esse indivíduo chamado Baker? Que tem ele que ver com a história toda? Era com certeza algum negociante idiota que vendia meias ou cremes para o rosto. Se fosse alguém de importância Danny saberia; Rebecca não tinha segredos para Danny.

Mas eu estava observando Mrs. Danvers, que folheava as páginas do caderno de apontamentos. De repente deixou escapar uma exclamação.

— Há mais alguma coisa aqui. Bem no fim, entre os telefones, está "Baker" e um número ao lado: 0488. Mas não diz a estação.

— Brilhante, Danny! Virando detetive no fim da vida, hein? Mas você está doze meses atrasada. Se tivesse feito isso há um ano, talvez adiantasse alguma coisa.

— É realmente o número dele, disse o Coronel Julyan.

Aqui está 0488 e "Baker" ao lado. Por que não terá posto a estação? — Experimente todas as estações de Londres, zombou Favell. Levará a noite toda, mas não faz mal. Para Max é indiferente que a conta do telefone suba a cem libras, não é verdade, Max? Quer ganhar tempo, e o mesmo se daria comigo, se estivesse em tão maus lençóis.— Há aqui uma marca ao lado, que pode significar qualquer coisa. Veja, Mrs. Danvers. Talvez seja um M...

Mrs. Danvers tomou de novo o caderno das mãos do Coronel Julyan e examinou-o.

— Não é o seu M habitual, mas podia ter sido escrito às pressas. Sim, é possível que seja um M.

— Mayfair 0488, concluiu Favell. Que gênio, que brilhantismo! Maxim acendeu o seu primeiro cigarro e ordenou a Frank: — Peça Interurbano e ligue com Mayfair 0488.

A dorzinha pertinaz tornou-se intolerável, ali bem embaixo do meu coração. Fiquei imóvel, com as mãos caídas dos lados. Maxim não olhou para mim.

Frank foi ao quartinho além da biblioteca. Esperamos alguns instantes. Por fim reapareceu.

— Já pedi a ligação, disse ele em voz baixa. O Coronel Julyan cruzou as mãos atrás das costas, e começou a passear pela sala. Ninguém disse coisa alguma. Dali a quatro minutos mais ou menos o telefone começou a tocar, um chamado agudo, insistente, irritante e monótono como são sempre os chamados interurbanos. Frank foi atender. "É Mayfair 0488? Pode informar-me se mora aí alguém com o nome de Baker? Oh, sim. Desculpe-me. Com certeza é ligação errada. Muito obrigado." O clique do fone posto no lugar. Frank voltou para o grupo.

— A pessoa do Mayfair 0488 chama-se Lady Eastleigh.

É o telefone de uma casa em Grovenor Street, onde nunca ouviram falar em Baker.

Favell deixou escapar uma gargalhada.

— E então, Sherlock Holmes? Qual o número seguinte na lista? — Experimente outra estação com M — Museum, sugeriu Mrs. Danvers.

Frank olhou para Maxim.

— Vá, disse Maxim.

A farsa foi repetida de novo. O Coronel Julyan recomeçou a passeata. Mais cinco minutos se passaram; o telefone tocou de novo e Frank foi atender. Deixou a porta aberta, e vi-o inclinar-se sobre a mesa onde estava o aparelho.

— Alô? Museum 0488? Pode informar-me se aí mora uma pessoa de nome Baker? Oh! Quem está falando? O porteiro. Sim, sim, compreendo. Pode dar-me o endereço? Sim, é muito importante. Frank fez uma pausa e virou-se para nós: — Creio que o achamos.

"Oh, Deus, fazei com que não seja verdade! Não deixeis que encontrem Baker. Fazei que tenha morrido, por favor, oh, Deus, por favor." Eu sabia quem era Baker. Eu soubera desde o princípio. Olhei Frank pela porta, vi-o inclinar-se, pegar um lápis e um papel.

— Alô? Sim, estou esperando. Quer fazer o favor de soletrar? Obrigado. Boa noite.

Voltou para a biblioteca trazendo o endereço. Frank, que amava Maxim, não sabia se aquele pedaço de papel que tinha nas mãos significava morte ou vida.

— Foi o porteiro de uma casa em Bloomsbury quem atendeu. Não havia lá ninguém. O apartamento é usado durante o dia para consultório médico. Parece que Baker abandonou a carreira há uns seis meses mais ou menos, mas podemos encontrá-lo, pois o porteiro me deu o novo endereço.

Está anotado aqui neste papel.



**FOI AÍ QUE MAXIM** olhou para mim. Olhou para mim pela primeira vez aquela noite. E eu li nos seus olhos uma mensagem de adeus. Como se ele estivesse no tombadilho de um navio, e eu lá embaixo, no cais. Haveria outras pessoas esbarrando nos ombros dele. e nos meus, mas não as veríamos. Nem falaríamos tampouco um com o outro, nem chamaríamos pelos nossos nomes, porque a distância e o vento levariam para longe o som de nossas vozes.

Mas eu veria os seus olhos, e ele adivinharia a expressão dos meus, quando a embarcação se afastasse do cais onde eu me achava. Favell, Mrs. Danvers, o Coronel Julyan, Frank com a folha de papel na mão, foram todos esquecidos nesse momento. Momento só nosso, intangível e inviolável, uma fração do tempo suspensa entre dois segundos. E então ele se voltou para Frank e estendeu a mão.

— Muito bem. Qual é o endereço? — Perto de Barnet, ao norte de Londres, disse Frank dando-lhe o papel. Mas não tem telefone, não podemos chamá-lo.

— Bravos a Crawley! disse o Coronel Julyan. E para a senhora também, Mrs. Danvers. Pode dar-nos algum esclarecimento agora? Mrs. Danvers sacudiu a cabeça.

— Mrs. de Winter nunca precisou de médico.

Desprezava-os, como todas as pessoas que têm muita saúde.

Só chamamos o Dr. Phillips uma vez que ela torceu o pulso.

Nunca a ouvi falar sobre esse Dr. Baker.

— Garanto-lhes que é algum fabricante de creme de beleza, disse Favell. Que importância pode lá ter quem ele era? Se

houvesse alguma coisa Danny saberia.

— Engana-se nesse ponto, contraveio Frank. Baker não era nenhum charlatão. O porteiro disse se um médico de senhoras, muito conhecido em Londres.

— Hum! rosnou o Coronel Julyan repuxando os bigodes mais uma vez. Ela então devia ter alguma coisa, mas parece esquisito que não haja contado a ninguém, nem mesmo à senhora, Mrs. Danvers.

— Andava magra demais, lembrou Favell. Eu lhe disse isso uma vez e ela riu-se apenas, respondendo que passava muito bem. Talvez tenha ido procurar esse tal Baker para pedir um regime.

— Acha isso possível, Mrs. Danvers? perguntou o Coronel Julyan.

Mrs. Danvers sacudiu a cabeça lentamente. Parecia aturdida, surpresa, com a súbita revelação desse Baker.

— Não posso compreender nada. Dr. Baker! Por que não teria contado a mim? Por quê? Ela me contava tudo.

— Talvez não quisesse aborrecê-la, sugeriu o Coronel Julyan, ou deixou para contar depois que voltasse.

— E o bilhete para Mr. Jack! disse Mrs. Danvers de repente. O bilhete: "Tenho uma coisa para dizer-lhe.

Preciso vê-lo". Iria então contar a ele também? — É verdade, disse Favell lentamente. Estávamos esquecendo a carta — tirou-a mais uma vez do bolso. "Tenho uma coisa para contar-lhe, e quero vê-lo o mais depressa possível. Rebecca." — Está claro, não há dúvida sobre isso, disse o Coronel Julyan virando-se para Maxim. Eu estaria disposto a apostar mil libras que essa é a verdade. Ela iria contar a Favell o resultado da consulta do Dr. Baker.

— Creio que tem razão, disse Favell. Aquela carta e a hora da consulta parecem estar dando certo. Mas que diabo significa tudo isso é o que eu gostaria de saber. Que poderia ter ela? A verdade gritava-lhes à face e eles nada percebiam.

Olharam-se uns para os outros, tontos. Não fiz o mesmo para nenhum deles, não me atrevi ao mesmo movimento, de medo de trair o que eu sabia. Maxim, sem dizer palavra, fora à janela, e

estava olhando para o jardim silencioso. Embora cessada a chuva, gotas ainda caíam das folhas molhadas.

— Há de ser fácil verificar, disse Frank. Aqui está o novo endereço do médico. Posso escrever-lhe a respeito.

— Não creio que ele dê a informação, advertiu o Coronel Julyan. Segredo profissional, você sabe. A única maneira de conseguir alguma coisa seria de Winter ir procurá-lo em particular, e explicar-lhe o que aconteceu.

Que diz a isso, de Winter? Maxim aproximou-se.

— Estou pronto a fazer o que me sugere, respondeu serenamente.

— Qualquer coisa para ganhar tempo, hein? rosnou Favell. Pode-se fazer muita coisa em vinte e quatro horas, não é? Tomar um trem, ou um navio, ou um avião...

Vi Mrs. Danvers passar bruscamente os olhos de Favell para Maxim, e percebi então, pela primeira vez, que ela não sabia da acusação de Favell. Pela expressão do seu rosto, vi que começava afinal a compreender. Expressão de dúvida a princípio, depois de espanto e ódio misturados — e de convicção, afinal. Mais uma vez aquelas mãos afiladas agarraram-se convulsivamente ao vestido negro, e ela passou a língua sobre os lábios. Continuou com os olhos fixos em Maxim, não deixou de encará-lo um só momento. É tarde demais, pensei; ela já nada pode agora contra nós, o mal está feito. Ela não tem o poder de ferir-nos. Maxim não pareceu notar a sua atitude, ou se notou não deu demonstração alguma.

Continuou a falar com o Coronel Julyan.

— Qual a sua sugestão? Devo ir amanhã a Londres procurar esse médico? Poderei telegrafar-lhe pedindo que me espere.— Não vai sozinho não, protestou Favell com um riso mau. Tenho o direito de insistir nesse ponto. Mande-o com o Inspetor Welch, e já não está aqui quem falou.

Se ao menos Mrs. Danvers tirasse os olhos de cima de Maxim! Frank notara a sua atitude, e observava-a perplexo, com ar ansioso. Vi-o mais uma vez levar de relance os olhos para o pedaço de papel que tinha na mão, onde escrevera o endereço do Dr. Baker. Olhou depois também para Maxim — e creio que só então

começou a vislumbrar a verdade, pois tornou-se muito pálido e largou o papel sobre a mesa.

— Creio que ainda não há necessidade de envolver o Inspetor Welch, disse o Coronel Julyan, com voz diferente, mais áspera.

Não gostei da maneira como usou a palavra "ainda". Por que, ainda? Não gostei nada, nada.

— Se eu for com de Winter e ficar com ele o tempo todo e depois acompanhá-lo na volta o satisfará, Mr. Favell? continuou o Coronel Julyan.

Favell olhou para Maxim, e depois para o Coronel Julyan.

A expressão do seu rosto era calculista, má, e havia também uma luz de triunfo nos seus olhos azuis.

— Sim, creio que sim. Mas, por segurança, incomoda-se que eu também vá? — Não. Infelizmente creio que tem o direito de fazer esse pedido. Mas, se vier conosco, insisto em que não se ponha embriagado.

— Não precisa preocupar-se, eu me conservarei sóbrio, "pode ficar descansado! Sóbrio como o juiz, quando sentenciar Max daqui a três meses. Acho que afinal de contas esse tal Baker vai solucionar o nosso caso.

Olhou à volta para todos nós e começou a rir. Creio que começara a compreender o significado daquela visita ao médico.

— Então? A que horas vamos sair amanhã cedo? perguntou.

O Coronel Julyan olhou para Maxim.

— A que horas pode ficar pronto?

— À hora que lhe convier.

— Nove horas?

— Nove horas.

— Como sabemos que não fugirá esta noite? rosnou Favell. — É só dar uma volta, chegar à garagem e pronto!

— A minha palavra não é suficiente? perguntou Maxim virando-se para o Coronel Julyan — e pela primeira vez vi o Coronel Julyan hesitar, olhando de relance para Frank.

O sangue subiu às faces de Maxim; uma veia latejou-lhe na fronte. — Mrs. Danvers, disse Maxim lentamente, quando Mrs. de Winter e eu formos para a cama hoje à noite, quer subir a senhora

mesma e fechar à chave o nosso quarto, do lado de fora? E acordar-nos pessoalmente amanhã às sete horas?

— Sim, senhor, — assentiu Mrs. Danvers, sem despregar os olhos dele, mãos agarradas ao vestido.

— Muito bem, então, disse o Coronel Julyan bruscamente. — Não creio que haja mais o que discutir hoje. Estarei aqui amanhã, às nove em ponto. Há lugar para mim em seu carro, de Winter?

— Sim.

— E Favell nos seguirá no dele?

— Bem juntinho, meu caro amigo, bem juntinho!

O Coronel Julyan veio até onde eu estava e pegou-me a mão.

— Boa noite, disse ele. — Sabe como sinto pela senhora; não há necessidade de que eu o diga. Faça seu marido dormir cedo, pois vamos ter amanhã um dia longo e cansativo.

Segurou minha mão por um minuto — mas evitou encontrar meu olhar. Frank foi abrir-lhe a porta. Favell inclinou-se sobre a mesa, pegou cigarros e encheu a cigareira.

— Com certeza ninguém vai me convidar para jantar? perguntou.

Ninguém respondeu. Favell acendeu um cigarro e soprou uma baforada no ar.

— Isto quer dizer que vou ter de passar uma noite bem sossegada na estalagem próxima. E a moça do bar é vesga! Má noite! Mas não importa; tenho o consolo de esperar pelo dia de amanhã. Boa noite Danny, minha velha. Não se esqueça de fechar Mr. de Winter a chave, sim?

Veio até onde eu estava e estendeu-me a mão.

Recusei-lhe a minha. Ele riu e curvou-se, dizendo: — É uma pena, não é? Um homenzinho malvado estragou toda a festa. Não se aborreça; terá uma sensação enorme quando a imprensa começar a publicar a história de sua vida, com títulos assim: "De Monte Carlo a Manderley. Experiências da esposa-menina de um assassino", bem no alto da página. Melhor sorte da próxima vez!

Atravessou a sala em direção à porta e acenou para Maxim, que estava à janela.

— Até à vista, meu velho. Desejo-lhe sonhos cor-de-rosa. E aproveite bem sua noite atrás da porta fechada, — concluiu apontando para mim cinicamente.

Mrs. Danvers seguiu-o; fiquei só com Maxim, o qual não saiu da janela. Jasper entrou alegremente na sala, vindo do hall. Estivera fechado do lado de fora a noite toda.

— Vou com você amanhã, — disse a Maxim. Vou com você a Londres.

Maxim não respondeu por um momento. Depois, numa voz completamente sem cor e inexpressiva disse: — Sim, precisamos continuar juntos.

Frank voltou. Ficou à porta, a mão sobre o trinco.

— Já se foram. O Coronel Julyan e Favell. Vi-os partir. Há alguma coisa mais que eu possa fazer? Seja lá o que for? Telegrafar a alguém, tomar alguma providência. Ficarei de pé a noite toda, se houver algo em que eu possa ajudar. Mandarei o telegrama a Baker, naturalmente.

— Não se incomode, disse Maxim. — Não há nada que você possa fazer — por enquanto. Talvez haja muito depois de passado o dia de amanhã. Tratemos disso quando chegar a hora. Agora ficarei só com Mrs. de Winter. Você compreende.

— Naturalmente.

Esperou um momento ainda, com a mão no trinco, despediu-se e retirou-se.

Depois que ele se foi e fechou a porta, Maxim veio para onde eu estava, perto da lareira — e entregou-se qual uma criança. Enlacei-o, apertei-o contra o coração. Nada dissemos por muito tempo. Pus-me a consolá-lo como se fosse Jasper.

Como se Jasper se tivesse machucado e me procurasse para tirar-lhe a dor.

— Poderemos ir no mesmo assento no carro, disse Maxim. Julyan não se importará. Teremos a noite de amanhã também. Não farão nada repentinamente, pelo menos durante vinte e quatro horas. Não se mostram muito severos agora. Permitem que se recebam visitas. Mas leva tudo muito tempo. Se eu puder, contratarei Hastings. É o melhor.

Hastings ou Birkett. Hastings conheceu meu pai.— Sim? — Terei de contar-lhes a verdade, porque assim as coisas se tornam mais fáceis para eles. Sabem melhor como agir.

A porta abriu-se e Frith entrou. Afastei Maxim, e fiquei dura, formalizada, arranjando meus cabelos.

— Vão vestir-se, senhora, ou devo servir o jantar imediatamente? — Não, Frith, não vamos trocar de roupa hoje.

— Muito bem, senhora.

Frith deixou a porta aberta; Robert entrou e começou a cerrar as cortinas. Arranjou as almofadas, pôs o sofá no lugar, endireitou os livros sobre a mesa e levou o uísque e os cinzeiros sujos. Eu o vira fazer aquelas coisas tantas vezes.

como um ritual, desde que vim para Manderley; mas naquele dia tudo apresentava um significado diferente, como se a recordação fosse eterna e eu pudesse, mais tarde, muito mais tarde, dizer: "Lembro-me desse momento".

Frith voltou para dizer que o jantar estava servido.

Ainda me recordo de todos os detalhes daquela noite.! O consomé gelado, servido em taças, o filé de sole, a vitela quente.

Lembro-me do doce de açúcar queimado, de gosto forte.

Tinham sido colocadas velas novas nos candelabros de prata, muito altas, muito delgadas, muito brancas. Também ali as cortinas estavam cerradas, contra a tristeza da noite. Esquisito, estarmos ali na sala de jantar sem podermos olhar para fora, para o gramado verde. Como no princípio do outono.

Durante o café na biblioteca o telefone soou. Dessa vez fui atender. Beatrice.

— É você? perguntou-me ela. Estive tentando telefonar a tarde toda. A linha sempre ocupada.

— Sinto muito, Beatrice.

— Lemos os jornais da tarde agora há pouco, e o resultado foi um choque para Giles e para mim! O que Maxim diz sobre isso?

— Foi um choque para todo mundo.

— Mas, minha querida, isso é um absurdo. Por que cargas de água haveria Rebecca de se suicidar? Seria a última pessoa no mundo a fazer uma coisa dessas. Alguém errou feio.

— Não sei.

— Qual a opinião de Maxim? Onde está ele?

— Tivemos muita gente aqui, o Coronel Julyan e outros, e Maxim está muito cansado. Vamos a Londres amanhã.

— Para que, santo Deus?

— Algo que tem relação com o veredicto. Não posso explicar direito.

— Deveriam tentar a anulação do veredicto. É idiota, absolutamente idiota. É muito prejudicial a Maxim toda essa publicidade. Isso vai se refletir sobre ele.

— Sim.

— O Coronel Julyan poderia fazer alguma coisa, não? É um magistrado. Para que servem eles então? O velho Horridge, de Lanyon, não deve estar regulando bem. Que motivo supõem eles que tenha havido? É a coisa mais idiota que já vi. Alguém devia falar com Tabb. Como se pode afirmar que aqueles furos foram feitos de propósito ou não? Giles diz que com certeza foram os recifes.

— Acharam que não, disse eu.

— Se ao menos eu estivesse aí, continuou ela. — Eu teria insistido em falar. Parece que ninguém fez o menor esforço para isso. Maxim está muito abalado?

— Está cansado, mais cansado do que qualquer outra coisa.

— Gostaria de encontrar vocês em Londres. Mas não vejo como. Roger está com febre alta, coitado, e a enfermeira é uma tonta. Roger a detesta, simplesmente detesta. Não é possível deixá-lo sozinho com ela.

— Claro que não. Nem deve pensar nisso.

— Para onde vão, em Londres?

— Não sei. Tudo muito vago.

— Diga a Maxim que precisa fazer qualquer coisa para ver se alteram o veredicto. Isso reflete sobre a família. Estou dizendo a todos aqui que é uma maldade. Rebecca nunca se mataria, não era desse tipo. Tenho vontade de escrever eu mesmo ao juiz.

— É muito tarde. Melhor deixar as coisas como estão. Não adianta nada escrever.

— A estupidez da história me deixou de boca aberta! Giles e eu achamos muito mais provável que os buracos tenham sido feitos por algum criminoso de estrada, ou coisa parecida. Um comunista, por exemplo. Há dezenas deles em toda parte. Esses buracos são exatamente a espécie de coisa que um comunista faria.

Maxim disse da biblioteca: — Não pode livrar-se dela? Como pode falar por tanto tempo?

— Beatrice, tentarei telefonar para você de Londres, disse eu em desespero.

— Acha que adianta falar com Dick Godolphin? É deputado daí, você sabe, e conheço-o muito bem, muito mais do que Maxim. Foi colega de Giles em Oxford. Pergunte a Maxim se gostaria que eu lhe telefonasse, para ver se conseguiria que anulassem o veredicto. Pergunte a Maxim o que acha da minha ideia do comunista.

— Não vale a pena, disse eu. Nada adianta. Por favor, Beatrice, não experimente fazer coisa alguma. Será pior, muito pior. Rebecca poderia ter tido um motivo que não conhecemos. E não creio que os comunistas andem fazendo furos em barcos. Com que fim? Por favor, Beatrice, deixe as coisas como estão.

Oh, graças a Deus Beatrice não esteve conosco hoje! Qualquer coisa estava zunindo no telefone. Ouvi Beatrice gritar: "Alô, alô! não corte a ligação. Interurbano?!" E depois um clique, e silêncio.

Voltei para a biblioteca, sentindo-me fraca, exausta. Daí a alguns segundos o telefone recomeçou a tocar. Não fiz um movimento para atender. Deixei-o tocar, e fui sentar-me aos pés de Maxim. O telefone ainda insistia. Não me movi. Parou de repente, como se tivessem desligado com exasperação. O relógio da parede bateu dez horas. Maxim cingiu-me com os braços e puxou-me para ele. Começamos a nos beijar febrilmente, desesperadamente, como amantes culpados que nunca se tinham beijado antes..

**QUANDO ACORDEI NO DIA SEGUINTE**, pouco depois das seis, e fui até a janela, vi a grama salpicada de gotinhas de orvalho e as árvores envoltas em branca neblina. Ar crispante; ventinho frio com cheiro de outono.

Olhando para o jardim das rosas, vendo as flores de corolas inclinadas, e pétalas machucadas pela chuva da véspera, pareceu-me que as cenas e acontecimentos do dia anterior eram remotos e irreais. Nascia em Manderley um novo dia; as coisas e os seres do jardim não se preocupavam com os nossos pesares. Um melro cortou o ar, e foi até o gramado, em etapas curtas, parando de vez em quando para picar o chão com o seu bico amarelo. Também um tordo foi cuidar de sua vida assim como duas alvéolas rechonchudas, voando uma atrás da outra.

O ruído alegre de parciais chilreantes. Uma gaivota imobilizou-se no ar, solitária e silenciosa; depois bateu as asas e fugiu para as bandas do Vale Feliz. Todas essas coisas continuavam; nossas ansiedades e tristezas não tinham o poder de alterá-las, ou destruir-lhes o encanto. Breve os jardineiros começariam a trabalhar, varrendo as primeiras folhas caídas com a aproximação do outono, revolvendo o pedregulho do caminho. O rumor de baldes no fundo da casa, do esguicho sobre o automóvel, a empregadinha da limpeza conversando pela porta com os homens no pátio. O cheiro quente, gostoso, do bacon na cozinha. Os criados abrindo a casa, escancarando janelas, descerrando cortinas.

Os cães saindo das cestas, bocejando e espreguiçando-se, indo para o terraço e piscando aos primeiros raios de um sol pálido que lutava para romper o véu de neblina. Robert prepararia a mesa para o café, trazendo os bolinhos quentes, os ovos, os potes de geleia, de mel, as fruteiras com pêssegos, os cachos de uvas coloridas, ainda mornas, saídas das estufas.

Empregadas varrendo a saleta, a sala de visitas; e o ar puro e frio entrando pelas largas janelas abertas. Fumaça saindo das chaminés. A névoa de outono esvaindo-se pouco a pouco; e as árvores, e as rampas, e os bosques, começando a adquirir forma e nitidez; o mar cintilando abaixo do vale, o farol elevando-se direito e esguio no promontório.

A paz de Manderley. Quietude e graça. Quem quer que vivesse dentro daqueles muros, por mais luta ou tristeza que ali houvesse, por maior que fosse a inquietação, ou a dor, por mais que amargassem as lágrimas derramadas — a paz de Manderley não poderia ser perturbada, nem a sua beleza poderia ser destruída. As flores abotoariam novamente no ano seguinte, os mesmos pássaros construiriam seus ninhos, a mesmas plantas floresceriam outra vez. Aquele mesmo cheiro de grama molhada impregnaria o ar; e viriam as abelhas e os grilos; e as garças fariam seus ninhos dentro da mata sombria.

Borboletas continuariam na dança louca e alegre pelos jardins; aranhas teceriam os seus labirintos rendados; coelhinhos assustados apareceriam à fímbria dos bosques.

Haveria lilases e madressilvas; e alvos botões de magnólia a desabrocharem lentamente sob a janela da sala de jantar. Ninguém poderia jamais ofender Manderley.

Manderley erguer-se-ia sempre, como uma coisa encantada, protegida pelos bosques, segura, abrigada, enquanto o mar, às vezes manso, às vezes bravo, vinha morrer nos cascalhos da praia. Não despertei Maxim. O dia à nossa frente se apresentava longo e cansativo. Estradas e postes telegráficos, a monotonia de carros passando uns atrás dos outros, a entrada lenta em Londres pelas ruas cheias de tráfego. E não sabíamos o que nos esperava ao fim da jornada. O futuro nos era desconhecido. Em outro lugar, em Londres, morava um homem chamado Baker, que nunca ouvira falar em nós, mas que tinha nas mãos o nosso futuro.

Também ele logo se levantaria, espreguiçando-se, bocejando, começando o seu dia. Levantei-me e fui para o quarto próximo, preparar o meu banho. E, como na noite anterior, quando eu vira Robert pondo em ordem a biblioteca, todas essas coisas adquiriam um significado diferente para mim. Antes eu fizera tudo aquilo maquinalmente; mas agora tinha consciência de todos os meus atos — da esponja que eu deixara cair na água azulada, da toalha aquecida aberta sobre a cadeira, da água recobrando meu corpo. Cada momento era precioso, encerrando em si uma essência de finalidade. Quando voltei para o quarto e comecei a me vestir,

soaram passos leves junto à porta, e a chave se voltou de mansinho na fechadura. Um momento de silêncio; depois os passos se afastaram. Era Mrs. Danvers.

Mrs. Danvers não se esquecera da missão. Eu ouvira-lhe aqueles mesmos passos cautelosos a noite passada, depois que subimos. Ela não batera à porta, não demonstrara a sua presença; apenas aquele som de passos abafados, e o virar da chave na fechadura. Aquilo me fez voltar à realidade, trazendo-me a recordação do que tínhamos de enfrentar.

Acabei de vestir-me e fui preparar o banho de Maxim.

Breve entrou Clarice com o chá. Acordei Maxim, que me olhou a princípio como criança perplexa e estendeu-me os braços depois. Tomamos o chá; Maxim foi para o banho e eu comecei a arranjar metodicamente a minha maleta de mão. Era possível que tivéssemos de ficar em Londres.

Arrumei as escovas que Maxim me dera, uma camisola, o peignoir, os chinelos, e mais um vestido e um par de sapatos.

Minha maleta tinha um ar estranho, quando a tirei de trás do guarda-roupa; parecia já muito usada, e no entanto só tinha quatro meses... Nem desaparecera ainda a marca a giz da alfândega de Calais. Numa das bolsas encontrei uma entrada de concerto, do cassino de Monte Carlo. Amarrotei-a e joguei na cesta — pertencia a outro século, a outro mundo. Meu quarto começou a adquirir a aparência de todos os quartos quando o dono se vai embora. O toucador assumia um ar de nudez, assim sem escovas, e havia no chão papéis de seda, uma etiqueta velha. As camas onde dormíramos pareciam estranhamente vazias; toalhas jogadas no chão do banheiro, portas dos guarda-roupas escancaradas. Pus o chapéu para não ter que subir outra vez, tomei as luvas e a maleta. Olhei em torno, a ver se não me esquecera de nada. O nevoeiro estava diminuindo, e um sol débil entrava pelo quarto, manchando de luz pálida o tapete. Quando já estava no meio do corredor, senti invadir-me uma sensação curiosa, inexplicável, que me impelia a voltar para ver de novo meu quarto. Retrocedi sem razão alguma, e fiquei à porta observando os armários abertos, as camas vazias, a bandeja da mesinha. Olhei bem para todas essas coisas,

procurando fixá-las para sempre na memória, admirando-me de que tivessem o poder de comover-me, de entristecer-me como se fossem crianças que não desejassem minha partida.

Depois desci para a sala de jantar. Muito frio lá, pois o sol não chegara até às janelas; o café fumegante que tomei reconfortou-me. Maxim e eu comemos em silêncio, e de vez em quando ele olhava para o relógio. Ouvi Robert colocar as maletas no hall, com a manta de viagem, e logo depois o ruído do carro.

Fui para o terraço. A chuva tinha lavado o ar; o cheiro de grama era doce e fresco. Seria lindo o dia, quando o sol estivesse mais alto. Pensei num passeio pelo vale antes do almoço, e numa parada sob o castanheiro com livros e revistas.

Fechei os olhos por um minuto, e senti o calor do sol no meu rosto e nas minhas mãos. Ouvi a voz de Maxim chamando-me.

Entrei; Frith ajudou-me a vestir o casaco. Ouvi então o som de outro carro. Era Frank.

— O Coronel Julyan está esperando no portão. Achou que não valia a pena vir até aqui.

— Bem, disse Maxim.

— Ficarei no escritório o dia todo esperando que me telefone, disse Frank. Depois que tiver visto Baker talvez precise de mim em Londres.

— Sim, talvez.

— Passam poucos minutos das nove — vocês estão em boa hora. E vai fazer ótimo tempo — viagem fácil. Espero que não se canse muito, Mrs. de Winter, continuou Frank dirigindo-se para mim. O dia vai ser cheio.

— Espero que tudo corra bem, respondi — e olhei para Jasper, a meus pés, de orelhas caídas e triste expressão de censura no olhar.

— Leve Jasper com você para o escritório, pedi a Frank.

— Melhor irmos indo, murmurou Maxim. O velho Julyan já deve estar impaciente.

Subi a seu lado, e Frank bateu a porta.

— Você telefonará, não é?

— Naturalmente, respondeu Maxim.

Olhei para a casa. Frith, de pé no alto da escada; — Robert logo atrás. Sem razão alguma senti meus olhos encherem-se de lágrimas, e para que ninguém as visse voltei o rosto e fingi mexer na maleta. Maxim deu a partida — fizemos a primeira curva — a casa desapareceu dos nossos olhos.

Paramos no portão para pegar o Coronel Julyan. Revelou uma expressão de incerteza quando me viu.

— Vai ser um dia cansativo, não creio que faça bem em ir. Eu tomaria conta do seu marido, a senhora sabe.

— Quero ir também.

O Coronel nada mais disse — sentou-se atrás. E depois: — Aquele sujeito, Favell, disse que se reuniria a nós na encruzilhada; se não estiver lá, não espere por ele. Seria bem melhor que não fosse conosco. Talvez tenha perdido a hora.

Quando, porém, chegamos à encruzilhada, vi o seu carro verde e senti um desalento no coração. Tivera esperança de que ele não viesse a tempo. Favell estava na direção, sem chapéu, cigarro à boca, e arreganhou uma espécie de sorriso quando nos viu, acenando que passássemos. Preparei-me para a longa viagem, apoiando-me ao encosto do banco, uma das mãos sobre o joelho de Maxim. As horas passavam; vencíamos milhas e milhas, e eu observava a estrada numa espécie de estupor. O Coronel Julyan cochilava de vez em quando; voltando-me, eu podia vê-lo recostado às almofadas de boca aberta. O carro verde seguia rente. À uma hora paramos para almoçar em um desses hotezinhos da rua principal dos vilarejos. O Coronel Julyan deu conta de todo o menu fixo, do primeiro ao último prato. Maxim e eu pedimos presunto frio e café.

Esperava que Favell viesse reunir-se a nós, mas quando saímos vi seu carro parado à porta de um café, do lado oposto da rua. Devia ter-nos visto pela janela, pois três minutos depois de termos partido já estava de novo em nosso rastro.

Eram mais ou menos três horas quando entramos nos subúrbios de Londres. Foi aí que comecei a sentir-me cansada; o barulho das ruas, o tráfego principiou a zunir dentro de minha cabeça. As ruas tinham aquele ar empoeirado e gasto de agosto, e

as folhas penduravam-se sem vida nas árvores cansadas. A tempestade da véspera fora só nossa, pois ali não havia sinal de chuva.

Quase todos estavam de roupa branca, e os homens sem chapéu. Um cheiro de papéis velhos pelo ar, de cascas de laranja, de grama seca e requeimada. Os ônibus andavam lentamente, e os táxis pareciam arrastar-se. Tive a impressão de que minhas roupas estavam coladas ao corpo. As meias picavam-me a pele.

O Coronel Julyan empertigou-se e olhou pela janela.

— Aqui não choveu, disse ele. E bem que está precisando.

E olhando para trás: — Não conseguimos livrar-nos de Favell. Vem rente.

As ruas de lojas, nos subúrbios, pareciam congestionadas.

Olhando para as vitrinas, mulheres cansadas, com crianças que choravam dentro dos carrinhos; bufarinheiros gritando, meninos dependurados atrás de caminhões. Gente demais, barulho demais. O próprio ar parecia irritado, cansado, gasto.

A passagem através de Londres pareceu-me interminável, e quando conseguimos chegar a um lugar mais desafogado, e passamos além de Hampstead, eu tinha os olhos a arderem e a impressão de que um tambor batia dentro de minha cabeça.

Estaria Maxim muito cansado? Tão pálido, com sombras nos olhos. Mas não se queixou. O coronel Julyan continuava bocejando atrás. Bocejava e suspirava em seguida. Repetiu isso muitas vezes, com intervalo de minutos. Senti uma estranha irritação apossar-se de mim; não sei como pude conter-me. Minha vontade era gritar-lhe que parasse.

Depois que passamos Hampstead, ele tirou um mapa do bolso e começou a dar instruções a Maxim para chegar a Barnet. O caminho era fácil, havia postes indicando a direção, mas o Coronel insistia em apontar e mostrar cada curva da estrada, e se Maxim desse mostras de qualquer hesitação, ele enfiaria a cabeça para fora e chamaria quem passasse, para pedir informações.

Chegados a Barnet, ele obrigou Maxim a parar a cada minuto.

— Pode dizer-nos onde fica uma casa chamada Roselands? Pertence a um Dr. Baker, que deixou de clinicar, e veio morar aqui.

E o transeunte franzira a testa, sem saber do que se tratava.

— Dr. Baker? Não conheço nenhum Dr. Baker. Havia uma casa chamada Rose Cottage, perto da igreja, mas é de uma tal Mrs. Wilson.

— Não. Queremos Roselands, a casa do Dr. Baker.

Mais adiante, para uma ama com criança no carrinho: — Pode dizer-nos onde fica Roselands? — Não sei. Estou morando aqui há pouco tempo.

— Não conhece o Dr. Baker? — Conheço o Dr. Davidson. Esse Baker não.

Olhei para Maxim; parecia cansadíssimo. Atrás de nós arrastava-se Favell, com seu carro verde todo coberto de pó.

Foi um carteiro quem nos ensinou onde ficava a residência do Dr. Baker. Uma casa quadrada, coberta de hera, por onde já havíamos passado duas vezes. Maquinalmente passei um pouco de pó de arroz no rosto. Maxim encostou o carro. Ficamos em silêncio por alguns minutos.

— Bem, aqui estamos, e são exatamente cinco e doze minutos. Vamos alcançá-los no meio do chá. Acho bom esperar um pouco.

Maxim acendeu um cigarro, e depois estendeu a mão para pegar a minha. O Coronel Julyan examinava o mapa.

— Poderíamos ter vindo diretamente sem passar por Londres, disse ele. Teríamos economizado quarenta minutos.

Fizemos em bom tempo as primeiras duzentas milhas; depois de Chiswick é que nos atrasamos.

Um mensageiro passou por nós de bicicleta, assobiando. Um ônibus parou na esquina, onde duas mulheres desceram. Perto dali um relógio de igreja bateu o quarto de hora. Eu podia ver Favell reclinado sobre o encosto do automóvel, fumando. Deixei-me ficar sentada, muito quieta, observando coisas que não importavam. As duas mulheres que tinham descido do ônibus subiam a rua, o mensageiro dobrou a esquina e desapareceu. Um pardal começou a saltitar na calçada.

— Esse Baker não entende muito de jardins, disse o Coronel Julyan. Olhe aqueles arbustos debruçando-se sobre o muro. Já

deviam ter sido aparados há muito tempo. Dobrou o mapa e guardou-o no bolso. Que lugar engraçado ele escolheu para retirar-se! Perto da rua principal, com outras casas na frente. Não seria eu quem faria uma escolha dessas. Mas com certeza o lugar já foi bonito por aqui antes das construções. E deve haver algum campo de golfe perto.

Silenciou por alguns minutos; depois abriu a porta e desceu.

— Bem, de Winter, que me diz? — Estou pronto, respondeu Maxim.

Descemos todos. Favell veio ao nosso encontro.

— Que estavam esperando? Medo? Ninguém respondeu. Caminhamos. Vi de relance uma quadra de tênis nos fundos da casa, e ouvi o barulho de bolas.

Uma voz de menino gritou: — Quarenta — quinze não, trinta! Não se lembra que mandou a bola fora, "seu" tonto? — Já devem ter terminado o chá, disse o Coronel Julyan.

Hesitou um pouco, olhando de relance para Maxim; depois tocou a campainha.

Ouvimo-la ressoar nos fundos da casa, e depois de uma longa pausa uma empregada muito mocinha veio abrir.

Pareceu espantada ao ver tanta gente.

— Dr. Baker? perguntou o Coronel Julyan.

— Sim, senhor. Querem fazer o favor de entrar? A empregada abriu uma porta à esquerda do hall. Devia ser a sala de visitas, em geral pouco usada no verão. Na parede vi o retrato duma senhora morena, nada bonita — talvez Mrs. Baker. O cretone dos sofás e das poltronas era novo e alegre, e na lareira estava a fotografia de dois colegiais de rostos redondos e sorridentes. A um canto, perto da janela, um enorme rádio. Favell examinou o retrato da parede, e o Coronel Julyan postou-se perto da lareira apagada. Olhei pela janela. Pude distinguir uma espreguiçadeira embaixo de uma árvore, e as costas de uma mulher. A quadra de tênis devia ser pertinho, pois eu ouvia as vozes dos meninos contando os pontos. Um cachorro muito velho coçava-se no meio duma alameda do quintal.

Esperamos mais ou menos cinco minutos. Senti-me como se eu fosse outra pessoa, vivendo outra vida, que tivesse vindo àquela casa para pedir que assinassem alguma lista de caridade. Era diferente de tudo o que eu já tinha conhecido; eu não tinha consciência de sensação alguma, de dor alguma. A porta abriu-se e entrou um homem de estatura mediana, rosto comprido, queixo pontudo. Seus cabelos eram louros, começando já a branquear. Estava de calças brancas e suéter azul.

— Desculpe-me fazê-los esperar, disse ele, parecendo um tanto surpreso, como a empregada, ao ver que éramos tantos.

Tive que dar uma corrida e me lavar, pois estava jogando tênis quando a campainha tocou.

— Não quer sentar? perguntou virando-se para mim.

Sentei-me na cadeira mais próxima e esperei.

— Com certeza vai achar muito pouco cerimoniosa esta nossa invasão, Dr. Baker, começou o Coronel Julyan. E peço muitas desculpas por vir incomodá-lo desta maneira. Meu nome é Julyan. Aqui, Mr. de Winter, Mrs. de Winter e Mr.

Favell. Com certeza viu o nome de Mr. de Winter recentemente nos jornais.

— Oh, sim, creio que sim. Um inquérito, ou qualquer coisa, não é verdade? Minha mulher esteve lendo sobre o caso.

— O júri pronunciou-se pela hipótese de suicídio, disse Favell adiantando-se — o que me parece um verdadeiro absurdo. Mrs. de Winter era minha prima, e eu a conhecia intimamente. Estou certo que nunca teria feito uma coisa dessas, nem tinha o menor motivo, absolutamente. O que queremos saber é para que diabo veio ela procurá-lo no dia de sua morte.

— É melhor deixar isso por minha conta e Julyan, disse Maxim em voz serena. — O Dr. Baker não tem a menor ideia de tudo isso.

O sorriso de cortesia do médico gelou-se nos lábios.

— O primo de minha primeira mulher não está satisfeito com a decisão do júri, começou Maxim, — e viemos procurá-lo, Dr. Baker, porque encontramos seu nome e o número do seu antigo telefone na agenda dela. Parece que tinha uma consulta marcada

com o senhor, à qual compareceu, às duas horas do último dia que passou em Londres. Seria possível verificar isso para nós?

O médico estava ouvindo com grande interesse; mas quando Maxim acabou de falar, sacudiu a cabeça.— Sinto imensamente, mas creio que se enganaram. Eu me lembraria do nome Winter. Nunca atendi nenhuma Mrs. de Winter em minha vida.

O Coronel Julyan abriu a carteira e entregou a página rasgada.

— Aqui está. Baker, duas horas. E uma grande cruz ao lado, para mostrar que esteve lá. E o telefone: Museum 0488.

O médico olhou para a folha de papel. — É estranho, muito estranho. Sim, o número está certo.

— Quem sabe se não foi procurá-lo com um nome falso? sugeriu o Coronel Julyan.

— Muito possível. Talvez tenha feito isso.

— O senhor teria a consulta arquivada, por acaso? perguntou o Coronel Julyan. — Sei que não é de praxe fazer-lhe uma pergunta dessas, e não a faria, a não ser em circunstâncias excepcionais; mas realmente julgamos que a visita dela ao seu consultório tenha relação com os seu subsequente... suicídio.

— Assassinato, corrigiu Favell.

O Dr. Baker levantou as sobrancelhas e olhou para Maxim com ar interrogativo. — Não sabia que se tratava de uma coisa assim, disse com voz grave. Compreendo, naturalmente, e farei tudo para ajudá-lo. Se me desculparem por alguns minutos, consultarei meus livros. Tenho o arquivo de cada hora marcada durante o ano, e uma descrição do caso. Façam o favor de servir-se de cigarros. É muito cedo ainda para oferecer-lhes sherry, suponho?

O Coronel Julyan e Maxim sacudiram negativamente a cabeça. Pensei que Favell fosse dizer alguma coisa, mas o médico deixou a sala antes que ele tivesse tempo de abrir a boca.

— Parece um homem de bem, observou o Coronel Julyan.

— Devia ter oferecido um uísque, rosnou Favell. Com certeza guarda-o fechado. Não tive lá muito boa impressão. Não creio que nos ajude.

Maxim não disse coisa alguma. Eu continuava ouvindo o som das bolas de tênis no quintal. O velho cachorro latia; uma voz de mulher gritou que se calasse. Férias de verão. Baker jogando com os filhos. Tínhamos interrompido a rotina de sua vida. Um relógio de ouro sobre a chaminé pulsava incessantemente, num monótono tique-taque. Encostado a ele, um cartão do lago de Genebra. Sinal de amigos na Suíça.

O Dr. Baker voltou com um livro grande e um fichário, que colocou sobre a mesa. — Trouxe toda a coleção do ano passado, disse ele.

Ainda não a examinei desde que mudamos; só deixei de clinicar há seis meses.

Abriu o livro e começou a virar as páginas. Eu olhava-o fascinada. Encontraria tudo. Questão apenas de minutos, de segundos.

— Dia sete, oito, dez. Nada aqui, murmurou ele. Dia doze, foi o que disseram? Às duas horas? Ah!

Nenhum de nós se moveu. Ficamos todos olhando fixamente para o médico.

— Vi uma Mrs. Danvers no dia doze, às duas horas.

— Danny? Mas... começou Favell; Maxim interrompeu-o bruscamente: — Rebecca deu nome falso, é claro. Isto é coisa que saltava os olhos desde o princípio. Lembra-se da visita agora, Dr. Baker?

Mas o médico já estava procurando no fichário. Seus dedos mergulharam na letra D. Encontrou o cartão quase que imediatamente e lançou um olhar rápido para a sua própria caligrafia. — Sim, disse lentamente. Sim, Mrs. Danvers, lembro-me agora.

— Alta, delgada, morena, muito bonita? disse o Coronel Julyan em tom sereno.

— Sim, sim, respondeu o Dr. Baker.

Leu a ficha até o fim, e colocou-a de novo no lugar. — Naturalmente sabe que isto é contra a ética profissional? disse virando-se para Maxim. Tratamos os clientes como se estivessem no confessionário. Mas sua mulher está morta, e reconheço que as

circunstâncias são excepcionais. Quer saber se posso sugerir uma razão pela qual sua mulher fosse levada a atentar contra a vida? Creio que posso. A senhora que se apresentou como Mrs. Danvers estava gravemente enferma.

Fez uma pausa e olhou-nos um a um.

— Lembro-me dela perfeitamente, disse, voltando a consultar a ficha. Veio me procurar primeiro uma semana antes da data mencionada pelos senhores. Queixou-se de certos sintomas, tirei-lhe umas radiografias. As chapas não estão aqui, mas tenho os detalhes anotados. Lembro-me dela, de pé no meu consultório, estendendo a mão para pegar as chapas. "Quero saber a verdade", disse. "Nada de meias palavras, nem de consolos." — O Dr. Baker fez uma pausa e olhou de novo para a ficha. Fiquei esperando, esperando. Por que não acabava de uma vez e nos deixava partir? Por que havíamos de ficar ali, esperando, com os olhos pregados no seu rosto? — Bem. Ela pediu a verdade e eu a atendi. A certos clientes é melhor contar a coisa como é; não adianta querer contornar o assunto. Essa Mrs. Danvers, ou antes, Mrs. de Winter, não era do tipo aceita ilusões, os senhores devem saber. Suportou muito bem a verdade. Não pestanejou. Disse que já suspeitava há algum tempo. Depois pagou a consulta e nunca mais a vi.

O médico fechou a caixa com um ruído seco, e também o livro. Depois continuou. — A dor ainda não era forte, mas o tumor estava profundamente enraizado, de modo que dentro de três meses ela teria de entrar na morfina. De nada adiantaria uma operação — e foi o que lhe disse. Já estava adiantado demais. Não há nada que se possa fazer num caso desses, a não ser morfina — e esperar.

Ninguém disse uma palavra. O relógio prosseguia no seu tique-taque sobre a chaminé, e os meninos jogavam tênis no jardim. Um aeroplano zuniu sobre nossas cabeças.

— Na aparência, naturalmente, era uma mulher perfeitamente sadia, apesar de muito pálida, lembro-me, e muito magra, mas isso agora é moda, por mais deplorável que seja. Nada que se possa reprimir a uma cliente. Não; a dor aumentaria gradualmente, como disse, e dentro de quatro ou cinco meses ela

não poderia passar sem morfina. Lembro ainda que o raio X mostrou uma certa má formação interna, significativa de que não poderia ter filhos — era coisa completamente à parte, sem nada a ver com a moléstia.

Ouvi a voz do Coronel Julyan dizendo que o Dr. Baker tinha sido muito gentil em se dar a tanto trabalho.

— Disse tudo o que desejávamos saber, e talvez nos seja de utilidade uma cópia da ficha, se for possível.

— Naturalmente, respondeu o médico.

Todos estavam de pé. Levantei-me também e apertei a mão do Dr. Baker, no que os outros me acompanharam — e dirigimo-nos ao hall. Uma mulher apareceu na porta do outro lado, mas fechou-a logo que nos viu. Alguém enchia uma banheira no andar de cima — o barulho da água era bem perceptível. O cachorro que vira no jardim veio cheirar-me os sapatos.

— Devo mandar o relatório ao senhor ou a Mr. de Winter? quis saber o Dr. Baker.

— Talvez nem seja necessário, disse o Coronel Julyan. Creio que não vai ser preciso. Ou eu ou de Winter escreveremos. Aqui está meu cartão.

— Fico satisfeito de ter podido ajudá-los. Nunca me passou pela cabeça que Mrs. de Winter e Mrs. Danvers pudessem ser a mesma pessoa. Vão voltar para Londres, não é?

— Sim, certamente.

— O melhor caminho é virar à esquerda, ali na caixa do correio, e depois pear a direita, quando chegarem à igreja. Daí por diante é uma linha reta.

— Obrigado, muito obrigado.

Sáímos em direção ao carro. O Dr. Baker puxou para dentro o cachorro, e ouvi a porta se fechar. No fim da rua, um homem de uma perna só começou a tocar "Rosas da Picardia", num realejo.



**FICAMOS TODOS EM PÉ** junto ao carro, e ninguém disse coisa alguma nos primeiros minutos.

O Coronel Julyan, ofereceu sua cigarreira a todos.

Favell estava lívido, como que profundamente abalado; notei que suas mãos tremiam ao segurar o fósforo. O homem do realejo parou de tocar e veio até nós, de chapéu estendido.

Maxim deu-lhe duas moedas. No relógio da igreja soaram as seis horas. Favell começou a falar. Sua voz era despreocupada, descuidada, mas seu rosto ainda estava sem cor. Não olhou para nenhum de nós; só tinha olhos para a ponta do cigarro que revolia entre os dedos.

— Esse negócio de câncer, alguém sabe se é contagioso? perguntou.

Ninguém respondeu. O Coronel Julyan encolheu os ombros.

— Nunca tive a mais leve desconfiança, disse Favell. Ela guardou segredo de todos, até mesmo de Danny, a quem contava tudo. Que coisa pavorosa, hein? Não o tipo de coisa que a gente relacionaria com Rebecca. Vai um drinque? Estou fortemente impressionado — confesso. Câncer! Oh, meu Deus! exclamou e, encostando-se ao carro, cobriu os olhos com as mãos. — Pare aí com esse realejo, homem! Não posso suportar esse barulho do inferno!

— Não seria mais simples se fôssemos embora? sugeri Maxim. — Se não está em condições de guiar o seu carro, Julyan o fará.

— Dê-me um minuto e ficarei bom, respondeu Favell. — Vocês não podem compreender. Essa história foi um choque tremendo para mim.

— Domine-se, homem, pelo amor de Deus! — intimou o Coronel Julyan. Se precisa de um drinque volte e peça a Baker. Ele sabe tratar desses choques. Não dê espetáculo no meio da rua.

— Oh, vocês estão bem, estão otimamente! — disse Favell endireitando-se outra vez e fitando o Coronel Julyan e Maxim. — Não têm mais coisa alguma com que se preocupar. Max está num mar de rosas, não está? Conseguiu a grande coisa, e Baker mostrará o preto no branco a qualquer momento que queiram. Quanto ao Coronel aqui, poderá jantar em Manderley uma vez por semana, e sentir-se orgulhoso ainda por cima. Provavelmente Max o convidará para padrinho do primeiro filho.

— Vamos, disse o Coronel Julyan a Maxim. — Podemos fazer planejamentos pelo caminho.

Maxim abriu a porta para o Coronel Julyan entrar, e eu me sentei no banco da frente. Favell, ainda encostado ao carro, não se moveu.

— Aconselho-o a ir para seu apartamento e deitar-se, disse o Coronel Julyan bruscamente. — E a guiar com muito cuidado, se não quiser ir para a cadeia por homicídio. E como não nos encontraremos mais, acho melhor avisá-lo de que, na minha qualidade de magistrado, tenho poderes de que me valerei caso o senhor apareça em Kerrith ou no distrito. Chantagem não é profissão recomendável, Mr. Favell. E nesta parte do mundo sabemos como lidar com chantagistas, por mais estranho que isso lhe pareça.

Favell estava observando Maxim. A lividez do rosto desaparecera, e o antigo sorriso desagradável voltara.

— Foi mesmo uma rajada de sorte para você, hein, Max? — disse ele vagarosamente. — Pensa que venceu, não pensa? Mas a lei ainda pode alcançá-lo — e também eu, de uma maneira diferente...

Maxim deu partida ao carro. — Tem mais alguma coisa a dizer? perguntou a Favell.

— Não. Não vou tomar-lhes mais tempo. Podem ir, respondeu, afastando-se ainda com o sorriso nos lábios.

O carro partiu; ao virarmos a esquina, olhei para trás e vi Favell parado, seguindo-nos com os olhos. Sacudiu a mão, deu uma risada. Durante algum tempo todos guardamos silêncio. Por fim o Coronel Julyan falou. — Ele não pode fazer coisa alguma. O sorriso ameaçador e o aceno de mão fazem parte do blefe. Esses tipos são todos iguais. Um caso Maxim-Favell não se aguentaria um minuto numa corte de justiça; o testemunho de Baker arrasaria tudo.

Maxim não respondeu. Olhei-o de soslaio, mas sua fisionomia nada me contou.

— Eu tinha a intuição de que a solução do caso estava com esse Dr. Baker, — disse o Coronel Julyan. — A maneira furtiva com que foi marcada a consulta, sem nenhum conhecimento de Mrs. Danvers... É porque ela já suspeitava. Uma coisa pavorosa, é claro. Horrorosa, realmente — e mais do que suficiente para fazer uma mulher jovem e bonita perder a cabeça.

Continuamos a percorrer a larga estrada; postes telegráficos, carros fechados, carros abertos, casinhas isoladas dentro de jardins passavam céleres, fixando-se em minha memória para sempre.

— Com certeza você, de Winter, não tinha a menor ideia disso?

— Não, nem por sombras.

— O câncer inspira um horror mórbido, disse o Coronel Julyan. — Às mulheres principalmente. Com certeza foi esse o caso. Era valente para tudo, menos para a dor. Não teve ânimo de esperar pelo martírio.

E depois de breve pausa; — Não creio que haja algum mal se eu, discretamente, deixar transparecer em Kerrith e no condado o que nos disse o Dr. Baker — isso no caso de correrem comentários desagradáveis. O povo quando não sabe inventa. Melhor que saiba.

— Sim, compreendo.

— É curioso, e irritante, como certas histórias se espalham nas cidades pequenas. O povo está sempre pronto a propagar as coisas mais absurdas quando lhe dão uma oportunidade, por menor que seja.

— É verdade.

— Você e Crawley tomem conta de Manderley; eu farei o mesmo com Kerrith. Direi também uma palavrinha a minha filha. Ela convive com os jovens — justamente os mais exagerados. Não creio que os jornais o aborreçam mais, o que já é alguma coisa. Verá que deixarão de tocar no assunto em dois ou três dias.

Atravessamos os subúrbios do norte e chegamos mais uma vez a Finchley e Hampstead.

— Seis e meia. Que pretende fazer? perguntou o Coronel Julyan. — Tenho uma irmã que mora em St. John's Wood; estou com ideia de surpreendê-la e jantar lá — e depois tomarei o último trem em Paddington. Tenho certeza de que ela teria muito prazer em receber vocês dois também.

Maxim hesitou e olhou para mim. — É muita gentileza sua, Coronel, mas creio que o melhor é ir cada um para seu lado. Tenho que telefonar para Frank e fazer outras coisas. Jantaremos num restaurante qualquer.

— Compreendo perfeitamente. Pode me deixar em casa de minha irmã? Não é longe daqui.

Maxim parou diante do portão da casa indicada e disse: — Seria impossível, Coronel, agradecer-lhe tudo que fez por mim hoje. Sabe como me sinto, não há necessidade de palavras.

— Meu caro amigo, tudo para mim foi um prazer. Se tivéssemos sabido o que Baker nos contou, naturalmente nada aconteceria. Mas o que foi, foi, passou. Cumpre agora esquecer o infeliz e desagradável episódio, e tenho a certeza de que Favell não mais o importunará. Caso reapareça, entretanto, avise-me; saberei lidar com ele.

O Coronel Julyan desceu do carro e disse ainda: — Acho que não seria mau se fossem viajar por algum tempo. Umas férias curtas, no estrangeiro talvez.

Nada replicamos.

— A Suíça é muito agradável nesta época do ano. Fomos uma vez, durante as férias de minha filha, e gostamos imensamente. Os passeios a pé são encantadores. — Julyan hesitou, limpou a garganta. É possível ainda que surjam pequenas dificuldades. Não

do lado de Favell, mas de outras pessoas no distrito. Não sabemos o que Tabb esteja dizendo por aí. Mas o provérbio antigo diz que longe dos olhos, longe do coração. Nunca se fala muito dos ausentes. O mundo é assim.

Deu um último olhar ao carro.— Creio que não me esqueci de nada. Mapa, bengala, óculos, chapéu. Tudo em ordem. Bem, até logo para ambos.

Atravessou o portão e subiu os degraus da entrada. Vi uma mulher chegar à janela, sorrir e sacudir a mão. Reclinei-me sobre o encosto do carro e fechei os olhos. Agora que estávamos de novo a sós, e o pesadelo passara, a sensação que eu sentia era de alívio quase intolerável. Como o arrebentar de um abscesso. Maxim não disse palavra, mas senti sua mão cobrindo a minha. Passamos pelo meio do tráfego sem que eu visse coisa alguma. Ouvia o rodar dos ônibus, o buzinar dos táxis, o ruído inevitável, cansativo de Londres, mas eu não fazia parte daquilo, eu descansava em outro lugar, calmo, fresco e silencioso. Nada poderia nos atingir. Tínhamos atravessado a nossa crise.

Quando Maxim deteve o carro, abri os olhos e me aprumei.

Estávamos do lado oposto a um restaurante em estreita rua do Soho. Olhei à minha volta, tonta e estupidamente.

— Você está cansada, disse Maxim. Cansada e com fome e incapaz para qualquer coisa. Vai se sentir melhor depois de comer. E também eu. Vamos entrar. Posso telefonar para Frank daqui.

Sáímos do carro e entramos no restaurante. Não havia ninguém, a não ser o maître-d'hotel, um garçom e a moça da caixa. Escuro e fresco lá dentro. Escolhemos uma mesa de canto e Maxim fez os pedidos.

— Favell tinha razão quando disse que precisávamos de um drinque, disse ele. — Vou tomar um, e você outro. Conhaque.

O maître-d'hotel, gordo e sorridente, trouxe magros pãozinhos envoltos em papel. Bem torrados; comecei a comer com avidez. O conhaque era macio, quente, estranhamente cordial.

— Depois da refeição vamos devagar, muito tranquilamente, disse Maxim. — E estará mais fresco à noite. Pararemos em alguma estalagem da estrada e chegaremos a Manderley de manhã.

— Ótimo.

— Não preferiria jantar com a irmã de Julyan e tomar depois o último trem?

— Não.

Maxim terminou seu drinque. Seus olhos pareciam mais amplos, com aqueles círculos sombrios à volta. E achei-os muito escuros, no rosto pálido.

— Quanto da verdade você acha que Julyan adivinhou? inquiriu Maxim.

Olhei para ele por cima da borda do meu copo, e não respondi coisa alguma.

— Ele sabia, disse Maxim lentamente. — Claro que sabia.

— Se sabia nunca dirá coisa alguma. Nunca, nunca.

— Assim o creio.

Pedimos outro drinque e continuamos sentados em nosso canto, silenciosos e tranquilos.

Maxim falou então: — Creio que Rebecca mentiu de propósito. O último blefe. Mentiu porque queria que eu a matasse. Previu tudo — por isso é que riu... Por isso ficou ali rindo enquanto morria...

Eu não disse coisa alguma; continuei a beber meu conhaque. Estava tudo terminado, tudo arrumado. Nada importava agora, não havia mais razão para Maxim empalidecer ou se preocupar.

— Foi sua última piada, continuou Maxim, e a melhor de todas. E, mesmo agora, não estou certo de que ela não tenha vencido.

— O que quer dizer? Vencido de que maneira?

— Não sei, disse Maxim. Não sei — e engoliu de um trago o segundo drinque; depois levantou-se da mesa para telefonar a Frank.

Continuei sentada no meu canto; logo depois o garçom trouxe a lagosta. Estava quente e gostosa. Tomei mais um conhaque. Como o ambiente ali era agradável, e como me sentia despreocupada! Nada na vida tinha importância. Sorri para o garçom, e pedi mais pão em francês, sem razão alguma. O restaurante era sossegado, feliz, amigável.

Maxim e eu estávamos juntos, e a tempestade passara. Tudo terminado, tudo acalmado. Rebecca morta. Rebecca não mais nos prejudicaria. Usou sua última pilhéria, como disse Maxim. Agora já não tinha poder para coisa nenhuma.

Maxim voltou em dez minutos.

— E então? perguntei — e minha voz soou distante, apagada.  
— Como vai Frank?

— Bem. Estava desde as quatro no escritório, esperando minha ligação. Conteí o que sucedeu e ele pareceu contente, aliviado. Aconteceu, no entanto, uma coisa esquisita, disse Maxim lentamente. — Ele acha que Mrs. Danvers foi embora, pois não a encontra em parte alguma. Não disse a ninguém, mas parece que esteve fazendo as malas o dia todo, tirando tudo do quarto — e o rapaz da estação veio buscar a bagagem às quatro. Frith telefonou para Frank, e Frank deu ordem a Mrs. Danvers para ir vê-lo no escritório. Esperou, e nada. Dez minutos antes de telefonar, Frith ligou para Frank outra vez e contou sobre um chamado interurbano para Mrs. Danvers. Isso mais ou menos às seis e dez. Às seis e quarenta e cinco, Frith bateu à porta e encontrou a salinha dela vazia. O quarto também. Procuraram-na por toda parte; nada; acham que foi embora, sem passar pela portaria.

— Que beleza! exclamei. — Isso vai nos livrar de muitos aborrecimentos, pois de qualquer jeito teríamos que mandá-la embora. Creio que Mrs. Danvers adivinhou tudo. Havia uma certa expressão em seu rosto, na noite passada... Não pude deixar de pensar nisso, quando viemos para cá.

— Pois não estou gostando nada disso, murmurou Maxim. — Não estou gostando nada, nada...

— Por quê? Já não pode nos fazer mal algum — tanto melhor que tenha desaparecido. Foi Favell quem telefonou, naturalmente, e deve ter contado o que disse Baker. E com certeza repetiu também as palavras do Coronel Julyan — que à menor tentativa de chantagem o avisássemos imediatamente. Não ousarão experimentar. Perigoso demais.

— Não estou pensando em chantagem...

— O que mais poderão fazer, fora isso? Cumpre seguir o conselho do Coronel Julyan: esquecer. Não devemos pensar mais no caso, querido. Está tudo morto, acabado de uma vez.

Maxim não respondeu. Olhava fixamente para um ponto, sem parecer ver coisa alguma.

— Sua lagosta vai esfriar. Coma, meu amor. Você precisa pôr qualquer coisa no estômago, vai lhe fazer bem, acredite. Está cansado, — disse eu, usando as mesmas palavras dele. Eu me sentia melhor, mais forte e já estava tomando conta dele. Eu me refizera do cansaço e da fraqueza, e agora era Maxim quem sofria a reação. Talvez por excesso de cansaço e falta de alimentação. Não havia mais nada com que se preocupar. Mrs. Danvers partira. Tínhamos que agradecer a Deus também por isso. Tudo ia sendo facilitado para nós.

— Coma sua lagosta, disse eu.

Tudo seria ser muito diferente no futuro. Eu não teria mais aquela timidez, aquele medo dos criados. Livre da presença de Mrs. Danvers, rapidamente eu aprenderia a dirigir a casa. Iria à cozinha combinar menus com a cozinheira. Os criados me respeitariam, me amariam. E dentro em pouco nem pareceria que Mrs. Danvers dirigira tudo. Eu também me informaria melhor sobre coisas da propriedade, pediria a Frank que as explicasse. Aprenderia tudo, me interessaria pelos jardins — e com o tempo talvez fizesse uma ou duas alterações. Eu não gostava do pequeno canteiro do fauno, embaixo da janela da saleta. Daríamos o fauno a alguém. E havia dezenas de outras coisas que eu poderia fazer, devagarinho. Os conhecidos de Maxim podiam vir hospedar-se conosco, e eu não me importaria. Teria até prazer em determinar quais quartos seriam usados, em enfeitá-los com flores, em escolher os livros. Teríamos filhos. Certamente teríamos filhos.

— Já terminou? perguntou-me Maxim. — Não creio que eu queira mais nada. Só café. Forte, bem forte, e a conta, disse ao garçom.

Por que íamos embora tão cedo? Estava tão agradável, tão confortável no pequeno restaurante, e não havia nada que nos impedisse de ficar. Tão gostoso, estar assim com a cabeça apoiada

ao encosto da poltrona, fazendo planos para o futuro, de um modo ocioso e vago. Por mim continuaríamos ali por muito tempo ainda.

Segui Maxim para fora do restaurante, bocejando.

— Escute, acha você que poderia dormir no carro, enrolada na manta, e instalada no assento de trás? perguntou Maxim assim que pisamos a calçada.

— Pensei que fôssemos passar a noite numa hospedaria, disse eu.

— É que estou com o pressentimento de que devo voltar hoje mesmo a Manderley. Você não poderia você dormir no assento de trás?

— Sim, creio que sim, — respondi sem grande entusiasmo.

— Se sairmos já — faltam quinze para as oito — podemos chegar às duas e meia mais ou menos. Não há muito movimento na estrada a estas horas.

— Vai ficar cansadíssimo.

— Não se preocupe comigo. O que quero é chegar em casa. Está acontecendo qualquer coisa lá — sinto no ar.

A expressão do seu rosto era ansiosa, estranha, e, abrindo a porta, ele começou a arranjar as cobertas e a almofada.

— Que mais poderia acontecer? Acho esquisito se aborrecer agora, quando tudo já passou. Não estou compreendendo.

Subi ao carro, instalei-me o mais confortavelmente possível, e ele cobriu-me com a manta. Muito agradável — muito melhor do que imaginara.

— Está bem assim?

— Ótimo. E creio que conseguirei dormir. Pensando bem, muito melhor ir diretamente para casa, do que dormir no caminho. Chegaremos a Manderley antes do nascer do sol.

Maxim deu a partida. O carro deslizou, e eu senti o balanço macio do molejo sob o meu corpo. Encostei o rosto contra a almofada, cerrei os olhos. O balanço era rítmico, regular, e as batidas do meu pensamento pulsavam com ele.

Centenas de imagens me vieram à mente, coisas vistas, coisas que eu sentira, e outras de que já me esquecera. Estavam misturadas umas às outras, formando um desenho confuso e sem

sentido. A pena do chapéu de Mrs. Van Hopper, as cadeiras de encosto duro da sala de jantar de Frank, as largas janelas da ala oeste em Manderley, o vestido cor de salmão da dama sorridente do baile à fantasia. Uma camponesa acenando para mim na estrada de Monte Carlo...

Ou então Jasper correndo pelo gramado atrás de borboletas, ou o cachorro da casa do Dr. Baker coçando a orelha ao lado de uma espreguiçadeira. Agora o carteiro que nos mostrara a casa, logo depois a mãe de Clarice espanando uma cadeira para eu me sentar em sua salinha de visitas. E Ben sorrindo para mim, com a mão cheia de mariscos; e a mulher do bispo perguntando se eu não queria esperar o chá. Eu podia sentir os lençóis macios de minha cama, e ouvir o ruído áspero de meus pés pisando o cascalho.

E respirar o cheiro de brotos nos bosques, da relva molhada, das azaleas mortas. Caí numa sonolência interrompida pela realidade da minha posição incômoda e das costas de Maxim a minha frente. Escurecera. Faroletes de carros passavam por nós na estrada. Vilarejos de casas fechadas, com listras de luz nas frinchas. E eu mudava de posição e caía de novo na sonolência.

Vi as escadarias de Manderley, com Mrs. Danvers no seu vestido tétrico lá em cima, esperando que eu fosse ao seu encontro; mas quando comecei a subir as escadas ela se afastou e desapareceu. Procurei-a; não foi possível encontrá-la. Vi depois seu rosto espiando-me por uma porta; gritei — ela sumiu novamente.

— Que horas são? perguntei.

Maxim voltou-se; seu rosto pareceu pálido e fantasmagórico na escuridão do carro.

— Onze e meia. Já vencemos metade do caminho.  
Experimente dormir outra vez.

— Estou com sede.

Paramos na primeira cidade. O homem da garagem disse que a esposa ainda não se deitara e poderia fazer-nos chá.

Comecei a caminhar em vaivém para chamar o sangue aos pés e mãos, enregelados. Maxim acendeu um cigarro. Um vento crispante entrou pela porta da garagem, sacudindo o telhado. Estremeci; abotoei o casaco.

— Sim, está um friozinho muito penetrante, disse o homem enquanto enchia o tanque de gasolina. O tempo mudou esta tarde; o outono já está batendo à porta. As lareiras se preparam para ver fogo.

— Estava muito quente em Londres, disse eu.

— Estava? Sempre os extremos por lá. Somos os primeiros a ter mau tempo, aqui. Vai soprar um vento no litoral, antes que amanheça.

A mulher veio trazer o chá, que tinha um gosto amargo de madeira. Mas, como estivesse quente, bebi-o com avidez e gratidão. Maxim já estava olhando para o relógio.

— Temos que partir; quase meia-noite.

Foi com pena que deixei a proteção da garagem, e ao sair senti o vento frio bater em meu rosto. Muitas estrelas no céu, e espaçados flocos de nuvens.

— Sim, o verão já lá se foi este ano, repetiu o homem que nos acompanhara até à porta.

Subimos para o cano, e de novo instalei-me no meu lugar.

Partimos. Fechei os olhos e vi o homem de perna de pau tocando o realejo, senti a cadência de "Rosas da Picardia" marcada em minha cabeça ao balanço do carro. Vi Frith e Robert levando o chá para a biblioteca. A mulher na portaria cumprimentando-me secamente, chamando o filho para entrar em casa. Vi os modelos de navio na cabana da praia e a poeira fina que os cobria. Teias de aranha nos mastros. O ruído da chuva caindo no telhado, unindo-se aos suspiros do mar e aos uivos do vento. Eu queria chegar até o Vale Feliz, mas não o encontrava. Somente árvores escuras e brotos novos. Pio de coruja, aqui, ali. A lua brilhando nas janelas de Manderley. Urtigas no jardim, três metros, seis metros de altura.

— Maxim! gritei. — Maxim.

— Estou aqui, está tudo bem.

— Tive um sonho, disse eu. — Um sonho!

— Como foi?

— Não sei, não sei...

De volta à nebulosidade movediça dos sonhos inquietos. Escrevendo cartas na saleta, mandando convites que eu mesma

endereçoava, com uma pena grossa e negra. Mas ao olhar para o que escrevia vi que não era minha a letra quadrada que aparecia no papel, e sim outra, longa, inclinada, com pontas estranhas. Enfiei os cartões na pasta. Levantei, fui olhar-me ao espelho. Mas a imagem nele refletida não era a minha, e sim de outra mulher, muito pálida, muito bela, de rosto emoldurado por cabelos negros. Os olhos apertavam-se e sorriam. Os lábios entreabriam-se, o rosto do espelho olhou para mim e riu. E vi então que ela estava sentada em frente à mesa do toucador, e que Maxim escovava seus cabelos. Maxim segurava nas mãos os longos e escuros fios, e enquanto os escovava fazia com eles uma trança, uma corda longa e fina, que se enrolava como serpente. E pegou-a com ambas as mãos, sorriu para Rebecca, e pôs à volta de seu próprio pescoço.

— Não, não! gritei. — Precisamos ir para a Suíça, o Coronel Julyan acha que devemos ir para a Suíça.

Senti a mão de Maxim em meu rosto. — O que há? O que aconteceu?

Sentei-me e afastei da testa os cabelos. — Não posso dormir, não adianta.

— Está dormindo há duas horas. São duas e quinze já. Estamos a seis quilômetros de Lanyon.

Mais frio ainda; estremeci na escuridão do carro. — Vou para a frente, ao seu lado. Devemos chegar às três, disse eu, e pulando o banco fui para a frente, inclinando-me e procurando enxergar através do para-brisa.

Pus a mão sobre o joelho de Maxim. Meus dentes batiam, eu tremia.

— Tanto frio assim?

— Muito! Morros se erguendo diante de nós, desapareciam, levantavam-se outra vez. Escuro, escuro. Sumiam as estrelas.

— Que horas são?

— Duas e vinte.

— Engraçado! — exclamei. — Parece que a madrugada está rompendo daquele lado, atrás daquelas colinas. Mas não pode ser, ainda é muito cedo.

— Você está olhando para o lado errado. Está olhando para oeste.

— Bem sei. É esquisito, não?

Mas Maxim não respondeu, e eu continuei a observar o céu, que parecia ir-se tornando cada vez mais claro. As primeiras listras rubras do nascer do sol. A claridade foi-se alastrando pelo horizonte.

— É no inverno que se veem as luzes boreais ou no verão? — perguntei.

— Aquilo não são luzes boreais, disse Maxim. — Aquilo é Manderley.

Olhei para ele. Que expressão, a do seu rosto! — Maxim, Maxim, o que aconteceu? — gritei.

O carro voava. Galgamos a colina a nossa frente, e vimos Lanyon numa baixada a nossos pés. À esquerda, o prateado do rio, alargando-se até a foz do Kerrith, a dez quilômetros dali. A estrada para Manderley corria a nossa frente. Nada de lua. Céu de breu. Mas no horizonte não havia escuridão. Estava manchado de rubro, como uma grande mancha de sangue. E as cinzas voavam ao nosso encontro, trazidas pelo vento salgado que soprava do mar.

**FIM**